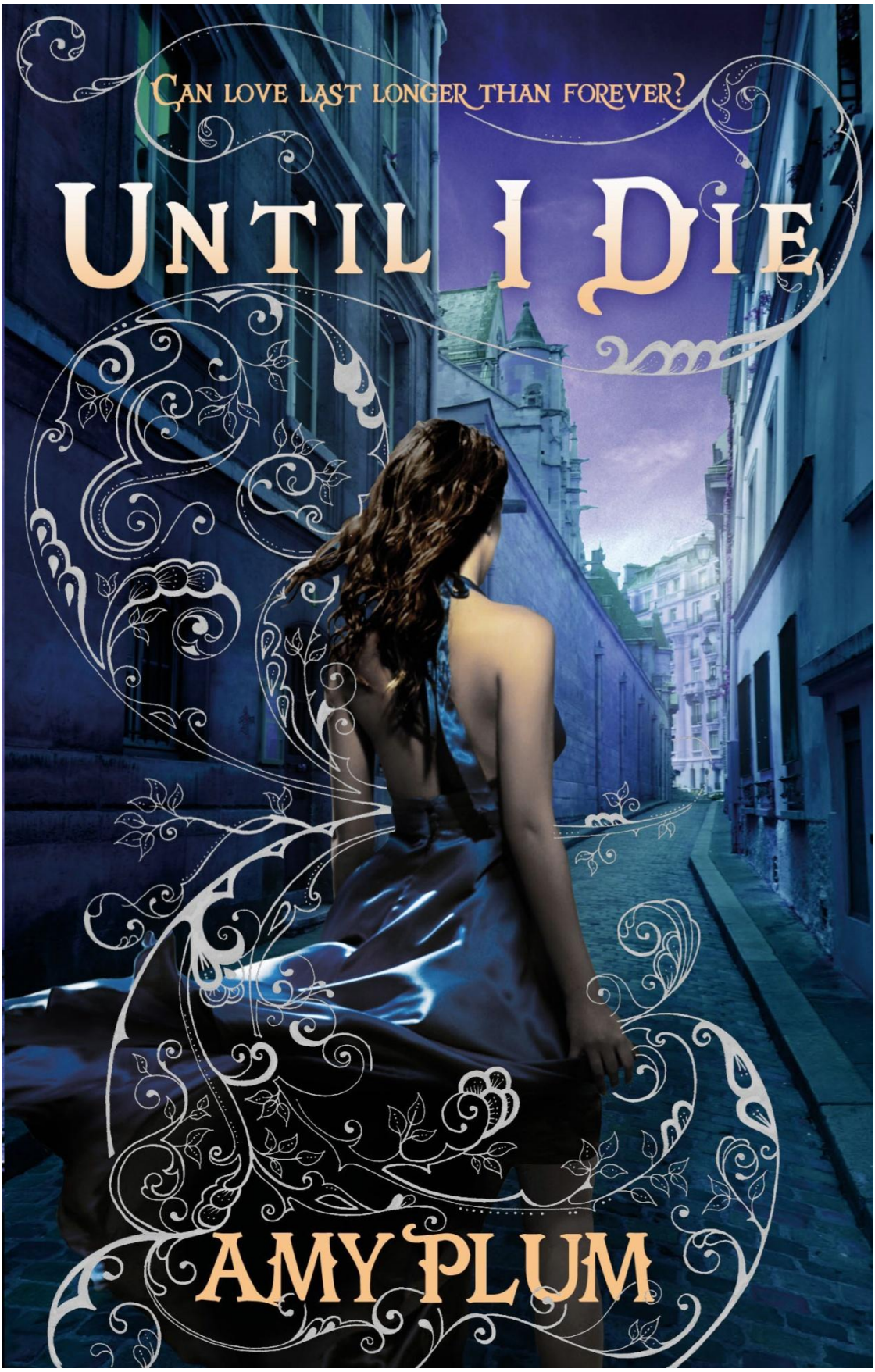

CAN LOVE LAST LONGER THAN FOREVER?
UNTIL I DIE
AMY PLUM

Esta é uma tradução de uma versão do livro enviada para a editora. Portanto, é provável que parte de seu conteúdo tenha sofrido alterações na versão final do produto.

Capítulo 1

Eu pulei, desenhando meus pés abaixo de mim, assim que o bordão de dois metros bateu no local onde eu tinha estado meio segundo antes. Aterrissando de cócoras, saltei de volta, gemendo com o esforço e balançando minha própria arma em volta de minha cabeça. O suor caiu em meus olhos, cegando-me por um pungente segundo antes de meus reflexos voltarem, forçando-me a me mover.

Um feixe de luz vindo de uma janela bem acima de minha cabeça iluminou o bordão de carvalho quando eu o arqueei nas pernas de meu inimigo. Ele se jogou para o lado, fazendo com que minha arma voasse pelo ar. Ela caiu com o barulho da madeira batendo na parede de pedra atrás de mim.

Desarmada, eu corri para a espada que estava a poucos metros de distância. Mas, antes que eu pudesse pegá-la, fui arrebatada por um forte puxão e bati contra o peito de meu assaltante. Ele me segurou a alguns centímetros do chão enquanto eu chutava e me debatia, adrenalina bombeando como mercúrio pelo meu corpo.

— Não seja tão má perdedora, Kate — repreendeu Vincent. Inclinando-se para frente, ele me deu um vigoroso beijo nos lábios.

O fato de ele estar sem camisa foi rapidamente corroendo a minha tão duramente conquistada concentração. E a quentura de seu peito nu e seus braços estava deixando meus músculos tensos pela luta como manteiga. Lutando para manter minha resolução, eu gemi — Isto é trapaça — e consegui fazer com que a minha mão livre lhe desse um soco no braço — Agora me deixe ir.

— Se você prometer não chutar ou morder — Ele riu e me colocou no chão. Aqueles olhos azuis da cor do mar brilharam com humor debaixo das ondas do cabelo negro que caía em volta de seu rosto.

Ele sorriu e tocou minha bochecha, com uma expressão como se ele estivesse me vendo pela primeira vez. Como se ele não pudesse acreditar que eu estava lá parada com ele, mesmo com toda a minha humanidade. Uma expressão que dizia que era ele o sortudo.

Eu rearranjei o meu sorriso, com o melhor brilho que eu poderia — Não vou prometer nada — eu disse, tirando o cabelo, que tinha escapado do meu rabo de cavalo, dos meus olhos — Você merece uma mordida por ter me vencido de novo.

— Foi muito melhor, Kate — Uma voz disse, atrás de mim. Gaspard me entregou o bordão de madeira que tinha caído — Mas, você precisa ser um pouco mais flexível na forma como você segura a arma. Quando o bordão de Vincent bater no seu, acompanhe o movimento — Ele demonstrou, usando a arma de Vincent — Se você se mantiver rígida, a madeira sairá voando — Nós fizemos as sequências em câmera lenta.

Quando viu que eu tinha entendido a sequência, meu professor disse — Bem, é o suficiente de espada e bordão por hoje. Quer passar para algo menos árduo? Jogar estrelas, talvez?

— Eu levantei minhas mãos em rendição, ainda ofegante pelo exercício — Isso é o bastante de treinamento de luta por hoje. Obrigada, Gaspard.

— Como quiser, querida — Ele puxou uma faixa de borracha de trás de sua cabeça, soltando seu cabelo de porco-espinho, que saltou de volta para o seu estado normal de desalinho — Você definitivamente tem um talento natural — ele continuou, enquanto colocava as armas em seus locais de origem na parede da sala de ginástica —, já que você está indo tão bem depois de apenas algumas aulas. Mas, você precisa trabalhar em sua resistência.

— Hum, sim. Eu acho que deitar por aí lendo livros não faz muito por minha resistência física — eu disse, inclinando-me para frente com as mãos no joelho, para recuperar o fôlego.

— Talento natural — gritou Vincent, pegando meu corpo todo suado e andando ao redor da sala, segurando-me como se eu fosse um troféu — É claro que minha namorada tem isso. Aos montes! De que outra forma ela poderia ter assassinado um zumbi gigante, com uma única mão, salvando meu corpo imóvel?

Eu ri enquanto ele me colocava no chão em frente ao chuveiro independente e à sauna adjacente a ele — Eu não queria tirar toda a glória disso, mas eu acho que o fato de que o seu espírito volante estava possuindo meu corpo teve um pouco a ver com isso.

— Aqui está — Vincent me deu uma toalha e beijou o topo de minha cabeça — Não que eu não te ache extremamente sexy pingando suor — ele sussurrou, dando uma piscadela. Aquelas borboletas de repente entraram em ação no meu peito? Eu estava começando a achar que elas moravam dentro de mim permanentemente.

— Neste meio tempo, eu vou terminar o seu trabalho e acabar com aquele maldito mestre de armas do século XIX. *En garde*! — ele gritou, arrancando uma espada da parede e virando.

Gaspard já estava esperando por ele com um grande mangual cravado — Você vai precisar de mais do que uma lâmina de aço para me machucar — ele brincou, acenando para Vincent com dois dedos.

Eu fechei a porta do banheiro atrás de mim, virei a alavanca para abrir a ducha e notei a poderosa corrente de água caindo do chuveiro, enviando uma nuvem de vapor em volta de mim. Minhas dores sumiram com a pressão da água quente.

Incrível, eu pensei pela milésima vez, enquanto considerava o mundo paralelo no qual eu vivia. A poucos quarteirões dali, eu tinha uma vida completamente normal com minha irmã e meus avós. E aqui estava eu treinando luta com homens mortos — tudo bem, *revenants*, não realmente mortos. Desde que eu tinha me mudado para Paris, este era o único lugar em que eu sentia que me encaixava.

Eu escutei o barulho da luta vindo de lá de fora do meu paraíso e pensei na razão por eu estar lá. Vincent.

Eu o conheci no verão passado. E me apaixonei perdidamente. Mas, depois de descobrir o que ele era, e de saber que *revenant* significava morrer repetidas vezes, eu virei as costas para ele. Depois da morte de meus pais um ano antes, ficar sozinha me pareceu mais seguro do que ter uma constante lembrança da dor da morte.

Mas Vincent me fez uma oferta que eu não poderia recusar. Ele prometeu não morrer. Pelo menos não de propósito. O que vai contra cada fibra de seu ser. A compulsão dos *revenants* é morrer para salvar as preciosas vidas humanas e isso é mais forte do que um vício em drogas. Mas Vincent acha que pode se controlar. Por mim.

E eu, por minha vez, espero que ele consiga. Eu não quero causar dor a ele, mas eu conheço minhas próprias limitações. Em vez de lamentar a sua perda repetidas vezes, eu prefiro sair. Ir embora de sua vida. Nós dois sabemos disso. E, mesmo que Vincent esteja tecnicamente morto, eu me arrisco a dizer que esta é a única solução com a qual ambos podemos conviver.

Capítulo 2

— Estou indo para cima — eu gritei.

— Me espere lá — respondeu Vincent, olhando brevemente para onde eu estava parada nas escadas. Gaspard aproveitou a oportunidade para arrancar a arma de suas mãos, e ela caiu ruidosamente pelo chão, enquanto Vincent levantou as mãos para se defender.

— Nunca...

— Tire seus olhos da luta — Vincent terminou a frase de Gaspard — Eu sei, eu sei. Mas, você tem que admitir que Kate é mais do que uma pequena distração.

Gaspard sorriu ironicamente.

— Para mim — Vincent esclareceu.

— Apenas não a deixe distraí-lo quando tiver que salvar a vida dela — Gaspard respondeu, colocando o dedo sob o punho da espada caída e, com um rápido movimento, lançando-a para Vincent.

— Este é o século vinte e um, Gaspard — Vincent riu, apertando a espada voadora em sua mão direita — Sob sua tutela, Kate será capaz de salvar a minha vida — Ele sorriu para mim, levantando uma sobrancelha sugestivamente. Eu ri.

— Eu concordo — Gaspard admitiu —, mas somente se ela puder alcançar seu meio século de experiência com lutas.

— Estou trabalhando nisso — eu disse, enquanto fechava a porta atrás de mim, bloqueando o ensurdecedor choque do metal que ressoou com a retomada da luta.

Eu empurrei a porta de vai e vem da grande e arejada cozinha e respirei o aroma de pasteis recém-assados. Jeanne estava inclinada sobre um dos balcões de granito cinza ardósia. Apesar de ser a cozinheira e governanta, ela era mais como uma mãe. Seguindo o exemplo de sua própria mãe e avó, ela tem cuidado dos *revenants* por décadas. Seus ombros se balançaram um pouco enquanto ela fazia mais floreios no bolo de chocolate. Eu toquei em seu braço e ela olhou para mim, revelando as lágrimas que ela tinha tentado esconder.

— Jeanne, você está bem? — eu disse, sabendo que ela não estava.

— Charlotte e Charles são como meus próprios filhos — sua voz se quebrou.

— Eu sei — eu disse, colocando um braço em torno dela e inclinando minha cabeça em seu ombro — Mas, eles não estão indo para sempre. Jean-Baptiste disse que é apenas até Charles conseguir se controlar. Quanto isso pode demorar?

Jeanne endireitou-se e nós olhamos uma para a outra, uma mensagem silenciosa se passando entre nós. *Um longo tempo, ou eternamente*. O garoto estava realmente confuso.

Meus sentimentos em relação a ele também eram confusos. Ele sempre tinha agido de forma antagonista em relação a mim, mas depois de Charlotte ter me explicado o motivo, eu não podia evitar ter piedade dele.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Jeanne começou a defendê-lo — Não é realmente culpa dele. Ele não queria deixar todos em perigo, você sabe.

— Eu sei.

— Ele só é mais sensível do que os outros — ela disse, inclinando-se sobre o bolo e se concentrando em colocar uma flor com a colher — É o seu estilo de vida. Morrer repetidamente por nós humanos e depois ter que deixar-nos à nossa própria sorte. Ele só tem quinze anos, pelo amor de Deus!

Eu sorri com tristeza — Jeanne, ele tem oitenta.

— *Peu importe* — ela disse, fazendo um movimento como se estivesse golpeando uma bola para trás por cima de seu ombro — Eu acho que é mais difícil para os que morreram muito jovens. Minha avó me dizia que um de seus parentes espanhóis fez a mesma coisa. Ele também tinha quinze anos. Ele pediu para um *numa* matá-lo, assim com Charles fez. Mas, daquela vez, isso realmente aconteceu.

Jeanne notou que eu estremeci à menção dos inimigos antigos dos *revenants*, e como ninguém mais estava na cozinha, ela baixou a voz — Eu digo que isso é melhor do que o outro extremo. Alguns — muito poucos, eu imagino — ficam tão cansados com o seu papel na vida e morte humana que seus resgates viram apenas um meio de sobrevivência. Eles não se importam com os humanos que salvam, mas apenas em aliviar sua compulsão. Eu prefiro que Charles seja extremamente sensível que tenha um coração de pedra.

— E é por isso que eu acho que ir embora vai fazer bem para ele — eu reafirmei para ela — Isso dará a ele uma distância de Paris, e das pessoas que ele salvou. — *Ou não salvou*, eu me lembrei, pensando no acidente de barco fatal que levou Charles para esta espiral. Depois de falhar em salvar a vida da menininha, ele começou a agir estranhamente. Acabou tentando cometer suicídio, conscientemente permitindo um ataque em seus parentes — Jean-Baptiste disse que eles podem visitar-nos. Tenho certeza de que os veremos em breve.

Jeanne assentiu, hesitantemente reconhecendo minhas palavras.

— É um lindo bolo — eu disse, mudando de assunto. Raspei um pouco da cobertura para fora da bandeja e coloquei na boca — Mmm, e gostoso também!

Jeanne me espantou para longe com a espátula, graciosamente reassumindo seu papel de mãe — E você vai estragá-lo se continuar tirando a cobertura das laterais — ela riu. — Agora, vá ver se Charlotte precisa de ajuda.

— Isso não é um funeral, gente. É Ano Novo. E a festa de despedida dos gêmeos. Então, vamos celebrar! — A voz de barítono de Ambrose reverberou pelo salão com painéis de madeira acinzentada, arrancando risos da multidão de foliões elegantemente vestidos. Centenas de velas brilhavam no lustre de cristal, refletindo a luz ao redor da sala como nenhum disco espelhado refletiria.

As mesas ao longo das bordas da sala estavam amontoadas com iguarias. Pequenas éclairs de chocolate e café, macarons que derretiam na língua em meia dúzia de cores, montanhas de trufas de chocolate. Depois da enorme quantidade de comida que devoramos, eu não tinha um centímetro de espaço dentro de mim para

estas obras-primas da confeitaria francesa. O que era um saco. Porque se eu soubesse que tinha mais coisas pra vir, eu teria economizado no pão e deixado de comer os queijos.

Do outro lado da sala, Ambrose colocou o iPod dentro de um grande sistema de alto-falante. Eu sorri enquanto o Jazz antigo alardeava a partir do sistema de som. Embora o nativo do Mississipi ouvisse música contemporânea em seus fones de ouvido, ele tinha um fraco pela música de sua juventude. Enquanto a grave voz de Louis Armstrong eletrizava os convidados que estavam dançando, Ambrose agarrou Charlotte e começou a dançar com ela ao redor da sala. A pele cremosa e os cabelos loiro-curtos que ela exibia eram como um reflexo oposto da pele marrom e do cabelo preto e curto de Ambrose.

Eles eram um casal marcante. Se eles *fossem* realmente um casal. Coisa que — Charlotte me confidenciou recentemente — ela esperava ser verdade. E que Ambrose por alguma razão desconhecida por mim (e talvez até para ele mesmo) não. Mas seu afeto fraternal por ela era tão óbvio quanto o sorriso apaixonado que ele tinha estampado no rosto, enquanto eles se balançavam.

— Parece divertido. Vamos fazer o mesmo — uma voz sussurrou a centímetros do meu ouvido. Eu virei para ver Jules parado atrás de mim — Como está o seu cartão de dança?

— Estamos bem à frente do seu tempo, Jules — eu o lembrei — Não existem cartões de dança.

Jules deu de ombros e me mostrou seu sorriso mais coquete.

— Mas se tivesse, meu namorado não deveria ter a primeira dança? — Eu o provoquei.

— Não se eu lutasse com ele pela honra — ele brincou, lançando um olhar em torno do salão até Vincent, que nos observava com um meio sorriso. Ele piscou para mim e voltou a conversar com Geneviève, a incrivelmente bela *revenant* de quem eu tinha sentido ciúme uma vez, antes de descobrir que ela tinha um casamento feliz.

Contando com ela, havia algumas dezenas de fantasmas frequentando a festa de hoje à noite e que não eram membros da La Maison (ninguém se referia a ela por seu nome oficial, o Hotel Grimod de la Reynière; hotel neste caso indicando a ridiculamente grande e extravagante mansão). A residência de Jean-Baptiste era o lar de Gaspard, Jules, Ambrose, Vincent e, até amanhã, de Charles e Charlotte. Depois de sua mudança para a casa que Jean-Baptiste tinha em Cannes, dois novos moradores chegariam para substituí-los.

— Tudo bem. Para evitar a Terceira Guerra Mundial, eu acho que posso te conceder a primeira dança. Mas se Vincent nos interromper, é melhor você estar pronto para pegar sua espada.

Jules bateu no punho imaginário da espada em sua cintura, me tomou em seus braços e me arrastou para o meio da pista de dança, perto de Ambrose e Charlotte — Kate, minha querida, a luz das velas combina tanto com você — ele murmurou.

Eu corei, tanto pela maneira ousada como ele tocou minha bochecha quanto pela forma como ele sussurrou, com sua bajulação que — mesmo eu, sem dúvida, estando completamente apaixonada por Vincent — conseguiu me aquecer com prazer. Eu me sentia segura com os flertes de Jules, porque eu sabia que não deveria levar para o lado pessoal. Todas as vezes que eu o via sair à noite, ele estava com uma linda mulher diferente.

Ele me puxou para perto até que ficamos praticamente colados um no outro. Rindo, eu o empurrei — Jules, seu incorrigível libertino — eu o repreendi com o meu melhor dialeto à Jane Austen.

— Aos seus serviços — ele disse, inclinando-se diante de mim e me agarrando novamente, fazendo-me girar — Você sabe... Vincent não é o tipo de cara ciumento — Jules sorriu maliciosamente enquanto me segurava mais apertado — Ele não tem razão para ser. Não só porque ele é o mais bonito de todos nós, ou pelo fato de que eu sou conhecido por cada mulher em volta, mas também porque ele é o segundo de Jean-Baptiste — ele parou para me fazer mergulhar antes de me puxar de volta para seus braços — e ele ganhou o coração da mais adorável Kate. Não existe disputa para o Campeão.

Mesmo que eu não pudesse evitar de sorrir pela "adorável Kate", eu me ative à nova informação que ele estava me passando — Vincent é o segundo de Jean-Baptiste? O que isso significa?

— Significa que se alguma coisa acontecer ao Jean-Baptiste — Jules parou, parecendo desconfortável, e eu preenchi a lacuna por ele: *se ele for destruído* — ou se ele decidir renunciar ao poder que tem junto aos *revenants* da França, Vincent tomará seu lugar.

Eu estava chocada — Por que ele nunca me disse isso?

— Provavelmente por causa de outra de suas qualidades: modéstia.

Eu demorei alguns segundos para absorver aquela situação de "segundo" antes de olhar de volta para os olhos de Jules — E o que você quis dizer com "campeão"?

— Ele também não te contou sobre isso?

Desta vez, Jules parecia surpreso.

— Não.

— Bem, eu não vou espalhar todos os segredos dele em uma noite. Você terá que perguntar a ele.

Eu mentalmente coloquei aquela pergunta à lista de coisas para perguntar ao Vincent.

— Então, se Jean-Baptiste renunciar, Vincent será seu chefe? — eu disse para provocá-lo, mas parei quando sua expressão mudou de sua usual irreverência para uma de lealdade feroz.

— Vincent nasceu para isso, Kate. Ou melhor, renasceu. Eu não gostaria de ter a responsabilidade que ele terá um dia. Mas, quando o dia chegar, farei qualquer coisa que ele pedir. Na realidade, eu já me sinto assim, e ele nem é o meu "chefe".

— Eu sei disso — eu disse sinceramente — Eu posso dizer. Vincent é sortudo por ter você.

— Não, Kate. Ele tem sorte por ter você — Ele me deu a volta a final e eu percebi que ele tinha me conduzido pela sala até onde Vincent estava. Enquanto ele soltava minhas mãos, ele piscou pesarosamente para mim e me depositou galantemente nos braços do meu namorado.

— Ainda está inteira? — Vincent provocou, me puxando para perto e plantando um beijo suave em meus lábios.

— Depois de uma dança tão quente com Jules? Não tenho certeza — eu disse.

— Ele é inofensivo — disse Geneviève.

— Eu me senti ofendido por isso — Jules falou do outro lado da mesa, onde ele estava se servindo de champanhe — Eu me considero muito perigoso — Ele saudou a nós três com sua taça antes de ir em direção a uma linda *revenant* do outro lado da sala.

— Eu já disse o quanto você está linda esta noite? — Vincent sussurrou, entregando-me minha taça.

— Apenas umas vinte vezes — eu disse timidamente, balançando a saia do vestido longo que Georgia tinha me ajudado a escolher.

— Perfeito, então, porque trinta é o meu número de sorte — ele disse, e me lançou um olhar apreciativo — Mas dizer que você está maravilhosa ainda não é uma justiça. Talvez... Deslumbrante? Atordoante? Arrebatadora? Sim, acho que assim está melhor. Você está arrebatadora, Kate.

— Pare! — eu ri — Você está fazendo isso de propósito para me ver corar! Isso não vai acontecer!

Vincent sorriu vitorioso e alisou minha bochecha com seu dedo — Tarde demais.

Eu revirei os olhos enquanto o som de uma colher batendo numa taça silenciou a sala. Ambrose desligou a música e todo o mundo virou para Jean-Baptiste, que estava parado à frente da multidão em toda a sua nobreza. Dos retratos que decoravam as paredes, sua roupa e seu estilo de cabelo podiam ter evoluído com o passar dos últimos 240 anos, mas seu comportamento aristocrático não mudou nada.

— Bem vindos, querida tribo, *revenants* de Paris — ele disse para os quarenta convidados. — Obrigado por juntarem-se a nós nesta noite em minha humilde residência — Houve um sutil movimento e uma onda de risinhos confusos.

Ele sorriu subitamente e continuou — Eu gostaria de fazer um brinde para nossos amados parentes, Charles e Charlotte. Nós sentiremos a sua falta, e esperamos que vocês voltem logo. — Todos acompanharam Jean-Baptiste, erguendo sua taça e, como um, entoaram "*Santé*".

— Bem, este é um jeito diplomático de tratar as coisas, já que foi ele quem os exilou — eu sussurrei para Vincent, e depois olhei para Charles, que estava empoleirado desconfortavelmente em um antigo sofá estofado do outro lado da sala. Desde o dia em que ele tinha colocado sua tribo em perigo indo de livre e espontânea vontade até os *numa*, sua expressão azeda e emburrada foi substituída

por uma de desespero e depressão. Gaspard sentou ao lado dele, enviando um pouco de suporte emocional.

Jean-Baptiste continuou — Tenho certeza de que todos nós gostaríamos de ir junto com os gêmeos para o sul, mas nosso trabalho está aqui em Paris. E todos nós sabemos que, desde que nossa amiga humana Kate — ele balançou a taça em minha direção e apontou educadamente para mim — despachou tão facilmente o líder dos nossos inimigos, Lucien, há um mês, os *numa* mantiveram completo silêncio. Apesar de termos permanecido prontos, não houve nenhuma tentativa de vingança. Nenhum contra-ataque.

— E o mais preocupante é que absolutamente nenhum numa foi visto por nossa tribo. Eles não abandonaram Paris. Mas, o fato de eles estarem nos evitando de forma tão drástica é algo tão fora do comum para os nossos velhos inimigos, que só podemos supor que eles têm um plano. O que também significa que eles devem ter um novo líder.

Essa foi uma revelação para o grupo presente na sala: a expressão paciente que eles mantinham de repente mudou para olhares de consternação. Os sussurros começaram aos poucos, mas o olhar firme de Vincent me indicou que ele já sabia desta informação privada. *O segundo de Jean-Baptiste*, eu pensei com um misto de admiração e mal-estar. Eu mal podia esperar para ficar a sós com Vincent para poder questioná-lo sobre isso.

Jean-Baptiste silenciou a discussão batendo mais uma vez a colher na taça — Tribo, por favor — Mais uma vez, a sala mergulhou em silêncio — Todos sabemos que Nicolas era o segundo de Lucien. Mas certamente, considerando o seu pavio curto e o fato de que ele ama gestos ostensivos, se ele tivesse assumido nós teríamos ouvido alguma coisa. O silêncio é a nossa pista de que outra pessoa tomou o controle. E se nós não sabemos contra quem estamos lutando, ou quando e onde poderá acontecer um eventual ataque, como podemos preparar nossa defesa?

Os murmúrios voltaram. Desta vez, Jean-Baptiste levantou a voz para calar a multidão — E ENTÃO... Em face a uma potencial situação crítica, nós estamos honrados em ter a assistência da pessoa que sabe mais da nossa história e dos numa do que qualquer outro nesta sala. A pessoa conhecida como a mais sábia dentre a nossa tribo na França, e uma figura de influência em todo o nosso Cosorte. Ela se ofereceu para nos ajudar a investigar o problema e planejar a nossa defesa, ou — se necessário — nosso ataque preventivo.

— Sem mais delongas, eu apresento àqueles de vocês que ainda não tiveram a oportunidade de conhecê-la, Violette de Montauban e seu companheiro, Arthus Pointcaré. Estamos honrados em tê-los em nossa casa durante a ausência de Charlotte e Charles.

De trás de Jean-Baptiste saiu um casal que eu nunca tinha visto antes. A tez branca como a neve da garota era detonada pelo cabelo preto que foi puxado para trás de seu rosto com um buquê de flores roxas vivas. Ela era pequena e tinha uma aparência frágil, como um pardal. E mesmo que ela parecesse mais jovem do que eu, eu tinha certeza de que para um *revenant* aquilo não queria dizer nada.

O garoto se moveu de um jeito distintamente fora de moda, caminhando ao lado dela e segurando seu braço para que ela pudesse conduzi-lo com as pontas dos dedos. Ele tinha provavelmente em torno de vinte anos, e se os seus cabelos loiros não tivesse sido amarrados para trás num rabo de cavalo apertado e o seu rosto não fosse tão bem barbeado, ele teria se parecido exatamente com o Kurt Cobain. Com a adição do sangue azul.

Eles inclinaram-se formalmente para Jean-Baptiste e viraram para a sala, solenemente demonstrando sua aceitação às entusiasmadas boas vindas. Os olhos da garota caíram em mim e continuaram até Vincent, que estava parado atrás de mim com uma mão descansando em meu quadril. Seus olhos se estreitaram um pouco, antes de passaram varrendo pela multidão, e depois, vendo alguém que conhecia, ela deu um passo para frente a fim de conversar. Jean-Baptiste seguiu sua sugestão e começou a falar com uma mulher parada próxima a ele.

Com o discurso aparentemente finalizado, eu procurei por Charlotte para avaliar sua reação à apresentação de seus substitutos. Sua introdução durante a festa dos gêmeos deve ter sido uma decisão de última hora.

Charlotte estava parada no fundo da sala com Ambrose, que tinha os braços passados protetoramente ao redor de seus ombros. Imaginei que o apoio que ele a estava dando era tanto físico como moral. Mesmo que ela não parecesse surpresa, parecia que o seu sorriso estava custando muito.

— Eu vou falar com Charlotte — murmurei para Vincent.

— Boa ideia — ele disse, lançando um olhar preocupado para ela — Eu vou ver se Charles está se segurando — Ele se inclinou para beijar minha têmpora e depois, endireitando-se, foi se afastando.

Eu parti em direção a Charlotte — Eu estava apenas me perguntando se você não gostaria de ir lá para fora para respirar um pouco de ar puro — eu disse.

— Eu adoraria — ela disse, e agarrando minha mão, ele se transferiu da custódia de Ambrose para a minha. Não pela primeira vez, eu me perguntei como ela conseguiria suportar ficar no sul da França — a uma distância de nove horas do seu sistema de suporte. Eu não duvidava da força de Charlotte. Ela certamente tinha sido um ombro sólido no qual eu havia me apoiado. Mas agora, que ela mais precisava de seus amigos, estava sendo forçada a se separar deles.

Nós pegamos nossos casacos a caminho da saída e caminhamos para o ar severo de dezembro. A lua se erguia acima do pátio, iluminando a sua grande fonte de mármore, que continha a estátua em tamanho real de um anjo segurando uma mulher em seus braços. Era uma imagem que eu nunca podia evitar comparar com Vincent e eu. Em meus olhos, o simbolismo pessoal que a estátua representava era tão forte como a pedra de que era feita.

Charlotte e eu nos sentamos na beirada da fonte vazia e nos amontoamos para encontrar um pouco de calor. Eu passei os braços nos dela e a puxei para mais perto. Ficar próxima a Charlotte tem me ajudado a ignorar a culpa de ter perdido o contato com os meus amigos de Nova York. Durante o pior período da dor de ter

perdido meus pais, eu tinha deletado minha conta de e-mail e não tinha voltado a contatá-los desde então.

— Você sabia que seus — eu hesitei, tentando encontrar uma palavra menos ofensiva que "substitutos" — que Violette e Arthus viriam hoje?

Charlotte assentiu — Jean-Baptiste disse-me ontem. Ele disse que não queria que eu me sentisse como se ele estivesse com pressa de nos substituir. Mas Violette se ofereceu para vir, e ele precisava dela. Eu não posso evitar ficar um pouco mal sobre isso, mesmo assim. Você sabe... É como se eu fosse indesejada. Como se eu estivesse sendo punida.

— Mesmo que isso pareça uma punição, o que Jean-Baptiste assegurou que não é, você não é quem está sendo mandada embora. É o Charles que fez uma confusão, mesmo que não tenha sido intencional — Eu apertei o braço dela para dar-lhe apoio — Os motivos de Jean-Baptiste fazem sentido. Se algo grande estiver acontecendo em relação aos numa, seria perigoso para Charles ficar no meio disso, estando tão indeciso e confuso. Além do mais, ele disse que você poderia ficar se quisesse.

— Eu não posso viver sem Charles — ela disse, pesarosamente — Ele é o meu gêmeo. Nós passamos por tudo juntos.

Eu assenti. Eu entendi. Nós tínhamos muito em comum, Charlotte e eu... Se você não contasse a imortalidade. Ambas tínhamos tido a experiência de passar pela morte dos nossos pais. Nós duas tínhamos apenas um irmão para nos vincular a nossas vidas anteriores ao desastre. Eu tinha meus avós, é claro, mas minha irmã era como o último segmento restante, que me mantinha conectada com a realidade. Mesmo que o sentido da palavra "realidade" tenha mudado drasticamente para mim nos últimos meses.

— Então, você conhece os novos parceiros? — eu perguntei.

— Sim. Quer dizer, eu nunca os conheci pessoalmente, mas todos já ouviram falar deles. Eles são parte da "guarda antiga". Se você acha que Jean-Baptiste é velho, eles são anciãos. Mesmo que eles sejam tão aristocráticos quanto ele.

— Sim, isso foi meio óbvio — eu ri — Violette parece ter morrido realmente nova.

Charlotte sorriu — Catorze anos. Seu pai era um marquês ou algo assim, e ela era a dama de companhia de Anne da Bretanha. Ela morreu salvando a vida da jovem rainha durante uma tentativa de sequestro.

— Rainha Anne? Isso a torna praticamente medieval! — Quebrei a cabeça tentando lembrar de nomes e datas das minhas aulas de história francesa, mas Charlotte me levou direto ao ponto.

— Ela morreu em torno do ano de 1500.

— Santa vaca! Ela tem mais de 500 anos de vida.

Charlotte assentiu pensativa.

— E quanto a Arthur?

— Ele é da mesma época. Na verdade, eles se conheceram enquanto ainda estavam vivos. Ele era um dos conselheiros de seu pai, eu acho. Em todo caso,

ambos cheiram a corte. Ela e Arthur vivem em um castelo medieval no vale de Loire, onde eu tenho certeza de que eles se sentem em casa — Havia um tom amargo na voz de Charlotte. Era como se ela quisesse que eles voltassem ao seu castelo e nos deixassem em paz.

— Eles virem aqui é como um sonho realizado para JB. Eles estiveram pelo mundo por tanto tempo que é como se fossem enciclopédias vivas. É como multiplicar o Gaspard por dez. E Violette é conhecida em todo o mundo por ser a expert na história dos *revenants*. Ela sabe mais sobre os *numa* do que qualquer outro. O que a faz uma candidata perfeita para ajudar na estratégia de JB — Ela encolheu os ombros como se aquela conclusão fosse óbvia.

O rangido da porta da frente nos interrompeu. Nós viramos nossas cabeças para ver o tópico das nossas conversas, sua nobreza tão palpável que era como uma nuvem de perfume caro suspenso no ar frio do inverno.

— Olá — Violette disse. Sua voz era uma mistura de alta frequência de uma garota adolescente com a segurança de uma mulher madura. Esta estranha discrepância desapareceu quando seus lábios rosados se curvaram num amistoso sorriso que era tão contagioso que eu não pude evitar sorrir também.

Curvando-se, ela nos deu os tão conhecidos beijos nas bochechas, e então parou — Eu gostaria de me apresentar. Violette de Montauban.

— Sim, nós sabemos — disse Charlotte, estudando seus sapatos como se as tiras de sua sandália prateada tivessem todas as respostas do universo, e pudessem ser reveladas se encarássemos o bastante.

— Você deve ser Charlotte — Violette disse, agindo como se ela não tivesse notado — e você — ela virou para mim — você deve ser a humana de Vincent.

O som que escapou de minha boca era meio uma explosão, meio uma risada — Hum, na verdade eu tenho um nome. Sou Kate.

— Claro, como sou boba. Kate — Ela voltou à atenção a Charlotte, que ainda se recusava a encontrar seu olhar — Sinto muito se nossa chegada repentina causou a você alguma aflição — Violette disse, lendo acuradamente a linguagem corporal de Charlotte — Eu tinha medo de que pudesse parecer excessivamente insensível de minha parte, mas assim que eu ofereci meus serviços, Jean-Baptiste insistiu para que Arthur e eu viéssemos o mais depressa possível.

— Maior pressa possível? Você não sai muito, não é? — Charlotte respondeu, rudemente.

— Charlotte! — Eu a censurei, empurrando-a com o cotovelo.

— Está tudo bem — Violette riu — Não. Arthur e eu somos apenas nós. Passo a maior parte do meu tempo com o nariz em antigos livros. E como guardiões da residência do Castelo de Langeais, não podemos, como você disse, "sair muito". Acredito que seja meu jeito de agir.

— Se você nunca está próximo aos humanos, como você se integra o bastante para salvá-los? — Charlotte disse, visivelmente tentando moderar sua amargura.

— Como eu tenho certeza de que você sabe, quanto mais tempo nós somos *revenants*, menor é a compulsão por morrer. Eu estava próxima de sessenta anos

quando falei com Jean-Baptiste algumas semanas atrás. Desde então, eu consegui salvas algumas crianças ciganas que estavam brincando nos trilhos de um trem, e Arthur resgatou um caçador do ataque de um bando de javalis. Então, nós estamos revigorados e prontos para o trabalho que está a nossa frente. Mas esta é a maior animação — ela parou para sorrir do que tinha dito — que nós tivemos por décadas.

Eu tremi, não pelo frio, mas com o pensamento de que esta jovem garota recentemente teria parecido ter a idade de sua avó — isto se sua avó não estivesse mumificada em algum lugar. E agora aqui estava ela, mais nova do que eu. Mesmo que eu estivesse acostumada com isso, o conceito *revenant* de ser reanimado na idade de sua primeira morte ainda era difícil de compreender.

Violette estudou a face de Charlotte por outro segundo, e depois tocou o braço dela com um dedo elegant — Eu não preciso ficar em seu quarto se você não quiser que eu fique. Jean-Baptiste me ofereceu o quarto de hóspedes se eu preferisse. Seu gosto para decoração é, obviamente, muito mais apelativo para mim do que a inclinação dele para os estofados de couro escuro e seus lustres de chifre.

Charlotte não pode evitar rir. Estendendo a mão para Violette, ela pegou sua mão e olhou para a antiga adolescente — Eu sinto muito. Esta é realmente uma péssima hora para mim e Charles. Eu considero esta tribo a minha família, e o fato de que nós tenhamos que ir embora durante uma crise está literalmente me matando.

Eu sufoquei um sorriso. Charlotte percebeu e sorriu também — Tudo bem, não literalmente. Você sabe o que eu quis dizer.

Violette se inclinou sobre Charlotte e, abrindo seus braços, graciosamente a envolveu — Tudo ficará bem. Arthur e eu cuidaremos de sua tribo para você, e as dificuldades que estamos passando acabarão antes que você perceba.

Charlotte retribuiu o abraço, um pouco tensa já que a garota se portava como se estivesse usando um espartilho. Mas parecia que elas tinham feito as pazes. Eu não conseguia parar de pensar se Charles estava se saindo bem.

Capítulo 3

Uma das janelas se abriu e Vincent se inclinou para fora, olhando como uma estrela de cinema antiquada, em seu smoking vintage — Senhoritas, é quase meia-noite. E eu, particularmente, não quero ter que beijar Gaspard quando o relógio soar as doze badaladas — Ele sorriu e olhou por cima do ombro para o homem mais velho, que revirou os olhos e sacudiu a cabeça, desanimado.

Violette, Charlotte e eu voltamos para a sala exatamente quando os outros convidados começaram a contagem de Ano Novo. O ar praticamente estalava com a excitação. Considerando quantas vezes algumas destas pessoas tinham celebrado o Ano Novo, achei intrigante que eles não tivessem se cansado disso há muito tempo. Os humanos viam este dia como o começo de um novo ano: um das dezenas em que o destino iria colocá-los. Mas com o número ilimitado de novos começos dos *revenants*, era curioso que eles ainda tratassem esta noite como algo especial.

Vincent estava esperando por mim na porta e me puxou para seus braços enquanto a contagem continuava — Então, o que você acha da nossa primeira noite de Ano Novo juntos? — ele perguntou, olhando para mim como se eu fosse seu próprio milagre. Isto era exatamente como eu me sentia sobre ele.

— Eu tive tantas primeiras vezes, ultimamente, que parece que eu troquei a minha antiga vida por uma nova — eu disse.

— Isso é uma coisa boa?

Em resposta, quando a contagem chegou ao "um", eu puxei sua cabeça de encontro à minha e ele me segurou apertado em seus braços. Nossos lábios se encontraram, e enquanto nós nos beijávamos, algo dentro de mim puxava, até que senti que meu coração ia incendiar. Com um sorriso meio sonolento, com os olhos entreabertos, Vincent sussurrou — Kate, você é a melhor coisa que aconteceu para mim.

— Bem, estou aqui por causa de você — Eu sussurrei.

Ele olhou para mim questionadoramente.

— Você me salvou do meu lugar escuro.

Eu pensei, não pela primeira vez, o que teria acontecido se eu não tivesse conhecido Vincent e me libertado da prisão de dor incapacitante a que eu estava presa depois que meus pais sofreram o acidente fatal de carro. Eu estaria provavelmente curvada em posição fetal em minha cama na casa dos meus avós se ele não estivesse aqui para mostrar que existe uma boa razão para que eu continue a viver. Que a vida poderia ser bonita de novo.

— Você salvou a si mesma — ele murmurou — Eu só estava lá para estender a mão.

Ele me puxou para um longo abraço. Eu fechei meus olhos e deixei que sua afeição se derramasse sobre mim como mel.

Finalmente soltando-o, eu segurei sua mão e inclinei minha cabeça em seu ombro enquanto observávamos a cena que nos rodeava. À luz das velas que cintilava, Jean-Baptiste e Gaspard estavam orgulhosamente lado a lado na parte frontal da sala. Seus cotovelos praticamente se tocavam enquanto eles mantinham a pose de "sim, somos os anfitriões deste grande evento". Gaspard se inclinou para sussurrar algo conspirador e Jean-Baptiste respondeu como uma gargalhada. A tensão criada por seu discurso tinha sido grande, mas desapareceu com o romance da noite encantadora.

Ambrose estava segurando uma Charlotte satisfeita, segurando-a como uma boneca de pano com os pés fora do chão, sem seus braços que pareciam troncos de árvore. Jules estava parado perto do bar, olhando para mim e Vincent. Quando meus olhos o flagraram, ele franziu os lábios e me jogou um beijo de forma sarcástica, antes de se virar para a jovem e sensual fantasma que estava falando com ele. Violette estava parada próxima a Arthur, sua cabeça inclinada afetuosamente em seus braços enquanto eles observavam a multidão. E eu notei muitos outros casais entre os *revenants* que estava se abraçando ou se beijando.

Alguns encontram o amor, eu pensei.

Charlotte disse-me que Ambrose e Jules eram jogadores, saindo com garotas humanas, mas nunca ficando a sério com ninguém. Jean-Baptiste não encorajava exatamente as relações entre humanos e *revenants* — ele proibiu que os humanos fossem levados para sua casa. Com exceção dos policiais e motoristas de ambulância que os *revenants* tinham a seu serviço — e outros poucos empregados humanos como a Jeanne, cuja família sempre trabalhou para Jean-Baptiste durante várias gerações — eu era a única pessoa de fora que tinha ganhado sua confiança e que tinha a permissão de frequentar a casa.

Com o sigilo forçado sobre sua existência, a possibilidade de namorar um ser humano podia ser praticamente descartada. Encontrar alguém que fosse como eles, era a única possibilidade para o amor. E, como Charlotte disse, não havia muitos *revenants* para escolher.

Uma hora depois, a multidão começou a diminuir, e eu disse a Vincent que estava pronta para ir para casa — Temos que esperar por Ambrose — ele disse, me ajudando a colocar o casaco. Meu coração parou um pouco. Eu estava morrendo para perguntá-lo sobre o fato de ele ser o segundo de Jean-Baptiste e toda aquela coisa de "campeão". Mas, parecia que aquilo teria que esperar, já que eu duvidava que ele iria querer discutir isso na frente de Ambrose. Jules estava certo sobre a modéstia de Vincent. Exibir-se não era o seu estilo.

— Eu preciso de dois guarda-costas? — eu brinquei, enquanto nós passávamos pela porta da frente, em direção ao portão.

— Três — Ambrose respondeu — Nós temos Henri, um velho amigo de Gaspard, que também está aqui na forma volante.

— Oh, tudo bem. *Bonjour*, Henri — eu disse alto, pensando *Tá bom, isto é estranho*.

Como eu tinha aprendido a poucos meses atrás, por três dias de cada mês, os *revenants* voltavam para um estado de mortos, o que eles chamavam de período de dormência. No primeiro destes dias, eles ficavam realmente como mortos, incluindo seu espírito. Mas, nas próximas quarenta e oito horas, suas mentes estavam despertas e podiam viajar. Isso era ser "volante". Quando eles estavam fora procurando humanos para salvar, os *revenants* andavam aos pares, acompanhados por um espírito volante que, conseguindo saber das coisas alguns minutos antes, poderiam dizer o que estava para acontecer ao redor.

— Toda esta segurança para mim? — eu disse, sorrindo enquanto pegava os braços de meus dois guarda-costas — Achei que Gaspard tinha dito que eu estava ficando melhor nas lutas.

— Ambrose e Henri estão aqui tanto pela minha segurança quanto pela sua — Vincent reafirmou — Hoje à noite pode ser o momento dos *numa* finalmente atacarem. Faria sentido pelo lado tático, sendo que a maioria dos *revenants* de Paris está reunida em um único prédio. Mas mesmo que eles não ataquem, tem bêbados esquisitos o suficiente vagando na véspera do Ano Novo pra fazer coisas interessantes — Vincent deu seu sorriso torto e pressionou um botão perto do portão.

As luzes automáticas se acenderam e eu olhei e acenei para a câmera de segurança. Se alguém se incomodasse de ver o vídeo, me veria usando um vestido de baile digno de tapete vermelho, acompanhada por dois lindos homens em smokings. *Nada mal*, eu pensei, *para uma garota que nunca tinha tido um encontro de verdade até a poucos meses atrás*!

A lua estava parecendo um holofote, lançando prata derretida sobre as folhas das antigas árvores que revestiam as ruas de Paris. Casais em trajes formais se encaminhavam para casa para suas próprias celebrações, dando ao bairro um sentimento de festividade.

O cheiro de dar água na boca que se desprendia de massa folhada sendo assada flutuava de uma padaria, cujo chefe estava consciente o suficiente para manter suas iguarias sendo feitas no feriado. Perigo era a última coisa em minha mente enquanto eu apertava o braço de Vincent.

Mas alguns quarteirões antes da minha casa, o jeito casual de meus companheiros de repente mudou. Eu olhei ao redor, falhando em encontrar alguma coisa duvidosa, mas ambos estavam alertas — O que foi? — eu perguntei, vendo as características de Vincent endurecerem.

— Henri não tem certeza. *Numa* estariam vindo diretamente para nós, mas estes caras estão agindo de forma estranha — ele disse, trocando olhares com Ambrose. Eles imediatamente mudaram o ritmo. Nós corremos para o outro lado da avenida, meus saltos altos me deixando decisivamente mais lenta do que se eu estivesse com os meus habituais Converse. Enquanto descíamos uma rua lateral ao prédio de meus avós, eu pensei no que aconteceria se nós fôssemos abordados pelos inimigos dos *revenants*.

— Numa não fariam nada em público, fariam? — eu perguntei, sem ar, ainda me lembrando como um grupo deles atingiu Ambrose fora de um restaurante alguns meses atrás.

— Nós nunca lutamos na frente de humanos... Se pudermos evitar — disse Ambrose — Os *numa* também não. Nosso segredo seria um pouco comprometido se nós começássemos a puxar machados de guerra a torto e a direito na frente de testemunhas mortais.

— Mas, por quê? Não é como se as pessoas fossem te caçar e te destruir.

— O radar humano não é o único do qual nós queremos distância — ele continuou, um dos seus longos passos correspondendo a dois dos meus — Como eu disse, há outros. E não, eu não vou entrar em uma discussão sobre quais seres sobrenaturais existem fora das histórias de fantasia. Todos nós temos nosso código de honra, você sabe.

— Henri disse que independente do que eles são, estão vindo para este lado — Vincent disse, seu tom grave apagando todas as questões da minha mente.

Nós corremos os últimos metros até a minha porta da frente e eu digitei o meu código de acesso em grande velocidade, como se todas as nossas vidas dependessem do quão rápido meus dedos poderiam voar. Vincent e Ambrose pararam atrás de mim como guarda-costas, duas mãos nas bordas de alguma arma que eles estavam guardando embaixo do casaco.

Enquanto a trava de segurança se soltava e eu empurrava a porta da frente para mantê-la aberta, o som de um carro em alta velocidade veio da direção da avenida. Os faróis altos iluminaram a rua escura, quando nós três nos viramos para encarar o veículo que se aproximava.

Com um equipamento de som, um Audi cheio de jovens parou em frente a nós. A porta se abriu para permitir que um rapaz e uma moça saíssem do banco de passageiro. Os quatro foliões sentados na parte de trás soltaram um grito que fez a minha irmã se encolher para cima da calçada, fazendo um arco dramático — Boa noite, galera — ela exagerou em seu sotaque sulista.

O menino em cujo colo ela tinha vindo até em casa, se equilibrou, ajeitou as roupas e deu-lhe um beijo nos lábios — Serviço de entrega. Só o melhor para Georgia — disse ele e pulou de volta para o carro — *Bonne année!* Feliz Ano Novo! — Disse o coro de vozes antes de o carro se apressar para fora de nossas vistas.

Ambrose e Vincent deixaram seus casacos caírem de volta sobre suas armas, então Georgia não notou nosso alto estado de alerta.

— Oi, Vincent! E olá, Ambrose, sua coisa linda! — ela murmurou, caminhando em nossa direção, com seu curto vestido rendado. Seu cabelo curto loiro morango estava arrumado com gel de um jeito dramático, suas franjas caindo para baixo em torno de sua pele polvilhada de sardas — Apenas olhem pra vocês garotos usando Black tie. Se os gogo-boys que nós contratamos para a festa fossem tão bonitos quanto vocês, então não teria sido um completo desastre.

Ela olhou para seu relógio e engasgou, horrorizada — Não é nem uma e meia da manhã e eu já estou em casa! Que humilhante! Por que a polícia pensa que tem o

direito de acabar com uma festa por ela estar barulhenta na noite de Ano Novo, eu nunca vou entender. Esta foi a pior noite de todas!

Ela olhou para onde eu estava meio escondida atrás da porta — Kate, o que diabos você está fazendo? — Sem esperar por uma resposta, ela deu seu sorriso mais deslumbrante para os garotos, e depois, deu um aperto afetuoso em meu braço e passou por mim, entrando no hall do edifício.

— É impressão minha ou ela está de volta ao estilo Georgia de ser? — riu Vincent.

— Ela está tentando recuperar o tempo perdido depois das férias de cinco semanas — eu respondi, lembrando-me de como Georgia tinha se afastado dos homens depois de quase ter causado a nossa morte através de seu então namorado, e líder dos *numa*, Lucien.

— Bem, nós poderíamos definitivamente contratá-la como um segurança extra. Ela e sua comitiva poderiam espantar cada indivíduo suspeito da vizinhança — Ambrose disse com um sorriso afetado.

O que me lembrou... — O que aconteceu com o que estava nos seguindo?

— A festa de Ano Novo ambulante os assustou — Ambrose respondeu.

— Escute, Kate — Vincent disse, olhando com cautela para a rua escura — Jean-Baptiste estava certo em dizer que nós não sabemos quando os *numa* vão atacar. E com o que quer que seja que estivesse nos seguindo, eu estava pensando se você talvez não pudesse ter um *chaperone*. Eu tenho alguns projetos que JB me pediu para cuidar — ele trocou um olhar com Ambrose — então eu não posso estar por perto todo o tempo.

— Um *chaperone*? — eu disse, com um tipo diferente de pânico.

— O que há de errado em ter um anjo da guarda? Ou dois? — Ambrose perguntou — Você namora um *revenant*, Katie-Lou, e pode apostar que você estará sendo seguida por aí.

— Bem, se eu não estou andando por aí com vocês, que são alvos ambulantes, eu não sou de tanto interessa para os malvados, sou? — retorqui. Andar por aí com o meu namorado era uma coisa. A ideia de ser arrastada por Paris por outros *revenants* era completamente diferente. Eu balancei a cabeça — Eu ganho um beijo de boa noite ou isso iria interferir em seu *chaperoning*?

Eu levantei meu rosto para Vincent e ele me deu um beijo lento e suave, que fez meu corpo parecer marshmallow.

— Tchau, Katie-Lou — Ambrose me saudou e virou para ir embora.

— Tchau — eu disse enquanto os dois *revenants* se afastavam de mim para as sombras do luar. Quando eles estavam fora de vista, eu virei para seguir minha irmã para o apartamento dos meus avós.

Georgia já tinha tirado o vestido de festa e o substituído por uma grande camiseta quando eu entrei em seu quarto — Qual é o negócio da escolta dos dois homens? — ela disse.

— Três — eu respondi — Um cara chamado Henri estava flutuando acima de nós. Vincent está paranoico sobre eu ser levada pelos zumbis do mal. Com o líder

deles morto, os numa estão em modo de espera, e os *revenants* estão esperando um ataque surpresa.

— *Numa* desaparecidos parece como uma boa coisa pra mim — Ela se inclinou para seu espelho e tirou o batom com um pano — Pessoalmente, eu estou feliz por não ter corrido em direção a um assassino desde que, bem... Desde que você cortou a cabeça do meu ex com uma espada — Apesar de minha irmã estar tentando levar o assunto na brincadeira, uma sombra de medo espreitava por trás de seu comportamento despreocupado.

— Vincent está falando em me dar um guarda-costas quando ele não estiver por perto.

— Legal! — Georgia disse, olhos abertos em expectativa.

— Nyet de legal — eu respondi — Eu não quero alguém me seguindo em cada lugar que eu for. Isso é tão... Estranho.

— Não pense "seguindo". Pense em "acompanhando". E que diferença isso faria? Você já está sempre com o Vincent e um de seus amigos na maioria das vezes.

Eu estudei seu rosto. Ela não estava dizendo isso como uma crítica. Para minha irmão super sociável, era normal — até preferível — ter pessoas a sua volta 24 horas dos 7 dias da semana.

— Você se lembra com quem está falando, Georgia? Sou eu! Sua única irmã. Que não é rainha das noites de Paris e que gosta de gastar um pouco de seu tempo sozinha.

— Pois bem. Basta dizer ao Vincent que você não quer uma babá. Ele a adora do jeito que é. Sua palavra deve ser um comando.

Eu revirei os olhos. Se fosse assim... — Ele até usou a palavra *chaperone*.

— Vincent é tão sexy quando ele fala como um vovô — ela sorriu — A próxima coisa que ele vai fazer é perguntar ao vovô se ele pode começar a cortejá-la, e então tudo vai decair. Dentaduras. Flacidez.

— Eca! — Eu ri, socando minha irmã no braço, de mentira.

De algum lugar dentro de sua bolsa, o telefone de Georgia começou a tocar. Ela o abriu e começou a digitar uma mensagem. Então, ela olhou para mim e disse — Aliás, Katie-Bean, você está maravilhosa neste vestido.

Eu me inclinei e abracei a minha glamurosa e sociável irmã e a deixei continuar a sua socialização de Ano Novo.

Capítulo 4

Já que era dia de Ano Novo, a estação de trem Gare de Lyon estava praticamente abandonada. Pombos kamikazes disparavam em padrões de voo que pareciam loopings excêntricos sob o teto de vídeo e aço maciço. Nosso pequeno grupo de seis estava tolhido no espaço colossal, observando Charlotte e Charles embarcarem no comboio de alta velocidade ultramoderno que os levaria de Paris para Nice em pouco menos de seis horas. Ambrose carregou uma pequena montanha de malas em seu carrinho de bagagem enquanto os gêmeos se inclinavam para abraçar Jules, Vincent e eu e mais formais beijos na bochecha de Gaspard e Jean-Baptiste.

Enquanto uma voz digital feminina anunciava as próximas partidas de trem, Charles se soltou do abraço de urso de Ambrose e subiu no trem sem olhar para trás. Charlotte limpou as lágrimas do rosto enquanto se virava — Você voltará antes do que pensa — disse Jean-Baptiste, um raro traço de emoção tingindo sua voz. Ela assentiu silenciosamente, olhando como se estivesse lutando para não explodir em soluços.

— Escreva e-mails... E telefone! — Eu a lembrei — Nós nos manteremos em contato. Eu prometo! — Eu joguei um beijo para ela com ambas as mãos enquanto ele caminhava para dentro do trem e desaparecia atrás das janelas escuras. Vincent colocou os braços protetoramente em meu ombro. Eu me virei para que os gêmeos não me vissem chorar.

Charlotte era a única garota de quem eu tinha me aproximado desde que me mudei para Paris quase um ano atrás. Era minha culpa: eu não estava realmente procurando por amigos. Por metade deste tempo eu tinha sido uma eremita. Então, apareceu Vincent, e era como se ele tivesse trazido um pacote com um grupo de amigos com ele. Não tinha passado despercebido por mim, que eu preferia passar meu tempo com os zumbis do que com as pessoas vivas. Eu tentei não pensar no que aquilo dizia sobre mim.

O som do apito do condutor perfurou o ar gelado. O trem estremeceu uma vez e depois partiu. Nosso grupo incompatível ondulava nos vidros escuros antes de caminhar em silêncio e a passos lentos em direção à entrada da estação. Todos pareciam perdidos em pensamentos quanto o telefone de Vincent começou a tocar. Ele olhou para a tela e respondeu — *Bonjour*, Geneviève — Depois de ouvir por um momento, ele parou no meio do caminho, com o rosto pálido — Oh, não. Não!

Ouvindo seu tom lamentoso, todos congelaram e olharam para ele, esperando — Apenas fique aí. Nós já chegaremos — Ele desligou o telefone e disse — O marido de Geneviève morreu esta manhã. Ele foi para a cama na noite passada e não levantou mais.

O grupo inalou como se fosse uma pessoa só e ficou parado lá, aturdido — Oh, minha pobre Geneviève — Disse Gaspard finalmente quebrando o silêncio.

— Ela notificou... — Jean-Baptiste começou.

— O médico já se certificou de que Philippe está morto, e o seu corpo foi levado pelo médico legista. Ela teria ligado antes, mas estava com medo que, se Charlotte soubesse, não teria entrado no trem.

Jean-Baptiste assentiu.

Mesmo que Geneviève vivesse do outro lado da cidade e não frequentasse sempre La Maison, ela e Charlotte tinham sido amigas por décadas. Charlotte tinha me dito uma vez que era difícil passar o tempo apenas com os garotos. Antes de eu chegar, Geneviève era a única amiga que ela tinha, e Charlotte tinha corrido para sua casa toda vez que ela e Charles tinham uma briga.

— Ela esperou que alguns de nós pudessem ir até lá para ajudá-la com os planos do funeral. Kate, você quer ir comigo? — Vincent perguntou. Eu assenti.

— Eu vou — Jules e Ambrose disseram como um.

— Ambrose, eu esperava ter os seus serviços na mudança de Violette e Arthur para seus quartos — Gaspard disse — Mas, é claro... — Ele levantou um dedo trêmulo, como se não tivesse certeza de seu pedido.

Ambrose hesitou, despedaçado, e depois cedeu — Não, você está certo, Gaspard. Eu seguirei você de volta para casa. Mande meu carinho para Geneviève, e diga a ela que eu passo por lá mais tarde — ele disse para nós, e depois, deslocando seu capacete de motocicleta para outra mão, bateu no ombro de Vincent e saiu, com Gaspard e Jean-Baptiste o seguindo de perto.

Jules, Vincent, e eu pulamos em um dos táxis estacionados do lado de fora da estação e, dentro de quinze minutos, estávamos na casa de Geneviève em uma rua estreita em Mouzaia, vizinhança de Belleville.

Quando descemos do carro, eu olhei ao redor maravilhada. Mesmo que estivéssemos dentro dos limites de Paris, as ruas estavam cheias de pequenas casas de tijolos de dois andares e com minúsculos quintais — em vez dos típicos blocos de apartamentos de diversos andares. Caminhamos para trás da cerca branca em um quinta cheio de árvores até a varanda da frente, onde Geneviève esperava, inclinada no batente da porta como se não pudesse suportar tudo aquilo sem o nosso apoio.

Quando Jules e Vincent se aproximaram, ela caiu em seus braços — Ele morreu em seu sono. Eu estava lendo quando ele se foi, e nem percebi — ela confessou com a voz aturdida. Seus pálidos olhos azuis brilhavam com lágrimas e fadiga.

— Ficará tudo bem — Vincent a acalmou, entregando Geneviève a Jules. Nós a seguimos para o hall e depois para uma iluminada, espaçosa sala de estar. Jules a sentou em um sofá de couro branco tão cuidadosamente como se ela fosse feita de vidro e depois sentou ao lado dela. Ela aconchegou-se a ele e enxugou os olhos inchados com um tecido, enquanto Vincent e eu nós sentávamos no chão, aos seus pés.

— O que precisa ser feito? — Vincent perguntou delicadamente.

— Legalmente? Nada. Philippe e eu estávamos nos preparando para isso há algum tempo. A casa e o dinheiro são meus. Você tomou conta das papeladas para mim há algum tempo — ela disse, assentindo chorosa para Vincent.

— A licenciatura em Direito vem a calhar quando você tem que registrar uma propriedade e uma conta bancária em nome de uma mulher morta — ele sorriu sombriamente.

— Philippe já tinha decidido os arranjos de seu próprio funeral. Nenhum serviço religioso, nenhum anúncio, apenas uma pequena cerimônia entre os nossos na Père Lachaise.

Apenas o mais famoso cemitério de Paris, eu pensei com temor, lembrando-me de um tour que minha mãe e eu tínhamos feito. O cemitério incluía as sepulturas de Victor Hugo, Oscar Wilde, Gertrude Stein, e Jim Morrison, dentre outro. Philippe — ou mais provavelmente Geneviève — devem ter contatos poderosos para conseguirem uma sepultura para ele lá.

— Eu adoraria uma xícara de chá — Geneviève disse para ninguém em particular.

— Eu pego! — Fiquei em pé, agradecida por ter alguma coisa pra fazer — Apenas me indique onde é a cozinha.

Uma vez lá, acendi o queimador de gás embaixo de uma chaleira e vasculhei os armários até encontrar um bule de chá, algumas xícaras e uma caixa com saquinhos de chá. Porta-retratos estavam pendurados na parede da cozinha, e eu passei de um para o outro enquanto esperava a água ferver.

A primeira era uma foto em preto e branco de Geneviève em um vestido de noiva, sendo carregada nos braços de um homem vestido com um smoking, pelo portão frontal desta casa. O vestido de Geneviève e o estilo crespo do cabelo indicava que a foto era da época da II Guerra Mundial. Eles estavam os dois rindo na foto, e pareciam como qualquer outro casal feliz no dia de seu casamento.

A próxima foto mostrava o mesmo homem fora de uma garagem, vestindo um macacão de cor clara, com manchas de gordura sobre ele. Ele se inclinava sobre um carro e apontava os polegares para cima, segurando uma chave inglesa em uma mão. Seu rosto não parecia muito diferente do que na foto do casamento — ainda 1940 ou 50, eu estava imaginando.

Eu me movi para a próxima foto, que deve ter sido tirada em 1960 — eu podia dizer pelo penteado de Geneviève a la Jackie O. Ela parecia exatamente a mesma, mas seu marido estava ficando grisalho e sua face parecia a de um homem de quarenta anos. Ainda assim... Eles podiam passar por um casal em que o homem estava na meia-idade e a esposa era bem mais nova.

Mas não nas próximas imagens. As fotografias coloridas fizeram a diferença de idade deles ainda mais óbvia. Eu me inclinei para ver uma inscrição na parte de baixo do porta-retratos mais recente: “60 anos neste milênio. Meu amor por você vai durar para sempre. Philippe”. Na foto, o homem estava sentado em uma poltrona com um andador de metal ao lado. Geneviève estava empoleirada no braço da poltrona, inclinando-se e beijando sua bochecha enquanto ele sorria

diretamente para as lentes das câmeras. Ele parecia bem velho. Ela parecia ter vinte anos. E eles pareciam tão apaixonados quando no dia do casamento.

Eu pulei quando a chaleira começou a assobiar no fogão atrás de mim. Eu tinha me esquecido onde eu estava enquanto era gradualmente puxada para dentro da história deles — uma história cheia de amor e felicidade, certamente, mas que terminou como uma tragédia.

Quando eu voltei para a sala de estar, carregando a bandeja com o bule e as xícaras, Jules estava caminhando em volta da sala com seu celular, contando as notícias para seus amigos. Geneviève estava sentada no sofá com sua cabeça no ombro de Vincent, olhando para o vazio.

Os olhos de meu namorado estavam escuros enquanto ele me olhava cruzando a sala e colocando a bandeja na mesa de café em frente a eles. Uma expressão de dor brilhou em seu rosto, e eu sabia que ele estava pensando a mesma coisa que eu. A história de Geneviève e seu marido humano poderia ser a nossa um dia.

Capítulo 5

Ficamos no cemitério, entre as lápides, quarenta mortos e eu. Vários de meus companheiros já tinham inclusive estado em seus próprios caixões, profundamente enterrados no solo francês, antes de terem sido resgatados por Jean-Baptiste ou outro como ele que tivesse "a visão".

Como Vincent tinha explicado para mim, alguém que pode ser tornar um *revenant* envia uma luz como um farol direto para o céu, visível por aqueles *revenants* que têm o dom de ver auras. E se o observador resgatar o corpo antes de ele acordar três dias depois — se providenciar comida, água e abrigo para o *revenant* prestes a despertar — um novo imortal nasce. Se não, cinzas às cinzas, poeira à poeira.

Mesmo que Philippe não tivesse o pré-requisito de ter morrido no lugar de outro ser humano, Geneviève esperou até o quarto dia depois de sua morte para enterrá-lo. E agora ela estava ajoelhada ao lado da sepultura, envolta em crepe preto e jogando cachos de pequenas flores brancas para baixo sobre o caixão.

— Você é o único que eu amo — uma voz de garota veio de trás de mim. Vincent tinha saído do meu lado para ficar perto de Geneviève, pegando um pouco de terra e jogando entre as flores antes de dar o lugar para outra pessoa o seu lugar. Eu virei e vi Violette parada perto de mim.

— O que você disse? — eu perguntei.

— As pequenas flores brancas que Geneviève está jogando... São *Arbutus* — Ela percebeu minha confusão e se corrigiu — Esqueci que eles não ensinam mais o significado das flores atualmente. Esta era parte da educação das jovens. Toda flor tem seu significado. Geneviève deve saber disso e foi por este motivo que ela escolheu *Arbutus* para seu único amor.

Eu assenti, sem expressão.

— Isso é trágico — ela continuou em sua linguagem estranha e fora de moda. Eu tinha dificuldade em entender algumas coisas. Em certos momentos suas palavras saíam como se ela estivesse citando Shakespeare, mas em Francês Antigo — Por que alguém se colocaria em uma situação tão miserável está além do que eu posso compreender. Como ela poderia esperar algo além de dor, permanecendo ligado a um humano?

As palavras saíram levianamente e, então, Violette se virou para mim com a boca formando um O e os olhos arregalados — Kate. Eu sinto muito! Você se mistura tão bem com todos os revenants aqui que eu me esqueci completamente que você não é uma de nós. E o fato de você e Vincent estarem... — Ela tentava encontrar as palavras.

— Juntos — Eu disse abruptamente.

— Sim, é claro. Juntos. Bem, isso é tão, tão... *Agradável*. Por favor, esqueça que eu disse alguma coisa.

Violette parecia estar à beira das lágrimas, de tão embaraçada. Eu coloquei a mão em seu ombro e disse — Não se preocupe. Realmente. Algumas vezes é difícil para mim me lembrar de que existe qualquer diferença entre mim e Vincent — O que era um pouco mentira, já que aquela diferença estava quase sempre em minha cabeça. Mas ela pareceu apaziguada e, depois de assentir agradecidamente para mim, deu uns passos para frente e se abaixou para pegar sua própria porção de terra para a sepultura.

Houve um rebuliço quando Vincent levantou a mão para acalmar a multidão, que tinha começado a conversar baixinho — Com licença, amigos — ele chamou — Tem uma coisa que Geneviève gostaria de ela mesma ler para vocês, mas ela me pediu para substituí-la. Era a passagem favorita dela e de Philippe do livre *The life and opinions of Tristram Shandy*. Ela disse que esta passagem os ajudava no dia-a-dia.

Ele limpou a voz e começou a ler.

— "O tempo passa muito rápido... os dias e horas... estão voando por nossas cabeças como nuvens de um dia nublado, para nunca mais voltar — Cada coisa pressiona — Enquanto tua habilidade flexiona este bloqueio — veja! Isso cresce cinza..."

Vincent olhou em volta e encontrou meus olhos e então, parecendo preocupado, voltou à página e continuou.

— "E toda vez que eu beijo tua mão para me despedir, e toda ausência que decorre disso, são prelúdios da separação eterna que em breve teremos que enfrentar".

Meu coração deu uma guinada em meu peito. Não apenas simbolicamente — causou uma dor física. A passagem parecia ter sido escrita para mim e Vincent. Meu pior medo sobre nosso futuro tinha sido traduzido nas linhas poéticas que ele estava lendo como um hino fúnebre.

Poderia ser nós, pensei de novo. O que quer que acontecesse, parecíamos estar sendo amaldiçoados pelo destino. Mesmo que Vincent conseguisse passar pela agonia que causaria a ele resistir à morte e envelhecesse comigo, algum dia ele seria como Geneviève, um lindo adolescente parado ao lado da sepultura de sua amante velha.

E por que eu estou sequer pensando em envelhecer com alguém?, a voz da minha razão interior protestou indignada, fazendo com que eu me sentisse uma sentimental idiota. *Eu sou apenas uma adolescente! Não sei o que vou querer daqui cinco anos, quanto menos sessenta.* Eu não podia evitar isso, no entanto. A tragédia parecia real e imediata, e eu não podia jogar isso fora com explicações racionais.

Um pesar irracional e prematuro tomou meu coração, forçando as lágrimas pungentes para os meus olhos. Eu tive que sair de lá. Eu tive que escapar daquele lembrete esmagador sobre o resultado final da minha mortalidade. Recuei lentamente para fora da reunião, esperando que ninguém notasse minha saída.

Uma vez que eu estava livre do grupo, eu caminhei rapidamente para longe, parando brevemente para olhar por cima do meu ombro. Ninguém tinha me visto partir. Todos encaravam Vincent, que estava agora escondido por um mar de casacos pretos. Eu mesma estava perdida por um minuto em uma multidão de turistas que passavam, segurando mapas que apontavam as sepulturas das celebridades — Edith Piaf, dois corredores para frente e um acima — disse o guia que liderava um grupo de adolescentes americanos. *Apenas um ano atrás, aquela poderia ter sido eu*, pensei, olhando para uma garota sorridente da minha idade. Eu me deixei ser levada com eles até estar a uma distância segura do funeral.

Sem me importar com a direção para a qual eu estava indo, mergulhei mais fundo nos diversos hectares de sepulturas. Uma chuva fria começou a me apedrejar como dardos congelantes picando a minha pele, e eu me abaixei em uma pequena estrutura de estilo gótico, esculpida em pedra.

O telhado tinha sido apoiado apenas por pilares, dando-me abrigo da chuva, mas deixando-me exposta ao vento frio. Eu debrucei ao lado de um túmulo que ficava acima do solo, coberto por duas estátuas deitadas lado a lado, com as mãos pressionadas juntas numa oração eterna em sua cama de mármore. Depois de um momento buscando pela minha memória, eu me lembrei onde estava — eu tinha parado aqui em meu tour com minha mãe. Era o túmulo de Abelard e Héloïse. *Que adequado*, eu pensei, *que hoje, de todos os dias, eu tenha terminado na sepultura dos mais famosos amantes trágicos da França*.

Na base do monumento, eu sentei com os meus joelhos pressionados contra o corpo, colocando o casaco em volta das minhas pernas para me proteger do frio. Eu me senti mais sozinha do que eu tinha me sentido em meses. Secando meu rosto com a borda de minhas mangas, eu respirei fundo várias vezes e tentei pensar nas coisas de maneira racional.

Eu tinha que me concentrar no aqui e agora. Por que eu estava tão aflita?

Eu peguei uma brilhante pedra negra da base do túmulo e a rolei pela palma da minha mão até que ela ficasse quente. Então, eu a coloquei no chão perto do meu pé para marcar o primeiro tópico da minha lista de medos: mesmo que Vincent pudesse resistir à morte, isso significaria décadas de dor física e emocional para ele. Era cruel e egoísta de minha parte esperar que ele suportasse isso, e tudo por causa de minhas próprias fraquezas.

Eu peguei outra pedra e a coloquei perto da primeira. Se Vincent não conseguisse suportar, eu teria que lidar com o espectro constante de seu corpo devastado toda a vez que ele morresse por alguém.

Senti as rugas em meu rosto e coloquei a terceira pedra brilhante junto ao par que estava no chão: Se — mesmo depois disso — eu fosse capaz de ficar com ele e aprender a viver com o trauma de suas mortes, ele seria o que me veria ficando mais velha. E então, me veria morta.

As três pedras negras pareciam elipses, esperando por alguma coisa para seguir. Bem, eu poderia adicionar à minha lista de medos o perigo do trabalho dos

revenants: outro numa vingativo como Lucien poderia vir atrás de Vincent para destruí-lo — e conseguir desta vez. Então eu seria deixada sozinha.

Pare, Kate, eu ordenei a mim mesma. O envelhecimento e a morte ainda estavam longe, e eu lidaria com isso quando o momento chegasse. Isso *se* nós ficássemos juntos. O que, sendo realista, não era tão certo como eu gostaria que fosse. Os casais mortais tem muitos problemas para fazer as coisas darem certo.

Quanto ao resto, era inútil tentar adivinhar o que iria acontecer. Se eu não tentasse planejar um futuro incerto, eu poderia lidar com o aqui e agora. *Eu estava* lidando com isso... Apenas não pela última hora ou mais.

Mantenha-se no presente, eu pensei. No presente, Vincent e eu estávamos ótimos. E aqui e agora, tudo o que eu queria era ir para casa. Tomar aquela simples decisão fez com que eu me sentisse mais controlada. Eu me empurrei contra a pedra fria para ficar de pé, e comecei a escrever uma mensagem para Vincent para dizer que eu tinha ido embora antes que ele começasse a procurar por mim.

Eu tinha apenas digitado seu nome quando escutei o som de folhas estalando. Tensa, eu olhei em volta, mas vi apenas lápides cinza e monumentos se estendendo por milhas.

Um movimento repentino capturou meu olhar. Quando eu vi uma figura encapuzada sair de trás de um túmulo a poucos metros de distância, um pânico irracional me atingiu. Eu não podia ver seu rosto, mas seu cabelo era um "sal e pimenta" ondulado — castanho escuro misturado com cinza — e ele era tão alto quanto eu. Eu fiquei absorta nisso por um segundo, enquanto entrava em modo automático de luta, calculando qual era a melhor forma de me defender contra sua altura e peso.

Mas sem olhar para mim, ele se virou e caminhou por entra as lápides. Eu exalei, aliviada, quando meu cérebro registrou o fato de que era apenas um homem. Um homem em um longo casaco de pese que estava caminhando para longe de mim. Não em minha direção. *Um homem. Não um monstro*, eu pensei, me repreendendo por enlouquecer sem motivo aparente.

Enquanto eu olhava sua forma desaparecer entre as sepulturas, relaxei da postura defensiva que eu tinha inconscientemente adquirido. Então, quando eu levante meu celular para terminar a minha mensagem, uma mão forte agarrou meu ombro.

Eu soltei um grito quando me virei para ver um par de olhos azuis escuros olhando com raiva para os meus — Kate, o que você acha que está fazendo? — Vincent disse, sua voz soando estrangulada em sua garganta.

— O que estou fazendo? Você quase me provocou um ataque do coração, esgueirando-se para mim deste jeito! — Eu pressionei o meu peito com a mão como se aquilo pudesse acalmar as batidas frenéticas de meu coração.

— Eu não estava me esgueirando para cima de você — ele disse friamente — Eu nem saberia onde você estava se Gaspard não estivesse volante. Ele voltou para me pegar depois de te seguir até aqui. Você poderia estar correndo sérios riscos.

Mesmo que Vincent não soubesse o quão nervosa eu tinha ficado por causa do homem que estava usando o casaco de pele há momentos atrás, meu medo se transformou em raiva em segundos.

— Perigo? Aqui? Em plena luz do dia? Do quê? Fãs psicopatas do Jim Morrison? Túmulos desabando?

— Dos *numa*.

— Oh, por favor, Vincent. Nós estamos no meio de um ponto turístico. Père Lachaise é praticamente a Disneylândia dos Mortos. Não é algum cenário de Buffy com vampiros se levantando do chão toda vez que alguém se vira.

— Kate, estamos em alerta agora. Ninguém sabe onde os *numa* estão ou o que estão prestes a fazer. Este seria exatamente o tipo de evento no qual eles apareceriam para nos atacar. Dezenas de *revenants* em um lugar ao mesmo tempo? Seria a situação dos sonhos para ele. É por isso que todos viemos armados — Ele levantou o casado para mostrar uma espada em sua cintura e facas amarradas às suas coxas.

Aquilo me calou.

— Por que você saiu sozinha? — Com o medo deixando sua voz, sua expressão agora mostrava incerteza.

Eu o encarei por um momento, e depois olhei para as estátuas próximas a nós — os amantes trágicos deitados lado a lado. Vincent virou para ver o que eu estava olhando, e a compreensão se espalhou por seu rosto. Ele fechou os olhos como se tentasse bloquear a imagem.

— Eu tive que deixar o funeral, Vincent. Eu não podia suportar — Comecei a explicar. Mas a tristeza e a chuva e o frio e o medo todos pareceram cair sobre mim ao mesmo tempo, e minhas palavras ficaram presas na garganta.

— Eu entendo — ele disse, colocando o braço ao meu redor e me puxando para longe do túmulo. Ele virou meu rosto para ele — Está congelando e você está encharcada. Vamos embora daqui.

Eu não pude deixar de olhar por cima do meu ombro quando saímos. Não havia nenhum vestígio do homem de casaco — ele tinha ido embora há tempos — mas agora que Vincent tinha mencionado os *numa*, isso me fez pensar no motivo para que eu tivesse tido uma reação tão forte à aparência do homem. Um *numa* poderia ter me seguido pelo cemitério?

Isso não importava agora, eu decidi, e apenas iria deixar Vincent maluco se eu dissesse algo sobre isso. Eu deixei isso em minha mente e puxei meu namorado para mais perto.

Capítulo 6

Antes de conhecer Vincent, meus dias todos pareciam passar como aquela metáfora visual da passagem de tempo em filmes, que mostram as páginas caindo de um calendário. Mas, atualmente, todo dia parecia significativo: o dia em que Vincent conheceu meus avós. O primeiro encontro de cinema (*Santo Graal*. Todos olharam para nós como se o parque fosse um circo e nós fôssemos as atrações malucas principais, e alguns riram alto). Vincent disse — Espero que você não se importe com espectadores — e depois se inclinou para frente e pegou minha face em suas mãos, me beijando.

— Acho que posso lidar com isso — Eu sorri, e depois tremi enquanto ele me soltava.

— Nós vamos fazer um rápido piquenique — ele prometeu, desenrolando seu cachecol e dando duas voltas com ele no meu pescoço.

Nós mastigávamos croissants que tinham sido assados exatamente da forma como eu amo: crocante por fora, macio por dentro, com o interior parecido com donut. O café com leite não era o suficiente para me esquentar por dentro, e eu bebi um pouco do suco de laranja fresco e extremamente doce enquanto Vincent me colocava em dia com as notícias de como Charles e Charlotte estavam se ajeitando no sul — Nós estávamos falando de fazer uma viagem para levar a eles mais caixas, mas JB disse que precisa de mim aqui — Vincent reclamou, jogando o final de seu croissant na boca.

— É um saco ser o segundo de JB.

— Oh, então você sabe sobre isso? — ele perguntou, divertido — Minha tribo está falando sobre mim às minhas costas?

— Sim, Jules disse algo sobre isso no outro dia. Logo antes de me dizer que você era uma espécie de campeão. O que, aliás, eu estava morrendo de curiosidade de te perguntar — eu me inclinei avidamente para frente em meus cotovelos, notando como a expressão de Vincent mudou para desanimada.

Ele cobriu os olhos com uma mão — Aqui vamos nós de novo — ele gemeu.

— O que isso significa? — Eu perguntei, intrigada por sua reação.

Ele se inclinou para trás até estar deitado no cobertor e olhou para o céu cinzento de inverno acima de nós — Há uma profecia antiga escrita por um *revenant* na Era Romana. Ela dizia que um de nós lideraria nosso povo contra os *numa* e os conquistaria.

— E o que isso tem a ver com você — eu perguntei.

Vincent olhou para o céu por outro segundo, e depois virou de lado para me olhar — Jean-Baptiste colocou na cabeça que eu sou o Campeão.

— Por quê?

— Quem sabe? Provavelmente porque eu sou capaz de me segurar por bastante tempo sem morrer. Neste sentido, eu aparentemente sou mais forte do que outros de minha "idade". Mas, isso é tudo tão vago. Mesmo que todos tenham escutado sobre essa profecia, ninguém sabe exatamente o que ela quer dizer.

— Você parece muito certo de que não é você — Eu disse, sentindo uma pontada de alívio. Namorar um *revenant* já era um grande passo sem ter que pensar que ele era o comandante supremo dos *revenants*.

— Eu acho que isso é tudo bobagem, e isso não importa de qualquer forma. O que tiver que acontecer vai acontecer, alguém sabendo ou não sobre isso antes do tempo. O que me incomoda é que Jean-Baptiste já revelou esta informação a algumas pessoas. E não há nada mais intimidante que ter todo mundo olhando você como um falcão, esperando pelo momento em que você se transformará no Messias zumbi.

Eu ri, e Vincent se aproximou de mim, sorrindo daquele jeito que eu não podia resistir. Eu o beijei — um longo e quente encontro de nossos lábios — e depois, me inclinando para trás, perguntei para ele com toda a seriedade que eu consegui reunir:

— Então, se você é o Campeão dos *revenants*, e eu salvei você de Lucien, isso me torna a Campeã do Campeão?

Vincent balançou a cabeça em desespero.

— Não, realmente — eu continuei, incapaz de segurar um sorriso provocante — Eu quero um nome legal também. Talvez você pudesse começar me chamando de Vencedora. Mesmo que eu ache que precisaria de uma máscara para combinar com isso.

Vincent deixou escapar um rosnado exasperado e me empurrou para baixo no cobertor, prendendo meus ombros ao chão e me forçando a beijá-lo de novo. Ele colocou a mão quente em minha bochecha gelada, e os cantos de seus olhos se enrugaram enquanto ele sorria — Bem, no momento, chamar você de Rainha do Gelo seria mais adequado — Ele se levantou, pegando-me pela mão e me puxando para ficar de pé.

Eu esfreguei minhas mãos enluvadas para cima e para baixo em meus braços para ativar a circulação — Tudo bem, Piquenique em Janeiro... Feito! — Eu disse, com os dentes batendo.

Vincent enfiou a garrafa térmica e o cobertor dentro da cesta — E como você se sente em fazer alguma coisa que nunca tinha feito antes?

— Eu sinto como se minha bunda fosse cair de tão congelada! — Eu disse, guinchando quando ele derrubou a cesta e me pegou em seus braços.

— Tudo bem, isso é um pouco mais quente — admiti, enquanto ele me levantava do chão em um abraço de urso.

— Vamos deixar esta cesta em minha casa, e depois poderemos sair para o nosso destino número dois — ele disse, me colocando de volta no chão e pegando a cesta de piquenique em um dos braços.

— Que é? — Eu perguntei, enrolando minhas mãos ao redor de seu breco livre e me aproximando ainda mais enquanto deixávamos o parque e caminhávamos até La Maison.

— Bem, isso depende. Você já esteve no museu de guerra Les Invalides?

Eu enruguei meu nariz em desgosto — Eu sei onde é. Mas como ele não tem minhas pinturas, nunca me preocupei em vê-lo. Estamos falando de tanques e armas e, hum, coisas de *guerra*?

Vincent olhou para mim e riu — Sim, eles têm tanques e guerras e uma coleção fascinante sobre a Segunda Guerra Mundial, mas para dizer a verdade é um pouco deprimente. Especialmente para aqueles de nós que passaram por aquilo. Não, eu estava pensando em pular esta parte e levar você diretamente à sessão de armas antigas. As peças naquela sala são quase tão artísticas quanto uma pintura de John Singer Sargent.

— Hum. Eu acho que isso pode ser uma questão de opinião.

— Sério, tem aquele punhal do século XIII em prata e esmalte que merece uma sala somente para ele mesmo no Louvre.

— Eles têm balistas?

— Eles têm balistas? Apenas uma sala cheia. Incluindo o banhado a ouro de Catherine de Médicis. Por quê?

— Eu amo balistas! Elas são tão... Eu não sei... Más.

A risada surpresa de Vincent ficava entre um crepitar e uma tosse — Nota para mim mesmo: adicionar aulas de balista para as sessões de treinamento regulares de Kate! — Ele empurrou o portão frontal para abri-lo, colocou a cesta em cima da caixa de correio, e empurrou o portão atrás de nós — Acha que poderia cuidar disso, Gaspard? — ele adicionou.

— Oh, oi, Gaspard! — Eu disse para o ar.

— Gaspard disse para eu te assegurar que ele não está se metendo em nosso encontro — Vincent disse.

— Eu não me importo que você venha — Eu disse — Conhecendo você, eu duvido que seja sua primeira vez no museu de guerra.

Vincent me ofereceu seu braço e começou a me levar para trás, na direção de onde tínhamos vindo — Gaspard na verdade contribuiu com a pesquisa feita nas peças mais velhas da coleção deles. Ele conhece o lugar melhor do que muitos curadores do museu — Ele ficou em silêncio por poucos segundos, escutando — Ele disse que não vai para o museu, mas que nos acompanhará por alguns quarteirões já que está indo na mesma direção que nós.

Começamos a caminhar em direção ao museu, o que daria uns vinte minutos de caminhada, continuando com a nossa bizarra conversa a três por alguns quarteirões antes de Vincent parar abruptamente.

— O que foi? — Eu perguntei, vendo seu rosto enquanto ele ouvia palavras que eu não podia ouvir.

— Gaspard viu alguma coisa. Nós só temos alguns minutos. Venha — Vincent disse, e, pegando-me pela mão, começou a correr para baixo de uma pequena rua em direção a uma avenida maior.

— Para onde estamos indo? — Eu perguntei enquanto corria, mas Vincent estava muito ocupado escutando Gaspard e lançando questões como "Quantas pessoas são?" e "Quem é o motorista?". Eu me alarmei quando chegamos à Avenida Raspail e Vincent me disse — Kate, fique para trás, e preste atenção. Tem um caminhão...

E então nós o vimos coroando no início da colina: um grande caminhão branco de entrega se inclinando para baixo no meio de uma das quatro faixas da avenida. Ele virou de um jeito perigoso enquanto encavalava em cima da faixa, obviamente fora de controle. Eu engoli em seco quando percebi que não tinha nenhum condutor atrás do volante.

Virando para a faixa de pedestres, eu vi muitas pessoas passando pelo cruzamento, completamente alheias ao perigo que estava indo para elas. Mesmo que estivessem a dois quarteirões de distância, o caminhão não estava parando. E com a velocidade que ele estava vindo, as pessoas no meio da faixa de pedestres não teriam chance de escapar de sua trajetória — Oh, meu Deus. Faça alguma coisa! — Eu gritei para Vincent, o horror percorrendo minhas veias como gelo.

Vincent já estava olhando dos pedestres para o caminhão enquanto pensava na situação. Ele hesitou por uma fração de segundo e olhou rapidamente para onde eu estava, franzindo as sobrancelhas, como se estivesse pesando alguma coisa. Algo que tivesse a ver comigo.

— O quê? — Eu perguntei, minha voz em pânico.

Algo estalou em seus olhos. Sua decisão estava tomada, ele tirou o casaco, jogando-o no chão, e correu em direção ao caminhão que se aproximava.

Meu coração batendo acelerado, eu gritei em Francês na direção dos pedestres — *Atenção*! — Uma mulher de meia-idade olhou para trás para mim, e depois seguiu o meu gesto para cima da avenida.

— *Oh, mon Dieu*! — Ela gritou, e virando-se, ela lançou seu braços para empurrar um homem e uma criança, flanqueando-os de volta para a segurança da calçada. Eles nunca conseguiriam fazer isso a tempo. Nem a colegial que usava fones de ouvido e que sequer tinha me ouvido gritar.

Correndo o mais rápido que poderia ser possível para um humano, Vincent alcançou o caminhão, saltou e se inclinou no estribo. O impacto o jogou para trás, ameaçando jogá-lo na rua. Ele lutou contra a maçaneta da porta, firmando-se e, em seguida, abriu a porta, agarrando o volante e empurrando-o para a direita. Em um guincho de pneus derrapando, o caminhão pulou para fora da avenida e capotou para o lado do passageiro. Ele se inclinou a poucos metros da calçada antes de bater em uma parede de pedra, apenas a alguns metros da faixa de pedestres.

Uma fração de segundo de um silêncio chocante se seguiu, antes de uma cacofonia de gritos e choros começar. O casal e sua criança estavam no chão, um pouco antes da calçada, depois de terem tentado se atirar para fora da avenida.

Alguns transeuntes correram e os ajudaram a ficar em pé. Alguém correu até a garota com os fones de ouvido, que estava parada em choque no meio da rua, com a boca aberta e a bolsa jogada no chão em volta de seus pés.

Uma sirene de polícia cortou o ar, enquanto vários carros de polícia chegaram da Avenida Saint Germain até o meio da interseção, bloqueando veículos das duas direções. Um policial saltou para desviar o tráfego, enquanto os outros se apressavam para o local do acidente.

Vincent pulou do lado da porta do motorista, que estava agora no topo do caminhão caído, e caiu no chão. Deitado de costas na calçada, ele cruzou um braço com cautela em cima de seu tórax, deixando cair as chaves que ele tinha puxado da ignição.

Quando eu o alcancei, ele estava com os olhos fechados por causa da dor, e um pequeno filete de sangue escorria de um corte em sua testa. Agachei-me ao lado dele, sentindo como se eu é que tivesse sido jogada para a calçada. A respiração bateu para fora de mim.

— Vincent, você está bem? — Eu perguntei, colocando cegamente o braço em minha bolsa e voltando com alguns Kleenex. Eu limpei o sangue antes que ele caísse em seus olhos.

— Machuquei as costelas, mas estou bem — Ele disse, ofegando para respirar — Mas o motorista está no caminhão.

Eu coloquei seu rosto em minha mão e dei um suspiro de alívio — Oh, graças a Deus, Vincent — Eu me virei para o policial que se aproximava — O motorista ainda está lá dentro — Eu gritei, tossindo e piscando quando inalei o cheiro acre de borracha queimada.

Ele subiu no caminhão e, depois de olhar lá dentro, pegou um walkie-talkie e chamou uma ambulância. Outro policial ajoelhou-se perto de nós e começou a perguntar algumas coisas para Vincent. Ele estava bem? Ele podia mover seus dedos? Seus dedos do pé? Ele estava tendo dificuldades para respirar? Somente depois de Vincent se sentar (contra a recomendação do policial) e assegurar que ele só tinha a respiração ofegante e um corte na cabeça ocasionado pelo impacto, o policial se voltou para mim, para perguntar o que tinha acontecido.

A esta altura, uma multidão tinha se acumulado ao nosso redor, e um homem velho falou antes que eu pudesse responder — Eu vi tudo, oficial. Aquele caminhão estava fora de controle, rolando cada vez mais rápido pela avenida. E aquele garoto — Ele disse, apontando para Vincent — assumiu o comando dele, conduzindo-o para fora da estrada. Se ele não tivesse feito isso, o caminhão teria ido diretamente para cima das pessoas que cruzavam a estrada — Ele apontou para a garota dos fones de ouvido, que tinha sido levada até a calçada e estava sentada com a cabeça entre os joelhos enquanto alguém alisava suas costas.

Os espectadores começaram a zumbir animadamente com a notícia — a palavra “herói” estava sendo dita por mais de uma pessoa — e celulares apareciam enquanto as pessoas começavam a digitar mensagens e a fazer ligações. Vincent fechou os olhos, cansado, e depois, quando alguém tentava tirar uma foto, ele

puxou o capuz de sua blusa por cima de sua cabeça e me pediu para ajudá-lo estremecendo enquanto ficava em pé.

— Vai precisar de mim, policial? — Ele perguntou ao oficial que estava mapeando o caminho do caminhão com outra testemunha.

Ele viu Vincent e disse — Você realmente não deveria se mover, senhor, até que os paramédicos cheguem.

— Eu disse ao senhor, estou bem — Vincent insistiu educadamente. O jeito como ele segurava seu braço cuidadosamente em volta de seu tórax sugeria que ele estava qualquer coisa, menos bem.

O policial parecia em conflito — Precisaremos de seu depoimento — ele disse finalmente.

— Podemos esperar em seu carro?

— Sim, é claro — o homem responder e sinalizou para seu parceiro nos buscar. Nós fomos levados para longe da multidão animada e em direção à privacidade do carro de polícia. No caminho, eu recuperei o casaco de Vincent e o coloquei em volta dele.

Nós entrando no banco traseiro da viatura, e o policial fechou a porta atrás de nós. Estávamos finalmente sozinhos, e eu me virei para Vincent que estava segurando meu lenço em sua cabeça — Você está realmente bem? — Perguntei a ele, puxando delicadamente sua mão da ferida — Você pode precisar de pontos.

— Você tem um espelho?

Eu entreguei a ele um espelho compacto de minha bolsa e ele o segurou na luz, inspecionando seu ferimento — Uma bandagem borboleta deve segurar isso bem.

— E o que mais?

— Eu devo ter uma costela machucada. JB mandará um médico me ver quando estivermos em casa. Tenho algumas semanas até ficar dormente, e então meu corpo se curará sozinho. Eu posso esperar. Eu juro, Kate. Estou bem.

Ele se inclinou no encosto de cabeça e fechou os olhos.

Eu sentei com a cabeça em seu ombro e meu braço em volta de seu peito e pensei o que poderia ter acontecido se as coisas tomassem rumos diferentes.

E se Vincent não tivesse sido rápido o suficiente e uma daquelas pessoas tivesse sido morta? E se ao tentar alcançar o caminhão, Vincent é que morresse? Em vez de estar sentada numa viatura, eu poderia estar ajoelhada diante de seu corpo mutilado. Ele devia ter chegado a centímetros disso. Tinha estado tão perto...

Eu fechei meus olhos e tentei focar no que tinha acontecido de fato em vez do que poderia ter acontecido.

Capítulo 7

Nós gastamos em torno de uma hora esperando em um escritório na estação policial. A investigação oficial tinha começado daquele ponto, e o policial que explicado que eles tinham encontrado um cartão de médico na carteira do motorista dizendo que ele era epilético. Quando contataram sua esposa, ela admitiu que ele tinha parado recentemente de tomar sua medicação.

— Ele estava inconsciente quando eu cheguei ao veículo — Vincent confirmou.

— Ele estava inconsciente, sentado atrás do volante? — O oficial perguntou, escrevendo em um bloco de notas.

— Não. Ele havia caído e estava deitado sobre o banco. Seu pé não estava mais no acelerador.

Uma fileira de três pequenas bandagens borboleta decorava a testa de Vincent, o resultado do atendimento dos paramédicos enquanto sentávamos atrás do carro de polícia. Quando o oficial levantou os olhos de suas anotações, Vincent tocou o ferimento cautelosamente com seus dedos.

O homem viu o gesto e fechou seu caderno — Fui instruído para não deixá-lo aqui por muito tempo. E para me desculpar pelo tempo de espera antes de eu chegar aqui. Foi imperdoável.

Do jeito que o homem havia se apressado em, de repente, tropeçando nas palavras, tentar tornar as coisas mais confortáveis e oferecendo informações restritas da investigação, eu assumi que Jean-Baptiste tinha entrado em contato com um de seus contatos no departamento de polícia.

—Mesmo que você tenha se recusado repetidamente em ser levado à sala de emergência, acho que você deveria ir ao médico — O homem continuou, parecendo preocupado — Mesmo que não seja por nada mais, você poderia levar alguns pontos no ferimento da cabeça.

— Obrigado, policial. Agora eu só quero ir para casa. Essa coisa toda realmente me deixou abalado — Eu tentei evitar sorrir enquanto Vincent interpretava seu papel de “sou apenas um garoto normal de dezenove anos”.

O policial assentiu e, descansando a caneta em cima do seu bloco de notas, caminhou em volta da mesa para nos encarar. Ele estendeu a mão, mas quando Vincent estremeceu com o esforço de levantar o braço, ele rapidamente retirou a mão e bateu com cuidado em seu ombro — Eu apenas queria te elogiar por seus atos heroicos de hoje, Monsier Dutertre.

Franzi os lábios para refrear outro sorriso. Vincent deve ser um profissional em criar falsas identidades.

— Prometa-me de que vai convencê-lo a ir ao médico — O policial disse, virando para mim — Hoje.

Eu assenti, e nós o seguimos para fora do escritório e pela *préfecture*, apertando as mãos mais uma vez quando estávamos na entrada.

— Vamos — Vincent disse quando chegamos à porta frontal, e descendo a escadaria do prédio, nós pulamos diretamente no banco traseiro de um carro que estava esperando.

— Gaspard nos avisou sobre suas façanhas acrobáticas, Vin. Muito James Bond. Bem feito — Ambrose disse enquanto se afastava do meio-fio. Vincent escorregou para baixo, para colocar a cabeça no meu ombro — Como está se sentindo, cara? Clínica ou casa?

— Estou me sentindo péssimo. Provavelmente quebrei uma costela, mas não preciso de um médico — *Legal*, eu pensei, me sentindo ligeiramente irritada. *Para mim, a costela estava machucada*. Quando Vincent pararia de me proteger das realidades mais duras de sua existência?

— Quando você estará dormente? — Ambrose disse.

— Em algumas semanas — Vincent disse.

Ambrose olhou para a face de Vincent pelo espelho retrovisor — O ferimento na cabeça pode esperar até lá?

— Estou bem. De verdade.

Ambrose encolheu os ombros — É uma pena que não ficamos com cicatrizes. Este corte ampliaria seu quociente de resistência em cem por cento. Já posso imaginar as meninas desmaiando na rua.

— *Não* que seja isso que Vincent esteja tentando, é claro — Ambrose recuou, levantando uma mão em rendição — É que foi a primeira coisa que passou pela *minha* mente. Se eu estivesse em seu lugar.

Eu balancei a cabeça e sorri — Incorrigível. Você é realmente incorrigível, Ambrose.

Ele deu seu sorriso ofuscantemente branco — Eu tento, Katie-Lou.

De volta a La Maison, um grupo de *revenants* estavam reunidos para uma troca de informações sobre os *numa* com Violette, e quando nós chegamos todos se acumularam em volta para ouvir os detalhes do resgate dramático. Com a massa de inquisições e o grande almoço que Jeanne tinha preparado, não foi até o final da tarde que Vincent e eu finalmente pudemos ter um momento de paz.

Nós estávamos sentados em seu quarto, esparramados no sofá em frente à lareira. Os olhos de Vincent estavam fechados, e ele parecia estar cochilando.

Eu não queria perturbá-lo, mas algo estava me incomodando desde que o acidente tinha acontecido naquela manhã — Eu sei que você está cansado, mas podemos conversar? — Eu perguntei, retirando os cabelos de seu rosto com meus dedos.

Vincent abriu um olho e olhou para mim cautelosamente — Eu deveria ficar assustado? — Ele perguntou, brincando apenas um pouco.

— Não — Eu comecei — É só sobre esta manhã...

Eu fui interrompida por uma educada batida na porta. Vincent revirou os olhos e rugiu — O que é agora?

A porta se abriu, e Arthur se inclinou — Minhas desculpas. Violette tem apenas mais uma pergunta sobre a decapitação de Lucien — ele começou.

— Eu já disse a Violette cada pequeno detalhe de todo encontro com os *numa* que eu já tive — Vincent disse com um gemido — Eu preciso de uma hora sozinho com Kate. Apenas uma hora, e depois eu vou encontrar você e dizer tudo o que sei. De novo. Por favor, Arthur.

Arthur assentiu, carrancudo, e fechou a porta atrás dele. Vincent olhou de volta para mim, começou a falar e depois balançou a cabeça e se levantou — Em cinco minutos alguma outra pessoa estará de volta aqui, nos incomodando de novo. Vamos para outro lugar. Coloque o casaco.

— Você está se sentindo forte o bastante para sair? — Eu perguntei enquanto ele colocava o próprio casaco e retirava alguns cobertores de um armário.

— Nós não vamos sair. Vamos subir — Pegando minha mão, ele me levou para o segundo andar, e depois subiu em outra pequena escada no final do corredor.

— O que é isso? — Eu ofeguei quando entramos em um alçapão e saímos em um pátio no telhado. Vincent abaixou a porta até o seu lugar no piso e depois acendeu um interruptor próximo ao chão. Luzes brancas de Natal se ligaram, iluminando um grande pátio arrumado com móveis de exterior: mesas, cadeiras, e espreguiçadeiras.

— Aqui é onde nós passamos o tempo durante o verão. É melhor do que o jardim do pátio. Menos sombra. Mais vendo. E uma ótima vista.

Toda a cidade estava espalhada ao nosso redor, o crepúsculo do solstício de inverno se estabelecendo mais cedo. Mesmo que não fosse nem cinco horas da tarde, o céu já estava mudando do algodão doce rosa para uma erupção de vermelho brilhante em um espetacular pôr do sol do inverno em Paris. Luzes começaram a se acender nos edifícios — É tão mágico aqui — Eu apontei, me embriagando com a vista.

Eu finalmente afastei meus olhos do cenário e me virei para ver Vincent parado logo atrás de mim, com as mãos nos bolsos — Então, sobre o que você queria falar? — Ele perguntou, interesse piscando em seu rosto.

— O que há de errado? — Eu perguntei, curiosa — Você parece preocupado.

— Julgando pelo passado, quando você perguntou se podíamos conversar em vez de apenas falar, eu sei que estou em problemas.

Eu sorri, e me aproximei para pegar sua mão e puxá-lo para perto — É justo. Tudo bem, eu só estava pensando... Esta manhã, antes de você correr até o caminhão, me pareceu que você estava hesitando. Tentando tomar uma decisão. E me pareceu que eu era parte desta decisão.

Vincent estava em silêncio, esperando até que eu chegasse às minhas próprias conclusões.

— Você estava pensando em ir até os pedestres primeiro para tentar tirá-los do caminho, não estava?

— Este foi meu instinto, sim — Seu rosto estava em branco. Ilegível.

— E por que não fez isso? — Eu perguntei, uma suspeita se formando apertava meu estômago.

— Porque havia uma grande possibilidade de eu mesmo morrer se fizesse isso. E eu prometi que não morreria.

Eu exalei, surpresa em descobrir que estava prendendo a respiração — Era isso que eu temia, Vincent. Esta hesitação custou alguns segundos para você. E se tivesse sido muito?

— Mas não foi, Kate — Ele disse, parecendo desconfortável.

Eu coloquei meu braço no dele e caminhei ao seu lado para sentar na beira de uma grande espreguiçadeira de madeira, que tinha sido empurrada contra um muro baixo de tijolos.

— Vincent, sobre o nosso acordo — Você sabe, a sua promessa para mim — Há algum tempo eu tenho me arrependido disso, porque eu pensei que seria difícil demais pra você...

— Eu te disse, posso suportar isso — Ele me interrompei, carrancudo.

— E eu tenho confiança em você. Mas, você conseguindo suportar isso ou não... Eu sinto que é errado da minha parte pedir isso a você.

— Você não me pediu para fazer isso. Fui eu que ofereci — Ele disse, defensivamente.

— Eu sei — Eu implorei — Apenas me deixe falar.

Ele se sentou, esperando para ouvir o que eu diria. Parecendo extremamente infeliz.

— Este tempo todo eu tenho me preocupado com o que sua promessa de não morrer significa para mim. E para você. Mas eu nunca tinha pensando no que significaria para aquelas pessoas cujas vidas estão em risco. Alguém pode morrer por causa de mim, Vincent. Por causa de minha fraqueza.

Ele se inclinou para frente e esfregou a testa, franzindo os olhos fechados, então virou-se para me olhar dentro dos olhos — Kate, não é uma fraqueza ser traumatizada com a morte, especialmente depois de ter que passar pela morte de seus próprios pais. Não é fraqueza querer uma relação normal, onde você não tem que ver seu namorado sendo carregado para casa em uma bolsa de corpo várias vezes. Ninguém vai morrer por causa de *você*. Eu ainda posso salvar estas pessoas sem morrer. Só preciso ser mais cuidadoso.

— Mas você teve que lutar contra os seus instintos hoje. Isso não foi arriscado?

— Honestamente, Kate, sim. Mas eu fui capaz de encontrar um plano B. Você viu... Foi provavelmente um plano ainda melhor para parar o caminhão, já que ele poderia ter batido num carro ou em alguma outra pessoa se continuasse indo. Então neste caso, não seguir meu instinto foi uma coisa boa — Ele parecia estar tentando convencer a si mesmo.

Eu hesitei — Talvez seja por isso que JB não estimula os relacionamentos entre humanos e *revenants*. Porque é a isso que eles levam, não é? Se você estiver preocupado comigo, isso o distrairá de salvar as outras pessoas.

A face de Vincent ficou sombria — Você significa mais para mim do que qualquer outra pessoa, e eu não vou pedir perdão por isso.

Senti arrepios, mas não por causa do ar de inverno — Você está dizendo que a minha vida é mais valiosa do que a das outras pessoas? Ou seja, minha única vida compensa todas as outras que você poderia salvar se não estivesse preocupado comigo? Porque, honestamente, seria muito difícil conviver comigo.

Vincent pegou minha mão de novo — Kate, quanto dura uma vida humana?

— Não sei... Oitenta ou noventa anos, talvez?

— E você tem dezessete anos. Isso é algo horrível de se dizer, mas...

O que ele estava dizendo foi clareando lentamente — Eu tenho apenas outros sessenta ou um pouco mais de anos de vida. No máximo. Então você só tem que se controlar por este tempo.

O silêncio dele era um "sim" — Durante estes anos, as chances de um humano morrer por causa de mim são de mínimas para nenhuma. Eu sempre estou com a minha tribo, e se tiver uma situação de vida ou morte, eles podem fazer o sacrifício — Do meu ponto de vista, o tempo que eu e você temos juntos é curto. Depois disso... Eu posso passar o resto da eternidade salvando vidas, se é assim que você quer pensar.

Nós sentamos em silêncio, as imagens provocadas por suas palavras eram muito perturbadoras para que eu pudesse dizer em voz alta.

— Tudo bem — Eu disse, finalmente — Ainda assim, Vincent, ainda temos o fato de que você vai passar o resto da minha vida mortal sofrendo. Eu sinto muito, mas isso não me parece como uma vida de sonhos para mim. Para ser honesta, isso me faz querer acabar com o nosso acordo.

Seus olhos ficaram bem abertos — Não.

— Eu não gosto de pensar que você está indo contra sua natureza por minha causa. Eu não quero ver você sofrer. A sua morte pelos outros, como deve ser, é a solução mais fácil para toda esta confusão. E eu sou forte, Vincent. Eu acho que posso lidar com isso — O gaguejado em minha voz me traiu.

Um olhar de determinação tomou o lugar de espanto. Ele chegou mais perto e passou os braços em volta de mim — Kate, conhecendo você, apenas pensar em minhas mortes faria você se afastar de mim. Então, por favor, não desista deste plano ainda. Não antes de você me dar a chance de entender as coisas. Estou buscando uma solução. Um jeito de fazer tudo funcionar. Dê-me um tempo.

Enquanto ele me abraçava, os últimos tópicos de minha resolução se esgotaram. Eu balancei os ombros, sentindo-me sem forças — Vincent, se você pensa que pode encontrar algo que possa resolver todos os nossos problemas, então pelo amor de Deus, faça isso. Eu só estou dizendo que estou libertando você de sua promessa, não que estou deixando você.

— Eu tenho medo que você me deixe, por uma total e compreensível autopreservação, se pensar que eu vou morrer — Vincent insistiu — Então, eu não vou. Nosso acordo ainda está de pé. Tudo bem?

Eu assenti, sentindo-me inundada de alívio ao mesmo tempo em que queria me chutar por isso — Tudo bem.

Afastando-se para ver meu rosto, ele sorriu pesarosamente e tirou com os dedos uma mecha de cabelos que tinha caído atravessada em meu rosto — Kate, eu admito que não estamos na mais fácil das situações. Mas você é sempre assim... Complicada?

Eu abri minha boca para dizer algo, mas Vincent balançou a cabeça, rindo — Não precisa me responder. É claro que você é. Eu não seria tão apaixonado por você se não fosse.

Eu ri. E junto com aquilo, os campos de força do medo e da preocupação se desmaterializaram e eu estava beijando-o. E ele estava me beijando. E enquanto nos tocávamos, tudo pareceu de repente muito simples. Era apenas Vincent e eu, e o mundo com seus problemas complicados perdeu sua importância. Eu o puxei para mais perto de mim.

— Você está... — Ele começou.

— Sim? — Eu disse, inclinando minha cabeça em direção a ele.

— Machucando-me — Ele ofegou, cerrando os dentes.

— Oh, não! O que eu fiz? — Minhas mãos voaram para minha boca.

Ele pressionou a mão em seu peito e apertou com cuidado — Eu esqueci sobre a costela — ele disse. Nós olhamos um para o outro por um segundo, e depois ambos começamos a rir, Vincent ria com cuidado, seus olhos fechados de dor.

— Acho que eu não conheço minha própria força — Eu brinquei, e depois me inclinei para ele de novo, segurando-o com mais cuidado desta vez, e me perdendo no beijo. E, no que pareceram dois segundos depois, nós estávamos no meio da grande espreguiçadeira, Vincent se deitando e eu pairando acima dele apoiada nos joelhos e mãos com meus cabelos caindo sobre sua face, trancando o mundo para fora. Nós estávamos no nosso próprio universo. Ele colocou a mão para cima para pegar minha cabeça em suas mãos enquanto nossos lábios se encontraram em um beijo que dizia tudo o que não éramos capazes de expressar com palavras.

Vincent me beijou como se aquela fosse realmente a sua última chance de me tocar. E, sentindo-me quente e selvagem, eu retribuí o beijo, sem reservas.

Como se ele pudesse saber que eu estava perdendo o controle, os beijos de Vincent ficaram mais suaves. Ele me puxou para baixo até que meu corpo estivesse cobrindo o dele e cada parte nossa estivesse se tocando. Deitados daquele jeito pelo mais longo e doce momento, ele esfregou os lábios contra os meus mais uma vez antes de se levantar, encostando-se contra a parede, e me puxando para ele. Eu me sentei entre suas pernas, inclinando-me para trás cuidadosamente em seu peito enquanto ele me abraçava e nós olhávamos para o céu noturno para o reflexo dourado da lua que começava a surgir.

Retirando os braços de Vincent de baixo dos meus seios, eu me virei até encontrar seus olhos. Eu não precisava dizer nada. Olhar para ele era o suficiente. Mas, depois de um momento, ele disse — Kate, eu passei minha vida inteira esperando por você. Antes de vê-la, eu não me importava com alguém desde... Bem,

por uma grande parte do século, e parecia que o meu coração estava permanentemente desconectado. Eu não estava nem vendo mais nada. E nem esperando nada... Sem nenhuma esperança, até que você estava aqui.

Ele levantou sua mão, e correndo os dedos das minhas têmporas até meus cabelos, ele disse delicadamente — Agora que você está aqui, agora que estamos juntos, eu não posso nem me lembrar como era a minha vida antes disso. Eu não sei o que faria se te perdesse. Eu amo você demais.

Minha garganta se contraiu. Ele tinha dito as três palavras mágicas. Em voz alta. Quando ele percebeu minha expressão aturdida, seus lábios se curvaram nos cantos — Mas você já sabia disso, não?

Meu coração se tornou uma bagunça pegajosa dentro de meu peito, e depois ele disse aquilo de novo.

Capítulo 8

Não foi até tarde daquela noite que uma ideia me ocorreu. Eu tinha voltado para o apartamento de meus avós para descobrir que eles tinham saído para um jantar. A vovó tinha deixado um bilhete na geladeira, com as instruções para o jantar. Eu peguei um prato com sobras que ela tinha deixado preparado para mim e me sentei à mesa por alguns minutos, mexendo na comida distraidamente quando um plano se formou na minha cabeça.

Vincent tinha dito que estava tentando encontrar uma solução para nosso dilema. Bem, por que eu deveria sentar e esperar até que ele chegasse como todas as respostas? Talvez eu pudesse pesquisar sobre isso eu mesma. Eu estava vivendo em um apartamento com uma biblioteca totalmente abastecida de antiguidades. Não doeria procurar por ali e ver se eu poderia descobrir algo na coleção de livros do vovô.

No ano anterior, eu tinha visto uma ânfora grega em sua galeria, que foi decorada com figuras de guerreiros nus, que ele tinha chamado de "numina". Sua expressão assustada quando eu me esqueci e estupidamente comentei que a palavra soava como "numa" me fez suspeitar de que ele já tinha ouvido o termo antes. E se ele tinha encontrado alguma coisa sobre *revenants* durante sua pesquisa, o livro ainda teria que estar por aqui.

De tudo o que eu tinha ouvido em La Maison, *revenants* ostentavam uma longa e colorida história. Gaspard estava constantemente olhando em seus documentos para exemplos de aberrações do passado. Bem, talvez o vovô tivesse alguns livros que Gaspard não tinha. Em todo casa, se Vincent estava procurando por alguma alternativa, uma deveria realmente existir. E talvez eu pudesse encontrar alguma informação que ele ainda não tinha.

Ainda havia muito que eu não sabia. Vincent tinha me dito o básico sobre os *revenants*, e eu tinha aprendido mais passando tempo com ele e sua tribo. É claro que eu tinha pesquisado na Internet pelos *revenants* quando descobri o que Vincent era. Mas tudo o que eu encontrei foram referências antigas da tradição Francesa, dizendo que um *revenant* era um "espírito que tinha voltado da morte" e todas as coisas contemporâneas como zumbis e outros monstros mortos-vivos. Nada do que eu chamo de *revenants* "reais" — os que eu conhecia.

Eu perguntei ao Vincent uma vez se "*revenant*" era apenas uma palavra usada na França. Ele disse que a maioria das línguas usava a mesma palavra com algumas variações, porque ela vinha da palavra latina *venio*: "vir". Então era com aquilo que eu tinha que começar: a palavra "*revenant*"; um conhecimento básico sobre o que eles eram; o fato de seus inimigos estarem retratados num antigo vaso grego; e... Nada mais. Não era muito para começar, mas eu estava certa de que se alguma

coisa relacionada aos *revenants* ainda estivesse na biblioteca de vovô, eu a encontraria.

Eu deixei meu jantar quase intocado e corri para sua sala de estudos. Todas as quatro paredes estavam cobertas de prateleiras. E todas as prateleiras estavam cheias de livros. Eu não tinha ideia de onde começar. Mesmo que alguns títulos estivessem em Francês e Inglês, aquilo não adiantou muito. Eu reconheci Italiano e Alemão, e letras Cirílicas me deram a pista de que alguns livros eram Russos. À primeira vista, eu me senti completamente sobrecarregada.

Vamos por partes, eu pensei. Eu comecei na estante mais perto da porta, empurrando um escabelo para alcançar a prateleira mais alta. *A Igreja de Hagia Sofia*. *Arquitetura no Mundo Antigo*. *Arquitetura Romana e Planejamento de Cidades*. Vovô obviamente organizou seus livros por tema. A estante seguinte era parecida. Assim como a outra.

Embaixo daquela começou uma prateleira com estátuas funerárias de China. E a última prateleira era sobre antigos selos da Ásia e caixas de rapé. Aquela era uma coluna de prateleiras que eu podia pular e isso levou apenas cinco minutos. Isso poderia ser mais fácil do que eu estava pensando.

Uma hora depois, eu tinha reduzido a biblioteca inteira de meu avô a apenas seis prateleiras interessantes. Mesmo que existissem dezenas de livros sobre cerâmica grega, eu não iria me debruçar sobre todos eles para encontrar outro exemplo como a ânfora *numa* de vovô. Mesmo que eu fosse sortuda o suficiente para encontrar uma, ela provavelmente não teria no interior a informação de que eu precisava. Não, era nas estantes de mitologia que eu tinha que focar.

Eu comecei a folhear volumes sobre a Grécia, Roma e mitologia nórdica. Mas eles todos tinham sido publicados no século vinte e eram do tipo de livro encontrado em qualquer biblioteca. Além de listar os principais deuses, os seres mitológicos eram apenas aqueles típicos que você encontraria em uma crônica de Nárnia: sátiros, ninfas da floresta, e coisas parecidas. Nada de *revenants*. É claro.

Se eles tinham tomado o cuidado de permanecerem incógnitos por tanto tempo, eles não apareceriam em um livro convencional. Eu comecei a pular tudo o que parecia ter sido impresso nos últimos cem anos e inspecionei mais de perto aqueles que pareciam ter sido criados por imprensas antigas. Vovô protegeu a maioria destes em caixas de arquivo. Uma por uma, eu puxei as caixas de arquivo, coloquei-as na escrivaninha, e delicadamente procurei em seu conteúdo. Algumas eram apenas páginas manuscritas, e eu estudei os velhos pergaminhos por todas as palavras que pareciam "*revenant*" ou "*numa*". Nada.

Finalmente eu peguei um livro que parecia muito antigo e que tratava de contos sobre bestas — era uma espécie de manual dos monstros ultrapassado. As margens eram ilustradas com figuras dos seres mitológicos descritos nas páginas. Ou foi o que eu pensei, já que eu não podia entender o texto em Latim.

Passando por grifos, unicórnios e sereias, eu me deparei com uma página onde havia a ilustração de dois homens. Um deles estava desenhado com cara de mau, e

o outro tinha linhas luminosas em volta de sua cabeça como se estivesse brilhando. O título era "*Revenant: Bardia/Numa*".

Eu balancei a cabeça em espanto. Eu tinha certeza de que o vovô teria um livro ilustrando uma espécie de seres mortos-vivos que são tão meticulosos sobre a preservação de sua identidade que são completamente desconhecidos pelo mundo moderno.

Um tremor de excitação desceu pela minha espinha enquanto eu tentava decifrar o curto parágrafo abaixo do título. Mas, além daquelas primeiras três palavras, eu não reconheci nada. Eu queria me chutar por não ter feito mais de um ano de Latim na escola. Eu peguei uma folha de papel da impressora do vovô e cuidadosamente copiei o texto nela. Quando terminei, coloquei o livro de volta em seu lugar, peguei o dicionário de Latim da estante de referências, e fui para o meu quarto.

Por causa das estranhas conjugações dos verbos em Latim e o fato de que parecia não haver organização em relação a quando as palavras apareciam na frase, eu trabalhei no pequeno fragmento por algum tempo. Finalmente eu tinha decifrado o bastante para entender que ele definia *revenants* como imortais que se dividem em guardiões da vida — *bardia* — e ceifadores de vida — *numa*. Que os dois tipos são limitados pelas mesmas regras de "sono da morte" e "espírito volante". Que eles encontram força por seus resgates ou mortes. E que eles são virtualmente impossíveis de destruir.

Bem, nada novo por aqui, eu pensei com uma pontada de desapontamento. Exceto pelo termo "*bardia*". Eu pensei no motivo de os *revenants* não o utilizarem para si mesmo, já que a palavra "*numa*" era comumente usada.

Olhei de novo para minhas notas para traduzir um parágrafo que tinha sido escrito em letras menores no final na página. Eram apenas duas frases, e eu as achei mais fáceis de decifrar do que o restante, fazendo isso praticamente palavra por palavra. Enquanto eu as decifrava, senti um calafrio fluindo através de meu corpo e, quando terminei, senti meus dedos dormentes.

"Ai do homem que se depara com um revenant. Porque ele dançou com a morte, sendo entregado por e para seu braço frio".

Eu tremi e olhei para o relógio quando ouvi meus avós voltarem. Meia-noite. Eu teria que continuar minha pesquisa num outro dia. Mas tendo descoberto alguma coisa na primeira tentativa, eu estava determinada a encontrar mais.

Capítulo 9

E então, os feriados tinham terminado e eu estava de volta à escola. O décimo ano estava se provando relativamente fácil, e Georgia, em seu último semestre do décimo segundo ano, evitou que eu me sentisse sozinha no intervalo das aulas. Mas a agitação de ficar com Vincent e os *revenants* tornou esta faceta da minha "vida real" parecer ameno demais. A escola era apenas alguma coisa que eu precisava arrancar do caminho. Eu não estava nem pensando na graduação.

Georgia, entretanto, tinha seu futuro decidido. Ela começaria um nível de comunicação na Sorbonne no outono. E ela tinha um novo namorado, Sebastien, que não somente não era um assassino malvado como seu último namorado, como não tinha ficha criminal pelo que eu sabia. E isso era muito bom. É claro que ele tocava numa banda. Mas você não podia ser ninguém e namorar Georgia. Glamour e fama eram seus denominadores comuns para namorados.

Georgia e eu estávamos voltando para casa depois de nossa semana de dois dias de escola pós-feriado e estávamos passando pelo Café Sante-Lucie quando eu escutei alguém gritando meu nome. Eu olhei em volta para ver Vincent na porta da frente do café, acenando para nós — Eu estava esperando você passar — ele disse. Pegando minha mão entre a sua, ele nos guiou através do Café lotado, onde eu vi uma mesa cheia de *revenants* no canto.

— Oi — Eu disse, me inclinando para distribuir beijos nas bochechas de Ambrose e Jules enquanto Vincent pegava duas cadeiras de uma mesa próxima e as colocava entre ele e Violette.

— Georgia, conheça Violette e Arthur — Eu fiz um gesto na direção dos nossos recém-chegados — Esta é Georgia, minha irmã.

Arthur assentiu e ficou em pé formalmente, sentando-se de novo quando Georgia já tinha sentado.

— Deixe-me adivinhar — Georgia disse, boquiaberta apreciando seus galantes modos — Se não fosse por essa máscara divinamente bela, você provavelmente seria críptico. Vocês são, tipo... Pré-Napoleônico? Amigos do Luís XIV?

Violette engasgou e colocou uma mão protetoramente no ombro de Arthur. O choque dela estava escondido por sua expressão de espanto.

Ambrose quebrou o gelo — Continue voltando, Georgia. Você chegará lá em alguns séculos.

Georgia assobiou, impressionada — Parece que você tem que sair com os geriátricos para encontrar um verdadeiro cavalheiro atualmente. Prazer em conhecê-lo, Arthur.

A tez de marfim de Violette ficou roxa — Estou enganada ou todos os seres humanos de Paris conhecem a nossa identidade?

Vincent lançou seu sorriso charmoso para ela e disse — Georgia tem a distinção de ter descoberto sobre nós da pior maneira. Ela é aquela que fez amizade com Lucien.

Violette inalou bruscamente — Você é a humana que foi banida de entrar na casa.

— Sou eu mesma — Disse Georgia, estragando o comentário de Violette com uma risada — Mas, eu sempre achei que qualquer estabelecimento que não me recebesse de braços abertos não merecia realmente meu patrocínio.

Violette ficou parada olhando para ela, parecendo não entender uma palavra do que Georgia havia dito.

— Tradução... JB não me quer por perto e eu não o quero por perto. Eu tenho pessoas melhores para sair do que espertalhões e centenários paus no rabo da família real — Georgia pronunciou aquilo de tal modo que as palavras não pareciam tão agressivas como de fato eram. Minha irmã — uma mestra da diplomacia. *Oh, Deus. Aqui vamos nós*. Eu coloquei minha mão no braço de Georgia, mas ela apenas a cobriu com sua própria mão e olhou desafiadoramente para a pequena *revenant*.

Quando o significado das palavras de Georgia finalmente foi compreendido, Violette se levantou abruptamente. Em uma voz baixa o suficiente para que apenas a nossa mesa pudesse escutar, ela balbuciou — Você sabe o que fazemos por você, sua humana insatisfeita?

Georgia olhou pensativamente para suas unhas — Hum, pelo que eu entendo, vocês saem por aí salvando a vida das pessoas a fim de prevenir que vocês fiquem ruins com um caso sobrenatural de *delirium tremens*.

Depois de um segundo, a mesa inteira explodiu em risadas. Violette pegou seu casaco de trás da cadeira e saiu do Café. Arthur, tentando sem sucesso sufocar seu espanto, levantou, nos deu um aceno e a seguiu para fora.

— *Touché*, Georgia — Jules murmurou apreciativamente — Violette pode suportar ser puxada para baixo, mas não espere ser BFF dela agora.

Georgia deu a ele um sorriso conspiratório — Sair com a aristocracia nunca foi o meu estilo.

— Então, o que você estão fazendo — Eu perguntei, esperando que mudar de assunto pudesse fechar a boca de Georgia. Eu teria que me desculpar assim que visse Violette de novo.

— Nós estávamos vendo Geneviève — Vincent disse, terminando seu copo de Coca-Cola — Ela está indo para o Sul para ficar com Charlotte e Charles. Ela disse que não podia suportar ficar naquela casa sem o Philippe.

Eu assenti, entendendo como ela se sentia. Eu mal podia esperar para sair da nossa casa do Brooklyn depois que mamãe e papai tinham morrido. Tudo o que eu olhava lembrava eles — era como viver em um mausoléu.

— Agora precisamos voltar ao trabalho, deixando Arthur e Violette a par dos acontecimentos em Paris... Pelo menos até você tê-los expulsado — Jules piscou

para Georgia quando ela sorriu timidamente e levantou a mão para atrair a atenção de um garçom.

Quando deixamos o Café meia hora depois, Vincent colocou o braço em volta do meu ombro — Venha com a gente — ele pediu — Nós teremos uma reunião já que ninguém está dormente hoje. Seria bom se você estivesse lá.

— Vejo você em casa — Georgia disse. Já que ela não era bem vinda à casa, ela estava claramente evitando constrangimentos de ele se sentir obrigado a estender o convite. Depois de beijar entusiasmadamente cada um dos garotos, ela foi até a casa de vovó e vovô.

Dez minutos depois, nós estávamos no grande salão, igual alguns meses atrás quando Jean-Baptiste estava distribuindo punições e recompensas depois da batalha com os *numa* e a morte de Lucien: exílio para Charles e Charlotte e aceitação dentro da casa para mim.

Os dois novos membros da tribo estavam sentados em um sofá de couro de frente para a lareira, as cabeças juntas enquanto eles sussurravam acaloradamente. Eles pareciam estar discutindo. Eu me encorajei e caminhei até eles.

— Violette? — Eu a chamei.

Ela olhou para cima me encarando, parecendo tão frágil quanto uma xícara de porcelana — Sim? — Ela respondeu, olhando em volta para apontar para Arthur como se o estivesse dispensando antes de virar de volta para mim. Ele ficou em pé e caminhou até Jean-Baptiste e Gaspard, que estavam estudando um mapa num canto.

— Eu só queria dizer que eu sinto muito por minha irmã tê-la ofendido. Ela pode ser daquele jeito algumas vezes, e eu não estou criando desculpas para ela, mas apenas queria que você soubesse que eu não me sinto da mesma forma que ela.

Violette pensou por um segundo, e depois solenemente assentiu com a cabeça — Eu não julgaria você pelas palavras de sua irmã — Ela levantou a mão para pegar a minha — Como é aquela frase que vocês usam em Inglês... "Paus e pedras"? Eu não guardo rancor — Ela disse em sua linguagem extravagante.

Eu respirando, suspirando de alívio — Posso me sentar aqui? — Perguntei, apontando para uma cadeira perto da dela.

Ela sorriu imparcialmente e disse — É claro!

— Então... — Eu tentei encontrar um tema para conversar — O que você e Arthur têm feito esta semana?

— Nós temos caminhado com os outros, principalmente Jean-Baptiste e Gaspard. Eles estão nos apresentando os territórios de Paris. Arthur e eu já estivemos aqui antes, mas as coisas mudaram no último século.

Conversa surreal, eu pensei pela milionésima vez. Pelo menos eu estava começando a ficar habituada a isso.

— É estranho ficar longe de sua casa — Eu perguntei.

— Sim. Nós temos vivido em Langeais por vários séculos, então é muito estranho ter uma mudança tão drástica na rotina. Mas, claramente, é por uma boa causa, ajudando Jean-Baptiste a subjugar os *numa*.

Ela se inclinou para mais perto e disse seriamente como se estivesse perguntando algo importante e confidencial — E você, Kate? Como é estar fora do mundo a que *você* estava acostumada, tendo se apaixonado por um imortal? Alguma vez você pensa que gostaria de voltar à sua vida normal de garota humana?

Eu balancei minha cabeça — Não. Aquela vida estava acabada para mim de qualquer forma. Pelo menos, era o que parecia. Meus pais morreram em torno de um ano atrás. Quando eu encontrei Vincent — Ou quando ele me encontrou? Eu pensei — Eu poderia ser considerada morta também.

— É uma escolha estranha para uma garota bonita e enérgica gastar seu tempo com um zumbi.

Ela realmente soava como uma mulher velha às vezes — Eu me sinto aceita aqui — Eu disse, simplesmente.

Levantando uma perfeita sobrancelha, ela assentiu e depois pegou minha mão e a apertou, o que pareceu um gesto de solidariedade. De mulher para mulher em uma casa cheia de homens.

— Estão todos aqui? — Jean-Baptiste caminhou para o lugar de autoridade em frente ao fogo e olhou ao redor da sala — Bom — Ele disse.

Eu senti alguém tocando meu ombro e olhei para cima, para ver Vincent parado atrás de minha cadeira. Ele me deu uma sexy piscadela e depois fixou a atenção no velho homem.

— Todos nós sabemos sobre a queda das atividades dos *numa* desde a morte de Lucien. É como se eles tivessem desaparecido. Mas por quê? O que eles estariam esperando?

— Posso? — Gaspard perguntou, levantando um dedo trêmulo e nos encarando — Eles sempre foram indisciplinados no passado. Mesmo que Lucien fosse seu líder, ele parecia nunca podia impedi-los de agir individualmente em algumas ocasiões. Mas, como mencionamos, julgando por seu comportamento recente, suspeitamos que eles tenham um novo líder; um líder que está, aliás, capacitado para mantê-los sobre controle. E Violette confirmou essa suspeita — Ele balançou a mão em direção à *revenant* que estava ao meu lado, como se estivesse entregando-lhe o microfone.

— Eu não posso dizer que isso está exatamente confirmado — Violette disse — Mas existem rumores. Minhas fontes mencionaram um numa no exterior, da América, mais especificamente, que começou a se posicionar como um líder internacional.

Houve exclamações de surpresa ao redor da sala. Ambrose falou — Eu nunca ouvi nada assim. Eu quero dizer, nós temos nosso Conselho internacional, mas os *numa*? Eu não posso nem imaginar isso. Não está na natureza deles trabalhar em equipe.

Violette assentiu — Eu concordo que, se isso for verdade, nunca aconteceu antes. Mas, pelo que eu ouvi, o *numa* em questão era um homem de grande poder durante a vida. As pessoas confiavam a ele suas fortunas, e ele traiu todas elas, levando muitas à ruína e várias ao suicídio.

— Como ele morreu? — Eu perguntei.

— Foi morto na prisão — Ela replicou simplesmente.

— Então o que isso significa pra nós? — Perguntou Jules. Pela primeira vez, sua expressão estava séria.

Jean-Baptiste subiu ao pódio imaginário — Violette tem suas fontes, e nós esperamos que eles continuem a nos passar informações. Mas nós podemos começar contatando nossa tribo em todo o lugar para ver se eles ouviram mais alguma coisa sobre o assunto.

— Neste meio tempo, nós temos que fortalecer nossas defesas. Intensificar nossa vigilância. E, como eu discuti como alguns de vocês, estou levantando a proibição da ofensiva — Eu senti o corpo de Vincent ficar tenso atrás de mim, quando os olhos de Jean-Baptiste esvoaçaram para ele. O *revenant* mais velho parou no meio da frase, olhando para a sala mergulhada em um silêncio desconfortável.

— Posso interromper neste ponto? — Uma voz melódica veio do outro lado da sala. Todos olharam para sua fonte. Era a primeira vez que eu ouvia Arthur falar: ele estava constantemente pensando em algum canto, rabiscando em um caderno. Todos os outros pareceram tão surpresos quanto eu por explosão não característica.

Arthur lançou um olhar para Violette, que apertou sua mandíbula e olhou para ele. *Tudo bem*, eu pensei, *isso deve ter alguma coisa a ver com a briga que eu interrompi*.

— Talvez eu esteja falando o óbvio, mas estamos discutindo informações de estratégia na presença de alguém que não é da nossa espécie.

O quê? O sangue drenou de minha face enquanto eu senti que todos lançavam olhares em minha direção. Eu olhei para Arthur, mas ele evitou os meus olhos, alisando uma mecha loira atrás da orelha, como se precisasse fazer alguma coisa com as mãos.

As mãos de Vincent prenderam meus ombros como tornos de aço. Eu olhei para cima para ver que seu rosto tinha se tornado duro, e eu tive a intuição de que, se os poderes dos *revenants* incluíssem lançar chamas por seus olhos, Arthur seria um churrasco de *revenant*.

Todos estavam em silêncio, esperando. Arthur limpou a garganta e olhou de volta para Violette. Seus dedos finos cerrados no braço do sofá, suas unhas se enterrando no couro.

— Mesmo que eu saiba que os humanos têm interagido conosco ao longo da história, com exceção de alguns casos, como o casamento de Geneviève, interações sérias com humanos sempre foram em nível de empregador e empregado. Eu entendo que esta humana prestou um serviço matando seu inimigo. Mas eu tenho

que questionar a sua presença em uma reunião tática que envolve proteção e sobrevivência para todos nós.

Ele poderia ter me esbofeteado no rosto. As lágrimas vieram sem ser convidadas aos meus olhos, e eu as limpei com raiva. Em um segundo, Jules e Ambrose estavam em pé, encarando Arthur como se estivessem em um tipo de briga de gangue. Vincent me puxou para trás, em direção a ele como se pudesse me proteger fisicamente das palavras de Arthur.

Arthur levantou suas mãos num gesto de inocência — Espere, tribo. Por favor, me escutem. Eu não conheço Kate tão bem quanto vocês, mais eu a vi o suficiente para saber que ela é uma humana boa e confiável — Ele finalmente se atreveu a encontrar os meus olhos, e sua expressão era de desculpas. Eu não me importava. Desculpas não aceitas — Eu não estou sugerindo que ela não é bem vinda entre nós — Ele continuou — Apenas que ela não deveria estar envolvida nesta reunião. Pela sua própria segurança, assim como pela nossa.

Houve uma cacofonia de vozes enquanto todo o mundo começava a falar — ou melhor, a gritar — ao mesmo tempo.

Jean-Baptiste levantou a mão e gritou — Silêncio! — Ele olhou para cada pessoa na sala por um segundo, como se estivesse medindo seus sentimentos em relação ao assunto, terminando sua inquisição silenciosa em mim — Kate, minha querida — Ele disse de seu jeito nobre e monótono, o que fez o "querida" soar qualquer coisa menos isso — Perdoe-me por pedir para que você deixe esta reunião.

Vincent começou a falar, mas Jean-Baptiste levantou a mão para silenciá-lo — Apenas esta, até que nós possamos tratar deste assunto com nossos recém-chegados. Eu quero que todos se sintam confortáveis com esta situação, e Arthur e Violette ainda não tiveram tempo de se familiarizar com sua presença aqui. Você poderia me fazer um grande favor de nos dar licença apenas nesta ocasião?

Eu lancei a Arthur o olhar mais malvado que eu pude, sabendo que deveria ter falhado completamente: meus olhos estavam vermelhos das sufocadas lágrimas de humilhação. Os olhos dele estavam vazios, mas ele sustentou meu olhar até que eu quebrei a conexão. Levantando o meu queixo, juntei todos os fragmentos do meu orgulho esfarrapado enquanto ficava de pé.

— Eu a levarei para o meu quarto — Vincent sussurrou, colocando uma mão no meu braço.

— Não, eu estou bem — Eu disse, me afastando dele — Vou esperar por você lá — Incapaz de olhar para os outros, eu deixei o salão.

Em vez de ir para o quarto de Vincent, eu fui para a cozinha, esperando entrar conforto da única outra humana da casa. Eu me empurrei pela porta e entrei na cozinha, onde Jeanne se movimentava com bandejas de comida. Ela colocou a chaleira no fogo assim que me viu e se aproximou para me dar dois enérgicos beijos na bochecha.

— Kate, querida, como você está, meu pequeno repolho? — Ela me segurou e olhou para minha face e meus olhos vermelhos — Minha querida! Qual é o problema?

— Eu apenas fui chutada para fora de uma reunião por ser humana.

— O quê? Mas, eu não entendo. Estou muito surpresa por Jean-Baptiste ter tomado esta posição depois de tudo o que aconteceu.

— Não foi Jean-Baptiste. Foi Arthur — Eu disse, sentando-me à mesa. Aceitando a oferta de Kleenex da Jeanne, eu enxuguei os cantos dos meus olhos — Ele disse que eu poderia colocar em risco a segurança da casa.

— Eu não o imagino dizendo algo como isso — Jeanne disse incerta, sentando-se à minha frente e me empurrando em minha direção um prato feito em casa de madalenas com cheiro de mel. Ela pensou por um momento e depois pareceu ceder — Arthur e Violette são... Como você diria... "Old School", talvez? Eles são da nobreza. E da mesma forma como uma vez eles olharam para os camponeses, eles olham agora para os seres humanos. Isso não significa que não sejam boas pessoas. Significa apenas que eles são... Esnobes.

Eu ri, ouvindo Jeanne usar o termo depreciativo. Ela era sempre tão positiva sobre tudo e todos... Para ela chamar Violette e Arthur de esnobes deveria significar que eles eram furiosos imortais intolerantes.

— Eles estão aqui para fazer um bom trabalho, Kate. Mesmo que eles não sejam as pessoas mais agradáveis, eles sabem muitas coisas e estão por aí há mais tempo que qualquer um. E vendo sua preferência por isolamento, eu duvido que eles fiquem por muito tempo. Antes que você perceba, as coisas voltarão ao normal.

Eu assenti, mastigando um biscoito, e tentei racionalizar que meu orgulho não deveria ficar no caminho da segurança do grupo. Não é como se eu merecesse ser incluída em suas mais secretas discussões. Eu não era uma *revenant*. Eu era uma exceção à regra. Quem eu queria enganar? Eu não pertencia a eles.

Eu pude sentir meu humor ficando mais escuro a cada segundo — Estou indo — Eu disse, jogando meus braços em volta do pescoço de Jeanne — Obrigada. É bom conversar com alguém que me entende. Algumas vezes eu me sinto como se estivesse vivendo em um universo alternativo quando estou aqui.

— Bem, você basicamente está, *chérie* — Jeanne disse enquanto me deixava ir e amarrava seu avental — Não vai ficar para o jantar?

— Não. Por favor, diga a Vincent que eu fui para casa, e que ele pode me ligar mais tarde — Eu disse. Ela me lançou um olhar de compreensão e jogou um beijo do lugar onde estava, em frente ao fogão, enquanto eu saía.

Eu vaguei pela casa e pela porta da frente para o pátio. Passando pela fonte do anjo, eu entrei nela e fiz meu caminho cruzando a depressão vazia até a estátua. Anjo. Humana. Duas entidades separadas esculpidas em um bloco de mármore. Eu corri meus dedos pelo braço do anjo. Estava frio da mesma forma que Vincent quando ele estava morto.

Capítulo 10

A campainha tocou assim que sentei em minha cama. Alguns segundos depois, uma batida soou na porta de meu quarto.

— Katya, querida. É o Vincent. Ele está subindo.

— Obrigada, vovó — Eu disse, abrindo a porta. Minha avó estava parada diante de mim, vestida em uma roupa para sair com seu salto de três centímetros e o vestido que ficava um pouco abaixo dos joelhos. Ela não tem um grama de gordura em seu corpo e sua escolha de moda corajosamente exibia as melhores pernas que eu já tinha visto em uma idosa.

— Qual é o problema? — Ela perguntou, sondando minha expressão.

— Oh, nada — Eu disse automaticamente e, depois, vendo que ela não iria se mover até que eu respondesse, eu perguntei — Vovó, já passou por uma situação em que você foi colocada propositalmente como um intruso? Como se você não pertencesse àquele local?

Ela cruzou os braços na cintura e olhou para o teto — A família de seu avô me fez sentir assim no começo. Era um caso do dinheiro antigo de seus pais contra o dinheiro novo de minha família, e eles me fizeram senti como uma arrivista.

— Mas isso mudou?

— Sim. Quando eles viram que eu não ligava para o que pensavam sobre mim. Eu acho que esta foi uma razão por seu avô ter se apaixonado por mim. Eu fui a única mulher que teve a coragem de enfrentar a mãe dele.

Eu não pude evitar o sorriso.

Vovó pegou minha mãe. Seu perfume de gardênia não tinha mudado desde que eu era uma garotinha, e a fragrância me fazia sentir em casa. Ela tinha em conhecido durante a minha vida toda. Ela estava lá no hospital quando eu nasci.

E nem assim eu posso dizer a ela o que realmente está me incomodando, eu pensei. Eu confiava em vovó com toda a minha vida, mas não podia imaginar como ela reagiria se eu dissesse a ela o que Vincent era. Isso se ela acreditasse em mim e não me levasse para um psiquiatra. Sua intenção era me proteger, e eu imaginava que a função de proteger sua neta não envolveria deixá-la namorar um revenant.

— Esta transição deve ser difícil pra você — Eu ouvi vovó dizendo. Eu retomei o foco em sua face preocupada — A mudança do Brooklyn para Paris. O começo de uma nova escola. A conquista de novos amigos. Provavelmente parece que você está vivendo em um mundo totalmente novo. Talvez um mundo aterrorizante.

Enquanto eu a deixei me abraçar apertado, eu pensei, *Oh, vovó, você não tem ideia*.

Vincent estava esperando no corredor quando eu abri a porta. Sua expressão alarmada diminuiu quando ele viu que eu não estava visivelmente chateada —

Kate, eu sinto muito — Ele disse, me abraçando. Eu fechei os olhos e me deixei ser envolvida no abraço por alguns segundos antes de puxá-lo para o apartamento.

— Olá, Vincent, querido — Vovó disse, andando atrás de nós e ficando nas pontas dos pés para dar-lhe os habituais beijos nas bochechas — Como você tem passado — Ela perguntou.

Meus avós amavam Vincent, o que definitivamente tornava minha vida mais fácil. Enquanto eles sempre questionavam Georgia sobre seu paradeiro, tudo o que eu tinha que fazer era dizer que estava saindo com Vincent e não havia mais perguntas a serem feitas. Outra boa razão para não virar o barco.

— Eu vou deixar vocês dois sozinhos — Ela disse depois de terem nos acompanhado em direção à sala de estar, fechando a porta atrás de nós. A sala estava coberta de antiguidades, artefatos, e pinturas, e cheirava como um misto entre uma biblioteca e uma tenda beduína.

Eu me senti no sofá perto do vaso de flores cortadas, uma das muitas que vovó espalhava pelos cômodos, permitindo que você caminhasse em uma nuvem de frésia ou lavanda ou alguma outra coisa deliciosa, antes de sentir o odor de coisas antigas. Vincent se posicionou numa poltrona em frente a mim.

— Eu não posso me desculpar o suficiente pelo que aconteceu lá — Ele disse — Você sabe que ninguém mais concorda com Arthur.

— Eu sei — Eu disse, mesmo que eu estivesse certa de que Jean-Baptiste não estivesse pulando de alegria quando ele oficialmente me disse que eu era bem vinda à casa. Mas desde aquele dia, ele não tinha sido nada além de cortês.

— Eu apenas não consigo acreditar — Vincent disse, parecendo entediado — Arthur é um cara tão legal... Eu quero dizer, mesmo que ele e Violette ajam como se fossem presentes de Deus para os revenants às vezes, ele nunca foi intencionalmente arrogante ou mesquinho.

— Talvez ele estivesse apenas sendo honesto — Eu disse — Talvez ele realmente pense que é perigoso que eu escute seus planos.

— Bem, ele poderia ter mencionado isso antes, em vez de falar sobre isso na frente de todos — Ele levantou a mão para tocar minha bochecha, e eu a prendi e puxei para meus lábios antes de soltá-la para o meu colo.

— Eu estou bem, realmente — Eu disse, mesmo que a humilhação ainda parecesse fria na boca de meu estômago — O que acontece entre Arthur e Violette, aliás? Eles pareciam estar brigando como um casal velho, mas eu nunca os vi se tocando. Eles estão juntos?

Vincent riu, e se levantou para tocar em uma das figuras antigas de vovô que estava acima da lareira — Eles não estão juntos, no sentido de dormirem juntos — Ele levantou uma sobrancelha — Mas você meio que pegou as coisas certas quando disse “velho casal”. Arthur se considera o protetor de Violette. Eles são do tempo em que as mulheres precisavam receber proteção, é claro — Ele adicionou, rindo.

— Arthur era conselheiro do pai de Violette, e os dois morreram no mesmo atentado de sequestro. Então eu acho que é natural que eles tenham ficado juntos

por todo este tempo, mas eu sei que "amor" não é a natureza de sua relação. Codependência, talvez, mas não amor.

— Como você sabe disso? — Eu perguntei, intrigada pelo olhar acanhado em sua face.

— Oh, Violette e eu temos um pouco de história. Eu a encontrei algumas vezes ao longo dos anos. Quando Jean-Baptiste encontrava um texto novo que ele achasse particularmente importante, ele me pedia para levá-lo para inspeção. Ela não foi exatamente tímida ao confessar seus sentimentos por mim.

Eu ofeguei — Violette estava apaixonada por você?

— Paixão é uma palavra forte. Mas sim, ela disse que estava interessada. Não era recíproco. Mas — ele olhou fugazmente para mim, e depois de volta para a figura — Eu estava disposto a tentar. Eu pensei que pudesse ser minha única chance de encontrar alguém.

Eu percebi que estava boquiaberta — Mas Vincent, ela tem apenas catorze anos. Isso é um pouco... Pervertido.

— Ela estava na casa dos vinte na época — Vincent disse, pressionando os lábios juntos para sufocar um sorriso.

— Oh, sim. Certo — Eu disse, tentando processar aquela estranha informação.

— Nada aconteceu — Ele assegurou — Na realidade. Mas eu acho que Violette se sentiu como se eu pudesse estar aberto a isso, o que provavelmente a encorajou. Nós saímos algumas vezes, mas assim que eu percebi que não poderia me obrigar a sentir alguma coisa que não existia, eu terminei. Eu não a tinha visto desde então, o que faz provavelmente quarenta anos. Eu pedi para que JB mandasse outro emissário para os recados.

— Ela deve se ressentir comigo por estar com você, então — Eu me lembrei da escorregada de Violette no funeral de Philippe, sobre os revenants que ficavam com humanos, e pensei se ela não poderia ter dito aquilo de propósito. Um pequeno soco na humana que tinha tido sucesso no que ela não conseguira: capturar o coração de Vincent.

— Na verdade, ela falou para mim sobre você — Vincent disse — Ela foi bem cortês quanto a isso e me parabenizou por ter encontrado uma garota jovem tão encantadora — Sua imitação da voz dela e de seu sotaque antigo fez com que nós dois ríssemos — Não, de verdade, ela parece realmente gostar de você.

— Então, é apenas o Arthur sendo um babaca? — Eu me aventurei.

— É o que parece — Ele disse — Mesmo que isso seja tão atípico dele. Ele se retirou logo após a reunião, obviamente para me evitar. Violette me pediu para perdoá-lo. Ela disse que tinha o aconselhado a não dizer aquilo, mas que ele se sentia obrigado. Ela iria falar com ele mais tarde.

— Isso foi legal da parte dela — Eu disse, sentindo-me grata pela estranha garota — Já passou, de qualquer forma. Eu só quero esquecer sobre isso agora.

Enquanto eu mentalmente virava a página da minha humilhação da tarde, algo me ocorreu — Vincent, eu encontrei uma coisa sobre os *revenants* na biblioteca do meu avô na noite passada.

— Sério — Era raro eu conseguir surpreender Vincent da mesma forma que ele me surpreendia, mas agora ele parecia como se eu tivesse o empurrado com apenas um dedo — Posso ver?

Eu o levei para o escritório, espiando primeiro para ter certeza de que vovô não estava lá. Checando o relógio na escrivaninha, eu percebi que ele não fecharia a galeria antes de meia hora. Estávamos seguros.

Eu peguei o livro das bestas de sua caixa protetora, colocando-o na escrivaninha, virei até a página dos *revenant*. As sobrancelhas de Vincent se elevaram quando ele viu as ilustrações — Uau, isso é muito raro, Kate. Não há quase nada sobre *revenants* que ainda esteja nas coleções de livros dos humanos.

— Por que não?

Ele continuou olhando para o livro enquanto falava — Vendedores como o seu avô sabem que se encontrarem alguma coisa, podem vender por uma fortuna para um grupo de compradores anônimos. Estes colecionadores abocanham qualquer coisa que tenha relação com os *revenants* antes que isso chegue ao mercado — Vincent olhou para mim — JB é um deles. Ele tem montes destes manuscritos em sua biblioteca. Eu duvido que Gaspard tenha trabalhado em metade deles até agora.

— Sim, bem, vovô deve realmente achar que isto é um tesouro — Eu disse, pensando no motivo de ele postergar uma venda apenas para manter o livro na biblioteca. Talvez ele não tivesse visto a página dos *revenants* e não soubesse do seu valor.

A atenção de Vincent estava de volta ao livro e ele mexia a boca enquanto lia as palavras para si mesmo, acompanhando as linhas com os dedos — Você sabe Latim? — Eu perguntei.

Ele sorriu — Sim, costumava ser obrigatório nas escolas antes das pessoas decidirem que línguas mortas não serviam para nada. Quer saber o que diz?

— Na realidade, eu tentei decodificar isso na noite passada — Eu admiti.

— É claro que tentou — Vincent disse, seus olhos brilhando com divertimento — Eu não poderia imaginar você renegando este tipo de desafio — Ele olhou para baixo para o livro e, enquanto lia o artigo em voz alta em inglês, eu estava feliz por saber que eu tinha pego a essência de tudo sozinha. Quando ele acabou, eu não disse nada sobre o fato de ele ter propositalmente pulado as duas últimas linhas. Se eu estivesse em seu lugar, eu não iria querer que ele pensasse que estava amaldiçoado por ficar comigo.

— Então, qual é o problema com o termo "*bardia*" — Eu perguntei — Se isso é o que vocês são, por que se chamam de *revenants*?

— Boa pergunta — Respondeu Vincent — Eu acho que é apenas um tipo de coisa que saiu de moda — Ele refletiu sobre isso por um segundo — Na verdade, é provavelmente uma coisa de superioridade, nós achamos que somos os verdadeiros *revenants*, enquanto os *numa* são mais como "*deviants*". Você pode perguntar a Gaspard sobre isso, mas eu acho que "*bardia*" é baseado em uma palavra que significa "guardar", então esse seria um termo mais exato para nós. É

usado em nossos documentos oficiais. Mas diga "*bardia*" para Ambrose ou Jules e eles vão olhar para você de um jeito engraçado — Ele folheou as páginas do livro mais uma vez antes de colocá-lo de volta na caixa e devolvê-la cuidadosamente no seu nicho na estante.

— Vincent? Quando Jean-Baptiste estava falando conosco hoje, ele disse alguma coisa sobre evitar a ofensiva. E eu senti que tinha alguma coisa que você não queria que ele dissesse. É como se tivesse aquela coisa estranha em que vocês dois se encaravam antes de Arthur cortar essa conexão, me tirando da reunião. Sobre o que era aquilo?

Uma expressão estranha passou pelo rosto de Vincent. Puxando-me para ficar em pé, ele disse — Isso não importa. E se um dia importar, eu direi a você sobre isso. Mas por enquanto, vamos falar sobre algo mais interessante.

— Como o quê? — Eu perguntei.

— Como para onde eu vou levá-la para jantar esta noite — Vincent disse, e, agarrando-me levemente pelos quadris, me puxou para si e curvou-se para me beijar. Qualquer dúvida que eu tinha se derreteu da mesma forma que flocos de neve numa fogueira.

Capítulo 11

Eu acordei na manhã seguinte com uma mistura de excitação e pavor. Eu tinha treino de luta com Gaspard e Vincent hoje, e mesmo que eu amasse realmente a luta, eu ainda me sentia muito abaixo dos dois com minhas habilidades. Minha primeira aula, há menos de um mês, tinha sido um desastre. Nós nos concentramos na espada, o que parecia fácil o bastante enquanto estávamos fazendo tudo em câmera lenta, mas quando Gaspard acelerou as coisas um pouco, eu era inútil.

Lutar parecia como dançar para mim, e como eu não tinha muito ritmo natural, eu sempre me senti um pouco estúpida na pista de dança. Isso definitivamente acontecia em minhas aulas. Minha autoconsciência me tornava desajeitava e eu tinha tanto medo de parecer uma fraca e indefesa novata, que eu havia me tornado o que mais temia.

Mesmo assim, na quarta aula eu me encontrei absorta nos movimentos. Era como minhas sessões de auto-hipnotismo nos museus ou no rio — eu me colocava para fora de mim, e os movimentos de repente pareciam vir por si mesmos. Era um tipo de fenômeno de yin-yang, onde meu subconsciente assumia e o meu cérebro se desligava. Assim que eu parava de pensar no que estava fazendo, tudo funcionava.

Os momentos embaraçosos estavam se tornando cada vez menores, e com o tempo era necessário apenas alguns passos para frente e para trás antes de o interruptor desligar e eu ficar no piloto automático.

Hoje será um dia de piloto automático, eu assegurei a mim mesma enquanto colocava jeans e um suéter e me encaminhava até a mesa para o café da manhã. Vovô já estava sentado lá, vestido para o trabalho e lendo seu jornal matinal — Em pé tão cedo? — Ele perguntou, abaixando o jornal para encontrar os meus olhos.

— Exatamente por que o meu professor insiste em aulas às nove da manhã aos Sábados, eu realmente não entendo. Mas eu acho melhor não deixá-lo esperando — Eu disse, me servindo de um pouco de suco de toranja e pegando um croissant do balcão.

Quando eu disse (hesitantemente) para vovó e vovô que Vincent tinha me presenteado com aulas de esgrima no meu aniversário, eles ficaram encantados — para o meu assombro. Eu não fazia ideia do quão popular o esporte era na França, ou que ele tinha conotações aristocráticas. Meus avós não eram pretensiosos, mas como trabalhavam no mundo da arte e das antiguidades, eles apreciavam qualquer coisa fundamentada na história. E o que era mais histórico que esgrima?

Vovô saiu e comprou minha própria roupa e espada. Eu não tinha explicado para ele que a academia da casa de Vincent era fortemente armazenada com armamentos, ou que aquela categoria era apenas um componente de meu

treinamento. Ele teria que comprar um machado de batalha, um bordão e meia dúzia de outras armas para se adequar ao regime de treinamento de Gaspard.

Meu avô gesticulou em direção a um vaso de flores no aparador do hall de entrada — Eu os encontrei no vestíbulo quando peguei meu jornal esta manhã — Um ramo de flores de cores vivas estava colocado em um pequeno vaso redondo com um pacote embrulhado para presente ao lado dele. Eu o abri e encontrei um livro intitulado *Le Langage des Fleurs*. "*A linguagem das flores*", eu suspirei comigo mesma, abrindo-o, e vi uma inscrição na primeira página.

Para Kate. Você já é fluente em duas línguas. Achei que uma terceira não iria machucá-la. Sua lição de casa acompanha este livro. Com afeição, Violette de Montauban.

Olhando para o pequeno buquê, eu folheei as páginas para encontrar rosas amarelas e jacintos roxos e, sorrindo, empurrei o livro em minha bolsa e gritei "*Au revoir*" para o vovô.

Quando saí pela porta, olhei em volta procurando por Vincent, meu coração batendo um pouco mais rápido com a expectativa de vê-lo esperando por mim, inclinando-se contra a cerca como ele geralmente fazia. Foi este o motivo que fez meu coração se apertou quando vi Jules lá ao invés dele. Eu rapidamente disfarcei meu olhar de decepção em um cuidadoso sorriso, mas ele notou de qualquer forma.

— É uma pena que eu não seja seu namorado. E eu digo isso em todos os sentidos — Ele disse com um sorriso divertido enquanto se inclinava para frente para me beijar na bochecha.

— Onde está Vincent? — Eu perguntei, pegando o braço que ele me oferecia enquanto caminhávamos em direção à sua casa.

— Ele está fora fazendo alguma coisa para Jean-Baptiste — Jules disse, olhando para baixo na calçada, como se tivesse medo que eu lesse sua mente.

O que mandou sinos de aviso para minha cabeça.

Eu pensei de novo no estranho olhar entre Vincent e JB na reunião da noite passada, e então na evasiva de Vincent quando eu perguntei sobre o que tinha sido aquilo. Havia definitivamente alguma coisa acontecendo que eles não queriam que eu soubesse.

— E ele não achou que eu poderia encontrar o caminho até sua casa? — Eu perguntei, fingindo indiferença.

— Sim, bem... Vincent tem estado um pouco nervoso ultimamente. Em relação à sua vulnerabilidade humana. Com os *numa* podendo atacar a qualquer momento, ele meio que está assustado.

— Você acha que ele está exagerando? Sobre a minha vulnerabilidade, quero dizer — Eu perguntei, olhando de lado para ele. Tudo bem, eu estava trapaceando. Mas, eu esperava descobrir algumas informações flertando com Jules.

— Kate, você é demais. Mas ainda é feita de carne e sangue. Carne não reanimável, quero dizer. Então eu tenho que dizer que eu entendo o Vincent.

Eu assenti, desejando com todas as minhas forças que eu fosse tão indestrutível quanto eles. Se eu fosse Charlotte. Ou Violette, pelo amor de Deus: catorze anos, e todos a tratavam como se ela fosse feita de aço. *Repeito*, eu refleti. *É difícil exigir repeito quando algo tão pequeno quanto uma bala pudesse acabar com a minha vida. Permanentemente*.

— Então eu vou ter escolta para ir e voltar da escola? — Eu perguntei, pensando no quão longe Vincent poderia ir com sua paranoia.

— *Non* — Jules riu — É que Violette recebeu uma nota ontem dizendo que os numa estavam se movimentando. Ela está preocupada que eles possam estar monitorando a casa. É apenas pelo fato de que você está indo para nossa casa que Vincent pensou que você precisaria de escola. Não se preocupe: depois desta manhã, você poderá defender a si mesma — E ele deu um soquinho em meu braço. Eu bati nele de volta... Forte — Droga, garota, você me deu um soco muito forte — Ele me provocou, o que desencadeou uma briga simulada que durou o resto do percurso para La Maison.

Gaspard estava esperando por mim na sala de ginástica, fazendo alguns exercícios de alongamento que pareciam com tai-chi. Ele terminou o movimento, me deu um leve arco e, em seguida, começou a conversar com Jules, enquanto eu fui colocar minha roupa acolchoada de luta. Era feita de um tipo de fibra cinza Kevlar, que me protegia das lâminas mais extremas do arsenal dos *revenants*. Eu me senti um pouco culpada pelo caro, clássico e branco traje de esgrima que vovô tinha comprado para mim, e que permanecia intocado no armário de armamentos. Mas esta roupa com tecnologia avançada, apesar de me fazer parecer horrivelmente como Kate Beckinsale em *Underworld*, me protegia de ser atingida por golpes e cortes que não incomodavam os *revenants*.

Jules assobiou apreciativamente enquanto eu caminhava até eles e pegava a espada que Gaspard segurava em minha direção — Kate, você está positivamente... Letal — Ele murmurou.

— Eu vou tomar isso como um elogio — Eu sorri, sabendo que o traje enfatizava meus pontos fortes. Pena que eu nunca o utilizava fora das aulas. *Terei que ser uma escrava vampira no Halloween*, eu pensei.

— Por mais que eu adorasse a ideia de ficar e ver você em ação — Jules disse, rindo — Preciso correr. Voltarei em uma hora para te buscar — E ele se movimentou para as escadas, fechando a porta atrás dele.

Eu deveria ter me deslocado para as escadas logo depois dele. Porque a próxima meia hora foi inquestionavelmente meu pior dia de treino. Eu não estava apenas distraída por pensamentos de que Vincent poderia estar fazendo, mas eu estava acostumada a treinar com ele e com Gaspard. Sem Vincent aqui, pronto para

aproveitar cada minuto que pudesse para me deixar recuperar o fôlego, eu finalmente tive que dar um sinal para Gaspard para parar — Preciso de um tempo — Eu disse, sem fôlego, enquanto ele abaixava a espada.

Eu cambaleei até a borda da sala e deslizei pela parede, colocando minha cabeça entre os joelhos enquanto tentava retomar meu fôlego. Quando olhei para cima, Gaspard estava parado ante mim, segurando uma garrafa de água.

— Obrigada — Eu disse — É muito mais difícil quando Vincent não está aqui para me dar uma folga.

— Isso é tudo, querida? Você parece um pouco... Distraída hoje.

Eu olhei para o *revenant* mais velho, pensando que seria difícil para ele mentir pra mim de forma abrupta — Na verdade, eu estava pensando o que o Vincent está fazendo esta manhã. Jules parece não saber. Você sabe? — Eu perguntei o mais inocentemente possível, sentindo-me um pouco culpada pela curiosidade.

Gaspard me olhou cautelosamente — Eu realmente não posso dizer — Ele respondeu em seu estilo formal do século XIX.

Não pode ou não vai? Eu pensei. *Gaspard e Jules sabem de alguma coisa que eu não sei. E Vincent disse que isso não é importante o bastante para conversarmos*. Eu suspeitei que Vincent estava tentando me proteger. Para me resguardar de uma situação que ele não queria que eu soubesse. Eu poderia apenas imaginar que era algo que eu não iria gostar ou não haveria motivo para esse subterfúgio. Eu *confio nele*, eu pensei. *Então por que este único caso de segredo me faz querer gritar?*

— Tudo bem, estou pronta — Eu disse, afastando-me da parede. Gaspard tirou o cabelo da face e reajustou seu curto rabo de cavalo antes de se arrumar na posição de luta. Eu peguei minha espada e, com minha energia de frustração recém-adquirida, comecei a golpeá-lo como se ele fosse Lucien ressuscitado.

— Agora isso está melhor! — Meu instrutor exclamou com um sorriso.

Nós lutamos por outra meia hora, até eu me afastar da luta e pendurar minha espada na parede. Eu segurei minhas mãos e ofeguei — Chega para mim!

O som de aplausos veio das escadas — Brava! — disse Violette. Ela estava sentada nos degraus em uma posição confortável que deixou claro que ela estava lá há bastante tempo — Você é realmente muito boa, Kate!

Eu sorri e, pegando uma toalha que Gaspard jogou para mim, enxuguei o suor da minha face — Obrigada, Violette. Mesmo que eu tenha um sentimento de que com seus séculos de experiência, você só esteja dizendo isso para ser legal.

Ela sorriu timidamente, como se eu a tivesse descoberto, e disse — Não totalmente. Pelo pouco tempo de treino que você teve, parece que você tem um talento natural.

— Exatamente o meu ponto de vista — Gaspard confirmou — Então, Violette, você precisa de mim para alguma coisa? — Ele perguntou.

— Não. Jules queria ir para o estúdio, então eu disse a ele que caminharia com Kate até a casa dela e o mandei embora — Ela disse — Faça tudo ao seu tempo, Kate.

— Obrigada — Eu disse, tirando a parte de cima de minha roupa de luta e expondo minha camiseta "I Heart New York". Eu tinha suado muito e o tecido pesado estava começando a me fazer sentir claustrofóbica. — E muito obrigada pelo livro e pelas flores.

— Arthur se comportou tão mal ontem, eu senti que deveria reparar tudo. Você entendeu a mensagem?

— Sim — Eu disse, tirando as calças e ajustando o shorts cinza de ginástica que eu estava usando por baixo — Jacintos roxos dizem "sinto muito" e rosas amarelas significam "amizade".

— Muito bem — ela disse, encantadas — Os jacintos foram enviados na esperança de que você perdoe a insensibilidade de Arthur, e as rosas representam o meu desejo de que possamos ser amigas.

Mesmo que eu não quisesse parecer ansiosa demais, eu não consegui evitar que um sorriso se espalhasse pelo meu rosto. Charlotte tinha partido há menos de uma semana, e eu já estava sofrendo com a distância de uma amiga. Eu tinha Georgia, é claro. Mas ela era tão ocupada com sua própria vida social que isso me deixava com muito tempo livre, que Vincent geralmente não se importava de preencher. Mas agora que ele estava fora fazendo o que quer que fosse... — Hey, em vez de caminharmos para casa, você quer tomar o almoço comigo depois que eu tomar banho? — Eu perguntei.

— Sim! — Ela exclamou brilhantemente — *Tomar* o almoço — Ela vacilou pelo moderno coloquialismo — seria adorável. Esperarei por você lá em cima.

Eu praticamente pulei para o chuveiro, onde eu me lavei rapidamente e me vesti — Obrigada, Gaspard! — Eu gritei enquanto corria pela escada até o andar superior.

— O prazer foi meu — Ele disse, sorrindo levemente enquanto fazia um rígido arco, e se afastava para limpar as várias armas que ele tinha tirado da parede.

Antes que eu pudesse chegar ao meio do corredor, Arthur apareceu, sua face enterrada em um livro enquanto ele saía por uma porta — Vi — ele chamou, e depois olhou para o lado e me viu. Sua face foi de normal para apavorada em uma fração de segundo, e sua testa se franziu em dezenas de linhas.

— Sim, querido. Você estava me chamando? — Violette deslizou para o lado de Arthur, sorrindo como se nada estranho tivesse acontecido entre nós e todos estivéssemos lá para uma agradável conversa.

— Eu encontrei uma coisa Heidegger que pode interessar a você — Ele disse em um tom monótono, lançando olhares entre mim e Violette.

— Kate e eu vamos sair para almoçar. Você terá que me mostrar isso depois — ela disse, pegando meu braço e olhando para ele, como se estivesse o estimulando a dizer alguma coisa.

Ela quer que ele se desculpe, eu pensei.

Arthur deu a Violette um olhar que não poderia ser traduzido como nada além de um brilho intenso.

— Vamos, Kate. Nós devemos ir — Violette disse. Eu saí da sala de braços dados com minha defensora, mas não pude deixar de olhar para trás para Arthur. Ele estava parado imóvel no corredor, carrancudo.

— Não ligue para ele — Violette sussurrou — Ele pode ser tão terrivelmente temperamental... Às vezes eu o amo demais. Outras vezes eu gostaria de... Como se diz... cair fora?

Eu ri alto enquanto caminhávamos pelo vestíbulo e saíamos pela porta da frente.

Nós nos sentamos de frente uma para a outra em um pequeno restaurante, comendo fumegantes tigelas de sopa de cebola francesa, enquanto admirávamos, através da janela, o mercado exterior coberto. O aroma de frango grelhado parecia delicioso no ar. E as bancas eram um visual encantador, transbordando com frutos do mar, vegetais e flores. Atrás deles, vendedores gritavam para a multidão que estava fazendo compras sábado à tarde, exaltando as qualidades de suas frutas, enquanto seguravam amostras para que as pessoas provassem.

— Eu não acho que já tenha vindo aqui antes — Violette admitiu, depois de limpar um pouco de queijo derretido de seus lábios com o guardanapo.

— É o mercado mais antigo de Paris — Eu disse — Eu acho que foi há quatrocentos anos que ele foi transformado em mercado. Antes era um orfanato que vestia as crianças de vermelho. Que é o motivo por ele ser chamado de *Marché des Enfants Rouges*.

— Mercado das Crianças Vermelhas — Violette meditou em Inglês.

— Você fala Inglês? — Eu engasguei.

— É claro que falo — Ela respondeu — Eu aprendi há algum tempo, mesmo que eu não tenha tido a oportunidade de usá-lo recentemente. Mas se você quiser, podemos falar na sua língua materna. Vai ser bom para mim, praticar.

— Fechado! — Eu disse, entusiasmada, parando quando eu a vi olhando para mim questionadoramente — E eu vou tentar não falar gírias — Eu sorri — para tornar as coisas mais fáceis pra você.

— Não, não! — Ela insistiu — Charlotte estava certa quando disse que eu precisava evoluir com o tempo. Onde mais eu poderia aprender a linguagem e as gírias do século XXI, em Inglês, do que com uma garota americana do século XXI?

— Na verdade, se você realmente quer isso, eu tenho uma ideia. Você gosta de filmes?

— Você está se referindo ao cinema?

— Sim. Além de ler e visitar museus, ir ao cinema é minha coisa favorita — Eu peguei a última colherada da deliciosa sopa que estava em meu prato e terminei meu copo de Perrier.

— Kate, eu tenho que admitir — Violette disse, parecendo envergonhada — Eu nunca fui ao cinema. Ele não existia no meu tempo, você sabe, e eu simplesmente não consigo entender. Como você, eu preferiria passar o tempo lendo um livro ou observando arte.

— Mas, cinema é arte! Na realidade, foram os franceses que o apelidaram de "A sétima arte" — Eu pensei por um segundo — Você tem alguma coisa para fazer depois do almoço?

Violette balançou a cabeça com uma expressão alarmada quando percebeu no que estava se metendo.

Eu peguei minha bolsa embaixo da mesa, puxei uma cópia surrada do *Pariscope* — o guia semanal dos eventos de Paris — e folheei até as sessões de cinema. Olhando nas páginas dos filmes clássicos, eu procurei por algo que fosse bom o bastante para ser o *primeiro filme* visto por uma pessoa.

Algumas horas depois, eu olhava para o sol luminoso de Janeiro, enquanto Violette e eu caminhávamos para fora de um cinema de filmes *vintage*. Acima de nós, havia um aviso pendurado, anunciando *Notorius*, de Alfred Hitchcock.

Um largo sorriso — o sorriso de uma garota de catorze anos, pela primeira vez, em vez da centenária mulher — se espalhou pelo rosto de Violette.

— Oh, Kate. Foi maravilhoso — Sua voz estava abafada com admiração. Ela pegou minha mão — Quando podemos fazer isso de novo?

Capítulo 12

Vincent ligou aquela noite, desculpando-se por ter desaparecido durante todo o dia. Ele já tinha mandado várias mensagens e, pelo seu tom, ele estava obviament se sentindo culpado sobre alguma coisa e tentando me compensar por isso.

— Está tudo bem, Vincent. Na verdade, eu passei o dia todo com Violette.

— Você passou? — Mesmo que ele parecesse cansado, eu pude ouvir a surpresa em sua voz.

— Sim, ela deveria ter me trazido para casa, mas eu a levei para almoçar em vez disso. O que aconteceu com o alerta dos *numa*, aliás? Jules disse que alguns poderiam estar rondando sua vizinhança.

— Nada. Foi um alarme falso, na verdade. Violette disse para Jean-Baptiste cancelar o alerta hoje à noite. Tudo está como era antes: *numa* invisíveis para saltarem para fora quando menos esperarmos.

— Bem, você estava certo sobre Violette. Ela é realmente legal. É apenas com Arthur o problema da atitude de "humanos são péssimos". Eu acho que vou apenas evitá-lo o máximo possível.

— Este é provavelmente um bom plano — Vincent parecia exausto e distraído. O que quer que ele tivesse feito durante o dia, tinha definitivamente tomado sua energia. Ele nem parecia ele mesmo.

— Vincent, é melhor eu desligar. Você parece cansado.

— Não, não. Eu quero conversar — Ele disse rapidamente — Então, me diga: o que você está fazendo, *mon ange*?

— Estou lendo.

— Não estou surpreso — ele riu — vindo da mais voraz devoradora de livros de Paris. É alguma coisa que eu já li?

Eu folheei para frente do livro — Bem, ele foi publicado quatro anos depois que você nasceu, mas foi banido pela maior parte de sua vida, existência. Pelo menos em sua versão não censurada.

— Escrito em 1928, mas banido por anos. Hum. Tem alguma passagem sobre a introdução da paz na Terra, por acaso?

— Vincent, você passou direto para a cena de sexo! O amante de Lady Chatterley fala sobre muito mais do que deitar na cabana do guarda-caça, você sabe — Eu o repreendi brincando.

— Hum. Deitar soa muito bem agora.

Meu coração soluçou, mas eu tentei soar calma — Você sabe, este é um dos meus devaneios favoritos. Deitar com você, não com o guarda-caça — Eu ri, imaginando qual efeito meu insulto estava tendo nele.

— Seus avós estão em casa? — Ele perguntou depois de uma pausa, sua voz soando suspeitosamente rouca.

— Sim.

Ele limpou a garganta — Que bom, senão eu teria que ir até aí para arrebatá-la. Eles falam sobre arrebatar neste livro, não falam?

Eu ri — Eu não cheguei a nenhuma parte de arrebatamento ainda. Mas arrebatar e deitar... Eu não tenho certeza se estou disponível para isso, já que tenho um encontro com este quente cara morto amanhã à noite.

— Tudo bem. Eu entendi. Uma mudança de assunto muito esperta — Ele riu — Então... Você não esqueceu? — Eu poderia ouvir seu riso cansado pela linha do telefone.

— Esquecer um encontro para ver o Ballet Bolshoi na Opera Garnier? No nosso próprio camarote fechado? Hum, não — eu não acho que isso seria possível.

— Bom — Ele disse — Estarei aí às seis para te buscar — Estas últimas palavras mal eram audíveis. Elas soaram como se ele não estivesse apenas cansado, mas com dor. O que ele tinha feito? Agora eu estava passando da curiosidade para entrar no território da preocupação.

— Eu te vejo amanhã. Mal posso esperar... — Eu disse, e enquanto eu desligava, terminava a frase em minha cabeça: *para descobrir o que você está fazendo*. Se ele estivesse tão mal amanhã à noite como ele estava agora, eu poderia ser capaz de convencê-lo a falar.

Vincent esperava fora de minha porta vestido com um smoking, seus cabelos pretos empurrados para trás de seu rosto, caíam em ondas. Era quase uma repetição da noite do meu aniversário: ele em seu smoking e eu no vestido vermelho e longo com padrões asiáticos que ele tinha comprado para mim, usado embaixo do casaco preto com capuz da vovó. Os olhos de Vincent brilharam apreciativamente quando ele me viu, e quando estávamos na rua, ele me deu um longo e delicioso beijo.

Nós estacionamos embaixo da Opera. Mesmo que eu a tenha visto várias vezes — como uma turista e durante o dia — o prédio sempre tirava o meu fôlego, olhando para cada detalhe como se ele fosse um bolo de casamento de mármore. Esta noite, ele estava transformado num castelo de contos de fadas, suas quentes luzes amarelas brilhando magicamente pelo ar frio de inverno. Nós seguimos pessoas ricamente vestidas andando de braços dados pelas portas monumentais.

— Você já esteve aqui antes? — Eu perguntei enquanto andávamos pelo vestíbulo.

— Vim algumas vezes para substituir Gaspard ou Jean-Baptiste quando eles estavam dormentes. Eles sempre comprar ingressos para temporadas.

Nós caminhamos para o centro do salão e eu olhei para cima — Oh — Eu engasguei, o lugar suntuoso roubando a minha capacidade de fala inteligente. O espaço enorme estava decorado com uma mistura dos melhores estilos — com cada centímetro do chão, parede, pilar, e teto decorados com ouro, mármore, mosaico, ou cristal. Em qualquer outro cenário isso pareceria exagero. Mas aqui era de tirar o fôlego.

Vincent me levou para o ramo esquerdo da grande escadaria de mármore para o segundo andar, e por um corredor curvo revestido com dezenas de pequenas portas de madeira. Nós paramos em frente a de número dezenove.

— Eu não reservei o camarote real — Vincent explicou enquanto colocava a mão na maçaneta — Eu não achei que você fosse gostar da ostentação. Todo mundo está sempre o cobiçando, tentando ver que está dentro. Este é apenas um bom camarote para dez espectadores, mas eu comprei todos os dez assentos e pedi para que tirassem as cadeiras extras para nós.

Eu vi a incerteza tremer em suas feições e balancei a cabeça em descrença — Vincent! Como se eu fosse realmente saber a diferença! Apenas estar aqui já é incrível. Nós poderíamos nos sentar nos piores assentos e eu ainda estaria na lua.

Sossegado, ele abriu a porta para mostrar um longo e estreito corredor forrado de veludo vermelho, com um espelho oval pendurado. Um sofá estreito estava encostado contra a parede e algumas luzes elétricas ultrapassadas tinham as lâmpadas em forma de chama. Na outra extremidade do túnel, havia uma sacada que se abria para a grande ópera, com duas cadeiras de madeira colocadas lado a lado atrás de uma grade na altura do joelho.

— Santa vaca! Tudo isto é pra nós? — Eu perguntei, me sentindo como se tivesse entrando em um romance.

— Está bom? — Vincent perguntou, hesitantemente.

Eu virei e joguei meus braços em volta de seu pescoço — É mais do que bom. É incrível! — Ele riu enquanto, sem soltá-lo, eu comecei a pular em uma onde de pura felicidade.

Assistimos aos primeiros dois atos de *Príncipe Igor* sentados lado a lado na no nosso camarote privado. No começo, era difícil me concentrar com Vincent perto de mim, inconscientemente traçando círculos em meu joelho enquanto olhava para o palco, mas depois de alguns minutos, os cenários e as roupas me prenderam enquanto as bailarinas executavam suas façanhas acrobáticas. Eu me perdi no espetáculo, sentindo-me como se eu estivesse acordando de um sonho quando as cortinas se fecharam e as luzes se acenderam uma hora depois.

— O que você achou? — Vincent perguntou quando nos levantamos.

— É encantador... Tudo isso!

Ele sorriu, satisfeito, e oferecendo o braço para mim, disse — Agora é a hora do *passeio público* — Ele me levou para fora de nosso camarote para o corredor. Nós seguimos outros casais até um grande hall dourado com enormes lustres e tetos pintados com anjos e figuras mitológicas, em um estilo que me lembrou do teto da Capela Sistina de Michelangelo.

— Você quer alguma coisa para beber? Uma taça de champanhe? Uma garrafa de água? — Vincent perguntou, e eu balancei a cabeça, vendo que a fila para comprar bebidas já estava no meio do corredor.

— Eu quero usar o tempo para olhar ao redor — Eu disse, segurando seu braço para não cair enquanto tentava andar e ficar com a boca aberta ao mesmo tempo.

Nós exploramos todos os cantos que o prédio tinha para oferecer, cada abertura de espaço que desembocava em outro ainda mais requintado que o último. Quando terminamos em frente à porta, Vincent perguntou — Quer ver mais alguma coisa? Ainda temos algum tempo.

Eu hesitei. Mesmo que eu não quisesse estragar a noite enchendo-o de perguntas sobre algo que eu suspeitava que ele não queria conversar, eu decidi que não doeria simplesmente entrar no assunto — Não, vamos entrar — Eu disse. Nós passamos pela porta e nos sentamos no sofá, rindo como crianças que estavam experimentando as roupas dos pais.

— Isto não é exatamente como comer uma pizza e assistir a um filme em minha casa. Isso parece estranho? — Vincent se inclinou para frente e virou a cabeça para olhar para mim. O jeito como seus cabelos caíram em seu rosto enquanto ele ria fez com que a chama que já queimava em meu peito ficar ainda mais luminosa.

— Não estranho — Eu respondi — Para ser honesta, você poderia me levar para jogar boliche e eu ainda estaria me divertindo tanto quanto agora. Não importa o que estivermos fazendo, contanto que eu esteja com você — Assim que eu ouvi as palavras que saíram de minha boca, eu comecei a rir — Isso poderia ser colocado em um cartaz com um gatinho fofo. Água com açúcar até o teto!

— Totalmente água com açúcar — Ele concordou, rindo — Mas eu estava pensando basicamente a mesma coisa. Eu tenho esta sensação desde que te conheci — Ele se inclinou e começou a encostar o nariz na base de meu pescoço.

Meus olhos se fecharam por vontade própria. *Concentre-se*, eu pensei. *Algumas coisas são mais importantes do que dar uns amassos com seu namorado na Opera* — Vincent — Eu disse, empurrando-o e fixando os olhos nos dele — Eu não quero estragar a nossa noite maravilhosa. Mas isso não pode esperar — Eu o vi empalidecer e me apressei para dizer as palavras — Você me prometeu que não esconderia nada de mim, mas parece que é isso que você está fazendo com este "negócio para JB" ou o que quer que você estivesse fazendo ontem. Evitando o assunto como se não fosse importante faz com que eu me sinta como se você pensasse que eu não posso lidar com ele. E isso, para mim, parece muito paternalista — Aqui está, tinha saído. Ele não poderia evitar o assunto agora que todas as questões estavam sobre a mesa.

Vincent se endireitou — Kate — Ele disse, puxando minha mão para seu colo e pressionando-a entre seus dedos — Não é uma questão de confiança. E não é uma questão de não achar que você pode lidar com isso. Eu estou certo de sua força. É só que — Ele hesitou — Eu sei que você não vai gostar disso. É um experimento. E já que ele pode não funcionar, eu estava pensando em evitar dizer sobre isso para você.

— Eu posso aguentar isso, Vincent. Eu posso aguentar qualquer coisa.

— Eu sei que você pode, Kate — Sua expressão era implorativa agora — Acredite em mim. Mas eu já odeio tudo sobre mim que a apavora, e isso é aterrorizante. Tenho medo de perder seu respeito se você souber dos detalhes. E

este é o motivo de eu ter tido a vontade de tentar, e tirar da lista de possíveis soluções, para poder continuar. Se isso realmente funcionasse, e isso é um grande SE, eu gostaria de apresentar isto a você de uma forma para que você pudesse ver os benefícios, mais do que o lado ruim disso, e me ajudar a decidir se eu deveria continuar com isso.

Ele estudou minha face cuidadosamente.

— Quanto tempo o experimento dura? — Eu me ouvi perguntando, enquanto me chutava por não tentar ir mais a fundo.

— Gaspard disse que nós podemos descobrir depois de dois ciclos de dormência. Então é algo em torno de um mês... Seis semanas.

Eu olhei dentro de seus olhos e vi a sinceridade. Sua absoluta honestidade. E sua determinação para fazer o que pudesse para que nós dois pudéssemos ficar juntos.

Eu apertei meus olhos fechados e respirei profundamente — Tudo bem. Eu confio em você. Mas, por favor, tenha cuidado.

— Obrigado, Kate — Ele disse, inclinando-se para a parede, mas mantendo o aperto em minha mão. Ele focou no teto por alguns instantes antes de se virar para mim — Tem uma coisa que eu quero te perguntar também. É um assunto completamente diferente.

Eu sorri perversamente — Estou disposta a falar sobre qualquer coisa.

— Por que você cortou relações com todos os seus amigos de Nova York?

Meu sorriso desapareceu — Exceto isso.

— Kate, eu entendo totalmente o fato de que os meus amigos são seus amigos aqui. Eu não a culpo por não querer sair com as crianças do colégio. Você disse que não tem ninguém interessante lá, e eu entendo que você não queira se ligar a pessoas que vão voltar para seu país de origem depois da formatura. Mas, seus amigos de infância, as pessoas com quem você cresceu... O jeito como você falou deles comigo... Parece que vocês realmente foram próximos.

— Nós éramos — Eu disse, minha voz monótona — Eles até contataram a vovó depois que eu parei de escrever, mas eu pedi para que ela dissesse que eu não estava no humor para conversar. Eles provavelmente me odeiam agora.

— Eu acho que eles entenderiam o motivo de você ter parado de entrar em contato no ano passado. Você nunca vai superar a morte de seus pais, e eu não estou sugerindo isso. Mas você está melhor agora. Está seguindo com sua vida.

— Isso é questionável, já que eu estou saindo com um monte de pessoas mortas — Meus olhos foram rapidamente para os dele. Eu não quis dizer isso como um insulto. E pelo seu sorriso, eu estava aliviada em perceber que ele não tinha ficado ofendido.

— Tudo bem, você está entre os dois mundos. Mas você me disse que nunca se sentiu completamente encaixada em algum lugar. Como você disse? “Não completamente americana e não completamente francesa”. Mas isso não significa que você deve jogar aquelas relações que você tinha no lixo. Elas são parte do seu

passado, Kate. Todos nós precisamos de um passado para dar sentido ao nosso presente. Você não pode apenas viver o aqui e agora.

— Por que não? — Eu estalei, surpreendendo a mim mesma com a veemência em minha voz — Você sabe o que o passado me lembra, Vincent?

— Morte, Kate — Sua voz se suavizou — Assim como o meu.

— Vincent, todas as minhas memórias giram em torno da minha família. Meus pais. Depois de deixar o Brokklyn, toda vez que eu falava com os meus amigos isso me levava de volta para aquela antiga vida. E isso doía tanto, que você nem pode imaginar — Meus olhos flutuaram para sua face quando eu me lembrei que seus pais e sua noiva tinham sido assassinados em frente aos seus olhos. Mas ele não parecia bravo. Ele pareceu mais cuidadoso e solidário que nunca.

— Tudo bem, você pode imaginar — Eu admiti — Mas, Vincent, eu não sou sádica. Infringir dores desnecessárias, em mim mesma, constantemente não é a minha ideia de ficar saudável e manter minha sanidade. Eu não posso me manter em contato com eles. Isso machuca muito.

Vincent olhou para baixo para suas mãos, pesando suas palavras cuidadosamente antes de olhar de volta para mim. Sem falar, ele traçou minha mandíbula com seu dedo, como se estivesse esboçando a topografia do meu rosto. Eu o alcancei e prendi sua mão, puxando-a para o meu colo e segurando-a com as duas mãos para me confortar.

— Eu entendi, Kate. Acredite em mim, eu entendo. Mas eu só quero falar sobre isso, para que você considere. Quando eu morri pela primeira vez, foi anunciado nos jornais. Todos sabiam. Eu nem mesmo tive a chance de voltar para a minha comunidade, para as pessoas que eu amava. E eu sentia falta daquilo. Por anos, eu praticamente segui o pai e a irmã de Hélène, para ter certeza de que eles estavam bem. Eu não podia aparecer para eles, mas eu os assistia. Deixei flores anônimas quando o pai de Hélène morreu. E depois que Brigitte, a irmã de Hélène, morreu dando à luz seu filho, eu o assisti também. Ele e sua família vivem no sul da França agora. Eu os tenho visto. Sua filha se parece muito com a avó. E mesmo que isso pareça estranho, saber que eles existem me faz bem. Ter uma conexão com o meu passado me faz bem. Mas, eu teria dado qualquer coisa para poder continuar em contato com Brigitte e seu pai e as outras pessoas do meu passado, não importava quantas memórias dolorosas aquele contato me causaria. Eu não tive esta escolha. Mas você tem. Pode ser muito cedo ainda, mas eu esperto que você mude de ideia algum dia. Eu posso dizer por qualquer momento que você menciona seus amigos, que você ainda luta contra isso. Mas... Ficar em contato com eles pode fazer você se sentir melhor.

A dor estava flutuando como uma bolha dentro de mim, e naquele momento, ela finalmente explodiu — Eu *sou* feliz, Vincent — Rosnei através dos dentes cerrados. Ele olhou para mim, uma sobrancelha cética levantada. Percebendo o quão ridículo aquilo tinha soado, eu franzi os lábios, e depois explodi numa risada. Eu me inclinei para frente em seus braços, amando-o mais naquele momento do

que eu nunca havia amado. Ele cuidava de mim. Não apenas porque ele me queria para si mesmo. Ele queria que eu fosse feliz... Por mim mesma.

As cortinas se abriram, mas nós não nos mexemos. Passamos o resto da performance nos beijando e rindo e espreitando o balé e depois nos beijando mais.

Naquela noite quando eu cheguei à minha casa, eu tirei meu laptop da gaveta e o liguei. Usando minha conta de e-mail que eu tinha criado para escrever para Charlotte, eu mandei uma mensagem para meus três mais velhos amigos. *Sou eu, Kate*, eu escrevi. *Eu sinto muito por não ter mantido contato. Eu amo vocês. Mas ainda dói muito pensar no meu passado, e mesmo que vocês não queiram isso, me trazem estas memórias muito fortemente*. Eu limpei uma lágrima enquanto digitava a última frase e depois pressionei enviar.

Por favor, esperem por mim.

Capítulo 13

Pela próxima semana, Vincent estava muito ocupado com seu projeto para passar muito tempo comigo. Antigamente, nos raros dias em que não nos víamos, nós nos ligávamos à noite, e ele me dava um relatório completo de seu dia. Mas recentemente ele tinha começado a cuidadosamente se esquivar das questões.

Agora que tínhamos conversado, eu não me sentia tão mal sobre isso. E sabendo que ele tinha me pedido permissão — de uma maneira cheia de rodeios — eu me senti mais solidária em relação a ele. Mas eu ainda me preocupava. Porque o que quer que isso fosse, estava acabando com ele. Sua saudável pele com tom oliva tinha começado a ficar pálida, e círculos escuros estavam aparecendo sob seus olhos. Ele estava tão cansado e preocupado que mesmo quando ele estava perto de mim, parecia que não estava completamente lá.

Ao mesmo tempo, eu não podia reclamar de ele ser menos afetuoso. Porque ele parecia ainda mais. Como se ele estivesse tentando me compensar por tudo.

— Vincent, você está terrível — Eu finalmente disse em uma manhã.

— Tem que piorar antes de melhorar — Foi tudo o que ele me disse.

Depois de uma semana e meia vendo como ele enfraquecia rapidamente em frente aos meus olhos, eu estava perdendo as esperanças. Eu não queria forçá-lo a me dar mais informações... a pressioná-lo ainda mais. E Jules e Gaspard obviamente não deixariam o segredo vazar. Mas isso não significava que eu não poderia perguntar à Violette.

Desde sua introdução Hitchcockiana ao cinema, Violette e eu tínhamos assistido diversos filmes, todas as vezes por iniciativa dela. Alguns dias depois de nossa primeira ida ao cinema, eu recebi um buquê de flores azuis e rosas e uma cópia do Pariscope com um bilhete preso que me dizia para olhar na página trinta e sete. A página trinta e sete era uma lista de filmes. Eu peguei o meu dicionário de flores da bolsa.

As flores azuis eram acônitos, que significavam “perigo”, e as pequenas flores cor-de-rosa eram gerânios noz-moscada: “Eu quero me encontrar com você”. Perigoso... encontro? Eu olhei para os filmes listados de novo e vi, no meio da página, *Ligações perigosas. Esta devia ser a primeira vez na história que* A Linguagem das Flores *era usada para codificar títulos de filmes*, eu pensei, rindo comigo mesma enquanto discava seu número de telefone.

Violette riu durante todo o filme, observando como as roupas e o modo de falar estava todo errado, ganhando olhares de raiva dos espectadores em torno de nós. Depois que eu a convenci que não era legal falar alto no cinema (“Mas este é um entretenimento popular, não é como se estivéssemos na ópera”, foi sua primeira resposta), ela se limitou a rir e balançar a cabeça nas cenas ofensivas.

Quando eu comentei depois do filme sobre a maldade dos personagens, Violette riu e disse — Um perfeito exemplo da política da corte real!

Alguns dias depois, um buquê de pata de urso (guerreiro), luzerna (vida), e asfódelo (meus arrependimentos o seguirão até a morte) me tomaram meia hora entre olhar para frente e para trás entre as páginas das flores e as listas de filmes. Quando eu finalmente entendi que Violette estava usando "guerreiro" como um trocadilho, minha mandíbula caiu com o pensamento de que a velha *revenant* tinha escolhido *A noite dos mortos-vivos*, o mais famoso filme de zumbis que existe.

Nós caímos num hábito de terminar a sessão de cinema e seguir para um café. Mas em vez de conversarmos, era como se estivéssemos trocando informações: Violette não sabia como relaxar. Sua configuração padrão era programada de forma super intensa, e ela ouvia cada coisa que eu dizia como uma concentração que me intimidava no começo. Eu finalmente me habituei a isso, e mais tarde consegui que ela se soltasse ao ponto de rir de si mesma.

Violette não se cansava de ouvir sobre mim e Vincent, e depois de minha hesitação inicial, eu pude perceber que não era por algum tipo de voyerismo estranho e invejoso. Obviamente sua queda por ele já tinha passado. Ela explicou que o amor entre humanos e *revenants* era tão raro que a intrigava, e se desculpou se parecesse que ela estava se intrometendo em nossa vida. Mas quando eu disse a ela que não me importava, ela cavou entusiasmadamente cada mínimo detalhe.

O jeito como Vincent e eu podíamos nos comunicar enquanto ele estava volante foi o que mais a interessou. Ela confessou que nunca tinha ouvido sobre o contato entre humanos e *revenants* em dormência, além da intuição muito básica que raros casais casados como Geneviève e Philippe desenvolviam depois de décadas vivendo juntos.

— Você sabe — Ela disse fluentemente — Que está é para ser uma das qualidades do Campeão.

— O quê? — Eu perguntei, meu coração de repente batendo muito mais rápido. Eu tinha me esquecido que Violette era considerada uma *expert* na história dos *revenants*. É claro que ela já teria ouvido sobre o Campeão.

Ela parou, me estudando cuidadosamente.

— Não se preocupe, eu sei sobre o Campeão — Eu disse, e a vi relaxar — Vincent disse-me sobre a profecia. Mesmo que ele não soubesse muito sobre isso. O que ele falar comigo enquanto é um volante tem a ver com isso?

— "Ele vai possuir poderes sobrenaturais de resistência, persuasão, força e comunicação" — Ela citou — Isso é parte da profecia.

— Espere um minuto... Resistência? Isto deve ser o motivo pelo qual Jean-Baptiste acha que Vincent é o Campeão. Ele é capaz de resistir a morrer por um tempo muito mais longo do que os outros *revenants* de sua idade. O que mais você disse?

— Persuasão — Ela disse — O que Vincent tem em excesso. Ele é o único que Jean-Baptiste sempre manda para representá-lo quando existem problemas entre os nossos.

Eu não sabia disso, também. Mesmo que Vincent sempre mencionasse que tinha que tratar de assuntos para Jean-Baptiste, eu sempre pensei que eles eram relacionados às leis.

— Depois tem a força. O Vincent é muito forte?

— Eu nunca o vi lutar com exceção dos treinamentos, então eu não sei dizer — Eu admiti.

— Bem, esta coisa da comunicação com certeza dá a Jean-Baptiste o que pensar. O fato que um *revenant* em sua forma volante tem uma voz tão forte que pode ser ouvida por uma humana. Quando Vincent disse a ele sobre isso, Jean-Baptiste me chamou na hora para me contar. Para saber se eu tinha alguma informação a mais sobre a profecia que pudesse ajudar a comprovar que Vincent é o Campeão.

— E o que você disse a ele? — Eu perguntei, sentindo-me um pouco balançada por toda esta conversa. Verdade fosse dita, eu não queria que Vincent fosse o Campeão. O que quer que isso significasse, parecia perigoso.

— Eu disse a ele que ele era sortudo em ter um *revenant* jovem e tão talentoso vivendo debaixo de seu teto, mas que eu duvidava realmente daquilo, de que se tivesse que haver um Campeão, este seria Vincent.

— Por que não?

— Várias razões — Ela disse com um brilho provocante nos olhos — Há muitas outras estipulações faladas na profecia. Condições de lugar e tempo. E acredite em mim... Não é aqui e não é agora. Honestamente, a profecia do Campeão é só mais uma das muitas antigas profecias. A maioria delas não foi cumprida, e elas são provavelmente baseadas nas reclamações dos oráculos ou nas questionáveis superstições. Caras mais velhos como Jean-Baptiste enrolam-se nelas como em hidromel.

Eu dei a ela um olhar confuso.

— Tudo bem, como um vinho antigo. Esta é uma melhor comparação para Jean-Baptiste, de qualquer forma — E depois, com um sorriso torto, ela se lançou em uma história sobre como Jean-Baptiste uma vez mandou Gaspard em um caminho completamente incerto para que ele encontrasse um pergaminho antigo que na realidade nunca tinha existido. Ela me fez rir tanto que eu engasguei com o meu *latte*. O meio milênio que ela tinha passado na Terra, tinha feito de Violette uma verdadeira mina de ouro de boas histórias e informações interessantes.

Um dia, depois de um encontro no cinema à noite para assistir um dos meus filmes favoritos de todos os tempos, *Harold e Maude*, nós seguimos para o Café Sainte-Lucie. Enquanto comíamos um prato de queijos deliciosamente derretidos e uma cesta de *baguette* crocante fatiada, Violette me contou sobre os velhos tempos, quando não existia tanta animosidade entre os *numa* e os *bardia*. Era estranho ouvi-la usar o termo antigo para os *revenants* como se fosse um dialeto comum.

Naquela época, aparentemente, eles consideravam estar na mesma linha de trabalho: o trabalho da vida. Preservando a vida, tirando a vida... Tudo se resumia à

mesma coisa — É tudo sobre o equilíbrio — ela dizia — Em nossos dias, havia uma comunicação aberta entre os *numa* e os *bardia*.

— Você sabe — Ela continuou, se inclinando para frente, confidencialmente — Arthur tem mantido contato com alguns dos nossos antigos colegas no mundo dos numa, e eu estou feliz por isso. Minha pesquisa não teria dado certo se ele não tivesse! — Vendo minha expressão chocada, ela disse — Kate, não se pode cortar a ligação com Toto um subconjunto de nosso tipo apenas porque eles saíram de moda nos últimos séculos.

— Seu tipo? Mas vocês não são nem o mesmo tipo de criatura! — Eu disse, sentindo uma pontada de nojo pela comparação.

— Ah, mas aí é que você se engana. Nós somos exatamente o mesmo tipo de criatura. O que Vincent disse a você sobre como um *revenant* é formado? Ou um *numa*, pra ser mais completa?

— Que um humano torna-se um *revenant* quando morre para salvar a vida de uma pessoa. E que um humano se torna um *numa* quando morre depois de trair alguém provocando sua morte.

— O que é verdade — Ela disse — Mas se você voltar um passo, *bardia* e *numa* são a mesma coisa: *revenants*. Muitos, incluindo eu, acreditam que existe um "gene *revenant*". Que nós somos um tipo de mutação. Mas independente de nossa origem, todos acreditam que os *revenants* nascem todos iguais: humano com uma tendência para se tornar um *revenant*. Se eles vão se tornar *bardia* ou *numa* depende de suas ações durante sua vida humana. E se eles nunca se depararem com uma situação em que eles traiam ou salvem a vida de alguém, apenas podem viver para o resto de suas vidas sem duvidar que eram diferentes dos outros.

— Então um humano não nasce *numa* ou *bardia*?

— Não, a não ser que você acredite na doutrina Calvinista da predestinação — *E mais uma vez, ela soava como se tivesse quatro vezes sua idade*, eu pensei — Mas, não estamos falando de teologia aqui. Estamos falando sobre natureza humana. Em cada caso, a única resposta pode ser "Quem sabe?" O que eu sei é que os *numa* e os *bardia* não costumavam ser os inimigos que são hoje.

— Sim, Jean-Baptiste disse que costumava haver muito mais dos dois em Paris.

Violette assentiu e chamou o garçom para que ele nos trouxesse café — Como em todas as guerras, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos *revenants* dos dois tipos foram criados. E como muitos guardavam rancores pessoais uns em relação aos outros e que vinham de suas vidas humanas, foi criada uma guerra massiva de vingança entre os *numa* e os *bardia*. Aquilo tudo teve um fim, no entanto, uma década ou mais depois. E tem havido uma espécie de cessar fogo desde então.

— Por quê? — Eu perguntei, intrigada com a nova informação.

Ela encolheu os ombros — Eu não tenho ideia. Como eu disse, Arthur e eu estivemos imersos em nosso castelo em Loire. Eu tenho ficado longe da política parisiense.

— Bem, pelo que eu escutei, você é a pessoa que mais sabe sobre os *revenant* e os *numa* — Eu disse — Se alguém pudesse saber, seria você.

— *Touché* — Ela disse, rindo — Eu me orgulho por ter informações sobre quase tudo. Mas eu também me orgulho de saber manter um segredo. Então se eu não te disser alguma coisa, é provavelmente por uma boa razão.

— Então, se eu te perguntar o que Vincent está tentando fazer...? — Eu perguntei com um sorriso tímido.

— Eu diria "Bem o que você quer dizer?" — Ela respondeu com um sorriso igualmente tímido.

Eu esperava que minha nova amiga pudesse ser mais aberta comigo. Mesmo que se ela tivesse, eu me sentisse mal por conseguir as informações às costas de Vincent. Sua pequena e branca mão veio em minha direção e tocou a minha.

— Não se preocupe com o Vincent, Kate. Ele sabe cuidar de si mesmo.

Então é uma coisa perigosa, eu pensei. Mesmo que ela não tivesse a intenção, ela tinha me dito uma coisa nova. Agora, mais do que nunca, eu estava determinada a encontrar outra solução.

Uma semana e meia atrás, no balé, Vincent tinha me dito que precisava de seis semana para saber se o experimento teria o potencial de funcionar. E se tivesse, eu só podia imaginar que ele continuaria com ele. O que significava que eu tinha apenas um mês para encontrar uma resposta para uma situação impossível. Eu só esperava que nada de mal acontecesse a Vincent antes que eu conseguisse.

Eu pulei quando a porta do escritório se abriu, posicionando-me na frente da caixa aberta na escrivaninha do vovô.

— Sou só eu — Georgia disse enquanto entrava na sala, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Eu exalei, aliviada por não ter que mentir para o vovô sobre o que eu estava procurando em sua biblioteca. Ele ficaria muito feliz por eu estar usando-a. Mas conhecendo seu entusiasmo por livros, ele ficaria muito interessado no que exatamente eu estivesse procurando.

— Então que tesouro do vovô merece um bloqueio de corpo inteiro? — Ela me perguntou, seus olhos flutuando para o livro atrás de mim.

— Você está lendo alguma coisa em Alemão? — Ela perguntou, surpresa, enquanto folheava algumas páginas.

— Eu não tenho exatamente certeza de que isso seja alemão — Eu disse, batendo no dicionário de alemão que estava ao lado — A menos que seja uma forma antiga. Poderia ser dialeto Bavariano, pelo que eu sei.

Georgia parecia confusa — Está ensolarado lá fora, finalmente, e você está gastando seu tempo livre lendo um antigo livro bavariano porque... — Ela virou outra página para ver uma ilustração de um monstro que parecia o demônio: pele vermelha, chifres, e garras — Ah... Monstros. Posso chutar que isso tem alguma coisa a ver com o particularmente sexy garoto com quem você troca beijos de forma regular?

Eu me inclinei cansadamente na escrivaninha e assenti — Este é o último livro. Eu procurei por tudo na biblioteca do vovô, pra tentar encontrar alguma coisa a

ver com os *revenants*, e encontrei só um livro que os mencionavam. E ele não me disse nada que eu já não soubesse.

— O que você está procurando? — Georgia perguntou, enquanto eu cuidadosamente colocava o livro de volta em sua caixa e a deslizava no espaço vazio da estante.

— Honestamente? Se fosse possível, eu adoraria encontrar um jeito de fazer com que Vincent voltasse a ser humano de novo. Mas já que isso não é possível, eu estou procurando por qualquer informação que torne as coisas mais fáceis para nós.

— Hum — Georgia disse pensativamente — Normalmente eu a provocaria por falar sobre magia, exceto pelo fato de que nós estamos nos referindo a um cara morto que foi reanimado aqui, então... Hey, acho que qualquer coisa é possível. Sério, o que exatamente você está esperando encontrar?

— Vincent disse que quando ele resistiu à morte por anos — quando ele estava estudando direito — ele tentou ioga e meditação para ajudar a aliviar os sintomas. Gaspard leu em algum manuscrito *revenant* tibetano que isso poderia ajuda. Exceto que não ajuda. Então eu pensei que eu poderia ver se encontro alguma coisa que Gaspard ainda não sabe. Como uma erva ou uma poção ou alguma coisa.

— Hum — Disse Georgia, olhando para o vazio de algum mundo dos sonhos invisíveis — Ou talvez tomar banho nu no Sena sob a luz da lua cheia — Ela olhou para mim rapidamente — Em cujo caso você deve definitivamente me avisa quando e onde seu vudu vai acontecer.

Eu ri — Hey, você tem Sebastien! Tenho certeza de que você poderia persuadi-lo a nadar nu no Sena se tentasse o suficiente.

— É claro que eu poderia — Ela disse com falsa altivez — Mas quem quer um namorado com micose?

Georgia estava lançando seu charme de irmã mais velha sobre mim de novo. Quando éramos mais novas, se eu precisasse de ajuda para alguma coisa que estava além de suas capacidades, ela tentava fazer a melhor coisa: me distrair.

— Falando em namorados, nós poderíamos sair juntos alguma noite. Vincent ainda não conheceu Sebastien. E você tem gasto todo o seu tempo com a zumbi Maria Antonieta — Minha irmão fez uma careta. Uma vez que ela não gostasse de alguém, nada fazia com que ela mudasse de ideia.

— Ela é na verdade muito legal — Eu disse, defendendo Violette.

— Ela me chamou de "humana ingrata" — Georgia contrapôs — Isso meio que diz alguma coisa, pelo que eu sei.

— Ela só é meio conservadora — Eu disse, lembrando o que Jeanne tinha me dito — Ela não está acostumada a ver os *revenants* se misturando com a gente.

— Racista — Georgia insistiu, cruzando os braços.

— Então, aonde deveríamos ir com os garotos? — Eu perguntei, mudando de assunto.

— Seb tem um show em uma semana e meia — Dois sábados a partir de agora.

— Isso soa perfeito — Eu disse — Eu tenho certeza de que Vincent poderá ir. Eu quero dizer, ele estará dormente neste final de semana, então até lá ele estará em forma o suficiente para sair.

— Eu não acredito que você disse isso — Georgia disse, balançando a cabeça — É apenas tão... Estranho — Ela me deu um abraço e começou a sair da sala, antes de parar perto do batente — Hey, você deveria checar a galeria do vovô. Ele tem toneladas de livros lá.

— Oh, meu Deus, eu não tinha pensado nisso — Eu exclamei, minha frustração instantaneamente substituída por uma chama de esperança.

— Quem está cuidando de você, baby? — Minha irmã disse isso com um sotaque de mulher de bandido. Depois, ela me deu uma piscadela exagerada e fechou a porta.

Capítulo 14

Eu acordei na manhã seguinte, ansiosa, pela primeira vez, para pular da cama e caminhar para a mesa do café da manhã. Meu avô estava lá, comendo um croissant fresquinho e tomando café em uma tigela — que é como as bebidas quentes de café da manhã são geralmente servidas. Não em canecas. Tigelas que você segura com ambas as mãos enquanto bebe seu chocolate quente ou café. A menos que você esteja bebendo um expresso. Então ele é servido em uma ridiculamente pequena xícara.

Pegando minha própria tigela, eu a enchi com metade de café e metade do leite quente que vovó tinha deixado numa panela em cima do fogão, e me sentei em frente ao meu avô — Vovô, se você precisar de alguém para ficar na galeria, no caso de você precisar se reunir com alguém ou fazer alguma outra coisa, eu ficaria feliz em ajudar.

Eu tentei dizer isto o mais despreocupadamente possível, mas meu avô olhou para mim preocupado — O seu subsídio não é o suficiente, *ma princesse*? — Eu me encolhi. Aquele era o apelido que o meu pai tinha me dado. Fazia um ano agora que ele tinha morrido, mas quando vovô me chamava daquele jeito, era como se meu coração levasse uma facada.

Vovô percebeu — Desculpe-me, querida.

— Está tudo bem. E eu não estava oferecendo porque quero que você me pague. Só pensei que poderia ser divertido. E eu poderia levar minhas tarefas para fazer lá.

Vovô ergueu as sobrancelhas — Bem! Eu nunca ganharia uma oferta desta de sua irmã. Mas vindo de uma amante da arte como você, eu sei que você não está apenas tentando ser útil! — Ele sorriu — Na realidade, eu tenho um compromisso esta tarde, uma avaliação de algumas estátuas gregas na casa de um colecionador na Île Saint-Louis. Eu estava planejando fechar a galeria, mas se você quisesse ir pra lá depois da escola...

Ele não teve nem que terminar de falar — Estarei lá — Eu disse entusiasmadamente.

O sorriso de vovô ainda era zombeteiro, mas eu podia dizer que ele tinha gostado da ideia — Vejo você lá, então — Ele disse, levantando-se e me dando tapinhas carinhosos no ombro. Ele colocou seu casaco e subiu as escadas para se despedir de minha avó, que tinha começado a trabalhar bem cedo em seu estúdio de restauração no topo do nosso prédio.

Eu sorri para mim mesma enquanto terminava o meu croissant, zumbindo com satisfação. Eu provavelmente tinha comido centenas de croissants em minha vida, tendo passado todo verão aqui quando era criança. E, mesmo assim, toda vez que

eu como um é como uma revelação da culinária. Tirei uma tira esquisita e coloquei em minha boca. Em seguida, tomei um gol de meu fumegante *café crème*.

Os quinze minutos que demoraram para que vovô me mostrasse o que eu precisava saber sobre a galeria pareceram quatro horas. Mas finalmente ele estava caminhando para a porta da frente para a luminosa luz do sol e me acenando um adeus com seu chapéu enquanto desaparecia pela rua.

Assim que ele estava fora de vista, eu deixei a silenciosa semi escuridão da galeria para entrar no escritório bem iluminado que ficava atrás. Visitantes tem que tocar a campainha quando passam pela porta da frente, então eu racionalizei que não estaria sendo negligente se passasse um pouco de tempo longe do balcão.

Não demorou muito tempo para que eu encontrasse o meu caminho pela biblioteca da galeria do vovô. A maioria dos livros eram catálogos de leilão ou livros didáticos do século vinte e um sobre arte e arquitetura ao longo dos anos. Com a minha recentemente ganha experiência em pesquisa, eu pude dizer que eles não conteriam nada sobre revenants.

Eu estalei de volta para frente da galeria para ter certeza de que ninguém estava esperando fora da porta, e depois peguei o caminho para o outro lado da biblioteca, onde vovô tinha sua sala de exibição privada. Ligando as luzes do pequeno e suntuoso espaço, eu procurei em volta por qualquer coisa que pudesse ser de interesse. Alguns poucos volumes antigos estavam numa mesa lateral com luvas e uma lupa posicionada ao lado deles. Eu coloquei as luvas e abri um dos livros. Era um documento histórico, com listas de bens e datas próximos a eles — parecia ser um livro caixa de um rei ou lorde sobre os tributos pagos a ele. Eu virei várias páginas. Mais do mesmo. E nenhum dos outros livros tinha algo de interessante.

Eu parei e pensei por um momento. Já que vovô lidava apenas com artefatos, esculturas e metalurgia, quando ele comprou fazendas inteiras, ele deveria ter passado os livros mais valiosos e manuscritos para seus amigos revendedores, para que eles vendessem para ele. Mas durante suas ocupadas temporadas de compras, havia também um estoque dos quais ele não tinha tido tempo de fazer o inventário, especialmente livros e gravuras dos quais ele cuidaria. Eu caminhei até o seu armário de estoque no corredor de trás e virei a maçaneta. Fechado.

Vovô sempre carregou suas chaves com ele, mas talvez ele tivesse deixado cópias em algum lugar da galeria. Eu voltei para a recepção, escavando por várias gavetas, e encontrei uma pequena chave, que tinha uma gravação de um dos lados. Com cuidado para que aquilo não descamasse, eu voltei para a porta do armário e respirei com alívio quando a chave deslizou facilmente na fechadura.

Dentro do armário havia uma pilha de quatro caixas rotuladas "*Estate, Marquês de Campana*". Vovô tinha rabiscado a data da compra ao lado da caixa: poucos dias atrás. Conhecendo-o, ele provavelmente tinha colocado as peças mais importantes do espólio na frente e armazenado os diversos itens até que tivesse a chance de pesquisá-los, um por um. Eu tirei uma caixa de dentro do armário e a

abri. Feixes minúsculos envoltos em pano... pequenas miniaturas de deuses de metal, pude ver quando desdobrei um deles. Eu o embrulhei novamente e o guardei.

A segunda caixa estava cheia de pequenas bolsinhas de plásticos zip-lock que guardavam joias antigas e pedras esculpidas — o tipo que poderia ser colocado em um anel. *Intaglios*, eu me lembrei da forma como vovô os chamava, e peguei um para descobrir uma imagem de Hercules usando a pele de leão esculpida numa jade oval. Mesmo que eu tenha ficado em volta dos objetos de vovô desde que eu era um bebê, eu nunca deixava de sentir um frisson de admiração quando segurava alguma coisa que tinha sido feita há mais de mil anos.

Eu sabia o que a terceira caixa continha antes que eu chegasse até ela. Meu coração acelerou quando eu abri os retalhos. O cheiro de mofo de papel exalou para fora da caixa, e eu olhei para baixo para ver uma coleção de livros velhos. Era mais como manuscritos. E mesmo que os mais frágeis estivessem em saquinhos de plástico, alguns volumes mais resistentes estavam soltos entre eles.

Livros de um colecionador de antiguidades romanas... agora isso poderia ser promissor. Era um livro bem antigo escrito em alemão, com gravuras de estátuas gregas e romanas. Eu o coloquei cuidadosamente no chão e peguei um pequeno livro com formas decorativas e redemoinhos trabalhados na capa de couro marrom avermelhado.

Era do tamanho dos livros de orações que eu tinha visto no Louvre, mas muito mais finos, e quando eu o abri, eu vi que tinha um manuscrito escrito à pena, com uma caligrafia gótica dos monges medievais. Eu me lembrei de ter lido sobre manuscritos ilustrados. Alguns monges passavam suas vidas inteiras copiando livros e os decorando. Antes de surgir a imprensa, copiar era a única forma de multiplicar os exemplares de um livro.

Este não era uma obra-prima, como os que eu tinha visto protegidos debaixo do fino vidro do museu. Este era simples, mas bonito, com videiras douradas e floreios decorando as bordas. A primeira página era uma explosão de folhas e frutos, com dois esqueletos no centro. *Amor imortal*, estava escrito em francês, e a próxima página era ilustrada com uma imagem colorida e ingênua de um homem e uma mulher usando roupas medievais e segurando as mãos. E mesmo que a pintura fosse simples, eu pude dizer que a mulher era velha — ela estava retratada com cabelos brancos — e que o homem era muito novo: um adolescente.

A imagem tinha sido pintada muito séculos atrás. Talvez até um milênio. Eu a inspecionei cuidadosamente, me atendo a cada detalhe. E o homem estava reluzindo com juventude e saúde. Eu poderia pensar que era uma mulher velha com seu neto, exceto pela forma como eles estavam, de mãos dadas, suas cabeças um pouco inclinadas um para o outro em um gesto de solidariedade e afeição.

Eu voltei para a página do título. *L'amur immortel*, eu li de novo, e depois vi um subtítulo escrito com letras apertadas. Eu mal podia compreender; a tinta tinha se espalhado com os séculos, e o francês antigo era difícil de decifrar. "Um conto...

amor e tragédia... um bar... e... humana...” Meu coração foi parar na garganta. Poderia ser a palavra *bardia*? Tinha espaço o suficiente para ser. E uma *humana*?

Oh meu Deus, eu tinha encontrado alguma coisa. Minha cabeça girou e depois clareou abruptamente quando a campainha da porta tocou. Eu me levantei, um pouco vacilante, e corri para o espaço da galeria. Uma figura familiar estava parada atrás dos vidros da porta, alta o bastante para tomar todo o vidro. Ele cobriu os olhos com as mãos para que pudesse ver dentro da galeria. Eu pressionei o botão para abrir a porta em frente ao balcão.

— Vincent — Eu exclamei, sentindo uma pontada de culpa — Como você sabia que eu estava aqui?

Ele caminhou para dentro da galeria, mãos nos bolsos e um olhar divertido no rosto. Depois de me dar um suave beijo, ele me soltou e olhou curiosamente em volta do espaço — Eu tenho meus métodos — Ele disse. Fazendo uma voz de Vincent Price e levantando uma sobrancelha, ele brincou — Eu sempre sei onde você está.

— Não, de verdade — Eu cutuquei, rindo.

— Bem, você sabe, tem uma coisa chamada mensagem de texto — Ele disse, sem expressão — E eu recebi uma do seu telefone durante sua hora de almoço que dizia que você estaria cuidando da galeria esta tarde — A insinuação de um sorriso curvou os cantos de seus lábios.

— Oh, claro — Eu disse, chacoalhando a cabeça. Esta situação toda com as operações secretas de Vincent estava bagunçando minha mente. Isso estava me deixando paranoica.

— Então, o que você está fazendo aqui? — Vincent perguntou — Esta é a primeira vez que eu te vejo em um emprego remunerado. Não que as tarefas não tenham seu valor.

Eu estava a ponto de abrir minha boca e dizer para ele a coisa toda — para animadamente pegar o livro e mostrar para ele — quando eu de repente hesitei. Eu não queria que ele o visse... ainda. Não até que eu entendesse o que ele significava. Talvez fosse o meu orgulho me segurando, mas eu queria ver seu rosto quando eu tivesse terminado o quebra-cabeça na frente dele, completado com informações valiosas que ele não poderia ter encontrado em qualquer outro lugar.

— Eu só estava me sentindo entediada. Achei que seria divertido fazer alguma coisa diferente para variar.

— Entediada? — Vincent parecia surpreso — Em uma semana e meia você foi quatro vezes com Violette para o cinema, e nós dois saímos... bem, não tanto quanto eu gostaria — Um brilho de culpa cruzou seu rosto antes de ele forçá-lo a desaparecer.

— Então, o que você vai fazer esta noite? — Eu perguntei.

— As coisas entediantes usuais de um *revenant* — Ele replicou, visivelmente se contorcendo, e depois ele me olhou nos olhos — Kate você sabe o que eu estou fazendo.

— Não exatamente — Eu não pude evitar o traço de amargura em minha voz.

Vincent me puxou para perto e disse — Você quer que eu te conte? Só me diga uma palavra.

— Não — Eu balancei a cabeça, e Vincent me envolveu com seus braços — Eu amo você, Kate — Ele sussurrou. Eu fechei meus olhos e me aninhei nele.

— Ainda estamos certos sobre amanhã à noite, não? — Ele murmurou.

Eu me afastei dele e sorriu — Pizza e filme em nosso cinema particular? Eu não perderia isso por nada!

— Sim, eu tento me despedir com estilo. Não posso deixar que você se esqueça de mim durante os três dias que eu estiver dormente.

— Como se isso fosse possível — Empurrando-o para a porta, eu disse — Vovô voltará em alguns minutos, e eu não quero que ele pense que eu estava postergando o trabalho.

— Hey, seu avô me ama — Vincent disse.

— Ele não é o único — Eu disse, e abrindo a porta, eu fingi empurrá-lo para a rua. Fechando-a seguramente atrás dele, eu joguei um beijo quente pelo vidro. Rindo, ele se virou e caminhou pela avenida em direção a nossa vizinhança.

Eu corri para o escritório, coloquei o pequeno livro em minha bolsa, e depois cuidadosamente coloquei as caixas de volta em seus lugares no armário de estoque. Quando eu tranquei o armário, ouvi a chave virando na porta da frente e a voz de vovô chamando para avisar que ele estava de volta.

— Estou nos fundos — Eu gritei, minha voz trêmula de pânico. Eu ainda tinha a chave do armário em minha mão. Como eu poderia voltar para a recepção sem que vovô notasse? Eu caminhei para o espaço principal da galeria, e me recompondo o máximo possível, eu dei a ele um sorriso genuíno e perguntei como tinha sido o encontro.

— Propriedade de alto nível, *ma princesse* — Ele se movimentava para trás para tirar o casaco — Tem outro revendedor tentando negócio, então eu não tenho certeza que é minha — Sua voz abafada veio de trás do divisor. Eu rapidamente peguei um pedaço de fita adesiva, pressionando a chave para o lado pegajoso e abri a gaveta, recolocando a chave no lugar onde eu tinha encontrado. Assim que eu fechei a gaveta, vovô voltou.

— Alguma coisa excitante aconteceu enquanto eu estava fora? — Ele perguntou, vindo para perto de mim, atrás do balcão.

— Deixe-me ver... O presidente francês passou por aqui. Brigitte Bardot. Oh, sim, e depois Vanessa Paradis veio com Johnny Depp. Eles compraram uma estátua de um milhão de euros. Você sabe, o de sempre.

Ele balançou a cabeça em diversão e começou a escrever em sua agenda. Eu o beijei para me despedir e tentei não correr enquanto me dirigia para a porta.

Capítulo 15

Assim que cheguei em casa, eu joguei minha tarefa em uma cadeira e me sentei na cama com o livro. No começo foi difícil. Como ler *Beowulf* em inglês — havia muitas palavras que eu não entendia. Mas gradualmente, a magia da história me sugou, e eu senti como se estivesse lá com os personagens: Goderic, um *revenant* de dezenove anos, e Else, a garota com quem ele casou alguns meses antes de morrer.

Era Else que estava lá quando Goderic acordou, o dia em que ele teria que ser enterrado. Ela deu a ele comida e bebida, e ele atingiu sua imortalidade. Eles aprenderam o que ela era por um *revenant* que tinha a visão e que seguiu sua luz.

Else e Goderic tornaram-se nômades, mudando-se toda vez que ele morria para que os moradores locais não desconfiassem. Quando ela ficou mais velha, eles tiveram que mudar sua história, dizendo que eram mãe e filho. Depois de muitos anos, Else ficou doente. Goderic chamou um *guérisseur* para curá-la, e o curandeiro reconheceu o que Goderic era por sua aura.

Goderic suplicou ao homem para que ele encontrasse um meio de fazer com que ele envelhecesse normalmente junto com sua amada — resistindo ao poderoso desejo de morrer. O *guérisseur* não tinha esse conhecimento, mas contou a ele sobre outro curandeiro que tinha grande poder nos caminhos dos imortais.

A próxima parte estava cheia de palavras que eu não entendia. Ela tinha sido redigida em um estilo peculiar — como uma profecia — mas eu tentei decifrá-la palavra por palavra. Ainda falando sobre o curandeiro poderoso, o homem disse para Goderic: "Da família dele virá aquele que verá o vitorioso. Se alguém tiver a chave para resolver seu problema, será do clã deste vidente. Ele vive em uma terra distante, entre *les A*....., e pode ser encontrado abaixo do Sinal do Cabo, vendendo relíquias para os peregrinos".

Meu coração pulou uma batida. Tinha uma palavra riscada. Uma palavra essencial. Depois da letra *A*, uma linha grossa de tinta preta tinha obscurecido o restante da palavra, tornando impossível saber entre quem o curador vivia. Alguém tinha propositalmente desenhado em cima disso. *Alguém que não queria que o curador fosse encontrado*, eu pensei.

Eu me forcei a continuar lendo, na esperança de que a palavra fosse dita de novo mais tarde, mas ela não foi. Goderic e Else começaram a viajar para o norte, mas ela contraiu outra doença e morreu nos braços de Goderic. Ele ficou tão perturbado que viajou para a cidade e encontrou um *numa*, que "acabou com sua vida".

Quando eu terminei, eram duas da manhã.

Quem saberia se havia até mesmo um grão de verdade na história? Mas se havia alguém que poderia ajudar ao Vincent e a mim, eu não pararia até encontrá-

lo. No entanto, antes que eu pudesse, eu tinha que localizar outra cópia do livro — uma cópia que não estivesse adulterada. E eu sabia exatamente o lugar onde deveria começar.

Mesmo que eu tivesse dormido apenas algumas horas, eu estava completamente desperta quando meu alarme tocou. Eu o tinha programado para mais cedo, para que eu pudesse conversar com vovó antes que ela subisse para o seu estúdio de restauração e ficasse perdida em seu trabalho. Mas quando eu cheguei à cozinha, percebi que já era tarde: a louça do café da manhã de vovó já estava na pia, e o avental branco de trabalho que ela usava enquanto restaurava pinturas não estava mais no gancho da porta.

Eu cortei uma baguete no meio, abri-a longitudinalmente e depois passei um pouco de manteiga com sal ao longo do meu pão. Adicionei um pouquinho das compotas caseiras do marmeleiro do jardim da casa de campo de meus avós, e eu estava segurando um tradicional *tartine*. Simples, mas delicioso. Eu o embrulhei em um guardanapo e o carreguei comigo subindo as escadas.

Entrar no estúdio de vovó era como adentrar outro mundo — habitado pelos temas das pinturas centenárias. Jovens mães aristocráticas com crianças perfeitamente vestidas e cães enfeitados com fitas brincando aos seus pés. Vacas de aparência triste, ruminando no meio de um pasto nevoento. Magros santos ajoelhando-se em frente a uma cruz, com um Jesus de tamanho enorme nela, ensanguentado e retorcido. Todas estas coisas estavam no mundo da vovó. Não havia dúvidas de que eu tinha passado cada momento livre de quando eu era criança, aqui.

Minha avó estava esfregando um líquido transparente na superfície de uma pintura das ruínas de Roma, escurecida pelo tempo — Oi, vovó — Eu disse, enquanto caminhando até ela e sentava-me em um banquinho. Peguei uma mordida do tartine enquanto a observava trabalhar.

Ela cuidadosamente terminou o que estava fazendo e depois se virou, sorrindo brilhantemente — Você levantou cedo, Katya! — Ela fez um gesto que indicava que, se suas mãos não estivessem cheias, ela iria me beijar. O tão importante beijo na bochecha de "primeira vez que te vejo no dia". Eu nunca me acostumaria a deixar alguém chegar perto de minha boca antes de eu ter tido a chance de escovar os dentes.

— Sim. Eu tenho algumas coisas que preciso fazer antes de ir para a escola. E eu estava pensando em uma coisa que ouvi no mercado outro dia. Pensei que você poderia me explicar.

Vovó assentiu, com expectativa.

— Esta mulher estava falando sobre encontrar um *guérisseur*. Para seu eczema, eu acho que era. E eu já tinha ouvido sobre os *guérisseurs*... Sei que a palavra quer dizer "curandeiro", mas eu não entendo como eles trabalham. Eles são do tipo de curandeiros religiosos que temos nos Estados Unidos?

— Oh, não — Vovó balançou sua cabeça vigorosamente e fez um barulho de reprovação. Ela colocou seu pincel em uma jarra com um líquido e limpou as mãos

numa toalha. Por esta resposta entusiasta, eu sabia que estava para ouvir uma boa história. Vovó adorava me contar sobre as tradições francesas que eu ainda não conhecia, e, quanto mais estranho fosse o tópico, mais ela gostava.

— *Pas du tout*. *Guérisseurs* não têm nada a ver com fé, mesmo que alguns digam que suas curas são psicossomáticas — Eu ri enquanto a observava ficando animada, aquecendo a história — Mas eu, como ninguém, sei que não é o caso.

Voilà! Eu pensei. Sempre acredite em vovó para ter informações sobre um tópico tão bizarro — O que exatamente eles são?

— Bem, Katya. *Guérisseurs* tem estado a nossa volta por séculos — desde a época em que não havia suficientes médicos treinados para atender a população. Eles geralmente se especializavam em alguma coisa, como a cura de verrugas ou eczema, ou até mesmo em consertar ossos quebrados. O mesmo dom da especialidade é passado de um membro da família para outro, e assim que o dom é passado, o curandeiro anterior não o carrega mais. Sempre há apenas um guérisseur na família de cada vez, e cada um deve conscientemente aceitar a responsabilidade para que possa receber sua herança.

— E este é o motivo de não haverem muitos mais. Costumava ser uma profissão honrada. Agora com a medicina moderna e o crescimento do ceticismo, menos pessoas têm o orgulho de ter estes dons, e a maior parte da geração mais nova se negou a aceitá-los. Quando isso acontece, o dom desaparece.

— Parece maravilhoso, na verdade — Eu admiti.

— Ainda mais maravilhoso quando você os vê trabalhando — Vovó me disse com piscar de olhos.

— Você esteve com um *guérisseur*?

— Oh, sim. Duas vezes, na verdade. Uma vez foi quando eu estava grávida de seu pai. Eu não estava nem de três meses, e um velho fazendeiro que vivia perto da nossa casa de campo perguntou se eu queria saber se era menino ou menina. Acontece que ele era um *guérisseur*, e que aquele era o dom da família dele. Isso e curar o vício em nicotina, se eu me lembro corretamente — Ela disse, tocando seu lábio inferior e olhando para o vazio.

— E você não acha que foi apenas um palpite de sorte? — Eu perguntei.

— De mais de cem bebês, ele não errou nenhum. E o seu próprio avô não teria a linda face que tem hoje se não fosse outro *guérisseur* — ela continuou — Uma vez, quando ele estava queimando uma pilha de folhas, o vento mudou e as chamas o atingiram diretamente no rosto. Queimaram suas sobrancelhas e a frente de seu cabelo. Mas um vizinho o levou rapidamente para sua mãe, e ela "tirou" a queimadura. A coisa mais estranha... ela nem mesmo o tocou, ela só agiu como se estivesse varrendo a queimadura de sua face e depois a jogando fora, agitando seus dedos. E funcionou. Ele não tinha mais queimadura. Mas levou um tempo até suas sobrancelhas crescerem de novo.

— Bem, isto é mais difícil de refutar — Eu admiti.

— Não há o que refutar. Isso funciona. Estas pessoas têm uma espécie de força. Apenas não pergunte por que ou como. Não faz nenhum sentido. Mas várias coisas importantes neste mundo não fazem.

Com a história completa, vovó deu um tapinha na frente de seu avental e se aproximou de mim — Eu tenho que trabalhar, querida. O *Musée d'Orsay* precisa disso para o final da semana — Ela alisou meu queixo suavemente com sua mão — Sabe, Katya? Você se parece mais com a sua mãe a cada dia.

Ouvir aquilo de qualquer outra pessoa me destroçaria. De vovó, era tudo o que eu precisava ouvir. Minha mãe tinha sido forte. Esperta. E determinada o bastante para conseguir o que quisesse, não importa o quão difícil fosse.

Como a busca que eu enfrentava agora. Carregar o rosto de minha mãe era um lembrete diário de que eu poderia ser tão forte quanto ela tinha sido. E lutar por aquilo que eu mais queria na vida era o melhor jeito de mantê-la viva em meu coração.

Capítulo 16

Mesmo que Vincent tivesse dito que me buscaria naquela noite, eu fui direto para sua casa depois da escola. Ele me recolheu em seus braços quando me viu, e depois me colocou no chão, preocupadamente correndo os dedos pelos meus cabelos — Eu tenho que cuidar de uma tonelada de coisas chatas antes de hoje à noite — Ele disse, desculpando-se.

— Eu sei. Eu trouxe minhas tarefas — Eu lhe dei um beijinho nos lábios enquanto caminhava atrás dele para o grande vestíbulo. Eu já tinha estado aqui centenas de vezes, e em cada vez, ele me fazia sentir como se eu estivesse entrando em um palácio. O que basicamente era verdade. Vincent segurou minha mão enquanto caminhávamos pelo longo corredor até seu quarto, e se agachou em frente à lareira para alimentar o fogo enquanto eu me sentava no sofá.

Verdade seja dita, eu gostava de ver Vincent se preparando para a dormência. Isso me fazia sentir mais no controle, como se eu estivesse me preparando para estes três alucinantes dias. Não havia nada que eu poderia fazer para ajudar, então pelo menos eu poderia observar.

Era fácil esquecer o que ele era enquanto ele terminava de responder aos e-mails e checava todas as contas online e os saldos bancários que ele cuidava pela tribo. Ele parecia um adolescente que trabalhava intensamente — o tipo raro que sabe o que quer do futuro e está fazendo tudo o que pode para chegar até isso.

Aquela ilusão foi apagada quando ele colocou uma garrafa de água e um saquinho com frutas secas e amêndoas perto da nossa foto em sua mesa de cabeceira. E eu me lembrei de que *este* era o seu futuro — exatamente o que ele estava fazendo agora — para o resto da eternidade.

Eu o observei finalizar seu ritual pré-dormência. Mesmo que Jeanne sempre se certificasse de que haveria uma bandeja cheia de comida e bebida esperando cada *revenant* quando ele ou ela acordasse, Vincent tinha este medo primitivo de que alguma catástrofe poderia acontecer e ela e os outros não estivessem por lá para fornecer esta nutrição tão crítica. Agora eu sabia o quão importante isto era: sem alguma coisa para comer e beber, o *revenant* que estivesse se reanimando poderia morrer. O que significava que Vincent passaria de uma morte temporária para uma permanente.

— Então, *mon ange*, vamos seguir com os nossos planos, ou você prefere fazer alguma coisa diferente esta noite? — Vincent disse, passando o nariz em minha orelha enquanto eu fingia ler meu livro didático de química.

Este era o meu quinto mês em experimentar a dormência de Vincent. Na primeira vez, eu não sabia o que ele era, e encontrar Vincent aparentemente morto me assustou quase o suficiente para me mandar para a minha própria sepultura

precoce. Mas por outro lado, isto também me permitiu descobrir o que os *revenants* realmente são.

O segundo mês foi quando eu descobri que éramos capazes de nos comunicar enquanto ele era volante. E depois disso, nós caímos numa rotina. Nós passamos a noite anterior à sua dormência tendo uma noite de pizza e filmes no cinema particular em seu porão, depois do que Vincent me leva para casa e nós nos despedimos. Eu não o visitaria no dia seguinte — ele não gosta que eu o veja morto quando ele não pode se comunicar comigo. Mas durante os próximos dois dias, com Vincent capaz de viajar para fora de seu corpo e falar comigo, nós passamos juntos cada momento em que ele não estiver trabalhando com sua tribo.

No começo eu não o deixava ir até minha casa como volante. Mas agora eu não me importava mais com isso. Contanto que ele me deixasse saber que ele estava lá, a ideia não me assustava. Pelo contrário, eu adorava ir dormir com ele sussurrando em minha cabeça. O que seria mais romântico do que ouvir seu namorado murmurando belas palavras para você enquanto você está cochilando?

Eu jurava que tinha sonhos melhores quando ele estava lá. Eu tinha certeza de que ele estava colocando ideias adoráveis em minha cabeça por toda a noite, mas quando eu mencionei isso, ele disse que nunca se aproveitaria de uma dama enquanto ela estivesse inconsciente. Sua risada divertida quando ele disse isso, foi tudo menos convincente.

— Noite de filmes, definitivamente — Eu disse.

Vincent assentiu, sua face ficando mais tensa do que geralmente. Como ele entrava em dormência durante a noite, ele começava a se sentir fraco algumas horas antes. Mas neste mês ele parecia pior do que fraco. Ele parecia absolutamente terrível.

Os círculos escuros embaixo de seus olhos agora pareciam como contusões. Sua pele estava pálida, e ele parecia tão exausto como se tivesse corrido uma maratona — Vincent, eu sei que prometi não cavar por detalhes em relação ao seu "experimento", mas se o que quer que você esteja fazendo deve te deixar mais forte, não parece estar funcionando muito bem. Na realidade, eu diria que está tendo o efeito oposto.

— Sim, eu sei. Todos estão pirando sobre o quão mal eu pareço. Mas, como eu disse, as coisas devem ficar piores para depois melhorarem.

— Bem, tem "pior", e depois tem... um olho preto — Eu corri meu dedos suavemente pela contusão.

— Em três dias eu estarei novo mais uma vez, então não se preocupe — Vincent disse, parecendo como se ele estivesse tendo dificuldade em acreditar nele mesmo.

— Tudo bem — Eu balancei os ombros em derrota e me sentei, cruzando os braços — Então... O que passará esta noite em *Le Cinéma de La Maison*?

O conhecimento enciclopédico de Vincent sobre os filmes tinha me intimidado até que eu racionalizei que se eu nunca dormisse, também teria visto tantos filmes

quanto ele — Eu estava pensando que, já que você nunca os viu, poderíamos assistir *Scarface* ou *Asas do Desejo* — Ele respondeu.

Olhei para a parte de trás das duas caixas dos DVDs que ele segurava — Bem, já que eu não estou realmente no humor para uma "guerra sangrenta do cartel de drogas de 1980 em Miami", um filme alemão altamente artístico sobre anjos da guarda soa muito bem.

Vincent sorriu cansado e pegou o telefone para encomendar as pizzas.

Eu chequei o horário. Tínhamos algumas horas juntos antes de ele me levar para casa. Depois disso, eu tinha um dia inteiro no qual Vincent não teria ideia do que eu estava prestes a fazer. O que era exatamente o que eu queria.

Capítulo 17

Eu saí de meu prédio na manhã de sábado, pronta para o meu treinamento de luta semanal, para ver... Ninguém. E depois eu me lembrei que Vincent não poderia estar lá para me encontrar. Nem mesmo em forma de espírito. Ele estava morto como uma porta hoje.

Eu digitei o código quando cheguei em La Maison, entrando no jardim e bati na porta como era o meu hábito quando Vincent estava comigo. Gaspard abriu a porta com um olhar de surpresa, e depois começou a se desculpar — Oh, querida Kate — Ele disse, dando um passo para trás e me deixando entrar na casa — Eu me esqueci completamente de nossa prática. Eu deveria ter telefonado para cancelar. É que... Charlotte ligou esta manhã. Charles se foi.

— O que você quer dizer com "se foi"? — Eu respondi.

— Parece que ele esperou tempo suficiente para que Geneviève se mudasse antes de sair de perto de Charlotte. Ele deixou um bilhete esta manhã dizendo para que elas não se preocupassem com ele, mas que ele não entraria em contato por um tempo. Que ele precisava ir para outro lugar para "arrumar a cabeça" — Gaspard sempre parecia estranho quando tentava usar frases contemporâneas.

— Alguém vai procurar por ele?

— Por onde começaríamos? — Gaspard replicou — Charlotte e Geneviève ficarão por lá no momento, no caso de ele decidir voltar. Caso contrário, eu espalhei a notícia entre os nossos amigos mais próximos, e eu tenho certeza de que estas notícias irão se espalhar. Talvez possamos ter uma resposta de alguém que o tenha avistado — Ele parou por um momento, olhando para o chão como se os pisos tivessem a resposta de onde Charles estava, e depois, tirando a si mesmo de seu estupor, disse — Em todo caso, eu tenho muitas ligações para fazer, então por favor me perdoe.

— Tem algo que eu possa fazer para ajudar?

— Não, não há nada a ser feito — Ele murmurou enquanto caminhava em direção à escadaria dupla.

— Eu acho que vou ficar, mesmo assim — Eu disse.

— Sim, sim — Ele disse distraidamente, desaparecendo pelo corredor no topo da escadaria.

Eu fiquei parada lá me sentindo péssima por um momento, imaginando o que Charles poderia estar fazendo neste momento, e pensando em como Charlotte deveria estar ficando maluca de preocupação. Eu escreveria para ela assim que chegasse em casa.

Olhando para o corredor que ia em direção ao quarto de Vincent, eu tive que me refrear quase que fisicamente para não ir até lá para vê-lo. Mesmo que ele nunca fosse descobrir, eu decidi ser boazinha. Desta vez.

E então eu me dei conta. Esta era a oportunidade perfeita para checar a biblioteca de JB. Eu esperei por alguns segundos, até ouvir a porta de Gaspard fechar, e depois pulei escada acima e fui até a biblioteca.

Para mim, esta sala era como o paraíso dos livros. Eu nunca tinha estado ali sozinha — apenas com todo o grupo durante os encontros que eu tinha permissão de ir. E agora, aqui estava, toda minha para descobrir. Milhares de volumes, muitos dos quais eu assumi que continham referências aos *revenants*, cobriam as paredes em colunas tão altas que as prateleiras superiores tinham que ser acessadas por escadas.

Por onde eu poderia começar? Eu sabia o que queria: o estoque de livros recém-adquiridos que Vincent tinha mencionado — aqueles que Gaspard, agindo como o bibliotecário e pesquisador não oficial do clã de Paris, não tinha tido tempo de ler ainda. Eu estava convencida de que se ele tivesse visto *Amor Imortal* — e tivesse realmente o lido do começo ao fim — ele teria checado a opção do *guérisseur* e Vincent teria me contado sobre isso.

Eu levei alguns minutos para procurar pelas prateleiras, como eu tinha feito na biblioteca de vovô, situando-me no labirinto de livros. Mesmo que existisse definitivamente uma ordem neles, eu não podia dizer qual era. Ainda assim, a lombada de cada livro tinha uma etiqueta com um número de referência, assim como em uma biblioteca pública. Depois de uma rápida olhada ao redor da sala, eu avistei uma coisa que aqueceu meu coração: um grande armário de madeira embutido com dezenas de pequenas gavetas. Gaspard mantinha um catálogo ultrapassado. Eu me senti como se pudesse beijá-lo.

Não havia o nome do autor no livro do vovô, então eu pulei para as colunas catalogadas por títulos de livros. E para o meu completo espanto, lá estava — Amor Imortal — escrito em letras antigas de máquina de escrever. Eu parei e fiquei boquiaberta, não acreditando em como tinha sido fácil encontrar. Abaixo do título, Gaspard tinha escrito em francês “Illum. Manu. Século X, Fr.”, com um número do Sistema Decimal de Gaspard no canto superior direito. Eu memorizei o número e fui procurá-lo.

E isso foi... não tão fácil quanto eu tinha imaginado. O livro não estava na estante onde deveria estar, a qual estava cheia de caixas de arquivos, concebivelmente guardando outros manuscritos. E não estava em nenhuma das prateleiras vizinhas. Eu fiz o meu caminho ao redor da sala, tentando mais uma vez entender a organização de Gaspard. Perto da janela eu avistei um conjunto de prateleiras que não estavam abarrotadas de livros como as outras. E depois de uma investigação mais criteriosa eu vi uma pequena placa de metal presa à frente da estante, gravada com as palavras “Ler”.

Meus batimentos se aceleraram enquanto eu corria os dedos pelas lombadas dos livros e notava que eles estavam organizados por números também. Graças aos deuses do TOC, eu pensei, e depois eu o vi. O número correto — na lombada de uma caixa de arquivo. Eu o abri e lá estava: encadernado no mesmo couro rústico da cópia do vovô.

Eu peguei o livro e cuidadosamente coloquei a caixa de volta em seu lugar. Depois, carregando-o até uma pequena mesa com uma pilha alta de volumes variados, eu me sentei e abri a capa. Ali estavam eles, Goderic e Else, segurando as mãos em um retrato que era quase idêntico ao do livro do vovô.

Eu tinha começado a virar as páginas, cuidadosamente, até a passagem sobre o *guérisseur*, quando escutei o som de passos se aproximando e a maçaneta começar a girar. Em pânico, eu coloquei o livro em minha mochila, peguei outro volume da pilha à minha frente e o abri.

A figura em forma de pardal de Violette entrou pela porta — Kate — Ela gritou, e foi até onde eu estava para me dar beijos nas bochechas — O que está fazendo aqui?

— Gaspard cancelou meu treinamento de luta, então eu pensei em passar um tempo lendo.

Violette olhou por cima de meu ombro para o livro que eu tinha aberto — Você está lendo sobre anatomia de serpentes? — Ela perguntou, confusa.

Eu olhei para baixo para ver que a página que eu estava segurando tinha uma ilustração de uma serpente dissecada, com termos em Latim identificando os diferentes ossos e órgãos — Hum, sim. Eu acho a natureza... Fascinante! — Eu me encolhi. Eu estava parecendo o chefe da Patrulha Geek.

Ela fechou o livro e sentou na mesa me encarando — Então Vincent está dormente. Quer fazer alguma coisa?

Eu ri — Eu vou almoçar com a Georgia, mas eu posso te encontrar mais tarde para um cinema vespertino.

— Podemos as duas dar uma olhada no *Pariscope* e depois nos telefonamos. Podemos dizer por volta das quatro da tarde?

— Perfeito — Eu disse, levantando-me. Violette não estava indo para lugar algum, e eu estava morrendo para dar uma olhada no livro. Eu poderia ter lido ali, bem na frente dela, mas pareceria estranho eu estar escondendo alguma coisa da coleção de Jean-Baptiste em minha bolsa. Eu teria que devolver isto depois. Gaspard tinha tantos volumes em suas estantes para "Ler" que eu tinha certeza de que ele não sentiria falta deste.

— Você terminou sua leitura sobre serpentes? — Violette perguntou jocosamente.

— Hum, sim — Eu disse fracamente enquanto ia em direção às escadas — Vejo você depois, então. Eu mando uma mensagem com os meus filmes favoritos.

Ela sorriu e acenou atrás de mim antes de pegar o catálogo.

Eu fechei a porta atrás de mim, meu coração saindo pela boca enquanto eu me sentia inundada em uma maré de culpa. O que eu estava fazendo? Eu tinha certeza de que JB e Gaspard não se importariam que eu usasse a biblioteca, mas levar um velho e valioso livro comigo? Eu não podia imaginar que eles ficariam felizes sobre isso. Eu o trarei de volta amanhã, eu pensei, e fiz meu caminho para fora da casa dos mortos e de volta para o mundo dos vivos.

Capítulo 18

Eu me sentei em meu quarto, olhando para os dois velhos livros que estavam abertos lado a lado em minha cama. A palavra que tinha sido riscada no livro do vovô estava facilmente legível na cópia de Jean-Baptiste — era "Audoniens". Em contrapartida, o "Sinal do Cabo" tinha sido riscado tão fortemente que era impossível de decifrar. Ambos os livros eram necessários para juntar as peças do quebra-cabeça: o *guérisseur* vivia entre os Audoniens e podia ser encontrado abaixo do Sinal do Cabo.

Que estranho, eu pensei. Alguém queria fazer com que fosse muito difícil encontrar esse *guérisseur*. Mas não impossível. Bem, se a identidade de alguém estivesse sendo protegida, aquilo poderia significar que o livro era muito mais do que um conto de fadas. Eu apenas imaginava se o descendente do curandeiro ainda estava por aqui, duzentos anos depois.

Então, eu estava procurando por uma terra longínqua (pelo menos de onde Goderic tinha morado, onde quer que fosse) e por pessoas chamadas *les Audoniens*. Uma vez que eu os encontrasse, eu teria que descobrir o que Sinal do Cabo significava. "Vendendo relíquias para os peregrinos", o livro dizia. Então provavelmente perto de uma igreja.

Eu chequei o relógio. Eu tinha meia hora até meu almoço com Georgia — que ficava a meia hora de distância — num restaurante no Marais. Mas Georgia estava sempre atrasada.

Deslizando o meu laptop de dentro da gaveta, eu digitei "*Audoniens*" no Google... E quase pulei da cadeira quando vi o que apareceu na minha tela. "*Audoniens*" era o apelido francês para as pessoas que viviam em Saint-Ouen. Saint-Ouen... a vizinhança no norte de Paris. É claro que, na época medieval, aquela tinha sido uma cidade. À medida que Paris crescia, ela englobou todos os pequenos vilarejos das bordas e os incorporou à cidade. Então o curandeiro não tinha dito "Paris" ou "parisienses" porque ele estava se referindo a eles como o vilarejo de Saint-Ouen.

Estava tão perto, eu poderia ir para lá todos os dias se precisasse até encontrar o que eu estava procurando. Ou até descobrir que o que eu estava procurando não existia mais. Empurrando a minha sorte, eu procurei por "Sinal do Cabo" em inglês. E apareceram muitas referências sobre ferimentos no cordão espinhal. Não havia nada de interesse quando eu chequei em francês. Eu fechei meu laptop e o coloquei de volta em minha escrivaninha, depois coloquei o livro de JB cuidadosamente em seu local.

Coloquei o meu casaco e deixei o apartamento rapidamente, com a cópia do livro de vovô em minha bolsa. Eu tinha o que precisava, e poderia pelo menos devolver o livro hoje. Esperançosamente ele poderia não ter tido a chance de ir até

seu estoque e nem notaria que eu estava devolvendo o livro. Não que ele fosse se importar se eu pegasse coisas da galeria. Vovô sempre tinha sido muito generoso comigo e com Georgia. Eu só não queria chamar a atenção para o fato de que o livro que eu tinha pegado era sobre *revenants*. Ele definitivamente desconfiaria depois da minha escorregada do "*numa*" no ano passado.

Eu peguei o metrô para ir ao Marais e caminhei por uma rua estreita chamada Rue des Rosiers, que era infame devido ao fato de ser o lugar onde os judeus tinham sido ajuntados para serem levados para os campos de concentração, na Segunda Guerra Mundial. Uma deli judaica ainda tinha um buraco de bala em sua janela: os proprietários o deixaram lá como um testemunho dos tempos mais escuros da história do bairro.

Quando o final da rua se aproximava, eu vi as três famosas lojas de *falafel*, alinhadas em uma fileira. Seguindo em direção àquela com fachada verde, eu avistei Georgia já sentada lá dentro. Em tempo. O que tinha que ser um recorde pessoal para ela.

Entre sanduíches de *falafel* macios e envoltos em molho de *tahine*, minha irmã e eu colocamos os assuntos em dia.

— Então seu namorado precisa estar morto para que você saia comigo? — Georgia provocou.

— Não morto, dormente. E é você que está tão ocupada que eu não te vejo mais.

— Sim, bem, ser a namorada de um rockstar toma todo o meu tempo extracurricular — Ela fingiu balançar os cabelos por cima dos ombros, mesmo que eles estivessem curtos demais para serem agitados, e deu uma mordida na *pita*.

— Rockstar? — Eu provoquei — Quando ele conseguiu se promover do "quero ser um rockstar"?

— Ha, ha — Georgia brincou — Você verá por si mesma no próximo Sábado à noite. Porque você vai ver. Então... Diga-me. Como está sua caçada pela cura milagrosa de Vincent?

— Na verdade eu encontrei uma coisa — Eu disse, inclinando-me para frente e apertando seu pulso, animadamente.

— O quê? O que é? — Os olhos de Georgia ficaram maiores.

Eu cuidadosamente limpei minhas mãos, e depois, usando um guardanapo de papel para protegê-lo, tirei o livro de vovô de dentro da minha bolsa. Virei para a primeira página para mostrar a ela o retrato. Ela o estudo por um segundo e depois disse — Há uma coisa bem séria acontecendo aí.

— Goergia!

— Desculpe-me. Eu não pude evitar. Então, o que é isso?

Eu guardei o livro de novo em minha bolsa e contei a ela toda a história.

— Wow! Você roubou alguma coisa da biblioteca de Jean-Baptiste?

— Apenas por um dia. Eu não sei por que eu não podia apenas mostrar isto para Violette.

Georgia levantou uma sobrancelha para me mostrar que seus sentimentos por Violette não tinham mudado.

— De qualquer forma, agora eu tenho esta misteriosa informação com o que trabalhar, e eu vou dar uma de detetive por Saint-Ouen procurando por algum curandeiro sem nome cuja família morreu há séculos.

— Dar uma de detetive. Isto é tão Nancy Drew — Georgia sorriu — Vou ter que te dar uma saia lápis e magníficos e grandes óculos — Sua expressão mudou de divertida para séria em uma fração de segundos — Então, o que posso fazer para ajudar?

— Bem, em primeiro lugar, você pode me ajudar a devolver o livro para a galeria de vovô. Você pode distraí-lo enquanto eu o coloco de volta de onde peguei. Mas depois disso, acho que é melhor eu ser uma detetive solitária, já que eu não tenho nenhuma pista de onde procurar primeiro.

— Combinado. Mas me chame se você alguma vez precisar de alguma coisa.

Eu sorri em agradecimento — Oh, e não mencione nada para Vincent. Eu não quero que ele saiba o que estou fazendo até que eu tenha certeza de que é alguma coisa concreta. Ele também está... fazendo alguma coisa por si mesmo que ele não quer me dizer.

Eu quis parecer irreverente, mas minha voz falhou, me traindo. Os olhos de minha irmã se encheram de simpatia — Oh, não, Katie-Bean. O que está acontecendo?

— É alguma coisa que ele está fazendo para tentar deixar as coisas mais fáceis para nós — algum tipo de teste. Mas ele não quer falar sobre isso porque acha que vou pirar. O que quer que seja, não é bom para ele. Ele está parecendo desgastado. E como se tivesse tomado uma surra. Eu estou preocupada que seja perigoso demais.

— Oh, irmãzinha — Georgia disse, e se inclinando, me abraçou. Ela me deu um aperto afetuoso antes de se sentar de novo e considerar o que eu tinha dito.

— Bem... Primeiro de tudo, eu espero que seus instintos estejam errados e que Vincent não esteja fazendo nada de estúpido. E em segundo lugar, eu acho que você está totalmente certa em procurar por isto sozinha, Katie-Bean — Ela disse, pegando em meu braço consoladoramente — Você sempre foi a mais esperta da família. Se você acha que pode resolver isso, então eu tenho certeza que você resolverá. E depois, quando você aparecer com a resposta para todos os problemas imortais dele, você terá aquele garoto morto caído aos seus pés.

Eu sorri para ela, com a confiança renovada. Nada como um papo de irmã para irmão para confortar.

Georgia e eu colocamos o plano de devolver o livro em prática, brilhantemente, com o vovô tão surpreso por ver minha irmã realmente na galeria e agindo com interesse nas antiguidades, que eu facilmente pedi licença, peguei a chave, e escapei para a sala de trás. Eu estava aliviada em ver que todas as caixas estavam

no armário onde eu as tinha deixado. Vovô nunca saberia que o livro tinha saído de lá.

Saindo da loja de vovô, Georgia e eu caminhamos pela Rue de Seine, passamos por todas as galerias minimalistas e antiquários lotados. Eu dei uma olhada sobre La Palette, o café onde eu tinha visto Vincent com Geneviève no último outono. A varanda estava cheio de aquecedores a gás, da altura de uma árvore, e todas as mesas abaixo deles estavam ocupadas.

Meus olhos foram atraídos para um garoto loiro sentando a uma mesa. A mesa continha muitos cadernos abertos: o garoto tinha sido interrompido enquanto escrevia. À medida que nos aproximamos, eu vi que era Arthur.

Georgia o notou ao mesmo tempo — Hey, aquele não é um dos amigos do Vincent?

Arthur olhou em nossa direção, e estremeceu quando percebeu quem éramos — *Bonjour!* Olá! — Ele disse, depois de um segundo de hesitação.

— Ótimo. Obrigada, Georgia. Ele parece realmente feliz em nos ver — Eu resmunguei enquanto cruzávamos a rua para parar em frente a sua mesa.

O homem falando com Arthur era um bonito homem mais velho, provavelmente da idade de Gaspard. Ele parecia alguém que eu conhecia, mas eu não consegui descobrir quem. E tinha alguma coisa estranha sobre ele, alguma coisa em minha cabeça me dizia que não parecia certo. Quando ele viu Georgia e eu indo a sua direção, ele colocou o jornal embaixo do braço e se afastou rapidamente.

— Outro amigável conhecido dos mais velhos — Eu murmurei para Georgia, e depois disse mais alto — Olá, Arthur.

Arthur se manteve educado para nos cumprimentar — Olá, Kate. E Georgia, não é?

— É Georgia mesmo — minha irmã disse, flertando.

— Sim, bem — Arthur gesticulou em direção à mesa — Vocês gostariam de se juntar a mim para um café?

— Claro — Georgia começou.

— Não — Eu disse, cortando-a — Obrigada mesmo assim. Temos algumas coisas para fazer. De fato, eu tenho que encontrar Violette em breve.

— Ah, sim, para um dos seus filmes. Bem, ela está pela rua fazendo compras Ele indicou a direção com a cabeça, e depois olhou silenciosamente para mim, com uma expressão que parecia quase de desculpas.

Eu olhei de volta, desafiando-o a dizer alguma coisa. Se perdão era o que ele queria, não o conseguiria de mim — Vejo você — Eu disse depois de uma estranha pausa, e, pegando no braço de Georgia, levei-a embora.

Assim que ficamos a uma distância em que ele não podia nos ouvir, ela virou para mim — O que há de errado com você? — Ela perguntou — Ele estava tentando ser legal.

— Ele também me chutou de uma reunião na casa por eu ser humana.

Georgia segurou sua respiração bruscamente — Ele *não* fez isso!

— Ele fez — Eu confirmei.

— Então, eles são ambos racistas — Georgia meditou — Mas a diferença é que ele é fofo. Katie-Bean, ele não te lembra o...

— Kurt Cobain.

— Totalmente!

Nós estávamos quase fora da vista do café quando vimos Violette meio quarteirão para frente, vendo a vitrine de uma loja. Vendo-nos caminhar em sua direção, ela sorriu largamente e acenou — Olá, Kate! Olá... — E então ela viu quem estava comigo.

— Oh, ótimo! A personificação do mal — Gemeu Georgia — Estou fora! — Ela disse alto o suficiente para que Violette escutasse, e caminhou para uma rua lateral.

A revenant agiu como se nada tivesse acontecido — Eu estava prestes a te ligar para falar sobre nosso filme.

— Sim, eu também — Eu disse — Mas nós vimos Arthur, e ele nos disse onde encontrar você. Não deveríamos nos encontrar antes de uma ou duas horas a partir de agora, mas se você quiser, poderemos ir agora.

— Absolutamente — Ela disse — Meus únicos planos eram sentar por aqui com o carrancudo na La Palette e esperar por você.

— Carrancudo? — Eu perguntei, surpresa. Esta era a segunda vez que ela dizia algo que não fazia jus sobre seu parceiro. Não que eu não concordasse.

— Oh, Arthur pode ser tão chato às vezes. Eu estou ao lado dele há séculos, mas algumas vezes ele me deixa louca — Ela riu para mim conspiratoriamente. Rindo, eu peguei seu braço e caminhei com ela em direção ao cinema de belas artes mais próximo.

— Isto foi muito, muito estranho — Violette meditou enquanto tomava um gole de café.

— Eu te avisei — Eu disse, mexendo um pouco do chantilly que estava em meu chocolate quente.

— Mas eu achei que teria alguma coisa a ver com... você sabe... O Brasil. Eu quero dizer, é assim que o filme se chama. Se ele se chamasse "Universo Alternativo Bizarro", eu não teria o escolhido.

Eu sorri, pensando na confusão e nojo que tinha visto na face de Violette durante a cena de decapitação. Efeitos especiais ainda não estavam em seu vocabulário. Eu tinha que anotar mentalmente para preferir filmes mais velhos e clássicos.

— Então, como estão indo as coisas com Vincent? Ele já te contou sobre as coisas?

— Não — Eu disse, meu sorriso desaparecendo — E eu estou ficando um pouco preocupada. Você notou o quão mal ele está parecendo ultimamente? O que quer que ele esteja fazendo, está obviamente o prejudicando.

Violette assentiu — É provavelmente o caso de as coisas ficarem piores antes de melhorarem.

— Isto é exatamente o que ele disse! — Eu exclamei. Eu bebi meu chocolate e balancei a cabeça em frustração — Você sabe, Violette, eu comecei a procurar por minha própria solução.

Suas sobrancelhas se levantaram — Sério? Qual é?

— Bem, a mesma coisa que ele está procurando. Algo que previna sua necessidade de morrer.

— Você realmente fica tão chateada em vê-lo morrer?

Eu assenti — Eu não reagi bem à morte de Charles no outono passado, e ele nem mesmo é meu namorado.

— Bem, eu acho que está é a reação humana normal. Especialmente para alguém que, como você, foi afetada pela morte tão recentemente — Ela tocou minha mão suavemente com simpatia — Então... No que você está pensando?

— Bem, eu não sei. Estou apenas pesquisando por enquanto.

— Oh, então é por isso que você estava na biblioteca esta manhã!

Eu sorri, me sentindo culpada — Na verdade, eu encontrei uma coisa em outro lugar, na galeria de meu avô. Um livro sobre um casal formado por um *revenant* e uma humana. Falava sobre um *guérisseur* que poderia ter algum tipo de remédio.

— Isso parece fascinante. Eu adoraria vê-lo — Ela disse avidamente.

— Bem, eu já o devolvi à loja de meu avô — Eu não mencionei que tinha a cópia de Gaspard na gaveta de minha escrivaninha.

— Oh, que pena! — Ela disse — O que ele falava?

— Bem, era um maravilhoso manuscrito chamando Amor Imortal, e a história era sobre este casal, em que o homem era um *revenant* e a mulher era uma humana. Eles estavam indo consultar um *guérisseur* que podia ajudá-los, mas então a esposa morreu e o marido pediu para que um *numa* o destruísse.

— Eu já ouvi sobre esta história antes — Violette disse pensativa — Eu não cheguei a ler, mas eu já vi referências dela em outros textos — Ela hesitou — Não quero te desencorajar, mas eu tenho que te advertir, Kate: estas lendas antigas são geralmente apenas isto. Elas podem ter um pouco de verdade, mas certamente nada que você poderia acreditar que fosse útil.

— Você está provavelmente certa — Eu disse, querendo mudar de assunto. Uma vez que eu devolvesse o livro, eu poderia mostrar para ela e perguntar o que ela pensava. Até lá, eu preferia que ela esquecesse sobre isso. A última coisa que eu queria era que ela procurasse pelo livro na biblioteca de Jean-Baptiste e encontrasse uma caixa vazia.

Capítulo 19

Não foi até o momento em que eu cheguei à cama naquela noite que eu senti. A solidão. Este era o dia que eu menos gostava no mês. O dia em que Vincent não existia. Há algumas ruas daqui, seu corpo jazia frio em sua cama.

Não é como se eu tivesse que vê-lo em cada momento do meu dia. Mas quando eu sabia que não podia falar com ele — que não tinha jeito de contatá-lo — bem, era quando eu realmente ficava mal.

Nós não estávamos juntos nem por um ano, mas realmente parecia que Vincent era minha alma gêmea. Ele me completava. Não que eu não fosse uma pessoa inteira quando estava sozinha. Mas quem ele era parecia complementar quem eu era.

Eu inclinei minha cabeça para trás contra o travesseiro e fechei os olhos. A imagem de um quadro veio à minha mente: um dos meus trabalhos favoritos, feito por Cézanne. Era uma pequena e simples tela que mostrava dois pêssegos perfeitos. Os frutos tinham sido pintados em pinceladas soltas de laranja, amarelo e vermelho. Suas cores eram tão vivas e combinadas de uma maneira que fazia você querer arrancar um deles da pintura para mordê-lo e experimentar sua tentadora suculência por si mesmo.

Mas tinha outra coisa na pintura que você não notava até deixar seus olhos flutuarem das cores quentes. Os pêssegos descansavam em um prato branco-creme com um tecido azul claro aninhado atrás deles. Se os pêssegos tivessem sido pintados no vazio — cores lindas contra um fundo de puro branco — eles não pareceriam tão reais. Mas o delicadamente pintado fundo os trazia à vida.

Isto era o que Vincent representava para mim. Ele me dava o contexto. Eu era inteira sozinha, mas melhor do que inteira com ele.

Mas no momento, eu estava sozinha. Eu programei minha mente com o que eu tinha planejado para o dia seguinte, e gradualmente fui puxada para o sono.

Bom dia, ma belle, uma voz disse assim que eu abri os olhos. Olhei para o relógio. Oito horas da manhã.

Rolando para o lado, eu fechei os olhos de novo — Hum — Eu suspirei de prazer — Bom dia, Vincent. Há quanto tempo você tem assombrado meu quarto? — Eu falei com meus pensamentos em voz alta. Era o único jeito de Vincent me ouvir, já que leitura de mente não era um superpoder dos *revenants*.

Desde que eu acordei. Acho que era um pouco depois da meia-noite. As palavras deslizaram sobre minha cabeça como uma brisa, passando pelo meu ouvido e viajando diretamente para os meus pensamentos. No começo, eu só conseguia pegar algumas poucas palavras de cada vez. Mas agora — depois de alguns meses de treinamento — eu podia entender quase tudo.

— Eu ronquei? — Murmurei.

Você nunca ronca. Você é perfeita.

— Ha! — Eu disse — Eu estou realmente por você não ter o senso de cheiro quando está volante. Eu não tenho que pular da cama e escovar os dentes antes de conversarmos.

Mesmo que eu não pudesse vê-lo, eu o imaginei sorrindo.

— Eu sinto a sua falta — Eu disse — Eu queria estar em sua casa agora, deitando em sua cama, ficando em sua companhia.

Ficando na companhia de meu corpo duro e gelado? Em minha mente, a voz de Vincent parecia divertida. *Quando você poderia estar conversando comigo em vez disso? Então* — as próximas palavras demoraram alguns segundos para serem compreendidas por mim — *você gosta do meu corpo mais do que da minha mente.*

— Eu gosto dos dois — Eu disse obstinadamente — Mas eu tenho que dizer que tem algo sobre o toque humano que parece ser essencial numa relação. Eu não namoraria um fantasma, por exemplo.

Sem fantasmas, entendi. Mas revenants são namoráveis?

— Apenas um *revenant* — Eu disse, meus braços praticamente doendo de vontade de abraçá-lo. Eu os passei em volta de meu travesseiro em vez disso. Uma flor de desejo começou a florescer dentro de mim enquanto eu o imaginava deitado na cama ao meu lado — Eu quero você — Eu murmurei, sem ter certeza de que ele tinha ouvido as palavras abafadas pelo travesseiro.

Desejo... O espaço em branco em minha mente esta em silêncio por um minuto inteiro, e depois eu o ouvi de novo. *Desejo é uma coisa engraçada. Quando estou com você — em corpo — estou constantemente na defensiva. Contra mim mesmo. Nós não nos conhecemos há muito tempo, e eu preciso ter certeza do que você quer antes de nós... Darmos um passo adiante.*

— Eu sei o que eu quero — Eu disse.

Vincent ignorou aquilo e continuou. *Mas aqui, quando tocar você não é nem mesmo uma opção... Bem, eu quero tanto você que chega a doer.*

Eu me sentei surpresa e olhei ao redor do quarto, tentando saber onde exatamente ele estava — Você nunca disse isso antes.

Tentar resistir a você é como tentar resistir a morrer. Fica mais difícil com o passar do tempo.

Eu me sentei lá por um minuto, aturdida por suas palavras. Meus sentidos estavam todos em alerta: meus dedos formigavam e o cheiro das flores da vovó em minha cabeceira de repente pareceram fortemente inebriantes — Você disse que morrer é como uma droga para você — Eu disse finalmente.

E ainda assim, eu escolho você em vez disso. Eu só posso imaginar que quando o nosso momento chegar, será exponencialmente melhor do que qualquer uma destas curtas recompensas sobrenaturais.

— Quando o nosso momento vai chegar? — Eu perguntei hesitantemente.

Quando você quer isso?

— Agora!

Resposta fácil, já que isso não é possível. Eu podia quase ouvir o sorriso pesaroso de Vincent.

— Logo, então — Eu respondi.

Você tem certeza? As palavras flutuaram como passarinhos por minha cabeça.

— Sim. Eu tenho certeza — Eu disse, meu corpo zumbindo, mas minha mente estranhamente calma sobre minha decisão. Não é como se eu não tivesse pensado sobre isso. Muito. Sexo, na minha cabeça, era algo que você fazia com alguém com quem você planejava ficar. E não havia dúvidas de que eu queria ficar com Vincent. Intimidade era o próximo passo natural.

Eu fiquei na cama por outra meia hora, falando com Vincent. O telefone estava em meu travesseiro para o caso de vovó entrar sem bater na porta. O que ela nunca havia feito. Mas se isso acontecesse, era minha desculpa por conversar com o ar.

Vincent teria que passar o dia inteiro com Jules e Ambrose, então assim que ele foi embora, eu me levantei, tomei meu café da manhã e saí. Eu tinha feito minha pesquisa no dia anterior e tinha descoberto que o Bishop Saint Ouen, de quem a antiga cidade recebeu o nome, tinha morrido na vila real de King Dagobert em 686 CE (common era). Era para esta Vila Clippiacum que os peregrinos iam, e toda a cidade foi fundada em torno da igreja de Saint Ouen.

A vila real não existia mais, mas eu encontrei um site dizendo que ela era localizada provavelmente onde uma igreja do século VII agora estava. Eu pensei em começar a minha pesquisa na área imediatamente ao redor da igreja e, em seguida, caminhar para longe dela até encontrar alguma coisa.

Eu peguei o metrô para Mairie de Saint-Ouen, logo acima da extremidade mais ao norte do círculo de Paris — nas doze horas de sua cara de relógio — e fui em direção à igreja, usando um mapa da estação do metrô.

Durante a caminhada de quinze minutos, os prédios passaram de vidros modernos e estruturas de cerâmica para arranha-céus de tijolo com antenas parabólicas para fora de cada janela. Quando eu finalmente cheguei à igreja, eu estava maravilhada ao ver o edifício atarracado de pedra situado no meio de um projeto habitacional de aparência tão duvidosa. Vendo um bando de meninos grosseiros apoiados sobre um trilho ali perto, eu fui diretamente para a porta da frente da igreja e tentei abri-la, mas ela estava fechada.

Eu dei alguns passos para trás para olhar melhor. A fachada de pedra não parecia muito velha, mas a escultura sobre o lintel era medieval, mostrando um anjo entregando um cálice para uma rainha. À direita da igreja, havia um pátio que tinha uma calçada alinhada com roseiras presas atrás de um portão branco. Nele havia um papel impresso com os horários de visitações. “Église Saint-Ouen le Vieux” estava escrito no topo. Este tinha que ser o lugar certo.

A igreja estava no topo de uma falésia com vista para um trecho altamente industrializado às margens do Rio Sena, e eu podia facilmente imaginar — com seu ponto vantajoso em relação ao transporte de água — porque este local tinha sido

escolhido para uma vila real do século VII. *Se os peregrinos vinham aqui para cultuar, os vendedores de relíquias não poderiam ficar muito longe*, eu pensei.

Eu olhei em volta para encontrar uma butique da igreja ou uma daquelas lojinhas que ficam próximas dos lugares sagrados da Europa e que estavam cheios de fotos do papa e cartões postais de santos. Mas os únicos prédios que dividiam o quarteirão com a igreja eram de apartamentos e de uma casa de repouso. Eu comecei a caminhar para longe da igreja, em um padrão de zigue-zague para não perder nada. Não existiam lojas de relíquias. Nenhum sinal de cabos ou cordas.

Chequei até mesmo nos bares locais. Nenhum deles tinha um nome nem mesmo minimamente próximos do que eu estava procurando, apesar de que... O que eu esperava? Um pub chamado "O Cabo e a Relíquia"? "O Curandeiro e a Corda"? Eu não esperava ver exatamente "O Sinal do Cabo" escrito em tantas letras, mas eu não achei nada de interessante em seis quarteirões.

Frustrada, eu voltei para a igreja e me sentei em seus degraus da frente, ignorando as cantadas do grupo de meninos e tentando formular um plano B para minha busca. Um grupo de três homens caminhou para um prédio próximo, bateram uma porta fechada e lançaram olhares de dúvida para mim e para os garotos enquanto esperavam nervosamente para que alguém abrisse a porta. *Eu estou tão deslocada aqui*, eu pensei, sentindo-me distintamente insegura. Quando eu me levantei para ir embora, um homem com um colar de padre caminhou para fora do pátio. Eu fui até ele.

— Com licença — Eu disse. O homem sorriu pacientemente e esperou — Tem algum tipo de loja da igreja aqui por perto que venda relíquias ou itens religiosos?

Ele balançou a cabeça e deu de ombros — Quando a igreja está aberta ao público, nós vendemos velas e cartões postais. Mas eu não sei de nenhuma loja nas redondezas que vende o que você está procurando.

Eu o agradeci e, desmotivada, comecei a caminhar para longe.

— Sabe, você sempre pode tentar o Marché aux Puces — Ele disse atrás de mim.

O Marché aux Puces. O mais famoso mercado de pulgas de Paris. Ele ficava há menos de meia hora daqui. É claro que ele nem existia há mil anos, mas talvez *alguma coisa* existisse. Alguma coisa que pudesse ter restado. Ou que fosse realocada. O mercado era o lugar em Paris onde você poderia encontrar qualquer coisa, então... Por que não?

Já passava do meio-dia, então eu comprei um *panini* numa loja e o comi enquanto caminhava, sabendo muito bem que comer na rua em Paris era falta de etiqueta. Enquanto eu mastigava meu sanduíche, as pessoas passavam e me desejavam *bon appétit*, que era um jeito provocante de dizer "Você deveria realmente se sentar para aproveitar sua comida".

Quando eu cheguei na borda da enorme área de quilômetros quadrados que o mercado compreendia, vendedores com mesas dobráveis segurando lixo — não era nem o usual para o estilo de porcaria do mercado de pulgas — começaram a aparecer, vendendo tudo, desde antigos assentos de plástico até peças de carro.

Quanto mais eu me aproximava do centro do mercado, melhores as coisas ficavam, até que as bancas de mercado reais e as pequenas lojas aparecerem, recheadas com tudo: de máscaras africanas de madeira até lâmpadas de lava *vintage* para lustres de cristal. O cheiro de incenso e cera para móveis se misturou ao das cebolas quando passei em uma das várias barracas de comida que pontilham o mercado.

Eu procurei nas lojas alguns sinais enquanto eu passava por elas, tentando encontrar algum símbolo com aparência de cabo. *Talvez uma oficina que costumasse abrigar um fabricante de corda*, eu pensei. Mas não havia nada como aqui pairando sobre as lojas antigas que eu tinha passado. Finalmente eu parei e perguntei para um vendedor se ele sabia de alguma coisa com o sinal de um cabo. Ele esfregou o queixo e balançou a cabeça — *Non*.

— Bem, tem alguém aqui no mercado que seja especializado em relíquias? Como... Artigos religiosos? — Eu perguntei.

Ele pensou por um momento — Por aquele caminho, tem uma loja que não é exatamente parte do mercado. É mais uma loja, com horas regulares de abertura. Então não estará aberta aos Domingos, mas você pode dar uma olhada — Ele me deu instruções detalhadas de como chegar até lá, mesmo que fossem apenas alguns quarteirões dali. Eu o agradeci com um grande sorriso e caminhei na direção que ele tinha me apontado.

Era uma pequena loja localizada na esquina de uma rua, flanqueada por uma antiga loja de bonecas e, na rua adjunta, uma boutique de roupas *vintage*. A fachada estava pintada de verde, e as janelas estavam cobertas de prateleiras repletas de estátuas religiosas de todo o tipo de material que se possa imaginar: madeira, mármore, metal — até mesmo osso. Havia crucifixos de todos os tamanhos e frascos com água benta "das primaveras sagradas de Lourdes", como dizia a etiqueta. A loja estava escura. Como o vendedor tinha adivinhado, eles estavam fechados.

Eu andei para trás para olhar melhor o prédio e notei uma antiga placa de madeira, gasta pelo tempo, pendurada sobre a porta. Nela, havia um corvo esculpido acima das palavras *Le Corbeau*. Uma luz estava tentando se acender em minha cabeça, mas eu não conseguia ligar o interruptor.

Eu li mais uma vez e tive um flashback da passagem de *Amor Imortal*, com as letras em estilo gótico que eram tão difíceis de ler. E de repente a luz se acendeu e meu coração começou a bater milhões de vezes por hora. *Le Corbeau*, "o corvo". Não *le cordeau*, "o arco". Eu tinha entendido errado as letras antigas no livro e tinha procurado pelo sinal errado o tempo todo.

Poderia ser este o lugar pelo qual eu estava procurando? Ele vendia relíquias... abaixo do sinal do corvo... entre os *Audoniens*. Mas este prédio poderia ter apenas algumas centenas de anos, no máximo.

Eu não sabia o que pensar. Mas não tinha mais nada pra fazer. Eles estavam fechados. Não tinha um número de telefone ou o horário de funcionamento na porta. Não tinha nem mesmo um número no prédio. Eu chequei o número da loja

de bonecas e do local imediatamente ao lado dela e adivinhei o endereço da loja a partir disso, escrevendo-o junto com o nome da rua.

Uma mulher caminhou para fora da loja de roupas vintage e acendeu um cigarro. Ela olhou para mim — Ele estará de volta Terça-feira — Ela disse — Terça até Sexta.

— Muito obrigada — Eu respondi.

Bem, eu tinha dois dias de espera. E apenas uma hora ou duas antes de Vincent se livrar de suas horas de ronda. *Eu espero que ele não se importe em passar um tempo no meu quarto*, eu pensei. Depois da minha semana conturbada, eu teria que passar a noite toda fazendo as tarefas da escola.

Capítulo 20

Meu telefone tocou na manhã de terça-feira no exato segundo em que meu alarme despertou. Eu chequei o nome de quem estava ligando e atendi — Então, Sr. Pontual, como está se sentindo? — Eu perguntei.

— Vivo. De novo. E eu estive esperando uma hora para te ligar. Não queria te acordar antes de seu alarme — Sua voz era como um grande e fresco copo d'água para minha alma sedenta de afeto.

Eu sorri — Eu não tenho tempo de ir até aí antes da escola. E você provavelmente está muito fraco para se mover. Aliás, você está se sentindo melhor?

— Sim, eu não me levantei ainda. Mas eu me olhei no espelho, e eu pareço normal outra vez.

— Bem, isso é um grande alívio.

— Eu sei, mas isso não significa que eu não vou parar com isso. Apenas mais quatro semanas para sabermos, Kate. Então eu estava ligando para dizer... Eu não vou ser capaz de ver você hoje à noite — Meu coração falhou. Depois da nossa conversa sentimental de Domingo, eu queria muito vê-lo em carne e osso. Para saber que o que tínhamos conversado não tinha sido apenas um sonho.

— Você não pode fazer seja o que for amanhã?

— Sinto muito, Kate. É realmente importante que eu faça isso o mais rápido que eu possa.

Eu estava começando a me irritar com este projeto — O que eu posso dizer? — Eu suspirei — Por favor, tente ficar seguro, não importa o que estiver fazendo.

— Obrigado por entender — A voz de Vincent era de desculpa.

— Eu *não* entendo, Vincent.

— Você entenderá em breve. Tudo vai ficar bem, eu prometo.

Sim. Vai ficar. Porque eu vou encontrar outra forma.

Meu humor ficou escuro por todo o dia da escola, e assim que a minha última aula terminou, eu fui até o mercado de pulgas. Isso me tomou uma hora inteira, contando o ônibus e dois metrôs, mas finalmente eu estava lá, parada na frente da pequena loja verde, que estava... Fechada.

Eu tinha olhado na internet, e não havia nenhum registro de alguma coisa chamada Le Corbeau. Eu até mesmo procurei no Google Maps, peneirando os negócios listados na área próxima ao endereço. Eu pude ver a frente do prédio no Street View, mas não havia menção à loja. Ela também não aparecia nas Páginas Amarelas quando procurei por artigos religiosos. Não havia rastro dela online.

Eu queria ligar com antecedência para me certificar de que eles estariam abertos — o que é sempre uma boa coisa para se fazer na França. Os donos de lojas

são caprichosos, abrindo e fechando de acordo com sua própria vontade. Várias vezes eu tinha ido até o outro lado da cidade apenas para encontrar portas fechadas e um aviso de *Temporariamente fechado*. Ou nenhum aviso. Como agora.

Em contrapartida, as luzes estavam acesas na loja de roupas *vintage*. Um sino ultrapassado soou sobre minha cabeça quando eu abri a porta, e eu recebi uma lufada de ar em meu rosto que cheirava como o interior de um casaco velho — *Bonjour, mademoiselle* — veio uma voz de trás de uma prateleira de crinolinas. A mulher que tinha estado lá fora fumando no outro dia colocou a cabeça acima da prateleira e olhou para mim, com expectativa.

— Oi, eu estava apenas pensando se você saberia alguma coisa sobre a loja ao lado... *Le Corbeau* ou o que quer que ela se chame. Quando eles estarão abertos?

A mulher saiu de trás da prateleira e revirou os olhos — Eles? Oh, você nunca sabe. Quando eles *devem* estar abertos e quando eles *realmente estão* são duas coisas distintas. Eles me pediram para dar uma olhada no lugar enquanto eles estiverem fora. Eles foram embora ontem, por algumas semanas, eles disseram. Talvez mais.

Duas semanas? Eu não queria esperar tanto. Mas que outra opção eu tinha? — Eles têm um telefone? Eu poderia ligar antes de vir da próxima vez.

— Não. Nada listado, pelo menos.

Eu assenti. Esta viagem tinha sido uma grande perda de tempo. Ou... Tinha? — Então, quem são os proprietários? — Eu perguntei, determinada a aprender alguma coisa sobre eles. Qualquer coisa.

A mulher colocou as mãos em seus quadris autoritariamente, em uma pose que praticamente gritava Rainha da Fofoca — É um homem e sua velha mãe. Eles são um tipo de... — Ela circulou o dedo indicador em volta da têmpora no gesto universal para "louco".

— Eles são... *guérisseurs*? — Eu perguntei, hesitantemente.

Ela se endireitou e levantou as sobrancelhas quando a compreensão a atingiu — Então é por isso que você está tão disposta a encontrá-los! O que... Você tem enxaqueca? Ou verrugas?

— Perdão?

— Enxaquecas e verrugas... É nisso que a velha senhora é especializada.

— Oh — Eu disse, meu coração batendo muito forte. Tinha um *guérisseur* cuidando da loja de relíquias. Eu estava no caminhão certo! Meus pensamentos voaram adiante, e foi preciso um grande esforço para trazê-los de volta à conversa — Hum, enxaquecas... Eu tenho enxaquecas.

— Bem, então volte. Ela irá de curar. Minha tia foi curada. Ela costumava ter enxaquecas tão fortes que eles tinham que levá-la para o hospital três ou quatro vezes durante o ano. Mas desde que ela viu a velha senhora, não teve mais nenhuma.

— E o filho? Ele também é um *guérisseur*?

— Bem, você sabe como isso funciona. Ele é provavelmente o próximo a ter o dom. Quando ela se cansar de usá-lo, ela o passará para ele.

Eu pensei no que vovó tinha dito.

— Eu ouvi que os *guérisseurs* estão ficando raros porque a geração mais jovem não quer aceitar o dom.

— Oh, ele vai aceitá-lo, com certeza. Eu garanto a você. Como eu disse, eles são meio que... — E ela fez o sinal de "louco" de novo — Enquanto ele espera que ela se "aposente", ele cuida da loja... e de sua mãe. É um bom filho. Diferente do meu — Ela balançou a cabeça em desespero — que é totalmente perdido. Vive tendo problemas com a polícia.

— Ah, obrigada pela informação — Eu disse, me desembaraçando rapidamente do que ameaçava ser uma conversa longa e dolorosa.

Eu acenei quando saí da loja, e ela acenou de volta, gritando — Volte em duas semanas. Duas semanas e meia, talvez, só para garantir.

No próximo Sábado, logo depois do meio-dia, eu estava deitada no quarto de Vincent quando recebi uma ligação de Ambrose — Adivinhe com quem em me encontrei, Kati-Lou? Ou quem me encontrou, na verdade, e se apropriou de minha mesa de café até que eu concordasse em obedecer seus desejos.

Eu sorri — Passe o telefone para Georgia.

A voz de minha irmã, com aquele sotaque sulista completamente falso, veio do outro lado da linha — Oi, irmãzinha. Meu encontro de almoço falhou, mas felizmente eu encontrei este pedaço queimado de amor, e ele galantemente se ofereceu para me acompanhar pela cidade hoje. Eu não tinha planejado fazer nada realmente, mas eu acho que seria um desperdício não sair por aí para exibi-lo.

Eu podia ouvir a voz de Ambrose atrás dela — Eu disse a você que estava ocupado hoje. Sem ofensas, mas eu tenho outras coisas para fazer do que te levar para uma longa tarde de turismo.

— Oh... shhh... — Eu escutei minha irmã censurá-lo — Você sabe que quer isso. Com todas as maravilhosas garotas que vamos ver, você estará me agradecendo em poucas horas.

Eu ri — Onde vocês estão?

— No Café Sainte-Lucie. Oh, e Ambrose disse que vocês todos iriam para o show do Sebastien esta noite — Droga. Eu tinha esquecido completamente de dizer a Vincent sobre o show.

— Eu não disse! — Eu ouvi Ambrose retorquir — Eu apenas disse que perguntaria para o Vincent...

— Diga ao Vincent que Ambrose quer ir — Georgia disse, ignorando-o — Oh, e diga para Jules e Arthur irem também. A banda de Seb vai abrir para uma banda Britânica realmente boa. Quero todos lá.

— Por favor, não me diga que é em qualquer lugar perto de Denfert — Eu disse, pensando na vizinhança infestada de *numa* onde o clube de Lucien ficava.

— Não. É na Rue des Martyrs perto de todos os outros locais onde há música ao vivo. Logo ao sul de Montmartre — Ela respondeu — Ambrose quer o telefone de volta.

— Eu só quero deixar claro que eu não nos comprometi a fazer nada — Ambrose ressoou com sua voz de barítono. Meu telefone fez um barulho enquanto outra ligação chegava. Era do número de Georgia. Eu coloquei Ambrose na espera.

— Eu não estava falando à toa — Eu a escutei rindo quando Ambrose pegou seu telefone — Apenas se certifique de estar lá. Às nove horas da noite. Divans Du Monde — ela gritou quando os números dela e de Ambrose desapareceram de minha tela.

— Você acha que Ambrose está segura nas mãos da força da natureza que é a sua irmã? — Perguntou Vincent do outro lado do quarto. Eu estava deitada no sofá com um livro didático de Sociedade Europeia Moderna no peito. Era parte do meu acordo com vovô e vovó: eu poderia passar a maior parte do final de semana na casa de Vincent, contanto que eu fizesse as minhas tarefas.

Já que eu não tinha ideia do que iria fazer quando terminasse o Ensino Médio, eu tinha proibido Vincent de falar sobre o assunto. Mas eu assumi que incluiria algum tipo de graduação. E agora que eu tinha um bom motivo para ficar em Paris, eu precisava manter minhas notas altas para ter escolha entre as universidades. Mesmo que um ano e meio parecesse uma vida e, com Vincent perto, fosse difícil manter o foco.

— Georgia está apenas nos manipulando para que vejamos a banda de seu namorado esta noite — Eu disse, voltando para o meu livro de história.

— Boa ideia — Vincent respondeu, olhando de volta para seu laptop — Arthur e Violette precisam aprender a se soltar.

Eu não mencionei que Georgia não tinha estendido o convite à Violette — propositalmente, eu tinha certeza. Talvez uma noite fora com Georgia pudesse clarear as coisas entre as duas — se as duas conseguissem se manter civilizadas durante toda a noite. Eu pensei em suas personalidades opostas e sufoquei.

— Além do mais, eu não conheci o novo namorado de Georgia ainda — Vincent continuou — Eu já deveria tê-lo checado para saber se ele tem conexões com os *numa*.

Eu não podia dizer se ele estava brincando ou não — Apesar de seu trágico vanguardismo, ele parece completamente inofensivo — Eu disse, virando a página do meu livro. Eu dei a ele um sorriso brincalhão e disse — Venha aqui por um segundo.

— Oh, não... — Ele respondeu, seus lábios se curvando maliciosamente — Eu tenho que terminar este e-mail para Charlotte, e você tem que terminar sua história europeia.

— Mas namorar você é como ter meu próprio livro de história, ambulante e que fala. Eu não preciso estudar. Eu nem mesmo pesquisei meus últimos dois trabalhos. Eu apenas sentei e escutei você falar.

— Sim, bem, sua professora pode achar um pouco suspeito se você me arrastar para responder suas perguntas na prova.

— Hey, esta é uma ótima ideia! — Eu disse — E se você estiver volante durante as provas finais?

Vincent balançou a cabeça, desanimado, e voltou a olhar para a tela.

— Não, realmente, venha aqui por um minuto — Eu disse inocentemente — Eu tenho uma questão realmente importante sobre a Segunda Guerra Mundial.

— Tudo bem — Ele suspirou. Ele pressionou enviar e fechou o laptop, depois se aproximou para sentar perto de mim. Tinham se passado apenas poucos dias desde seu último período de dormência, e os círculos escuros já estavam começando a se formar sob seus olhos. Sua fadiga emprestava um ar de fragilidade ao seu comportamento geralmente cheio de vitalidade. Isso me fez querer protegê-lo do que quer que estivesse machucando-o. Como se estivesse lendo minha mente, ele me olhou cuidadosamente — Então... Qual é a pergunta?

Tirando os olhos de sua face, eu olhei de volta para a página para ter inspiração — Então, eu estou lendo sobre os lutadores da Resistência que viajaram de bicicleta de Paris até vocês — os Maquis — nas cidades vizinhas para repassarem as ordens do comando central.

Vincent assentiu — Isso era perigoso. Os mensageiros algumas vezes eram pegos. Então eles escolhiam pessoas que não seriam suspeitos para os soldados alemães. Mulheres e crianças geralmente recebiam o trabalho — Ele hesitou — Então, qual é a sua pergunta?

— É meio que específica — Eu disse, tentando arrumar tempo enquanto pensava em algo para perguntar. Sua proximidade era o que eu queria, mas ela provavelmente não me ajudava a manter o foco.

Os olhos de Vincent se estreitaram, e um sorriso de dúvida se formou em seus lábios.

— Hum, vocês garotos de Maquis se sentiam sozinhos enquanto estavam se escondendo nas florestas e planejando emboscadas aos alemães? — Eu levantei minha mão e comecei a brincar com a parte de trás de seus cabelos enquanto lentamente puxava seu rosto em direção ao meu.

— O que isso tem a ver com sua tarefa? — Ele perguntou, ceticamente.

— Nada — Eu repliquei — Eu estava apenas pensando o que teria acontecido se eu tivesse sido esta sexy mensageira da Resistência que sairia de Paris para encontrá-lo na floresta. À noite.

— Kate — Vincent disse, com os olhos arregalados de espanto e divertimento — Este é o pior esquema de procrastinação que eu já ouvi. Seria quase um caso para prisão.

— Então, eu ando na minha bicicleta velha de guerra para o seu acampamento — Eu continuei, ignorando seus protestos — Pense que você não viu outro ser humano por semanas. O que você faria, soldado? — Eu disse, fazendo a minha melhor imitação de Greta Garbo.

Vincent pulou para cima de mim, me empurrando contra o sofá de coura e me beijando entusiasmadamente por todo o corpo enquanto eu dissolvia em um ataque de histeria.

Capítulo 21

Violette e Arthur estavam esperando por nós perto da porta frontal do clube. Vestido apropriadamente para uma noite num clube, Arthur pela primeira vez aparentava sua idade original. Ele usava uma camiseta de banda emprestada por Vincent e jeans pretos. Sem a sua camisa regular de botões e o lenço, ele era realmente muito sexy. *Pena que ele era um aristocrata esnobe*, eu pensei quando vi Georgia olhando para ele apreciativamente, tratando de ignorar completamente a presença de Violette.

A pequena *revenant* caminhou até mim e beijou minhas bochechas — Nós não tivemos um encontro no cinema durante a semana inteira! — Ela disse, repreendendo-me com um sorriso brincalhão.

— Eu sei. Precisamos planejar alguma coisa.

Ela olhou para Vincent, que estava parado perto de mim falando com Arthur, e depois olhou de volta para mim. Por sua expressão, eu podia dizer que ela queria me perguntar alguma coisa. Eu dei um passo longe dele e baixei minha voz — Sim?

— Eu estive pensando sobre o livro que você encontrou na galeria do seu avô. *Amor Imortal*. Gaspard na verdade tem uma cópia do livro, mas está faltando. Você está com ele?

Eu senti minha face ficar vermelha. Droga! Uma vez que eu tinha conseguido o que queria dele, eu tinha esquecido totalmente sobre o livro. *Por que eu não posso apenas dizer a ela? Porque eu pareceria uma ladra* — Não — Eu respondi.

— Os revenants de Paris usam a biblioteca de Jean-Baptiste como se ela fosse pública: eles nunca deixam um bilhete quando pegam as coisas. Isso é tão frustrante! — Violette bateu os pés como uma criança mimada, e eu tive que pressionar meus lábios firmemente para não rir.

— Entrem! — Minha irmã gritou de onde o segurança estava checando a lista. Eu suspirei de alívio.

— Vamos — Vincent disse, pegando minha mão enquanto o segurança segurava a porta aberta e nós nos misturávamos no escuro salão.

Nosso grupo ficou na frente de um salão lotado, vendo a banda de Sebastien tocar num palco mais alto envolto por cortinas que imitavam pele de leopardo. Entre nós e a banda havia um monte de garotas adolescentes, dançando e olhando para os músicos com adoração.

Jules tinha levado uma mulher — uma maravilhosa estrangeira que parecia modelo. Eles chegaram logo depois de nós. Os olhos de gato dela parecendo preguiçosos enquanto olhava para a multidão na proteção dos braços dele.

— Está é Giulianna — Ele disse, apresentando-a quando eu os encontrei no bar.

— *Ciao* — Ela disse, e virou para pedir outra bebida.

Quando Jules me deu beijos nas bochechas, ele sussurrou — Ela não tem nada a ver com você, é claro, Kate. É só que você está tão... Comprometida — Ele piscou e colocou o braço ao redor da granada explosiva italiana, se inclinando para gritar o pedido para o bartender.

— Você está bem, Ambrose? — Eu perguntei, pegando as *Perriers* que eu tinha comprado. Ele se inclinou cansativamente contra o balcão com um suco de tomate em uma mão.

— Estarei dormente esta noite — Ele disse — Além do mais, eu acho que tive minha cota com sua irmã. Eu não me sinto tão exausto em décadas.

Eu dei a ele um sorriso de compreensão e levei as bebidas para onde Vincent estava com Georgia — Eu vi alguns amigos — Ela disse — Volto em alguns segundos — E ela desapareceu na multidão.

Vincent parecia tenso enquanto eu lhe entregava uma bebida — Tem alguma coisa errada? — Eu perguntei.

— Não — Ele disse — É só que eu sempre me sinto exposto quando vamos para lugares assim sem algum volante junto para checar a área ao redor — Ele tentou parecer mais relaxado e até mesmo começou a balançar a cabeça de acordo com a música, mas eu podia dizer que ele estava preocupado.

— É uma vizinhança segura o bastante, não é?

— Normalmente eu diria que sim. Mas parece que não estamos jogando sem regras ultimamente — Ele pegou meu olhar — Não se preocupe. Tenho certeza de que está tudo bem.

Quando eu contei para Georgia tudo sobre os *revenants* depois do fatídico confronto com Lucien, ela tinha me jurado não contar nada pra ninguém. Eu sabia que meu segredo estava seguro com ela. Mesmo que minha irmã tivesse suas falhas, quando ela me fazia uma promessa, eu sabia que ela a manteria. E mesmo que eu estivesse saindo com um grupo de imortais, tudo o que ela se preocupava é que eles estivessem sendo legais comigo.

Então quando Georgia apresentou todo mundo depois do show, estava claro que Sebastien não tinha pista nenhuma sobre o que Vincent era. E Vincent, depois de um século de prática, era ótimo em agir como um humano.

Georgia me deu um feliz olhar de “Veja, nossos namorados se deram bem”. Eu virei para me despedir de Jules e Giulianna, que estavam indo embora com um Ambrose de aparência cansada, e depois olhei para o meu relógio. Era quase meia-noite. Em algumas horas ele estaria deitado em sua cama, morto como uma pedra gelada. Não era à toa que ele não tinha arrumado um encontro.

O bartender fechou a porta da frente atrás dele e começou a limpar o balcão enquanto nós esperávamos por Sebastien tirar os amplificadores das tomadas e terminar as coisas com sua banda — Eu sei que você queria sair depois, mas está demorando muito — Eu finalmente disse à minha irmã — Acho que todos estamos prontos para ir embora.

— Só um segundo — Georgia disse. Ela foi até onde Sebastien estava trabalhando com seu grupo, deu um beijo entusiasmado nele, e começou a combinar as coisas. Eu olhei em volta para ver Violette e Arthur parados contra a parede, parecendo como se eles preferissem estar em qualquer lugar exceto aqui. Se eles tinham gostado da noite, eles realmente não estavam deixando isso transparecer. Enquanto caminhávamos para a porta de trás, eles nos seguiram silenciosamente.

— Então, eu vou encontrar Seb e sua banda em um bar a alguns quarteirões daqui. Querem vir? — Georgia perguntou, direcionando a pergunta para mim e Vincent e ignorando o fato que os outros ainda estavam com a gente.

— Como você se sente, Kate? — Vincent perguntou, colocando o braço em volta de mim quando saímos do prédio e começamos a caminhar na pequena viela de paralelepípedos em direção à rua principal.

— Eu estou bem cansada — Eu admiti.

— Nós vamos com você até o bar e esperaremos até que Sebastien chegue — Vincent disse, jogando seu braço livre em volta de minha irmã.

— Não direi não para uma escolta *revenant* — Ela disse — Não que esta vizinhança seja perigosa ou algo assim.

— Eu tenho que discordar — A voz de Violette veio logo atrás.

Nós viramos para ver quatro formas escuras caminhando em direção a nós pela viela. Uma fria onda de medo caiu sobre mim. *Numa*. Depois de dois meses de quase invisibilidade, aqui estavam eles, parecendo ainda mais poderosos enquanto vinham até nós com um passo estável, mas rápido.

Vincent e Arthur tiraram suas espadas de dentro dos casacos tão rapidamente que eu nem mesmo os vi se moverem. Ainda bem que estamos no inverno, eu pensei. Onde você esconderia um florete de sessenta centímetros usando shorts e camiseta?

Vincent deu sua espada para mim e pegou outra de dentro de seu casaco, antes de descartar a roupa e jogá-la para o lado. Eu vi o flash da lâmina de Violette na rua solitária quando ela deixou seu casaco de plumas cair no chão também. Ela também tinha vindo preparada.

Em minha visão periférica, eu vi Georgia começar a entrar em pânico enquanto tentava abrir as portas dos prédios adjacentes, empurrando com força as maçanetas. Ela gritou uma maldição quando percebeu que estava tudo fechado — Fique atrás de nós — Eu gritei com a voz trêmula, ao mesmo tempo em que os dois primeiros *numa* chegaram e começaram a cruzar as espadas com Vincent e Arthur.

Eu sabia o que tinha que fazer. Nós estávamos treinando para isso em minhas aulas de luta. Como a menos experiente, eu devia agir como a segunda linha de defesa. Se eu precisasse, deveria lutar. Se não, deveria ficar para trás de Vincent ou qualquer outra pessoa que já estivesse fazendo isso por bastante tempo. Eu segurei minha espada em frente a mim, saltando nervosamente sobre os calcanhares, pronta para atacar se eu precisasse. *Tenha calma*, eu pensei, empurrando o medo para um canto de minha mente. *Entre no ritmo*.

Vincent tinha levado o numa para um lado da viela e estava lutando com tanta fúria que meu sangue parecia estar fuzilando em vez de deslizando em minhas veias. Mais uma vez, eu o vi como o anjo vingador que ele tinha sido pela maior parte do último século.

Violette estava enfrentando outro *numa*, usando as habilidades da mesma arte marcial que eu tinha visto Charlotte praticar para compensar a desvantagem de sua pequena estatura. Seu agressor estava lutando apenas para se manter vivo. Ela teria a vantagem a qualquer momento.

Arthur estava lutando contra os outros dois *numa*, usando seu corpo como um escudo para manter a mim e a Georgia seguras. Eu presumi que sua estratégia era se manter até que Violette e Vincent pudessem se juntar a ele para que as probabilidades fossem igualadas. Ele parecia estar tendo sucesso, até que, com um grande esforço, os dois atacantes empurraram sua espada e saltaram por ele, para pousar à minha frente.

Eu segurei minha espada no exato momento de encontrar a do *numa* quando ela estava descendo em direção à minha cabeça, e depois pulei para o lado para deixar segui-lo adiante. Sua ponta deslizou na minha e quebrou a ponta no chão. Arthur correu para trás de mim, até Georgia, quando o segundo *numa* foi direto para ela. Eu não tive tempo de olhar para ela, mas sabia que Arthur poderia defendê-la melhor do que eu. Eu tinha meu próprio *numa* no qual me concentrar, e apenas dois segundos para pular para longe dele enquanto ele recuperava o equilíbrio.

Eu posso fazer isso. Assim que o pensamento passou por minha cabeça, eu tive uma experiência extracorpórea induzida pelo pânico. Eu me senti como se estivesse no ar olhando para mim mesma lá embaixo: uma adolescente parada numa viela brandindo uma espada para um homem que tinha quase duas vezes seu tamanho. *Eu não posso*, eu pensei de novo. *Estou muito aflita para me mexer*.

Meu inimigo se acertou e começou a vir em minha direção. Eu olhei para cima para os seus olhos frios e assassinos e isso foi tudo o que eu precisei. Eu senti a adrenalina correndo em minhas veias e meu coração batendo forte em meu peito, e eu estava repentinamente dentro daquela situação. Com um grito que eu não imaginava que estava vindo de minha própria garganta até que parou, eu comecei a me mover, devastadora, dançando para trás e me inclinado de um lado para o outro para evitar sua espada voadora antes de lançar-me de volta para ele para cortar seu torso. Ele foi capaz de corresponder a cada um de meus movimentos, mas eu também fazia isso.

O tempo parou enquanto a nossa batalha se desenrolava diante de mim, até que, de repente, meu inimigo caiu no chão. Vincent estava parado atrás dele, sua espada atravessada no peito do numa.

Eu instintivamente olhei ao redor, minha espada segurada com força à minha frente enquanto eu examinava a viela em busca de algum outro perigo. Violette estava parada há alguns metros, empurrando seu pé contra uma coisa toda amassada no chão, usando seu peso como alavanca para puxar sua espada do

corpo sem movimento. Vincent tinha acabado com seu inimigo, assim como com o meu.

E Georgia estava sentada curvada em uma pequena bola na soleira de uma porta, enquanto Arthur se arrastava para baixo, em direção à parede, sentando ao lado dela. Ele segurou o braço com a mão, o sangue fluindo livremente através de um grande rasgo no ombro de sua camiseta. Ele chutou algo próximo aos seus pés e a cabeça desmembrada de seu *numa* morto rolou, descansando contra seu corpo.

Eu corri para Georgia assim que ela se desenrolou. Como se estivesse em transe, ela estendeu a mão para Arthur — Você está bem?

Ele parecia surpreendentemente forte estando tão ferido enquanto olhava para o corpo decapitado — Eu ficarei bem — Ele rosnou.

Os outros correram. Vincent deu uma olhada na ferida e, em seguida, tirou a camiseta e envolveu-a em torno do ombro de Arthur, amarrando-a embaixo do braço.

Violette deslizou sua mão confortadoramente pelos cabelos de Arthur e puxou seu telefone — Jean-Baptiste? Eles estão de volta à ação. Temos quatro numa mortos aqui, perto de Montmartre. Deveremos apenas deixá-los, ou você quer mandar alguém para pegar os corpos?

Ela combinou tudo enquanto Vincent foi pegar seus casacos abandonados.

— Você provavelmente deveria vir conosco para La Maison — Eu disse para Georgia. Quando eu a ajudei a se levantar, eu olhei para Vincent, que estava atrás, colocando seu casaco enquanto ficava perto de nós. Ele balançou sua cabeça e me lançou um encolher de ombros, impotente. Eu tinha me esquecido sobre a injunção de Jean-Baptiste contra minha irmã visitar a casa. *Para o inferno com as regras dele*.

— É melhor eu ir direto para casa — Ela disse, resolvendo meu dilema.

— Eu colocarei as duas em um táxi — Vincent ofereceu, ajudando-a. Georgia estava tremendo tanto que ela mal conseguia ficar em pé.

— Arthur vai ficar bem? — Ela perguntou, dirigindo-se a Violette diretamente pela primeira vez naquela noite.

— Ele entrará em dormência em poucos dias. Depois disso, sua ferida vai se curar — Ela respondeu com a segurança de alguém que já tinha passado por este tipo de experiência antes.

Uma vez que estávamos na rua principal, Vincent nos colocou num táxi — Vão direto para casa. Não parem em nenhum lugar ao longo do caminho — Ele gritou quando o táxi partiu.

Jules estava esperando fora de nosso prédio quando nós chegamos. Ele abriu a porta to táxi e nos ajudou, e depois se inclinou para pagar o motorista — Eu ouvi que você foi incrível — Ele disse, liderando o caminho para a nossa porta da frente.

— O quê? — Eu perguntei, confusa.

— Super heroína Kate, acabando com os *numa* — Ele replicou, admiração brilhando em seus olhos. Ele passou o braço em volta de meu ombro e me puxou para ele.

Estando tão preocupada com Georgia e Arthur, eu tinha me esquecido completamente de minha performance na viela. *Eu lutei contra um numa*, eu me senti maravilhada. *E desta vez eu fiz isso sem que Vincent estivesse possuindo meu corpo*. Eu balancei a cabeça em admiração, antes de olhar de volta para Jules e admitir — Não fui eu quem o matou. Vincent teve a honra.

— Ele me disse que você sustentou a situação até que ele fosse capaz de chegar até você. Isso é surpreendente para apenas alguns meses de treinamento. Mas de novo, eu já estava totalmente ciente de sua grandiosidade — Ele murmurou esta última parte enquanto abria a porta. Georgia cambaleou silenciosamente por ele até o hall e pressionou o botão do elevador.

— Ela estava tão próxima de ser morta — Eu disse — Arthur quase não conseguiu chegar até ela em tempo de salvar sua vida.

— Vincent me disse — Jules assentiu — Assegure-se que ela descanse pelos próximos dias. Ela ficará bem fraca. Arthur pegará toda a energia dela.

— Do que você está falando? — Eu perguntei.

— Então... Você não sabe de todos os nossos segredos ainda! — Jules respondeu com um sorriso torto — Apenas pergunte a Vincent sobre a transferência de energia. E assegure-se de que Georgia descanse enquanto supera o choque.

Ele virou para ir embora, dando um passo da porta para a calçada.

— Hey, o que aconteceu com o seu encontro? — Eu perguntei.

— Eu tenho minhas prioridades — Ele disse, correndo os dedos por seus cabelos em um gesto jovial — E manter você viva, Kate, está num ponto mais alto da minha lista do que ter um encontro com uma bonita *signorina*.

— Estou feliz em saber que você se importa — Eu sorri e, hesitando por um segundo, desci da soleira da porta e dei um bom e velho abraço americano nele antes de me virar para seguir minha irmã.

Capítulo 22

Eu espiei dentro do quarto de Georgia na manhã seguinte. Ela estava sentada escorada na cama, folheando uma revista de música. Seus cabelos estavam esticados para fora, e sua tez geralmente parecida com creme e pêssego estava beirando ao kiwi e ao leite pálido.

— Aí está você — Ela disse quando eu me sentei em sua cama — Você geralmente acorda de madrugada.

— Sim, bem, lutar com monstros numa viela escura à meia-noite parece ter acabado comigo — Eu disse, os músculos dos meus ombros queimando enquanto eu cautelosamente os testava — Como você está se sentindo?

— Como uma porcaria requentada — Ela disse — Eu absolutamente não tenho energia e estava esperando que você viesse aqui, então eu poderia te desafiar a me trazer o café da manhã na cama.

— Isso é certo? — Eu exclamei, rindo — Bem, eu acho que posso lidar com isso, já que você ficou tão perto de ser morta por um zumbi do mal na noite passada.

— E fui resgatada por um zumbi do bem? — Ela sorriu.

— Se você quer dizer tecnicamente, sim — Eu disso rindo, e depois levantei e caminhei até a porta — Jules me disse que você provavelmente ficaria em choque e deveria descansar. Eu passaria um bom tempo na banheira se fosse você. É sempre a minha escolha para estresse pós-traumático. Mas antes, vou trazer o café da manhã.

Eu voltei cinco minutos depois com uma bandeja para nós duas, e me sentei no chão com as costas contra o armário de Georgia enquanto comia uma tigela de cereal. Ela mastigou pensativamente sua torrada por alguns minutos e depois disse — Então, diga-me mais sobre esse Arthur.

Eu coloquei minha tigela no chão — Oh, não, Georgia. Por favor, não me diga que está tendo uma queda por Arthur só porque ele salvou sua vida na noite passada.

— Eu não disse que estou tendo uma queda por ele. Eu estou simplesmente interessada em quem ele é. Vai me proibir disso, Miss Protetora dos Mortos Vivos?

Eu revirei os olhos — Eu não sei muita coisa sobre ele. Ele e Violette se conheceram quando ainda eram vivos. Ela era supostamente uma das damas de companhia de Anne da Bretanha, e ele era um dos conselheiros dos pais de Violette... Pelo menos foi o que Charlotte me disse. O que significaria que são aristocratas.

— Oh, acredite em mim. Isso está na cara — Georgia sorriu afetadamente.

— Os dois morreram por volta de 1500, então ele é realmente bem velho. E eles têm vivido isolados no castelo de Loire Valley durante um grande tempo.

— Como ele é?

— Honestamente, Georgia, eu não sei — Eu admiti — Depois que ele disse que os humanos não deviam ter permissão de frequentar as reuniões dos *revenants*, bem na minha frente, eu não tenho me sentido como se quisesse conhecê-lo melhor. O chip no meu ombro está realmente grudado lá.

Georgia sorriu — Ele e Violette estão... Juntos?

— Eu pensei que estivessem. Ela age de maneira possessiva em relação a ele. Mas Vincent disse que é platônico. Platônico, mas codependente. Parece uma relação saudável.

— Ele parecia muito sexy naquela camiseta na noite passada — Georgia pensou, tomando um gole de café.

— Georgia! — Eu gritei — Você tem namorado. E além do mais, você já disse antes: você não sai com caras mortos. Você nem tem permissão para frequentar a casa deles.

— Eu não estou fazendo nada — Ela disse — Especialmente não hoje — Ela se inclinou para trás contra a cabeceira de sua cama, parecendo um pouco mais fraca do que antes.

— Eu não posso nem acreditar que estamos tendo esta conversa — Eu disse, balançando minha cabeça — Ele tem quinhentos anos, pelo amor de Deus! Além do mais, ele tem esta relação de amor e ódio com os humanos. Não existe uma maneira de ele olhar duas vezes para você.

Oh não, eu pensei. Aquela era totalmente a coisa errada para dizer à minha irmã. Ela o veria como um desafio agora. Eu mudei de assunto rapidamente — De qualquer forma, o que há de errado com o bom e velho Sebastien?

— Não há nada de errado com ele — Ela disse, contemplando sonhadoramente o teto. Sua expressão de repente mudou para uma de alarme — Nada exceto que... Oh meu Deus, Kate. Eu o abandonei na noite passada e nem liguei! Rápido... Pegue meu telefone. Está na minha bolsa.

Eu peguei a bandeja do café da manhã enquanto ela balbuciava alguma ridícula explicação do motivo de ela não ter ido se encontrar com ele no correio de voz de Sebastien. Pelo menos ela estava preocupada o suficiente com ele para fazer um esforço, eu reassegurei a mim mesma. O interesse em Arthur era apenas uma paixão do tipo "adorar ao meu herói". Conhecendo Georgia, ela esqueceria sobre isso até a hora do almoço.

Vincent e eu nos sentamos lado a lado, olhando para a tela maravilhosamente desenhada do famoso quadro de Géricault A barca da Medusa. Ele tinha me convencido a ir para o Louvre mesmo que fosse final de semana e ele estivesse lotado de gente. "Eu quero que você me ensine sobre arte para que eu possa entender porque você é tão afetada por ela", ele tinha dito. O que era tão romântico que antes mesmo que ele terminasse de falar, eu estava empurrando-o pela rua em direção ao museu.

Sentamos em uma das minhas salas favoritas — uma que continha pinturas históricas melodramáticas telas tão grandes quanto camas king-size. A cena sensacional diante de nós parecia estranhamente apropriada como pano de fundo para uma discussão sobre os superpoderes dos revenants.

— Então qual é a história desse negócio de transferência de energia? — Eu perguntei.

— Transferência de energia? — Vincent repetiu, confuso, seus olhos grudados na cena em frente a nós. Ele parecia estudá-la como se fosse um problema a ser resolvido. Os corpos em decomposição não pareciam incomodá-lo. Eu poderia dizer que ele estava apenas analisando a geometria dos humanos vivos em sua cabeça para criar uma estratégia de quantos ele poderia salvar de uma só vez.

— Sim. Jules mencionou isso ontem à noite. Ele disse alguma coisa sobre Georgia se sentir muito fraca por causa de Arthur pegar sua energia. O que isso significa?

Vincent desviou o olhar da imagem — Bem você sabe por que nós morremos pelas pessoas?

— Além da gentileza dos seus corações não pulsante? — Eu brinquei. Vincent pegou minha mãe e a colocou em seu peito — Tudo bem, do seu coração não morto pulsante? — Eu me corrigi, relutantemente tirando minha mão dele — Se vocês morrerem salvando as pessoas, vocês são reanimados com a idade em que perderam sua vida humana. É uma compulsão que vocês têm para preservar sua imortalidade, certo?

— Certo — Vincent disse — Mas você sabe que nós morremos apenas ocasionalmente, talvez uma vez por ano em tempos de paz. A maior parte de nossos resgates não envolve necessariamente morte. Você já pensou em por que nós passaríamos nossas vidas imortais cuidando de vocês se não existisse um sólido encantamento? O que quer que você tenha ouvido sobre super heróis, nenhum deles está lá fora salvando a raça humana porque são caras realmente legais.

Eu imediatamente pensei em Violette. No fato de ela e Arthur conseguirem se controlar até os sessenta anos até morrerem por alguém, e somente porque Jean-Baptiste precisava deles. Eles não pareciam amar seu trabalho, para dizer o mínimo.

Vincent virou o corpo em minha direção e entrelaçou os dedos nos meus — Imagine que todo o mundo tem uma espécie de energia vital dentro de si.

Eu assenti, olhando para todos os turistas caminhando em volta da sala com uma nuvem brilhante dentro deles.

— Então você sabe como, quando uma pessoa passa por uma experiência de quase morte, ela geralmente sofre um choque pós-traumático? Bem, tente imaginar isso como uma energia, ou força vital, sendo temporariamente sugada deles.

Lembrando de meu próprio encontro com a morte no ano anterior, eu disse — Depois de escapar por pouco de ser esmagada lá no café, eu fiquei muito fraca e trêmula por alguns dias.

— Exatamente — Vincent disse — Então, se um *revenant* é responsável pelo resgate, a energia ou força que está sendo figurativamente sugada da quase vítima é literalmente infundida no *revenant* pelas horas ou dias em que demorar para o humano se recuperar.

Eu pensei sobre isso por um minuto, e depois olhei para ele surpresa — Então quando você e Charlotte me resgataram, vocês pegaram minha energia? E o mesmo está acontecendo com Arthur e Georgia?

Vincent assentiu.

— E aquela garota que quase morreu atropelada pelo caminhão no outro dia? Eu a vi depois do acidente, sentada em choque ao lado da avenida.

— Que é o motivo de eu ter sido capaz de levantar e caminhar para fora da cena do acidente — Ele confirmou — Aquela transferência de energia nos torna fisicamente mais fortes. Nossos músculos, cabelos, unhas, tudo fica mais forte. É uma agitação. Como um toque de força para nós — Ele analisou minha reação.

— Então, basicamente o que você está dizendo é que eu estou saindo com um zumbi drogado que é sedento pela morte. Que ele me usou para pegar energia. Bem — Eu dei a ele um olhar sério enquanto eu ainda conseguia — Acho que poderia ser pior.

A risada de Vincent fez com que muitas cabeças se virasse, e nós nos levantamos para ir embora antes que chamássemos mais atenção para nós.

— Então Arthur vai ficar bem? — Eu perguntei enquanto passávamos pela gigante tela que mostrava a coroação de Napoleão.

— Sim, graças à força que Georgia está emprestando a ele, dentre outras razões — E neste momento, Vincent desviou os olhos dos meus em um gesto incrivelmente suspeito — Ele na verdade não está sentindo nenhuma dor e está bastante forte.

O que era aquilo? Eu pensei, minha curiosidade pinicando. Mas eu tive que deixar estes pensamentos de lado para manter o foco no que ele estava dizendo.

— Mas esta ferida não estará completamente curada até que ele esteja dormente. E como é muito sério, ele provavelmente ficará deitado na cama por vários dias depois de acordar.

— Por quê?

— Quanto mais ferido você estiver antes da dormência, mais tempo demora para você se recuperar — Ele estabeleceu, dando de ombros como se tudo isso fosse óbvio — Se um membro que tinha sido amputado por reconectado durante a dormência, nós podemos precisar de um ou dois dias para nos recuperarmos depois de despertar. Regenerar partes do corpo pode demorar semanas.

Eca. Mesmo que eu quisesse saber tudo sobre os *revenants*, algumas vezes os detalhes que Vincent me dava estava na categoria de "informação demais para o meu gosto". Como agora. Eu tentei não visualizar o que ele tinha acabado de dizer, e pensei apenas nas repercussões. Enquanto nós caminhávamos para fora do museu e íamos em direção à ponte que cruzava o Sena para chegar ao nosso bairro, eu refletia sobre isso.

A relação entre humanos e *revenants* era simbiótica — para dizer o mínimo. Humanos contavam com os *revenants* (mesmo que inconscientemente) da mesma forma que íamos para médicos ou outros trabalhadores de emergência: para salvar nossas vidas. *Revenants* precisavam dos humanos não apenas para manterem sua existência, mas para diminuir a dor física e emocional imposta por seu estilo particular de vida. *Ou seu estilo de morte*, pensei com um flash de morbidez.

Sem os *revenants*, os humanos ainda existiriam... Alguns iriam apenas morrer muito antes. Sem os humanos, os *revenants* parariam de existir. Sem mencionar que eles começaram sendo humanos, em primeiro lugar.

O sistema tinha funcionado por um longo tempo. Os problemas só apareciam quando algo fora do normal acontecia. Como um humano e um *revenant* se apaixonarem. E, mais uma vez, minha mente voltou para nossa situação. Se eu fosse ver o *guérisseur* — ou seja, se alguma vez eu aparecesse quando ele estivesse lá — Eu precisava saber o que perguntar. Já que Vincent estava em um humor para me dar explicações, eu decidi cavar um pouco mais.

— Então, como isso funciona? Um *revenant* pode morrer — de causas naturais — e apenas... Deixar de existir?

— Estritamente falando, é possível — Ele disse — Mas nenhum deles conseguiu resistir à tentação de sacrificar a si mesmo no fim.

— Espere, eu pensei que quanto mais velhos vocês ficassem, menos vocês sofressem — Eu disse, confusa.

— Até um ponto, e depois quando chega o momento em que um ser humano normal morreria, é como se o pêndulo voltasse a bater e o sofrimento é maior do que nunca — Eu tremi, e notando, Vincent colocou o braço em volta de mim e me puxou para mais perto enquanto continuávamos a andar.

— Gaspard me disse uma vez sobre um revenant italiano que ele conheceu... Lorenzo ou algo assim. O cara tinha centenas de anos e nem sentia a inclinação de morrer mais. Até que chegou ao ponto em que todas as mortes e resgates que ele tinha feito pareciam ser demais e ele decidiu se isolar. Ele foi embora e viveu como um eremita em um morro que era como seu retiro. E não foi até décadas depois que ele mandou uma mensagem para alguém de sua tribo dizendo que precisava de ajuda.

— Eles foram até lá e o pegaram. Ele estava perto dos oitenta anos. Tiveram que ajudá-lo a salvar alguém. Ele disse que o sofrimento mental e físico tinha chegado como um maremoto no espaço de poucos dias. O desejo de se sacrificar por alguém era muito grande para que ele conseguisse apenas deitar e morrer, que era o que ele realmente queria.

Ficamos em silêncio por um longo tempo enquanto as implicações para nossa própria história se assentavam.

Se Vincent e eu encontrássemos ou não uma forma de evitar com que ele sofresse, não poderíamos evitar um final realmente trágico. E se ele conseguisse se controlar para viver pelo tempo que eu vivesse, algum dia ele chegaria àquele ponto em que nenhum *revenant* poderia passar — aos oitenta anos, ou o que quer

que fosse. Ele sacrificaria sua vida por alguém e acordaria três dias depois com dezoito anos. Eu morreria e ele permaneceria imortal. Não havia como sair disso.

Sentindo a minha falta de esperança, Vincent me puxou para o lado da ponte. Nós paramos de mãos dadas, vendo a correnteza da água impulsionando para frente em pequenos redemoinhos que se moviam rapidamente. A metáfora perfeita para o fluxo de tempo que não podia ser parado.

Capítulo 23

No dia seguinte, Violette me mandou uma mensagem de texto enquanto eu estava na escola, perguntando se eu queria ver um filme à noite.

Eu mandei uma mensagem de volta: *Muita tarefa. Perdão!*

E se tomássemos um café?

Perfeito! Depois da escola. Sainte-Lucie.

Vejo você lá.

Eu sorri, pensando em como seu inglês estava melhorando. Ela já usava até abreviaturas! Em apenas algumas semanas, ela tinha começado a soar mais como uma adolescente normal do que uma duquesa. E quando eu a ouvia falar em francês com os outros... Bem, ela estava definitivamente pegando mais expressões "de rua".

Ela já estava sentada quando eu cheguei ao café, e ficou em pé para me cumprimentar com um largo sorriso na face. Beijando minhas bochechas, ela exclamou — Kate! Você estava tão maravilhosa no Sábado à noite!

Nós nos sentamos, e ela continuou a falar, mas em uma voz mais baixa para que as pessoas em volta não pudessem ouvir — Eu ainda não posso acreditar em como você lutou bem depois de apenas algumas semanas de treinamento. Nós contamos a Gaspard sobre isso, e mesmo que ele dissesse que não poderia tirar seu crédito, eu posso dizer que ele ficou realmente orgulhoso.

— Você também estava maravilhosa! — Eu disse, sinceramente — Aquele cara era muito maior que você, e ele nunca nem mesmo teve uma chance.

Ela afastou o elogio como se aquilo não tivesse sido nada — Então... O que você achou de Vincent? Espere... *Monsieur?* — Ela sinalizou para um garçom que estava passando para que eu pudesse pedir um chocolate quente. Eu me inclinei na direção dela.

— Ele estava incrível. Eu fiquei feliz por ele ter acabado com o meu *numa*. Eu não sei quanto mais tempo eu poderia ter lutado com ele.

Ela hesitou, me olhando.

— O quê? — Eu perguntei, sua expressão plantando uma semente de preocupação em meu peito.

— Ele não parecia estar lutando cem por cento como ele fazia antes, eu pensei — Ela replicou, rapidamente — Ele tem aqueles círculos escuros abaixo dos olhos. E ele está com a aparência amarelada. Eu quero dizer, ele lutou como o lutador experiente que é, mas ele não parecia ter muita força física.

Eu olhei para baixo em direção a mesa — Você está certa, Violette. Eu quero dizer, eu só o vi lutando nas aulas, mas ele poderia provavelmente ter acabado com aqueles caras sozinho se não estivesse...

— Fora de forma — Ela terminou a frase por mim, e tocou em minha mão — Isto foi o que eu pensei. Mas eu queria que você me dissesse já que eu não sei como ele realmente luta. Eu não tinha me dado conta de como seu projeto o estava afetando até que o vi lutar. Não se preocupe com isso, apesar de tudo. As coisas vão melhorar — Ela disse gentilmente — Mas e quanto a você? Algum progresso?

— Nada — Eu respondi.

Ela franziu os lábios piedosamente e assentiu — Não se preocupe, Kate. Eu tenho certeza de que as coisas vão melhorar — Mesmo que ela não parecesse achar isso de verdade. Incerta. Preocupada. Perturbada, talvez. Mas eu não vi "certeza" nenhuma em sua face.

E foi então que o meu chocolate chegou. Bebi a espuma fumegante que tinha se formado na superfície, inalando o rico aroma de cacau e perguntei-me pela centésima vez por que Vincent não podia ser apenas um garoto humano normal.

— Bom dia, *mon ange*! Onde está seu vestido formal? — Vincent gritou, de onde ele estava inclinado contra o portão do meu prédio. Em vez de seus regulares jeans e jaqueta, ele estava usando terno e gravata. E, oh cara, ele não estava delicioso? Eu parei com minha roupa de treinamento e olhei para ele de cima a baixo.

— É hora do treinamento de luta. Qual é a do terno, Sr. Wall Street?

— Você não recebeu minha mensagem?

Eu peguei meu celular para ver uma mensagem enviada por Vincent às três da manhã: *Se vista amanhã. Vou levá-la para um evento formal.*

— Evento formal? — Eu perguntei, meus olhos arregalados — Que tipo de evento formal acontece numa manhã de sábado?

— Um casamento — Vincent disse simplesmente.

— Você está me levando para um casamento? — Eu perguntei horrorizada — Por que não me disse antes de três da manhã do mesmo dia do evento?

— Porque eu não tinha certeza se eu queria que você fosse.

Minha expressão deve ter dito tudo, porque ele se apressou em explicar — Não foi o que eu quis dizer. Eu quis dizer que eu não tinha certeza se queria que você visse um casamento entre *revenants*. Você e eu já temos muitas coisas com as quais lidar agora, e eu pensei que isso poderia trazer muitas... Questões.

— Então por que você mudou de ideia? — Eu perguntei, não totalmente apaziguada.

— Porque eu decidi que evitar não é a palavra. Eu prometi que não esconderia nada que você devesse saber. E você já está me deixando quebrar esta promessa... Temporariamente. Um casamento pode ser informação demais, mas — Ele olhou para baixo e brincou com a gravata — pelo menos você vai saber mais sobre o mundo em que está se envolvendo. Eu te devo isso.

Eu continuei lá, aturdida por um momento, antes de alcança-lo para beijar sua bochecha — Eu acho que posso lidar com isso, Vincent. Obrigada por... — Eu não sabia o que dizer — Apenas obrigada.

— Quanto tempo você vai demorar até ficar pronta? — Ele perguntou, tirando o cabelo dos meus olhos com os dedos — Você já parece perfeita!

Eu corei, não querendo admitir que com uma casa cheia de *revenants* vivendo logo abaixo da minha rua, podendo aparecer assim que eu virasse a esquina, eu nunca saía de casa sem ter certeza de estar com a aparência legal — Honestamente, dez minutos. Apenas me deixe encontrar um vestido e sapatos e eu já volto.

— Tudo bem — Ele disse, olhando para o relógio — Nós temos bastante tempo.

Uma hora depois nós entramos na menor capela de Sainte-Chapelle, uma igreja de oitocentos anos que ficava a algumas quadras da Catedral de Notre-Dame num local perto do Sena chamado de *Île de la Cité*.

— O casamento é *aqui*? — Eu sussurrei enquanto Vincent pegava minha mão e me levava para a sinuosa escadaria de pedra perto do altar. Assim que entramos no local, eu comecei a senti a conhecida sensação inebriante de sobrecarga sensorial, uma espécie de tontura, que eu já tinha experimentado nas vezes em que tinha visitado a capela como turista. Porque o espaço era apenas inesperadamente esmagador.

A altura do teto era maior do que o comprimento da capela, sua decoração tão distante que mal era visível. Mas não era a altura palaciana que me tirava o fôlego — era a composição das paredes. Quinze vitrais, cada um com quinze metros de altura, estavam distribuídos em toda a superfície vertical da capela. A sala era basicamente toda de vidros que eram unidos pelas colunas de pedra. A luz que era filtrada por eles era de um azul tão profundo que parecia roxo, e os finos vidros pareciam pedras preciosas. O efeito todo me fazia sentir como uma pequena estátua dourada dentro de um ovo Fabergé, com meu mundo inteiro incrustado de joias.

Eu respirei profundamente para estabilizar os batimentos frenéticos de meu coração e coloquei meu braço em volta de Vincent — Como no mundo eles conseguiram reservar isto para um casamento? — Eu sussurrei, enquanto nos movíamos para frente em direção ao grupo de pessoas agregadas no altar.

— Conexões — Ele sussurrou de volta, dando-me um sorriso astuto. Eu balancei a cabeça em admiração.

Como não havia cadeiras, o grupo de trinta ou quarenta *revenants* — Muitos dos quais eu reconheci da festa de Ano Novo — estava em pé. Nós caminhamos até Jules e Ambrose, que pararam de falar com Jean-Baptiste e Violette para fazer comentários apreciativos sobre minha aparência.

— Uau, Katie-Lou. Você realmente sabe se arrumar. Eu mal posso te reconhecer fora daqueles jeans e Converses — Ambrose disse, dando-me um abraço.

Jules apenas deu de ombros e disse — Nada mal — em uma voz irreverente antes de levantar as sobrancelhas e apertar o queixo comicamente.

— Onde está Gaspard? — Eu perguntei.

— Está dormente — Vincent disse — E Arthur acordou durante a noite, então ainda está na cama.

Eu assenti e olhei em direção ao padre — Queridos irmãos — Ele começou — Estamos reunidos aqui hoje para celebrar a união de nosso irmão Georges com nossa irmã Chantal.

Eu levantei uma sobrancelha para Vincent — Ele é...? — Ele assentiu. O padre era um deles.

Vincent me empurrou para frente dele para que eu pudesse ver melhor, colocando as mãos na cintura do meu vestido cor de ameixa que chegava até o joelho.

A noiva estava deslumbrante, vestindo um tradicional e completo de casamento com os detalhes: véu, cauda longa, e metros de cetim cremoso. Ela parecia alguém do século vinte de qualquer forma, já que as noivas sempre pareciam pertencer a um tempo mais antigo. Ele estava vestido como um dos três mosqueteiros, com gola de babados, colete de veludo e calças que terminavam sob o joelho, um pouco acima de onde suas botas começavam. Mas, em vez de parecer estúpido, ele parecia... Arrojado. Eu não pude evitar pensar se ele tinha caminhado até aqui vestindo aquilo.

— Qual é a do d'Artagnan? — Eu sussurrei para Vincent.

— As pessoas geralmente usam as roupas que eram utilizadas em suas épocas quando se casam. É uma tradição dos *revenants*.

Eu sorri, incapaz de tirar o foco de minha visão periférica, imaginando seus companheiros se balançarem em cordas nas janelas da capela, vestindo chapéus de penas e brandindo espadas.

O padre seguiu a cerimônia como a de um casamento regular, pontuada por ocasionais músicas de um quarteto de cordas. A música flutuou ao redor da sala como uma névoa sinfônica, dando um efeito ainda mais sobrenatural para o evento extraordinário. Quando eles chegaram aos votos, a noiva e o noivo se encararam e prometeram ser fieis e amar um ao outro "enquanto existissem". *Bem*, eu pensei, *esta é uma flexão interessante.*

Meus pensamentos se filtraram com as implicações do que estava acontecendo. Quando os humanos se casavam, eles já estavam prometendo muito com os votos de ficarem juntos por muitas décadas. Este casal estava atestando, diante de sua tribo, que queriam ficar juntos... Para sempre. Ou pelo menos por um *realmente* longo tempo.

Quando a cerimônia acabou, o casal se beijou, e depois, pegando a mão um do outro, liderou o restante do grupo descendo as escadas e saindo da capela. Uma vez na rua, a procissão andou por dez minutos até a borda do bairro, desceu alguns degraus, e chegou ao Place Dauphine, um pavimentado parque arborizado que se projetava no Sena. Uma grande tenda branca tinha sido erguida, com aquecedores a gás aquecendo o espaço dentro dela.

Vincent e eu pegamos pratos de comida e caminhamos para fora da tenta para sentar na borda de um cais, que tinha sido forrada com cobertores macios para a ocasião. Balançávamos as pernas sobre a água e, silenciosamente, comíamos o nosso lombo e a nossa batata gratinada.

— Nenhuma pergunta? Comentário? Ponderação existencial? — Vincent finalmente disse.

— Eu tenho tantos pensamentos passando por minha cabeça agora, que eu nem sei por onde começar — Eu disse.

— Comece com o básico, então, e deixe a parte existencial para depois — Ele colocou seu prato vazio em seu cobertor perto dele e olhou para mim com expectativa.

— Tudo bem. Quem são eles — A noiva e o noivo, quero dizer?

— Georges e Chantal. Ele é do século XVIII, ela é de 1950. Ele é francês, ela é belga.

— Como eles se conheceram, então? Eu não escuto vocês comentando de viajar tanto.

— Eles se conheceram numa convocação — um encontro do nosso Conselho que acontece no espaço de alguns anos. Representantes de todo o mundo vêm para os grandes encontros. Nós geralmente apenas vamos para o encontro Europeu.

— Um encontro internacional de *revenants*? Como as Nações Unidas dos Não Mortos? — Eu refreei minha risada, vendo a expressão solene de Vincent.

— É uma tradição antiga. Os encontros são ultrassecretos, é claro — pelas óbvias razões de segurança. Caso contrário, seria como se estivéssemos nos oferecendo como iscas para os *numa*.

— E foi lá que os noivos se conheceram? Numa convocação política?

— Sim. Além de ser uma reunião para trocas de informações, tem a função oculta de ser uma oportunidade para encontrar um parceiro. É difícil conhecer um parceiro quando seu círculo social é tão limitado.

Charlotte tinha me dito isto uma vez. Era a razão que ela usava para explicar o motivo de não ter um namorado. É claro que agora eu sabia que era porque ela é apaixonada por Ambrose, e tinha sido por anos. Eu pensei brevemente em como ela estava passando sem o Charles. Nós tínhamos trocado e-mails algumas vezes, mas eu não tinha notícias dela desde que seu gêmeo tinha desaparecido.

Vincent começou ociosamente a brincar com meus dedos, puxando meus pensamentos de volta para o "aqui e agora" — A maior parte dos *revenants* têm parceiros? — Eu perguntei — Quero dizer, Ambrose e Jules parecem felizes com seu status de solteiro.

— Eles ainda são "novos". Eles querendo se assentar seria como um adolescente moderno querendo se casar. Por que se comprometer com uma pessoa quando você mal começou a experimentar a vida? Ou o pós-vida — Ele se corrigiu — O que quer que seja.

— Você não parece se importar em ter apenas uma garota — Eu o provoquei, e então de repente me senti constrangida.

Vincent sorriu — Eu sou diferente. Lembra-se? Eu estava prestes a me casar quando ainda era humano. Talvez eu seja apenas o tipo de cara que se compromete — Ele disse, inclinando-se pensativamente sobre a água antes de virar a cabeça para me olhar.

— Voltando ao assunto — Ele disse, dando-me um sorriso tímido — depois de algumas centenas de anos de celibato, pessoas como Georges geralmente querem alguém para ficar junto. Eu acho que é uma parte de nossa humanidade que permanece depois da morte. A necessidade de amar e ser amado.

— Bem, e quanto ao Jean-Baptiste? Ele ainda está solteiro.

Vincent olhar de volta para a água e riu — Ele apenas não demonstra muito suas afeições.

— O quê? — Eu exclamei — Jean-Baptiste tem uma namorada?

Ele levantou uma sobrancelha e, dando-me um sorriso de lado, balançou a cabeça.

— Uma amante, então? Um garoto... Oh! — Eu disse, quando a verdade finalmente caiu sobre mim — Gaspard!

Vincent me deu um amplo sorriso — Não me diga que você nunca tinha pensado nisso.

Eu balancei minha cabeça. Mas agora que eu sabia, fazia absoluto sentido. Eles eram perfeitos um para o outro.

Vincent ficou em pé e levou nossos pratos para a tenda. Voltando para se sentar ao meu lado, ele disse — Eu tenho uma coisa para você, Kate — Ele colocou a mão dentro de seu bolso e abriu a mão para revelar um pequeno saco de veludo vermelho com um cordão. Afrouxando as cordas, ele puxou um pingente em um cordão de linho preto e colocou-o suavemente em minha mão.

Era um disco de ouro do tamanho de uma moeda de um dólar, e tinha sido gravado com dois círculos pequenos, um situado dentro do outro. No centro do disco, havia uma pedra triangular azul escura, com a superfície lisa e ligeiramente arredondada. E, no espaço entre a pedra e as linhas, havia fios decorativos de ouro curvados em forma de chamas. Parecia antigo, como as joias gregas da galeria de vovô.

— Oh, meu Deus, Vincent. É tão maravilhoso! — Eu mal podia falar, minha garganta estava sufocada pela emoção.

— É uma *signum bardia*. Um sinal para os *revenants* de que você está ligada a nós. Que você sabe o que somos e que podem acreditar em você. Jeanne tem uma. Ela nunca tira.

Lágrimas brotaram em meus olhos. Segurando o pingente fortemente em minhas mãos, eu joguei os braços em volta do pescoço de Vincent e o abracei por alguns segundos, antes de soltá-lo e limpar minhas lágrimas.

Seu sorriso era hesitante — Você gostou dele?

— Vincent, "gostar" não faz jus ao que eu senti. É lindo além do que as palavras podem dizer. Onde você o conseguiu? — Eu perguntei, incapaz de tirar meus olhos da requintada peça de joalheria.

— Pertence à nossa tesouraria.

Eu olhei rapidamente para ele — Então é de Jean-Baptiste?

Vincent sorriu tranquilizadoramente — Não. Mesmo que seja mantido na casa, a tesouraria pertence aos *revenants* franceses. As peças têm passado adiante por milênios. Este aparece em nossos registros como tendo sido usado pela última vez por um dos emissários a Constantinopla, no século IX.

Meus olhos se arregalaram — Tem certeza de que eu devo ficar com ele? Quero dizer, todos concordam?

— Eu o mostrei para Jean-Baptiste e Gaspard, e eles me parabenizaram pela seleção, concordando que era a escolha perfeita para você. É seu agora e você não tem que devolvê-lo. Pelo menos, eu espero que você não devolva — Seu sorriso era alegre, mas seus olhos estavam sérios.

Uau. Eu olhei para baixo para estudar o pingente e tracei as chamas ternamente com meu dedo. Vincent o observou junto comigo.

— Existem muitas interpretações diferentes dos símbolos — livros inteiros foram escritos sobre os *signa bardia* em geral — mas a pirâmide significa vida após a morte, e seus três cantos simbolizam nossos três dias de dormência. As chamas representam nossa aura e o único jeito que podemos ser destruídos. E o círculo é a imortalidade.

Eu apenas olhei para ele, incapaz de acreditar que este antigo pingente, símbolo da espécie de Vincent, era meu. Ele pegou o colar da minha mão e gentilmente passou o cordão por cima de minha cabeça. Sua expressão quando ele se inclinou para trás para me olhar não tinha preço assim como a peça.

— Obrigada.

— Eu diria "de nada", mas não posso tirar todo o crédito. Isso não é apenas de mim para você. É de todos nós. Eu sei o quão chateada você ficou quando Arthur fez com que você se sentisse como se não fosse uma de nós. Eu quero que você saiba que não é uma intrusa. Você não é uma *revenant*, mas ainda é uma de nós. Este *signum* significa que você pertence à nossa tribo.

Eu me inclinei para seus braços. Aninhada a ele, com o cabelo em seu rosto, fechei os olhos e desejei que isso nunca mudasse. Que o tempo parasse e pudéssemos ficar daquele jeito para sempre.

Capítulo 24

As duas semanas que tinham passado desde a última vez que eu tinha ido ao *Le Corbeau* pareciam ter durado para sempre. Mas finalmente era Terça-feira, e eu estava pronta para matar minha última aula para ir diretamente à loja de relíquias.

Então quando eu caminhei para fora do portão da escola e vi Jules esperando por mim, eu me senti como se alguém tivesse acabado de pegar meus pulsos e colocado algemas neles.

— Jules — Eu disse com uma decepção mal disfarçada — O que você está fazendo aqui?

— É bom ver você também, Kate — Disse Jules, obviamente divertido — Seu namorado me pediu para ser seu guarda-costas esta tarde.

— Ele o quê? — Eu exclamei.

Jules se moveu para frente e beijou minhas bochechas, e eu me inclinei para trás para que ele não pudesse me alcançar, o que o fez rir ainda mais — Hey, não me culpe! — Ele disse, afastando-se com as mãos para cima no gesto universal de "eu me rendo" — Vincent tem que lidar com as missões perigosas enquanto eu cuido da donzela em perigo.

— Eu não estou em perigo. Mas eu tenho uma coisa que quero fazer... Sozinha — E então suas palavras me atingiram — Que missão perigosa? — Eu perguntei, sondando seu rosto.

— Ah! Finalmente consegui sua atenção! — Ele riu — Posso te dizer mais sobre isso quando estivermos no carro e fora da faixa de ônibus? — Jules gesticulou para a BMW, que estava estacionada ilegalmente a alguns metros. Eu vi um ônibus se aproximando, acendendo as luzes para que ele se movesse, e me apressei a pular para dentro do carro antes que o motorista fizesse uma cena.

— Vamos esperar pela sempre efervescente Georgia? — Jules perguntou enquanto deslizava para trás do volante e colocava o carro em marcha.

— Não ela tem aula de teatro até às seis horas da tarde — Respondi ausentemente, minha mente estava no que Vincent poderia estar fazendo.

Eu esperei até que ele saísse de lá e comecei — Tudo bem. Estou no carro. Agora fale tudo!

Enquanto dirigia, Jules me disse que os *revenants* que estavam cuidando da casa de Geneviève tinham ligado para Jean-Baptiste naquela manhã para informar sobre um assalto. Enquanto eles estavam fora, alguém tinha entrado na casa e revirado os cômodos. A porta tinha sido forçada, a fechadura estava quebrada. Mas nada parecia estar faltando. Jean-Baptiste e Vincent tinham ido até lá para investigar.

— E isto tudo significa que eu tenho um segurança porque...

— Porque todos estão pensando se isso significa que os *numa* estão de volta à ativa, então Vincent está preocupado com você. E já que JB insistiu que ele fosse com ele para a casa de Geneviève, eu me voluntariei para te buscar — Jules disse com um sorriso de satisfação, mantendo os olhos no trânsito — Então onde é esta coisa que você queria fazer? Eu levo você.

— Era um compromisso particular. Mas eu posso fazer isso outra hora — Eu suspirei. Meu estômago revirou com ansiedade enquanto eu imaginava quando teria outra oportunidade de visitar a loja — Então, que tal você me levar até Vincent?

— E se eu te levar para o meu estúdio? Muito menos perigoso. Além do mais, eu preciso de uma modelo e você poderia posar para mim.

— Você quer que eu pose para um retrato? — Eu perguntei, aturdida.

— Na verdade, no momento eu estou me concentrando em nus reclinados, de corpo inteiro, no espírito de Modigliani — Ele disse. Estava fazendo um esforço para manter a expressão séria.

— Se você pensa mesmo por um segundo que eu vou tirar as roupas na sua frente, Jules... — Eu comecei.

Ele explodiu em uma gargalhada, batendo no volante com sua mão — Estou apenas brincando, Kate. Você é uma dama. Eu não pediria para você comprometer sua pureza como uma de minhas modelos pagas... A maioria é um bando de prostitutas de salto baixo.

Depois de ver uma modelo seminua posando no estúdio de Jules, Vincent me disse que as garotas eram usualmente universitárias que precisavam de dinheiro para as despesas escolares. Era algo um pouco distante de "prostitutas de salto baixo". Jules estava tentando o método de ataque do sentimento de culpa. E estava funcionando.

— Tudo bem, eu vou posar pra você — Eu concordei — Mas sob nenhuma circunstância alguma peça de roupa deixará meu corpo enquanto eu estiver em seu estúdio.

— E se você estiver em outro lugar? — Ele perguntou, quebrando-se em um sorriso astuto.

Eu revirei os olhos enquanto passávamos pela ponte e a Torre Eiffel entrava em nosso campo de visão.

Eu inalei profundamente quando entramos no estúdio, sentindo um dos meus odores favoritos — o cheiro de tinta a óleo molhada. Eu tinha respirado aquele mesmo ar desde que eu era uma criancinha, todas as vezes que visitava o estúdio de restauração de minha avó. Em minha mente, o cheiro estava indubitavelmente associado com a beleza. Meus olhos seguiram meu nariz em expectativa, sabendo que a recompensa estaria perto de algum canto.

E que recompensa! As paredes do estúdio de Jules eram cheias de cor. Paisagens urbanas geométricas coloridas com cores primárias e nus pintados em tons de rosa luxuriantes e tons de pele. Meu cérebro se alterou para o modo de

arte. Cercada por toda aquela beleza, eu me senti inteira. Preenchida. Como se uma luz tivesse se acendido dentro de mim, iluminando todos os pensamentos escuros de minha cabeça, e os cantos bolorentos.

Meus devaneios foram interrompidos por um barulho de batida da sala ao lado. Jules correu atrás de mim antes que eu pudesse reagir, depois pegou uma espada de um guarda-chuva e atirou-se porta afora. Ouvi um grito e, pela porta de conexão, vi um homem saltar no ar.

O tempo parou enquanto eu o via suspenso no ar, incapaz de acreditar no que eu estava vendo, antes de eu ser sacudida de volta à realidade por um ensurdecedor estrondo quando seu corpo bateu na grande janela de vidro e desapareceu para fora. Eu corri para a recém-quebrada janela, meus tênis triturando os vidros estilhaçados abaixo deles, e vi o homem em pé na calçada de paralelepípedos, dois andares abaixo. Inabalável com a queda, ele se limpou e então, segurando as mãos para estancar o fluxo de sangue de uma ferida em seu torso, ele atravessou o pátio e seguiu para a rua.

Eu me virei para ver Jules em pé com uma espada ensanguentada na mão, olhando para a janela quebrada. Próximo a ele, uma pequena mesa estava coberta com livros de arte e catálogos de galerias, que foram espalhados como se alguém os tivesse jogado no ar e deixado cair ao acaso. A gaveta estava no chão, vazia.

— Ele...? — Jules começou, incapaz de finalizar a pergunta.

Eu assenti — Ele caiu de pé e fugiu. Mas eu acho que você o pegou — Eu disse encorajadoramente — Ele estava segurando um lado do corpo enquanto fugia.

— O que um numa estava fazendo em meu estúdio? — Jules murmurou, parecendo em estado de choque — E como no inferno ele entrou aqui? A janela e a porta têm fechaduras da mais alta qualidade.

Entre os cacos de vidro, avistei um brilho de metal. Caminhando cuidadosamente até aquilo, inclinei-me para pegar um pequeno conjunto de ferramentas de prata amarrados em uma corrente. Eles pareciam exatamente o tipo de coisa que poderia abrir uma fechadura. Eu as segurei para que Jules visse. Quando ele viu, sua face adquiriu um estranho tom de púrpura. Ele puxou seu celular do bolso e apertou um número.

— Vince? Sim, ela está aqui. Apenas escute! Eles vieram para cá também — para o meu estúdio... Apenas um — Ele fugiu. Não, ela está bem. Sim, eu tenho certeza — Jules me passou o telefone.

— Kate, você está bem? — Vincent estava falando no tom de voz controlada quando ele estava escondendo seu pânico.

— Estou bem. O cara nem me notou. Jules foi diretamente para ele e ele pulou pela janela.

— Eu estou indo para aí.

— Não tem motivo, Vincent. Estamos ambos bem. Termine o que está fazendo. Vou ver você esta noite de qualquer maneira.

— Nós temos que ir. Ver se conseguimos descobrir o que estamos procurando. Estamos provavelmente a vinte minutos de táxi, então apenas esperem. Eu tenho

que te ver para acreditar que está segura. Você pode entregar o telefone de volta para Jules?

Jules ouvia enquanto Vincent falava por um momento, e depois, colocando o celular de volta no bolso e arrancando a si mesmo de seu estupor, ele olhou para mim como se tivesse notado finalmente que eu estava lá. Soltando a espada no chão, ele caminhou em minha direção e pegou meus ombros em suas mãos, apertando-me um pouco forte demais — Kate, você está bem? Não se cortou em nenhum lugar? — Ele olhou bem para o meu rosto.

Eu estava tão aturdida por sua intensidade que não podia falar. Jules estava sempre brincando comigo, provocando-me, mas agora seus olhos arregalados estavam me deixando paralisada, e sua expressão não poderia ser mais grave. Eu balancei a cabeça e consegui falar — Não estou ferida.

Ele exalou quando atentou para o fato de que eu não tinha sido tocada e, agarrando-me de encontro ao seu corpo, ele me abraçou tão fortemente que eu mal podia respirar. Depois de alguns segundos, seu aperto diminuiu, mas ele não me soltou até que eu me movi, afastando-se gentilmente quando eu disse seu nome.

Suas mãos caíram ao lado de seu corpo, mas ele continuou ali — sua face a centímetros da minha e seu hálito quente acariciando minha pele — pelo que pareceu uma eternidade. Então, abruptamente, ele se virou e caminhou para fora do estúdio. Eu escutei seu passos na escada de madeira, e o vi pelo buraco de janelas enquanto ele cruzava o pátio e ficava completamente imóvel na porta ladeada de pedras que dava para a rua, esperando que os outros chegassem.

Capítulo 25

Uma vez no estúdio, Vincent e Jean-Baptiste o vasculharam por pista enquanto Jules e Ambrose pregavam uma grande placa de madeira sobre a janela quebrada. Agora estávamos no carro em nosso caminha de volta para La Maison indo para o que JB chamava de "encontro emergencial".

Meu telefone tocou. Vendo o nome de Charlotte na tela, eu atendi imediatamente. Esta era a primeira vez em um mês que uma de nós tinha realmente pegado o telefone para ligar.

— Oi Charlotte — Eu disse, tentando tirar da minha voz a tensão que estava pesando em todos do grupo.

— Kate — Ela respondeu, parecendo como se estivesse na porta ao lado em vez de do outro lado do país.

— Como você está?

— Bem. Mas eu tinha que te ligar. Eu tive notícias de Charles na noite passada. Ele está na Alemanha vivendo com um grupo de *revenants* em Berlim. E ele está bem!

— Oh, Charlotte. Você deve estar tão aliviada...

— Eu nem posso dizer o quanto. Eu fiquei praticamente tonta quando ele me disse que estava a salvo, e depois eu comecei a gritar com ele por não ter ligado antes. Mas nós estamos bem agora.

— Estou tão feliz em ouvir isso. Viu? Todos aqueles nomes pelos quais você o estava chamando... bem, eles são verdade, na maioria.

Charlotte riu; depois sua voz ficou séria — Na verdade, Kate, os caras com que ele está morando tiveram notícias de que as coisas vão piorar com os *numa* em Paris. Charles disse que não estava pronto para conversar com os outros ainda, e me pediu para alertar JB.

— Bem, ele falou bem a tempo. Você soube o que aconteceu com a casa de Geneviève?

— Sim. Jean-Baptiste ligou esta manhã para perguntar se tinha alguma coisa na casa que um numa pudesse estar procurando — Charlotte afirmou.

— A mesma coisa aconteceu no estúdio de Jules algumas horas atrás.

Ela engasgou — Oh, Kate. Eu gostaria de poder voltar. Não há razão para eu ficar aqui agora que sei que Charles não voltará para casa a qualquer momento.

— Então por que você não vem? — Eu perguntei, olhando para Vincent, que estava sentado silenciosamente ao meu lado no carro.

— É a Geneviève. Ela não quer voltar à Paris. E eu não posso dizer que estar aqui, longe de suas memórias de sua vida com Philippe a está ajudando. Eu não posso apenas abandoná-la, e eu não quero sugerir uma coisa que possa deixá-la

pior. Mas com tudo isso acontecendo por aí, você acha que Jean-Baptiste precisa de mim?

— Eu não sei, Charlotte. Parece que está um puro caos aqui no momento. Se Geneviève precisa de você aí, é melhor para as duas que vocês fiquem.

Ela concordou — Você está certa. Eu conversarei sobre isso com Jean-Baptiste apenas para ter certeza. Mas, Kate?

— Sim?

— Estou tão feliz por Charles estar a salvo.

— Eu sei, Charlotte. Eu também. É bom que ele esteja com outros *revenants* — Eu disse. *E não com um numa*, eu pense, sabendo que Charlotte temia a mesma coisa.

Mais uma vez, estávamos reunidos em torno na enorme saleira do grande salão. Jean-Baptiste explicou o que eles tinham encontrado na casa de Geneviève e no estúdio de Jules, que era basicamente nada. Entretanto, era óbvio pelos itens que haviam sido bagunçados que o objeto de desejo era algum tipo de documento. Mas nem Geneviève e nem Jules podiam imaginar alguma coisa que os *numa* poderia querer roubar deles.

— Eu estou atormentando meu cérebro — Disse Jean-Baptiste, colocando dois dedos em sobrancelha para enfatizar — e não consigo pensar em uma coisa entre nossos papeis que pudesse ter algum interesse para os nossos inimigos.

— E se foram informações bancárias? — Violette perguntou — Talvez eles estejam procurando por números de conta ou coisas assim.

— Bem, esta é uma ideia — Disse Jules — Mas estamos sem papeis agora, porque todos os nossos serviços bancários são feitos online. E mesmo que os numa já não estivessem ricos, com todas as suas relações com o submundo, duvido que as nossas contas bancárias seriam os primeiros alvos para conseguir um dinheiro extra.

Violette franziu a testa.

— Posso? — Gaspard perguntou. Ele era tão extremamente educado que nunca entrava numa conversa sem primeiro pedir permissão. Jean-Baptiste assentiu para ele — Mesmo que eu concorde que devemos nos focar em descobrir o que eles podem estar procurando, não podemos descartar o fato de que isso você ser meramente uma diversão. Eles podem estar com a intenção de desviar a nossa atenção de algum plano maior que eles estejam colocando em prática.

Eu falei — Charlotte mencionou alguma coisa no telefone quando estávamos vindo para cá — Todos se viraram em minha direção — Charles ligou para ela. Ele está em Berlim, morando com um grupo de *revenants*. Ele telefonou para avisar que eles tinham ouvido rumores que alguma coisa grande estava acontecendo com os *numa* de Paris.

— Sim, ela me ligou também — Gaspard começou, mas foi cortado por Violette.

— Por que eu não escutei nada sobre isso? — Ela exclamou, sua face rosa de emoção, sinalizando que ela estava extremamente irritada.

— Eu... Eu iria consultá-la mais tarde, Violette — Gaspard gaguejou — Mas Charlotte só me ligou ontem à noite, e com tudo o que aconteceu esta manhã, era muita informação para lidar ao mesmo tempo.

Violette pressionou suas têmporas em exasperação — *Como* eu posso ajudar se as pessoas retêm informações tão importantes pra mim?

Todos olharam para ela. Ambrose revirou os olhos em minha direção e seus lábios disseram as palavras *Rainha do Drama*.

Ela olhou para todos nós, como se tivesse acabado de notar que estávamos todos lá, e depois olhou de volta para Gaspard — Sinto muito — Ela disse — Eu apenas tenho tentado tanto. Cavando informações de todos os lugares possíveis, e batendo numa parede de tijolos para todo lugar que eu me viro... Quando há informações passando bem à nossa frente — Ela parou e caminhou até Gaspard, colocando uma delicada mão em seu braço e o levando para longe do grupo.

— Agora, o que Charlotte disse, exatamente? — Ela o pressionou assim que saíram da sala.

Do outro lado da lareira, no canto do grupo, Arthur estava sentado em uma poltrona, balançando sua cabeça de um jeito cansado como o marido extremamente sofredor de uma esposa temperamental. Ele pegou uma caneta e um bloco de anotações de dentro do bolso de seu casaco e começou a escrever.

Eu apertei os dedos de Vincent. Ele estava sentado à minha frente no chão, seu cotovelo apoiado no sofá para que pudesse segurar minha mão. Ele olhou para cima e eu inclinei minha cabeça na direção de Arthur — Ele está tomando notas? — Sussurrei. Os olhos de Vincent viajaram pela sala.

— Não, ele está escrevendo — Ele respondeu.

— O que você quer dizer? Eu perguntei, intrigada.

— Ele é um autor. De romances — Vincent riu da aparência chocada de minha face — O quê? Você não achou que poderíamos ter carreiras além de salvar vida? Arthur e Violette têm que fazer alguma coisa em seu tempo livre. Eles nem mesmo têm uma TV.

— O que ele escreve?

— Bem, você já ouviu falar de Pierre Delacourt?

— Sim, o cara que escreve histórias de terror? Eu acho que já li um de seus livros no aeroporto uma vez. Este é o pseudônimo de Arthur?

Vincent assentiu — Este e Aurélie Saint-Onge, Henri Cotillon, e Hilaire Benois.

Minha boca se abriu quando eu percebi que o escritor atrás de alguns dos mais famosos pseudônimos da literatura francesa estava sentado do outro lado da sala, escrevendo em um bloco de notas.

— O desastre de trem que foi esta reunião está suspenso — Estalou Jean-Baptiste, deixando claro que ninguém mais estava prestando atenção à ele — Eu vou falar com cada um de vocês separadamente sobre o que preciso que vocês façam. Vincent — Ele disse, caminhando até nós — Eu preciso que você voe até Berlim amanhã. Converse com as fontes de Charles. Descubra tudo o que eles

sabem e de onde estão conseguindo a informação — Vincent assentiu, e Jean-Baptiste foi até Jules.

— Uau, só isso e você está fora — Eu disse — Por quanto tempo você acha que ficará longe?

— Eu diria que alguns dias. Dependerá do que eu descobrir quando chegar lá. Quanta informação realmente tem. Apesar de eu ter uma sensação de que parte da razão para que JB esteja me mandando em vez de apenas pedir para que eu telefone, é para que alguém possa ver Charles.

Eu assenti, e mesmo que eu sentisse uma pontada de tristeza porque ele estava partindo — tinha acontecido tanta coisa que nem tínhamos tido tempo de ficar juntos, desde que ele tinha acordado da dormência —, eu também senti um pouco de alívio. Porque a única coisa que eu tinha em minha cabeça agora era quando eu poderia ir até o *Le Corbeau*.

Capítulo 26

Quando Georgia e eu deixamos nosso prédio na manhã seguinte para ver Jules nos esperando no carro, meu coração deu um pequeno salto. Vincent já devia ter ido embora. Eu chequei o telefone para ver sua mensagem de despedida, e os saltos do meu coração adquiriram o padrão de um staccato. Hoje era o meu dia.

— Então, qual é o motivo do serviço de chofer? — Eu perguntei enquanto entrava no banco da frente do carro, enquanto Georgia se sentava atrás.

— Vincent estaria aqui esta manhã, mas ele teve que pegar o avião às seis da manhã. O que significa que ele estava no aeroporto às cinco.

— Ainda bem que vocês não dormem — Eu disse.

Por hábito, os olhos de Jules foram para o espelho retrovisor para saber se Georgia tinha ouvido. E depois eu o vi se lembrar — Ela já sabe — e relaxar de novo.

Ele realmente pensa em mim como uma deles agora, eu meditei, e sorri enquanto tocava o colar escondido em minha camiseta.

— Esta na verdade não é a minha pergunta. O que nós fizemos para merecer uma carona para a escola? Aconteceram mais ataques de *numa* durante a noite?

Eu disse aquilo como uma brincadeira, mas a expressão inalterada de Jules me informou que eu tinha acertado na mosca — Não — Eu engasguei.

— Sim, duas outras casas de *revenants* de Paris foram saqueadas — uma ontem à noite e outra hoje de manhã, nas duas vezes quando os ocupantes estavam fora.

— Então o que isso tem a ver com a gente? — Georgia praticamente saltou do banco de trás — Não que eu não aprecie ter o serviço de um motorista de casa até a escola, é claro.

Jules olhou para Georgia pelo espelho — Aquele ataque logo depois do show do seu namorado, seguido, uma semana depois, por quatro invasões por parte de nossos inimigos... Isso é um sinal de que os *numa* estão de volta à ação. E Vincent está preocupado que você, Kate, possa ser um alvo.

— Por que eu?

— Os *numa* sabem que ele é o segundo de JB, e eles sabem que você está com ele. Sequestrar você, ou fazer coisa ainda pior, seria o jeito perfeito para provocá-lo. Vincent apenas quer que alguém mantenha os olhos em você até que ele esteja de volta e possa fazer isso ele mesmo.

Aquilo era muito para processar — Eu queria dizer que posso me defender sozinha. Mas depois de encarar aqueles caras na viela, eu acho que vou apenas agradecer a você pela oferta e manter a boca fechada.

— Então, Jules — Georgia disse, inclinando-se para frente — Não que eu não esteja apreciando o fato de você estar protegendo minha irmã dos zumbis

assassinos e malvados... Mas já que esta conversa tomou este curso — Ela parou para causar um efeito — Kate me disse que Arthur é escritor.

Para meu desânimo, minha irmã não tinha desistido de sua queda por Arthur. E desde que ela e Sebastien tinham terminado na semana passada, ela tinha mencionado o *revenant* pelo menos uma vez por dia.

— Ele perguntou sobre você, na verdade — Jules disse, naturalmente.

— Ele *perguntou*? — Georgia ronronou — Conte-me!

— Ele estava apenas pensando se você tinha se recuperado do trauma do ataque dos numa. Ele te viu na rua outro dia e disse que você parecia bem.

— Parecia *bem*? Eu fico imaginando se isso quer dizer "estava sexy" numa linguagem do século XV.

— E ela está fora — Eu murmurei, arrancando uma risada de Jules.

— Sem ofensas — Ele continuou — Mas eu acho que o que interessa a ele é o fato de que Violette parece te odiar. Isso lhe entretêm muito mais do que a sua maçante vida de praticamente casado sem benefícios.

— Hum... Benefícios — Georgia disse, rolando a palavra em sua boca como se fosse um doce — Certifique-se de mencionar para Arthur que eu estou solteira de novo. Você sabe... Quando o tópico sobre mim vier à tona.

Eu balancei minha cabeça e Jules explodiu numa risada. Assim que chegamos à escola e Georgia saiu do carro, eu me inclinei para ele — Pode esperar um minuto? — Ele assentiu, parecendo confuso, enquanto eu descia do carro.

— Georgia, eu vou matar aula hoje. Você pode me cobrir?

Minha irmã me olhou curiosamente — Isso é tão atípico de você que eu estou assumindo que é algo de vital importância. Algo do estilo de Nancy Drew. Algo como procurar por curandeiros de existências questionáveis. Hum. O que você vai me dar pelo meu silêncio? — Ela sorriu astuciosamente.

— Tudo bem. Eu me certificarei de que Jules fale sobre você para Arthur.

— Marque um encontro com Arthur, e eu vou escrever uma nota dizendo que você está doente, e assinada pela vovó.

Eu ri — Verei o que posso fazer — E me virei para voltar ao carro.

— Ei, Kate! — Georgia gritou, sua voz séria agora. Eu hesitei — Tenha cuidado, o que quer que você esteja fazendo.

— Eu prometo — Eu disse, jogando um beijo para ela e me abaixando para sentar no banco de passageiro.

— O que foi, Kate? — Jules disse, incerto, mexendo nos botões do rádio.

— Um dia de folga — Eu disse.

Isso capturou sua total atenção — Para onde?

— Para Saint-Ouen.

— Você está matando aula para ir ao mercado de pulgas? Vincent sabe que você está fazendo isso? Espere... não me diga. É claro que ele não sabe, senão você esperaria que ele voltasse para ir.

— Vincent pediu para você ser meu guarda-costas hoje? — Eu perguntei. Jules assentiu — Bem, eu vou para Saint-Ouen. Então você pode me deixar numa estação de metrô ou me levar até lá. O que quer que o seu senso de vigilância ache correto.

Os lábios de Jules formaram um sorriso de divertimento — Kate, alguém já disse que você é uma garota persuasiva? Você está na equipe de debate da escola?

Eu balancei minha cabeça.

— É uma pena — Ele disse, enquanto colocava o carro em marcha. Ele acelerou o motor e nós estávamos fora da área da escola.

— Jules?

— Hum... Hum?

— Como você morreu?

Nós tínhamos ficado presos no tráfico da *Périphérique* por meia hora. Até agora nossa conversa tinha consistido em pequenas coisas — o que significa no caso dos *revenants*, coisas como "de que forma Ambrose e Jules tinham recentemente salvado pessoas de um ônibus de turistas que tinha caído no Sena". Mas eu estava pensando sobre o assunto há algum tempo, e sentada ali me pareceu o momento perfeito de perguntar.

— Eu quero dizer, você disse que morreu na Primeira Guerra Mundial — Eu continuei —, mas você morreu salvando uma pessoa especificamente, ou era mais o fato abstrato de que você estava defendendo a população do seu país como um soldado?

— Não há nada abstrato em se tornar um *revenant* — Jules replicou — Apenas lutar em uma guerra não conta. Se contasse, provavelmente existiriam muitos mais de nós.

— Então quem você salvou?

— Um amigo meu. Eu quero dizer, não exatamente um amigo, mas outro artista do grupo que eu costumava fazer parte em Paris antes da guerra. Seu nome era Fernand Léger.

— *O* Fernand Léger? — Eu engasguei.

— Oh, você já ouviu sobre ele? — Não havia sarcasmo em sua voz.

— Ora, Jules. Você sabe que eu amo arte!

— Bem, ele não era tão famoso quanto os outros no grupo: Picasso, Braque, Gris.

— Ele é famoso o bastante para que eu saiba sobre ele. E não era uma exposição dele no Museu de Arte Moderna em que você estava passeando no último verão? Você sabe... Quando você fingiu que era outra pessoa porque eu te reconheci da batida do metrô.

Jules riu com a memória. Tinha sido sua aparição pós-morte que tinha me mandado de volta para a casa de Jean-Baptiste para me desculpar com Vincent, apenas para encontrá-lo morto em sua cama. Um dia histórico na vida de Kate Mercier, certamente.

— Sim, ele tem um retrato irreconhecível de mim lá. Não muito lisonjeiro. Eu pareço um robô. Na verdade mais como o esqueleto de um robô. O que é compreensível, eu acho, já que eu estava morto quando ele o pintou.

— Você está falando sobre Os jogadores de cartas? — Eu perguntei com admiração.

— Sim. Tínhamos muito tempo livre entre as batalhas. Jogávamos muitas cartas. Depois da guerra, quando eu estava volante, eu ouvi que ele estava dizendo para alguém que o soldado à sua direita era o que o tinha salvado. Mas eu ainda não posso ver uma semelhança comigo — Jules deu um sorriso com sua própria piada.

— Como isso aconteceu? Eu quero dizer... O resgate.

— Eu dei a ele a minha máscara de oxigênio durante um ataque alemão de gás de mostarda. Quando eu estava caído, o inimigo se aproximou e atirou em todos que estavam no chão.

Que jeito horrível de morrer, eu pensei. Mesmo que eu estivesse horrorizada, eu tentei deixar minha voz tranquila para que ele continuasse falando — Por que você fez isso?

— Eu era jovem e ele era um artista mais velho e estabelecido. Eu o respeitava. Ele era o meu ídolo, de certa forma.

— Ainda assim, quantas crianças desistiriam da vida por seus heróis?

Jules deu de ombros — Eu falei sobre isso com outros *revenants*. Todos nos sentimos como se em nossa vida humana, existisse algo dentro de nós que era quase suicidamente filantrópico. É a única característica que todos temos em comum.

Ele ficou silencioso depois disso, me fazendo pensar se eu daria a minha vida por alguma outra pessoa. Eu supunha que era alguma coisa que eu não saberia até que chegasse o momento de decidir — quando eu estivesse encarando a face da morte.

Vinte minutos depois, nós entramos num estacionamento alguns quarteirões distantes de *Le Corbeau*.

— Você vai me dizer sobre o que é isso? — Jules me perguntou pela quadragésima vez.

— Não — Eu disse quando saímos do carro. Olhando para um pequeno café ali perto, eu gesticulei para lá e disse — Mas você pode esperar por mim, lá.

— A resposta para esta ordem é *Non madame la capitaine*. Eu não vou deixar você ir para um lugar desconhecido, sozinha, ainda mais um lugar que você obviamente não quer que Vincent saiba. Você me trouxe até aqui apelando para o meu senso de vigilância. Agora você vai ter que conviver com o que pediu.

Nós olhamos um para o outro por alguns instantes. Mas quando eu vi que ele não ia mudar de ideia, eu assenti, e nós começamos a caminhar em direção à loja. Era na verdade muito bom tê-lo comigo, porque eu estava começando a ficar nervosa — incerta de como eu iria lidar com as coisas quando chegasse lá.

De um quarteirão de distância, eu pude ver que as luzes estavam acesas, e meu coração começou a pular como louco. O corvo esculpido no topo da placa parecia ameaçador na medida em que nos aproximávamos. Nós paramos fora da porta e Jules virou para mim com o olhar mais incrédulo em seu rosto — Você me trouxe aqui do outro lado de Paris para comprar um — Ele olhou para a vitrine, e depois de volta para mim — Uma estátua de Virgem Maria?

— Não.

— Então o quê? — Ele olhou de volta — Um abajur do Papa João Paulo? Kate, o que estamos fazendo aqui?

— A questão é "o que *eu* estou fazendo aqui?" e a resposta é "Isso não é da sua conta, Jules". Sinto muito por ter feito você vir até aqui, mas tem uma coisa que eu preciso fazer. E eu gostaria que você me esperasse aqui.

— O quê? — Jules gritou.

— Eu tenho que conversar com o dono da loja sobre uma coisa. Se eu estiver errada sobre isso, estarei de volta em um segundo. Se eu estiver certa, pode demorar um pouco mais. Mas é uma coisa que eu quero fazer sozinha.

— Kate, eu honestamente não sei como Vincent lida com você. Você é... Enfurecedora.

— Mas você fará o que eu estou pedindo?

Jules deslizou a mão por seus cachos, parecendo insatisfeito — Eu te darei quinze minutos. Se você não voltar neste tempo, eu entro para pegar você — E ele se afastou para sentar no degrau de uma loja fechada com tábuas do outro lado da rua.

Capítulo 27

Eu empurrei a porta suavemente. Quando ela não cedeu, eu coloquei mais força no que estava fazendo, praticamente me lançando para dentro da loja quando a porta finalmente abriu. Eu olhei em volta conscientemente para ver um cômodo cheio de coisas, ainda mais lotado que as vitrines. E pelas aparências das coisas, eu podia dizer que eles tinham colocado as coisas mais baratas na vitrine — provavelmente para desencorajar roubos — porque à minha volta estavam os mais interessantes objetos que eu já tinha visto fora de museus.

Uma velha Madonna de marfim — o balanço no quadril em que ela equilibrava seu filho seguia a curva natural da presa do elefante — sentada ao lado de uma caixa ornamentada com um relicário, um realístico dedo de metal preso à tampa. Velhas moedas com imagens de santos nelas, antigos rosários pendurados em cada saliência disponível, e crucifixos feitos de pedras e metais preciosos. Mesmo que cada peça fosse bonita à sua própria maneira, todas elas arrumadas caoticamente juntas em um local tão pequeno, fazia com que o lugar parecesse seriamente arrepiante. Como uma tumba estocada com os bens para a próxima vida.

Eu olhei para o balcão por um segundo inteiro antes de perceber que havia alguém atrás dele — olhando de volta para mim. Ele estava parado de uma forma tão atípica que quando ele falou, eu dei um pulo — *Bonjour, mademoiselle*. O que eu posso fazer por você — Ele disse em um francês levemente acentuado.

Minha mão voou para o meu coração — Eu sinto muito — Eu engasguei — Não vi você aí.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente para o lado com as minhas palavras, como se ele achasse a ideia de alguém ser surpreendido por uma estátua falante, curiosa. *Que homem estranho*, eu pensei. Com seu cabelo alisado para trás e de cor preta, e os olhos enormes que se projetavam surrealmente dos óculos da espessura de um fundo de garrafa, ele parecia uma versão em desenho animado de mesmo nome da ave da loja. *Um fator seriamente arrepiante*, eu decidi, dando de ombros.

— Hum... Alguém me disse que eu poderia encontrar um *guérisseur* aqui? — Eu disse, minha voz saindo embaraçosamente tímida.

Ele assentiu estranhamente e deu alguns passos de trás do balcão para exibir um corpo magro que parecia um esqueleto, vestido com roupas estranhas e ultrapassadas — Minha mãe é a *guérisseur*. O que aflige você?

Eu pensei em minha conversa com a mulher da loja ao lado e deixei escapar — Enxaquecas — Tinha algo sobre este homem, sobre esta situação toda, que me deixava nervosa. Se conhecer os *revenants* era como viajar para um estranho novo país, isto fez com que eu me sentisse como Neil Armstrong, tocando com o dedo a superfície virgem da lua.

Ele assentiu em compreensão e levantou um braço magro para gesticular na direção de uma porta atrás do cômodo — Por este caminho, por favor.

Eu teci meu caminho através das pilhas de livros antigos e das estátuas dos santos que chegavam em minha cintura e, em seguida, o segui por um conjunto íngreme e sinuoso de degraus. Ele desapareceu por uma porta, e depois reapareceu, acenando para que eu entrasse — Ela verá você — Ele disse.

Entrando no quarto, eu notei uma senhora velha sentada perto de uma lareira em uma poltrona verde, tricotando. Ela tirou os olhos de seu trabalho e disse — Venha até aqui, criança — apontando para uma poltrona estofada que ficava de frente para ela. Quando caminhei para dentro do quarto, o homem saiu, fechando a porta atrás dele.

— Eu ouvi que você sofre de enxaqueca. Você é jovem para este tipo de problema, mas eu tenho curado crianças de até cinco anos. Poderei curar você.

Eu me sentei na cadeira.

— Agora me conte sobre a primeira vez que você teve o problema — Ela disse, continuando a tricotar.

— Na verdade, eu não tenho enxaquecas — Eu disse — Eu vim para conversar com a senhora sobre outra coisa.

Ela olhou para cima, curiosa, mas não surpresa — Fale, então.

— Eu encontrei um manuscrito realmente velho. *Amor Imortal*, ele se chama. Ele falava sobre um *guérisseur* que vivia em Saint-Ouen que tinha habilidades especiais em relação a... Um certo tipo de ser.

Mesmo que eu tivesse planejado minha fala antes do tempo, isso não estava saindo certo. Porque agora que eu estava aqui, não estava certa do que tinha pensado. Mesmo que tudo apontasse para que aquele fosse o lugar certo, honestamente... Quais eram as chances que esta velha senhora fosse descendente do curandeiro que era mencionado no livro? Depois de todos aqueles anos? E fora dos milhares de *guérisseurs* que deviam existir na França?

As agulhas da mulher pararam de se mover, e ela olhou para mim, dando-me sua total atenção pela primeira vez. De repente eu me senti extremamente boba — Um certo tipo de ser imortal... Chamado de revenant — Eu esclareci.

Ela olhou para mim por outro segundo, e depois, colocando o tricô num saco de tapeçaria ao lado de sua cadeira, ela colocou a mão no peito e se inclinou para frente. De início, eu achei que ela estava tendo algum tipo de ataque. E depois eu percebi que ela estava rindo.

Depois de alguns segundos, ela parou para tomar fôlego — Desculpe, querida. Eu não estou tirando sarro de você. É só que... as pessoas acham que os *guérisseurs* são mágicos, o que leva a todo tipo de equívoco. E eu sei que a loja lá embaixo deve aumentar a ideia desta misticidade. Todos aqueles artefatos religiosos fazem com que os habitantes locais pensem que eu sou um tipo de bruxa. Mas eu não sou. Eu sou apenas uma velha senhora cujo pai passou um simples dom: o dom de curar. Mas isso é tudo o que há. Eu não posso conjurar espíritos. Eu não posso lançar

magias em seus inimigos. E eu não sei nada sobre... Imortais ou o que quer que sejam.

Eu senti minha face ficando vermelha, não somente pela vergonha, mas pelas semanas de expectativa reprimida que eu tinha criado. E que tinham ido por água abaixo. Meus olhos picaram, e eu respirei profundamente para conseguir evitar o choro — Eu sinto muito por ter te incomodado — Eu disse, ficando em pé — Hum, eu devo te pagar alguma coisa pelo seu tempo? — Eu comecei a abrir minha bolsa.

— *Non* — Ela disse bruscamente. Então sua voz ficou mais suave e ela disse — Tudo o que eu te peço é que escreva seu nome em um daqueles cartões, e o coloque no prato. Assim eu posso te mandar bons fluidos pelas minhas preces — Ela apontou para uma pilha de cartões na mesa perto da minha cadeira. Eu escrevi meu nome no cartão e me inclinei para colocá-lo no prato. E congelei.

Pintado dentro do prato havia uma pirâmide dentro de um círculo. Uma pirâmide cercada de chamas. Eu girei para ver a velha senhora sentada imóvel, olhando para mim com uma sobrancelha erguida. Esperando.

Eu coloquei a mão por dentro de minha camiseta, puxei meu colar, e segurei o *signum* para que ela visse.

Ela ficou sentada aturdida por mim segundo, e então levantou para me encarar — Bem, se você tivesse me mostrado isso quando chegou, não teríamos que ter passado por essa charada, minha querida — Ela disse, suas expressão mudando de distante e profissional para cúmplice e amigável — Bem vinda, irmãzinha.

Eu senti como se dezenas de abelhas estivessem zumbindo em volta de minha cabeça enquanto eu voltava a me sentar na cadeira. Eu não podia acreditar nisso: isso estava realmente acontecendo?

— Você está bem, *ma puce*? — Ela disse, parecendo preocupada, movimentando-se ao longo de um aparador, onde ela me serviu um copo de água de um jarro. Ela o colocou na mesa perto de mim e depois sentou de novo.

— Sim! — Eu disse, um pouco alto demais, minha voz soando estranha para meus ouvidos — Sim, eu estou bem. Eu só... Eu estou tão surpresa de que você realmente... — Eu não sabia mais o que dizer, então eu apenas me calei e esperei.

— Ah! Sim, eu realmente sou. Ou melhor, minha família é. Mesmo que eu nunca tenha sido consultada sobre o assunto dos revenants. Faz algumas centenas de anos desde que um de nós foi. Então isso é realmente excitante para mim — Seus olhos brilharam, como se para provar o que ela dizia — Você deve ter encontrado os dois livros.

— Hum, sim. Como você sabia?

— Ah, bem, nós tivemos um pouco de problemas no século dezoito. Alguns dos maus, os *numa*, como são chamados, colocaram as mãos em um dos livros e vieram nos procurar. Uma ocasião muito desagradável aquela. Então meu antecessor tomou posse do livro e rastreou o nobre que possuía a única outra cópia existente. Foram eles que fizeram aquele borrão nos dois manuscritos para tornar difícil, mas não impossível, de nos encontrar. Nós também temos nossos propósitos — Ela concluiu orgulhosamente — Você não tem os livros com você, não é?

— Não — Eu admiti.

— Bem, isso é uma pena. Eu amaria vê-los. Tudo o que eu tenho é uma cópia escrita à mão por meu antecessor. Nós não podíamos ficar com o original. Aquilo seria um pouco contra produtivo, não?

— Hum, sim — Eu disse, com dificuldade em manter meus pensamentos tão rápidos quanto as novas informações que ela estava jogando pra cima de mim.

— Então, diga-me... — Ela esperou.

— Kate. Kate Mercier.

— Diga-me, Kate Mercier, o que você tem para me perguntar? — Ela disse as palavras como se elas fossem uma fórmula que deveria ser seguida.

— Eu... Eu estou apaixonada. Por um *revenant*.

A face da mulher caiu — Oh, minha querida.

Seu olhar de piedade apenas reforçou minha resolução — Ele ainda é jovem. Tem sido um *revenant* por oitenta e cinco anos. Então a compulsão pela morte ainda é realmente forte. Eu o amo. Mas não sou forte o bastante para ficar com alguém que morre tantas vezes como eles... Repetidamente.

— Muitos poucos seriam, minha querida. A menos que você jogue todos os sentimentos de seu coração para fora, seria uma vida terrivelmente traumática para você. E se você fosse capaz de ter sucesso em deixar de lado suas emoções, bem, você não seria a mesma garota sensível que é agora... A garota por que ele se apaixonou.

Eu a agradeci silenciosamente por me entender — Eu estou procurando um meio de amenizar o sofrimento que ele sente por resistir à morte. Para que ele consiga aguentar mais tempo. Talvez pela minha vida toda — Eu disse, mas em minha mente as palavras eram *Até que eu morra* — Eu não quero que ele sofra por mim.

— Eu entendo — Ela disse, assentindo — Mas eu tenho que dizer a você que eu não tenho nenhum tipo de cura mística para isto. Nenhuma garrafa de unguento ou poção escondida em um armário. Como você pode se lembrar, o homem na história nunca chegou até o meu ancestral. Mas depois que a história foi passada para nós, os que possuem o dom em minha família, têm escrito seus pensamentos e outras considerações ao longo dos anos.

— Eu terei que encontrar minhas anotações, Kate, para ver o que posso fazer. Tem coisas que eu sei sobre os *revenants*. Segredos que me foram revelados. Mas nenhum deles dá uma solução para o seu problema em particular. Você escolheu um caminho difícil, e eu não invejo isso. Mas farei o meu melhor para conseguir alguma coisa que amenize esse sofrimento, para vocês dois.

Ela ficou em pé e caminhou até a porta — Vamos descer — Ela disse. Eu a segui para baixo até sua loja, onde paramos bruscamente quando vimos a cena que se desenrolava diante de nós.

Jules estava parado no meio do cômodo, a ponta de sua espaça pressionada no peito do homem com os óculos de fundo de garrafa, que parecia ter encolhido trinta centímetros sob o olhar feroz do revenant.

— Eu... Eu não sei sobre o que você está falando — O homem estava gaguejando — Não tem ninguém aqui além de mim!

— Eu sei que a garota está aqui, agora me leve até ela! — Jules rugiu, e pressionou a espada mais fortemente, prendendo o homem contra o balcão.

— Jules, pare! — Eu gritei!

Os dois homens se viraram, e Jules deixou sua espada cair, colocando-a no seu lugar enquanto caminhava em minha direção.

— Kate, você está bem? — Ele me perguntou, alcançando-me.

— Uma aura como um fogo na floresta — Disse a velha mulher, olhando para Jules — Você é um deles — E depois, lentamente, ela fez uma reverência como se estivesse diante da realeza.

— Que diabos...? — Jules disse, espantado.

A senhora ficou em pé e esticou as mãos para que Jules as pegasse — Eu sou Gwenhaël, e este é o meu filho, Bran — Ela gesticulou em direção ao homem com olhos de inseto, cujas mãos estavam alisando o peito como se Jules tivesse realmente o machucado.

Jules me lançou um olhar de *Que diabos está acontecendo?*, e limpou a garganta desconfortavelmente.

— É este o garoto em questão? — A mulher perguntou.

— Não — Eu respondi.

— Bem — Ela respondeu, estudando a face de Jules como se tentasse memorizar tudo o que via para reflexões futuras. Jules ergueu uma sobrancelha e olhou para mim, mordazmente.

— Estamos honrados em receber sua visita, senhor — Ela disse finalmente, e depois virou para mim — Assim como estamos em ter a sua, querida Kate. Dê-me uma semana e depois volte. Isso me dará tempo de procurar por todos os textos de meus ancestrais. Talvez eu tenha uma informação que possa te ajudar.

— Merci, Madame...

— Apenas Gwenhaël — Ela respondeu, e afagou minha mão — Vejo você em uma semana.

Mantendo uma distância segura de Jules, Bran me entregou um cartão com apenas um número de telefone impresso — Você pode ligar antes de vir. Assim você não perde a viagem. Tchau — Ele disse, dando-nos um rápido sorriso e depois olhando para nós com seus grande e refletidos olhos enquanto caminhávamos para fora da loja.

Nós mal tínhamos dado três passos antes de Jules se virar para mim — Você planeja me contar sobre o que é isso?

— Não — Eu respondi teimosamente.

— Então você planeja dizer a Vincent sobre isso?

— Até certo ponto, sim.

Jules balançou a cabeça — Você ficou lá por vinte e cinco minutos. Poderia ter pelo menos acenado da janela para que eu soubesse que você estava bem — Ele parecia zangado, mas eu podia dizer que era porque ele tinha estado preocupado.

— Sinto muito — Eu disse, sinceramente.

Nós entramos no carro, e Jules saiu do estacionamento em direção ao sul. Depois de quinze minutos de silêncio, ele falou — Kate, você tem que me dizer o que estava fazendo lá com aquela velha senhora louca e o garoto-corvo.

— Garoto-corvo?

— Bran. É um nome bretão que significa "corvo".

Tudo bem.

— Kate... Como aquela mulher sabia o que eu sou?

— Ela é uma *guérisseur* cuja família é ligada aos *revenants*.

Ele parou, absorvendo a informação — E você estava lá porque...

— Estou tentando encontrar um meio de ajudar Vincent. Para que ele não tenha que finalizar este estúpido experimento que está fazendo no momento. O que quer que seja, parece que o está machucando, não o ajudando.

Isto pareceu desarmar suas tensões, e sua voz se tornou mais suave. Compreensiva — Honestamente, Kate, eu não sei nem o que dizer. Eu não acho que você saiba no que está se metendo explorando nosso mundo desta forma... Por conta própria. Aquelas pessoas poderiam ser perigosas. Elas *ainda podem ser* perigosas. Tudo o que é relacionado aos *revenants* é perigoso. Porque tudo o que nos inclui também inclui os *numa*. Aquelas pessoas podem ter ligações com nossos inimigos.

— Eles não têm, Jules. Eu tenho certeza disso. Gwenhaël até mencionou que sua família teve um problema com os *numa* há centenas de anos.

— O QUÊ? Você vê, Kate? — Jules gritou, batendo a mão no volante.

— Eles não estão ligados aos *numa*, Jules. Estão do seu lado. O lado dos *revenants*. Nosso lado. E eu nunca estive em perigo.

— E como você sabe isso por uma conversa de vinte minutos? — Jules perguntou, suas palavras curtas e afiadas.

— Eu apenas sei.

— Se os numa sabiam onde esta família de guérisseurs estava há centenas de anos, eles ainda devem saber onde estão agora — Ele disse suavemente, quase que para si mesmo. Ele olhou para mim, e depois desviou o olhar para a estrada.

— Kate — Ele disse, pesando as palavras — Eu me importo com você. Você nem tem ideia do quanto — Ele cortou a frase no meio e colocou sua mão na minha. Eu senti a sua quentura por um longo segundo antes de ele apertá-la ternamente e mover as mãos de volta para o volante — E o que você está fazendo agora me assusta demais. Jure que você não se colocará numa situação perigosa assim de novo. Não sozinha. Não sem alertar a um de nós o que está fazendo.

— Eu juro — Eu disse.

— Eu não tenho certeza se acredito em você, mas eu disse o que eu tinha que dizer — Ele olhou para mim e depois para a estrada, rangendo os dentes — Então, Kate. Você me considera seu amigo, certo?

Eu assenti, pensando no que viria depois desta frase.

— Então por que você me envolveu em algo assim? Vincent é a pessoa de quem eu sou mais próximo no mundo. Quando ele descobrir que eu te levei para aquele lugar, às costas dele, ele vai ficar maluco. E ele não ficará bravo com você. Ficará bravo comigo.

— Você não vai dizer a ele? — Eu disse.

— Não. Eu vou deixar isso pra você.

— Bem, eu vou dizer a ele — Eu disse, de repente parecendo desafiadora — Assim que eu tiver mais informação. Enquanto ele está se fazendo parecer como um insone anêmico, eu não vou sentar e esperar que ele encontre uma solução para os nossos problemas.

Quando ele estacionou o carro em frente à minha casa, Jules olhou para mim com uma expressão estranha — Kate, eu tenho que te dizer... Você é uma garota determinada e corajosa. Mas se você está planejando fazer alguma coisa que vai deixar Vincent louco da vida, me deixe fora disso — Foi o tom de sua voz, sua óbvia lealdade para com sua tribo que me pegou.

— Eu juro que não tinha pensando nisso antes de te pedir para me acompanhar — Eu disse, me atrapalhando um pouco com as palavras — A última coisa que eu quero é causar um problema entre você e Vincent. Eu sinto muito por isso, Jules.

Ele assentiu, aceitando minhas desculpas — Tudo bem — Ele disse com um sorriso cansado.

Depois de sair do carro, eu me inclinei para baixo e disse — Obrigada — E dei um beijo em sua bochecha.

— Seus avós não vão te perguntar por que chegou em casa tão cedo?

— Vovô está na galeria, e vovó está trabalhando em um projeto no Louvre. A menos que você diga a eles, os dois nunca vão saber.

— Tudo bem, vejo você amanhã de manhã, às sete e meia.

Meu sorriso saiu com dificuldade devido ao caroço em minha garganta — Então você ainda vai cuidar de mim?

— Como toda a minha vida — Ele me saudou com uma mão, colocou o carro em marcha e foi embora.

Capítulo 28

Vincent me ligou naquela noite enquanto eu estava fazendo minha tarefa — *Guten Tag* — Eu disse. Ele respondeu com um fluxo de palavras em alemão, pronunciadas tão rapidamente que mesmo que eu falasse alemão, eu duvido que conseguiria entender — Hum, *danke? Lederhosen?* Sinto muito. Isso é tudo o que eu posso adicionar à nossa conversa. Então, saindo deste tópico... Encontrou Charles?

— Sim, eu encontrei. Estou aqui na casa com Charles e a tribo com a qual ele está vivendo — De trás de Vincent, *speed metal* estava tocando tão alto que eu mal podia ouvir sua voz.

— Por que você não vai para fora da casa? — Eu gritei para o telefone.

— Eu estou fora — Ele disse — Só um segundo — E eu escutei a música ficando mais e mais distante — Tudo bem. Estou no outro quarteirão. Pode me ouvir agora?

Eu ri — Que tipo de tribo alemã adotou Charles?

— Bem, eu posso definitivamente dizer que é uma grande mudança da casa de Jean-Baptiste.

— Charles está bem?

— Ele não está apenas bem. Ele na verdade parece feliz, pela mudança. Mesmo que ele se sinta muito mal por ter abandonado Charlotte. Ele apenas não está pronto para voltar ainda. E acredite ou não, eu acho que este lugar é bom para ele.

— Estas são ótimas notícias!

— Sim. Agora só precisamos rastrear o revenant que deu a informação ao grupo de Charles. Eles não o conhecem muito bem, então eles não têm certeza de onde encontrá-lo. Eu provavelmente ficarei aqui por mais alguns dias. E depois eu estava pensando em ir para o Sul para ver a Charlotte. Falar a ela sobre como Charles está e ver como ela e Geneviève estão indo.

Meu coração despencou — Então você não estará de volta até semana que vem?

— Bem, na verdade eu tinha esperanças de que você fosse comigo. Eu pensei que você gostaria de ver Charlotte e — por um lado mais egoísta — Eu queria sumir com você. Levar você para algum lugar para variar.

Meu coração parou sua descida e disparou de volta, alojando-se em minha garganta, de maneira que eu mal podia falar — Nós? Numa viagem? Para Côte d'Azur? Sério?

— Você acha que seus avós concordariam com isso?

Eu tentei me recompro, mas meus pulmões insistiam em hiperventilar — Oh, Vincent, isso seria tão maravilhoso! E se vamos ficar com Charlotte e Geneviève, eu sei que vovô e vovó não vão se importar.

— Então está combinado. Eu farei tudo o que puder para voltar de Berlim até Sexta. Se pegarmos o trem das quatro da tarde, estaremos em Nice às dez da noite. E nós podemos voltar Domingo à noite. Isso nos dá apenas um dia e meio lá, mas eu não quero que você perca aula.

Meu rosto corou. O que ele diria se soubesse que eu tinha matado aula — para fazer uma coisa sobre a qual ele poderia não ficar feliz? E tinha feito Jules me acompanhar. *Eu vou dizer a ele*, eu pensei. *Só preciso encontrar o momento certo.*

Na Quinta, eu pedi para que Jules passasse pela La Maison quando ele estava me levando para casa depois da escola.

— O quê? Você sente tanta falta de Vincent que vai simplesmente passar um tempo em seu quarto? — Ele provocou.

— Não, eu na verdade emprestei um livro da biblioteca de Jean-Baptiste e continuo esquecendo de devolver — *Tudo bem, por que era tão fácil contar para Jules quando eu não conseguia falar para Violette?* Eu pensei.

— Uh... Tome cuidado... Você corre o risco de sentir a ira de Gaspard, o Guardião dos Livros. O que, eu posso te assegurar, é algo a temer — Ele disse, estreitando seus olhos e levantando as sobrancelhas dramaticamente.

Eu ri — Eu tenho certeza que ele não se importaria se eu tivesse pedido. Mas já que eu não falei nada, eu quero devolver antes que ele perceba que não está lá.

— Você é uma jovem mulher muito consciente — Jules brincou, e eu bati nele no ombro. Ele esperou por mim no carro enquanto eu corri para dentro da casa, e não vendo ninguém pelo caminho, eu corri para a biblioteca.

A porta estava aberta, então eu peguei o livro de dentro da minha mochila e o desembrulhei do lenço que eu tinha usado para protegê-lo das canetas perdidas e da escova de cabelos. Eu tinha acabado de tirar a caixa no lugar quando ouvi alguém limpar a garganta. Olhando em volta, eu estudei toda a sala para ver Arthur sentado num canto — caneta e caderno equilibrados em seu joelho e uma pilha de livros abertos espalhados ao redor dele.

— Olá, Kate — Ele disse.

— Oh, oi, Arthur — Eu repliquei, deslizando o livro para dentro da caixa e o colocando de volta na estante o mais rápido que pude. Como se eu fosse rápida, ele não fosse notar. Como sou boba.

— O que você tem aí? — Ele perguntou.

— Oh, apenas um livro que encontrei outro dia — Eu disse, tentando soar alegre, mesmo sabendo do fundo do coração que eu era a pior atriz do mundo. Eu estava praticamente irradiando vibrações de culpa.

— Sobre o quê?

De repente meu humor mudou e eu pensei: *O que isso tem a ver com ele, de qualquer forma?* — Era sobre lobisomens. Não, espere... Talvez fosse sobre vampiros. Eu não saberia dizer. Eu sou apenas uma humana sem noção, e é tão fácil para mim confundir todos os monstros.

Ele ficou em pé e caminhou em minha direção — Kate, eu quero pedir perdão por te humilhar na frente de todos. Eu realmente não queria — Ele hesitou, pesando as palavras — Eu não queria fazer aquilo. Mas é verdade que existem informações que os humanos não devem possuir. Coisas que discutimos em nossas reuniões. Até mesmo livros desta biblioteca. Não porque você não seja merecedora. Mas porque isso pode te colocar em perigo.

Furiosa, eu ergui meu braço num gesto de "fale com minha mão" — Não comece, Arthur, porque eu não quero ouvir isso — Eu toquei o *signum* embaixo de minha camiseta, como se estivesse ganhando forças pelo fato de que pelo menos um *revenant*, o único que realmente importa para mim, pensasse em mim como sendo pertencente à tribo. E então a represa estourou.

— Você deve ser de um tempo em que os humanos eram considerados inferiores por seres como você. Um tempo em que os homens eram os únicos considerados inteligentes o suficiente para educar — Eu gesticulei para sua pilha de livros — e as garotas como Violette tinham que ter protetores. Mas este é o século vinte e um. E eu tenho isso — Eu puxei o *signum* para fora da camiseta e o segurei em sua frente para que ele visse — que indica que eu faço parte da tribo. E eu tenho isso — Apontei para minha cabeça — que diz que eu sou tão inteligente quanto você. E tenho isso — Eu levantei o dedo médio — que diz vá para o inferno, seu imortal intolerante.

E com isso, eu girei e passei pela porta, gravando a expressão do rosto de Arthur em uma pasta mental chamada "Momentos de mais orgulho de Kate".

Sexta à tarde, Vincent e eu chegamos à estação Gare de Lyon para encontrar um puro caos. Os empregados ferroviários estavam em uma de suas frequentes greves, e apenas um em cada três trens estava programado para sair. Nós checamos os quadros de partidas para encontrar nosso trem.

— Cancelado — Leu Vincent. Vendo minha face cair, ele apertou minha mão — Não desista ainda. Vamos ver quando é o próximo trem — Ele começou a ler a lista, mexendo os lábios silenciosamente enquanto lia os destinos, até que ele encontrou — Paris-Nice: amanhã de manhã, chegando lá às duas da tarde.

— Oh, não — Eu gemi — Nós não ficaremos lá nem por vinte e quatro horas... Isto se realmente tiver um trem para voltar no horário que precisamos — Eu olhei do quadro para ele — Quanto demora pra ir de carro?

— Oito horas e meia se não pararmos e se não tiver trânsito. Em uma Sexta-feira à noite, não conseguiríamos fazer em menos de dez horas. Então dirigir não é uma opção — Ele pensou por um momento e depois puxou seu telefone e começou a escrever uma mensagem — Eu tenho uma ideia — Ele disse — Vamos encontrar um táxi.

Meia hora depois estávamos no aeroporto Le Bourget, embarcando em um pequeno jato particular — É de Jean-Baptiste. Nós o usamos apenas em casos de emergência — Vincent gritou sobre o barulho do motor enquanto subíamos as escadas.

— Tenho certeza! Deve custar uma fortuna cada vez que você vai para algum lugar! — Eu disse, e entrei na cabine para até oito pessoas.

— Não é exatamente isso — Vincent disse — É por causa da liberação de carbono.

É claro que um sobrenatural cuja missão é salvar a raça humana pensaria ecologicamente correto, eu refleti enquanto olhava em volta com prazer.

Uma hora e meia depois, nós pousamos em Nice. Charlotte estava esperando por nós no portão de desembarque. Assim que passamos pela segurança do aeroporto, ela colocou um braço ao redor de cada um de nós, apertando-nos em um abraço sanduíche.

— Eu nem posso dizer o quanto é bom ver os rostos de vocês. Mais tempo sem meus amigos e eu teria que viajar para Paris, então obrigada por me fazerem economizar a viagem!

Seus olhos se deslocaram de minha face para a de Vincent, e ela engasgou — Oh meu Deus, Vincent. Você parece péssimo! — Ela ergueu um dedo para traçar as manchas arroxeadas embaixo de seus olhos. Tinham se passado quase três semanas desde que Vincent tinha ficado dormente. Ele já estava parecendo quase tão mal quanto estava no final do último mês, e ele ainda tinha mais uma semana para aguentar.

Mesmo que ele afirmasse que estava esperançoso de que seu experimento estivesse funcionando, eu não queria que isso durasse mais. Na próxima semana eu falaria com Gwenhaël, e se ela tivesse encontrado um plano alternativo, eu pediria para que Vincent parasse com seu terrível experimento.

— Olhe para você! — Eu exclamei, mudando de assunto. Seus cabelos tinham crescido até a altura do ombro — Eu vi você há apenas seis semanas. Como você conseguiu fazer seu cabelo crescer tão rápido? — Eu perguntei, e depois ri, pensando com quem (ou melhor, *com o que*) eu estava falando.

Charlotte riu — Geneviève e eu não estamos apenas de férias aqui. E eu acho que Vincent e você não falam sobre cuidados com os cabelos. Quando estamos ocupados salvando pessoas, coletando toda aquela energia que é transferida, temos que cortar os cabelos pelo menos uma vez por semana.

— Seu cabeleireiro não percebe?

— Eu tenho quatro em Paris — Charlotte respondeu — e os uso de forma rotativa, então nenhum nota.

Apenas mais um detalhe que eu nunca tinha pensado, eu refleti, imaginando se existiria um momento em que eu pararia de ficar espantada e todas estas coisas de *revenant* fossem apenas comuns pra mim.

Nós caminhamos de braços dados pelo pequeno terminal aéreo e saímos para a noite escura. Estava fresco, mas não tão frio quanto estava em Paris. Eu respirei fundo. O ar tinha um sabor levemente salgado por causa do mar.

Geneviève estava esperando por nós em um reluzente Austin Mini vermelho. Ela saiu do carro quando nos viu e correu para me apertar entusiasmadamente —

É tão bom ver você! — Inclinando-se para beijar Vincent, ela estremeceu — Vincent, eu tenho que dizer: você está terrível. Vamos levar vocês dois para casa — E ela apressadamente deslizou para trás do volante.

Charlotte e eu nos sentamos no pequeno banco de trás enquanto Vincent pegou o banco do passageiro, suas pernas tão dobradas que seus joelhos estavam praticamente em seu peito. Mesmo que fosse escuro, um milhão de pequenas luzes iluminavam a populosa linha da costa entre Nice e Villefranche-sur-Mer. Geneviève dirigiu ao longo da praia antes de continuar por uma estrada de duas mãos que parecia traiçoeira, escalando os penhascos que davam para o mar.

Vinte minutos depois de deixarmos o aeroporto, nós saímos da rodovia principal para uma estradinha íngreme para chegarmos a uma casa de vidro e madeira, empoleirada ao lado de uma colina. Parecia mais com um museu contemporâneo do que com uma casa.

— Aqui estamos nós! — Cantou Charlotte entusiasmadamente quando nós nos atiramos do pequeno carro — E vocês chegaram aqui a tempo de jantar.

— Entrem, entrem — Disse Geneviève, acenando para nós da porta da frente.

Eu virei para Vincent, que estava olhando cuidadosamente para minha face — Isto é incrível. Obrigada — Eu murmurei, ficando na ponta dos pés para lhe dar um beijo.

— O prazer é meu — Ele disse. Era um sentimento novo e estranho vê-lo fora de seu regular jeito parisiense, e eu podia dizer que ele estava pensando a mesma coisa sobre mim.

A casa não poderia ter sido mais diferente do *hôtel particulier* de Jean-Baptiste. A arquitetura minimalista do século vinte e um repercutia nos móveis: todo o efeito tinha a intenção de enfatizar a vista de lá de fora. Eu caminhei pela sala e empurrei uma porta de vidro para caminhar até uma enorme varanda de madeira equilibrada muito além do chão e que ficava de frente para o mar. Estávamos praticamente pairando sobre o oceano. As luzes bruxuleantes da cidade de Villefranche-sur-Mer se alongavam diante de nós, enroladas por um porto em forma de U, com um batalhão de iates de luxo ancorados.

— Eu não acredito que você está vivendo aqui — Eu disse para Charlotte, que se inclinava contra o parapeito ao meu lado — É como se você tivesse assentos de primeira fila para o lugar mais bonito do planeta!

— Ei sei! — Ela replicou, olhando na direção do mar — É como viver em um sonho. Eu não deveria reclamar por estar longe de casa. É só que eu sinto falta de todo mundo.

— Bem, estamos aqui para animá-la — Eu disse, colocando meu braço confortavelmente ao redor do dela e percebendo com grande mordacidade o quanto eu tinha sentido falta de estar com ela. Violette era uma amiga divertida para sair. Mas nós não tínhamos nos conectado da mesma forma que Charlotte e eu tínhamos. Com Violette, a amizade era um esforço. Com Charlotte era a coisa mais natural do mundo.

Nós jantamos em uma sala de jantar envidraçada adjacente à varanda, nossas cadeiras dispostas em círculo para apreciarmos a vista espetacular.

— Então, conte-me sobre Charles — Charlotte disse assim que nos sentamos.

— Ele está bem, Charlotte — A voz de Vincent era confortante e honesta — Aparentemente, ele conheceu alguém de Berlim alguns anos atrás numa convocação e decidiu procurar por ele.

— Ei, eu me lembro daquele cara. Charles ficou fascinado por ele. Ele era meio que... Punk. Cabelos azuis e muitos piercings.

Vincent levantou uma sobrancelha — Sim, todos são assim naquele clã em particular.

— Charles também? — Os olhos de Charlotte se arregalaram.

Ele riu — Na verdade, combinou com ele.

— O quê? — Charlotte engasgou — Você tirou uma foto?

— Não, eu estava meio que muito ocupado com uma missão para Jean-Baptiste para fotografar o cabelo de Charles.

— Nós não nos importamos com seu cabelo — Geneviève disse, rindo — Diga-nos como ele está. O que ele está fazendo lá. Quando ele volta.

— Bom, é por isso que eu acho que ele está exatamente no lugar certo — Vincent se inclinou para frente falando avidamente — Aquele clã particular em Berlim é formado por *revenants* jovens, que em algum ponto se tornaram desiludidos com nossa missão. Amargos com o nosso destino. O lugar é como um Alcoólicos Anônimos para os não mortos. Eles têm reuniões o tempo todo onde eles falam sobre seus sentimentos.

— E o líder deles é realmente motivacional. Sempre reafirmando como os *revenants* se encaixam no ciclo da vida. Que nós somos anjos de misericórdia, permitindo que os humanos que não completaram o seu destino a sobreviver até que possam. Então quando Charles e sua tribo saem, é como se estivessem realmente em uma missão. Eles estão tão empolgados com isso... É realmente maravilhoso de ver.

Charlotte estava fechando os olhos enquanto ouvia, imaginando tudo aquilo. Quando Vincent terminou, ela deu um sorriso pesaroso — Eu nem posso dizer o quanto é bom ouvir você dizer isso. Tem sido terrível não saber onde ele estava ou o que ele estava fazendo — Ela disse — Ele nunca se recuperou realmente da depressão depois de toda aquela coisa com Lucien, e eu estava com medo que ele fosse fazer a mesma coisa de novo: encontrar algum numa para destruí-lo. Mas percebi que ele tinha intencionalmente ido embora para um lugar longe desta fez, onde não nos colocaria em perigo.

Geneviève falou — Talvez nosso pequeno grupo seja muito estreito em Paris. Ele não teve espaço para crescer e se encontrar. É muito intenso viver com as mesmas pessoas por décadas.

— Você está certa — Disse Charlotte — Ficar por conta própria é provavelmente o que ele está precisando agora. Mas... Você acha que ele vai voltar?

— Honestamente? Eu não sei — Vincent disse.

Houve um minuto de silêncio, e depois eu perguntei — Como *você* está, Geneviève?

— Estou levando um dia após o outro — Ela respondeu, seus olhos perdendo o brilho — Charlotte faz um bom trabalho em me distrair. Teria sido um inferno ficar em minha casa e de Philippe em Paris. O novo cenário é bom para mim, e estamos perto de Nice, onde um grupo de dezenas de *revenants* tem vivido por um longo tempo.

— Alguém interessante no grupo — Eu provoquei Charlotte.

Ela balançou a cabeça — Interessantes como amigos, mas não tem ninguém especial. Meus sentimentos não mudaram — Ela olhou rapidamente para Vincent, que olhou para o outro lado para nos dar privacidade.

Nós conversamos até bem tarde, até que eu mal conseguia manter os olhos abertos — Desculpem-me, eu estou acabada. Eu sei que vocês ficarão acordados durante a noite toda, mas eu preciso de uma cama.

— Eu arrumei seu quarto — Charlotte disse — Vou mostrar aonde é.

— Eu vou checar você mais tarde — Vincent disse com uma piscadela sexy enquanto eu subi seguindo Charlotte para fora da sala.

— Uau! — Foi tudo o que eu pude dizer quando coloquei minha mala no chão perto de uma cama king-size que ficava de frente para uma janela que ia do chão até o teto com a visão do porto.

— Bom, não? — Charlotte riu.

— Isto é perfeito, Charlotte. Muito obrigada — Eu disse, abraçando-a — Eu realmente sinto a sua falta.

— E eu sinto a sua — Ela disse — De todos vocês — Ela olhou para fora da janela, para o mar, e sua tristeza era tangível.

— Ele liga às vezes?

Charlotte respirou fundo, e depois disse — Ambrose liga o tempo todo. Apenas não para mim.

— O quê? — Eu exclamei, e então eu me dei conta — Não!

— Sim. Eu quero dizer, é algo inocente. Por enquanto. Geneviève acha que ele só está sendo gentil. Mas ele confessou para mim. Ele disse que é apaixonado por ela há décadas. Ambrose pensou que quando Philippe morresse, ele poderia ter uma chance de ganhar o coração dela. Ele me pediu para não dizer nada. Ele não quer pressioná-la, porque sabe que levará um tempo para que ela supere a morte do marido. Ele só está tão apaixonado que quer saber como ela está o tempo todo.

— Oh, meu Deus, Charlotte. Isso é terrível!

— Terrível para mim. Mas talvez não seja terrível para eles. Quem sabe? Talvez Geneviève se apaixone por Ambrose algum dia.

Eu a peguei em meus braços, e enquanto eu a abraçava, ela começou a chorar — Oh, Kate — Ela sussurrou — Eu queria que ele me escolhesse.

— Eu também, Charlotte. Eu tenho esperado por isso todo este tempo. Não é justo. Vocês ficariam perfeitos juntos.

— Eu também achava — Ela fungou e limpou as lágrimas — Mas eu não posso pensar mais nisso agora. Eu amo Geneviève e eu amo Ambrose, e se eles puderem ser felizes juntos, então eu nunca vou entrar no caminho deles.

Charlotte me apertou de novo e depois me deixou sozinha. Eu nem me preocupar em tirar a roupa. Pensando em como a vida — ou a morte, no caso de Charlotte — poderia ser mais fácil, eu me deitei na cama, fechei os olhos, e deixei o som das ondas me acalmarem até a inconsciência.

Capítulo 29

Na manhã seguinte, eu acordei para ver Vincent deixado ao meu lado, me vendo dormir — *Bon jour, mon ange* — Ele disse, brincando com uma mecha do meu cabelo. Depois, rolando na cama, ele pegou alguma coisa de uma tigela que estava no criado-mudo e, antes que eu pudesse ver o que era, colocou em minha boca. Eu mordi com surpresa. E minha boca se encheu com a doçura de um morango.

— O quê... — Eu comecei, mas não conseguia falar com a boca cheia.

Vincent tentou não sorrir — Quando eu estava volante, você deu tanta importância ao fato de não ter que escovar os dentes antes de falar comigo que eu pensei que teria melhor chance de ter um beijo seu se te livrasse da indignidade do hálito matinal.

— Então agora eu tenho hálito de morango.

— Meu favorito — Ele respondeu com um sorriso provocante.

— Quer provar? — Eu propus, e me inclinei para frente para lhe dar um beijo.

— Hum — Ele disse, assentindo pensativamente — Bom. Bom. Mas apenas para que você saiba, eu acho que prefiro Kate ao natural.

Eu ri e coloquei os braços ao redor dele — Isto é a melhor coisa, acordar ao seu lado.

— Já passamos a noite juntos — Ele replicou — Quando eu estava volante.

— Sim, mas eu não podia fazer isso — Eu disse e pressionei meus lábios nos dele mais uma vez. Ele pegou minha cabeça em suas mãos, correspondendo ao beijo, e depois, pegando-me em seus braços, me puxou em sua direção. Nossos membros se enrolaram em torno um do outro, até que nossos corpos formavam uma confusão, e eu não podia dizer onde o meu terminava e começava o dele.

Sua mão se moveu para dentro da minha camiseta, em minhas costas, e a novidade de sua pele quente se esfregando contra a minha desencadeou um poderoso desejo dentro de mim. Eu não queria que ele parasse até que marcasse cada centímetro do meu corpo com seu toque. E enquanto ele continuava, eu me sentia como se estivesse crescendo. Como se meu corpo fosse muito pequeno para me conter e eu pudesse explodir para fora de minha pele como um supernova.

— Kate — A voz de Vincent soava como se estivesse distante de mim — Você está pronta para isso? Quer que seja agora?

— Sim — Eu disse automaticamente, e depois, abrindo meus olhos, eu hesitei. Vincent tinha se sentado e começado a tirar sua camiseta por cima da cabeça, e eu vi que seu peito estava marcado por contusões — maiores e mais escuras do que as que ele tinha sob os olhos. E mesmo que elas não me repelissem — se causavam alguma coisa, era me instigar o desejo de cuidar dele —, elas me chocaram de tal maneira que foram o suficiente para acabar com o clima de paixão.

Ambos estamos escondendo alguma coisa. As palavras brilharam em minha mente com uma claridade que me fez pensar se eu não tinha falando em voz alta.

Era verdade. Ambos estávamos mantendo segredo sobre algo importante. E de repente pareceu desonesto que nossos corpos aproveitassem o momento quando nossos espíritos estavam divididos. *Não é assim que eu quero que isso comece*, eu pensei, e quando ele me levou de volta para seus braços, eu disse — Espere, Vincent. Eu não... Eu não estou pronta ainda.

O aperto de Vincent em mim se afrouxou. Ele parou, depois moveu sua boca para perto de minha orelha — Está tudo bem — Ele disse, seu hálito quente em minha pele me fazendo tremer — Eu esperei por todo este tempo para ter você. Não tenho pressa. Teremos todo o tempo do mundo.

Nós deitamos imóveis por alguns minutos enquanto eu saboreava a doçura de sentir seu corpo pressionado contra o meu. Finalmente nós nos afastamos o suficiente para que pudéssemos olhar um para o outro — Kate. Não chore — Vincent parecia preocupado.

— Não estou chorando — Eu disse, e depois me dei conta de que meus olhos estavam cheios de lágrimas.

Eu não estava chorando de frustração: meu desejo por Vincent não era somente físico. Não se resumia a "aqui e agora". Eu o queria, corpo e alma. E eu queria que as horas que tínhamos juntos fossem cheias de vida e amor e prazer por termos nos encontrado.

Mas olhar para o garoto deitado a centímetros de mim foi como ser ridicularizada pela miséria e pela morte. Além das contusões em seu peito, sua face adorável estava desfigurada pela palidez da exaustão e os círculos sob os olhos. E mesmo que ele ainda fosse mais forte do que qualquer outro garoto que eu conhecia, sua força tinha sido marcadamente minada.

Ao vê-lo definhar diante de meus olhos, parecia que o nosso futuro era mais sombrio do que nunca. As coisas não deveriam ser assim. Nós tínhamos evitado isso por muito tempo... Agora era a hora de falar.

— Você fez o quê? — Vincent disse, horrorizado.

Nós nos sentamos encarando um ao outro no meio da cama. Eu segurei suas mãos firmemente entre as minhas, incerta se meu aperto de morte o deixaria mais calmo ou me proveria com o apoio que eu precisava para contar toda a história.

— Vincent, você está pelo menos me ouvindo? Tem uma *guérisseur*. Uma longa linhagem de *guérisseurs*, na verdade, que tem uma relação especial com os *revenants*. Tenho certeza de que Gaspard não sabe sobre eles. Porque a curandeira disse que tinham se passado séculos desde que a família tinha sido procurada por um *revenant*. Esta é uma informação nova. Ela pode estar realmente apta a nos ajudar.

— Kate, como você pôde pensar em fazer uma coisa destas sem mim? Você poderia estar correndo sérios riscos. É sobre o *meu* mundo que estamos falando aqui. Um mundo onde a morte está sempre presente.

— É o meu mundo agora também.

Aquilo o calou. E eu tomei vantagem de seu silêncio para contar a ele toda a história, começando com as referências que eu tinha encontrado nos livros até quando eu me abaixei para depositar o cartão na tigela da *guérisseur* e vi o *signum* e o que se seguiu. Quando eu terminei minha história, eu vi o vislumbre em seus olhos. Se não fosse de esperança, era pelo menos de interesse.

— Tudo bem, Kate. Eu concordo que isso pode ser promissor. Mas eu gostaria que você tivesse me falado sobre isso antes. Eu não posso evitar enlouquecer quando penso em você indo sozinha vê uma pessoa que poderia ser uma completa maluca. Você poderia ter se machucado... Ou pior. E eu nunca saberia onde encontrar você.

— Jules foi comigo — Eu disse, tentando soar firme, mas a segurança que eu tinha no começo da conversa estava desaparecendo rapidamente.

— JULES? — Vincent respondeu, incrédulo — Jules levou você para ver esta *guérisseur*?

— Bem, ele não sabia exatamente para onde estava me levando, ou por que, até depois que eu já tivesse feito tudo.

Meu coração afundou quando eu reconheci a expressão na face de Vincent. Ele estava se sentindo traído, quando percebeu que seu melhor amigo e sua namorada tinham feito alguma coisa por suas costas.

— Vincent, pare! — Eu insisti — Eu conversei com Jules sobre isso. Se tem alguém com quem você deveria ficar bravo, sou eu. Se você quiser saber, Jules ficou furioso comigo e disse que se eu não te contasse tudo, ele contaria. Eu *não* fiz isso com propósito pré-determinado de te enganar, Vincent. Eu fiz isso para ajudar a *nós dois*: você e eu.

— Eu já estou fazendo tudo que posso para nos ajudar — Os olhos de Vincent brilharam com raiva.

— O quê? O que exatamente você está fazendo? — Eu disse, minha voz subindo — Porque, ao que parece, o que quer que você esteja fazendo está te causando mais danos do que benefícios.

— Isso é porque você não entende como isso deve funcionar — Vincent lançou de volta, apertando as têmporas com frustração.

Eu toquei seu joelho — Então explique para mim.

Nossos olhos se encontraram, e nós prendemos o fôlego por um longo tempo antes de ele exalar — Tudo bem. Apenas me dê um pouco de tempo para pensar. Mas vamos conversa sobre isso esta noite, eu prometo.

Capítulo 30

A manhã passou rapidamente, com nós quatro caminhando preguiçosamente pela pequena cidade e nas abandonadas praias de inverno. Depois de um almoço divertido, durante o qual Geneviève baniu qualquer assunto sério ou deprimente, nós fomos até o porto onde uma elegante lancha azul estava ancorada entre os enormes iates de luxo.

— Uau, eu me pergunto de quem é isso — Charlotte comentou. Depois, saltando sobre os trilhos, ela se estatelou no banco do motorista — Todos a bordo! — Ela gritou, e depois rachou de rir quando viu minha expressão — Não se preocupe, Kate, isso é nosso — Ela afagou o assento ao lado dela — Venha!

Nós passamos as próximas horas correndo de um lado para o outro da costa, a paisagem mudando rapidamente de magníficas praias para falésias vertiginosas elevando-se sobre o mar. Vincent se inclinou em minha direção em um determinado momento e disse — Eu acho que nunca te vi parecer tão feliz antes.

— É a coisa mais próxima de voar que eu posso pensar — Eu admiti.

— Lista de coisas para fazer com Kate — Ele disse a si mesmo, parecendo satisfeito — Mais lanchas...

Depois do jantar daquela noite, Vincent ficou em pé e pegou minha mão — Se vocês nos derem licença, eu vou sair com Kate — Ele disse para Geneviève e Charlotte. Nós descemos as escadas da varanda, passamos por uma piscina coberta e atravessamos um portão para chegar às árvores. Depois de um minuto, chegamos a um afloramento rochoso que proporcionava uma vista perfeita da baía.

— Eu tenho vindo aqui desde que conheço Jean-Baptiste — Ele disse, se ajeitando na borda do penhasco e levantando a mão para me puxar para perto dele — É a sua casa favorita quando ele está longe do lar. Ele a construiu em 1930, depois de ver fotos dos prédios de *Le Corbusier*. A casa é maravilhosa, mas eu sempre venho aqui, para este ponto, quando preciso parar e me lembrar sobre o que é a vida — Ele colocou o braço ao redor de mim e nós nos sentamos em silêncio, nossas pernas pendendo sobre os lados das rochas, observando as luzes dos barcos que flutuavam na água.

— Feche os olhos e diga o que você está ouvindo — Ele disse e esperou.

Eu sorri — É um jogo?

— Não, é meditação.

Eu fechei meus olhos e acalmei minha respiração, deixando meus sentidos tomarem conta — Eu ouço ondas se quebrando. E o vento nas árvores.

— Do que você sente cheiro?

Eu intensifiquei meus sentidos — Pinheiros. Maresia.

Ele tomou minha mão e fez com que meus dedos deslizassem sobre a rocha na qual estávamos sentados. Eu respondi sem que ele me perguntasse — Rocha fria,

suave e com pequenas reentrâncias, do tamanho das pontas dos meus dedos — Abrindo os olhos, eu inspirei o ar frio do mar e senti seu sabor. Era uma mudança e tanto em relação ao ar da cidade de Paris.

Eu senti a natureza se movendo ao meu redor e através de mim, enquanto minha pulsação diminuía para o ritmo ditado pelas ondas que se quebravam e pelo *staccato* da brisa marítima. Nossos dois corpos humanos insignificantes se tornaram indecifráveis dos elementos de idade titânica que nos cercavam. Enquanto sentávamos em silêncio, eu sabia que Vincent estava experimentando a mesma calma que eu. Finalmente ele falou.

— Sabe como você medita em frente aos quadros? Bem, eu medito na natureza, quando eu preciso me lembrar que meu universo não é uma fantasia, que eu ainda existo no mundo real. E que a minha imortalidade não é uma piada cósmica. Este é o lugar mais puro que eu conheço. E o que eu sinto aqui é o mais próximo que eu senti da felicidade em todos estes anos depois de minha morte.

— Mas agora eu tenho alguma coisa que tem o mesmo resultado. Toda vez que eu preciso de um pouco de felicidade, eu penso em você. Você é o meu consolo, Kate. Apenas por saber que você está neste mundo, tudo faz sentido.

Ele se inclinou para frente e, tirando o cabelo de minha face, me deu um curto e doce beijo antes de continuar.

— Eu quero que dê tudo certo entre a gente, Kate. É por isso que estou procurando por alguma coisa — qualquer coisa — para fazer com que o nosso tempo juntos seja o mais fácil possível. Sem a dor que a minha existência regular como *revenant* — as minhas mortes — iriam trazer. E, mesmo que as coisas não pareçam maravilhosas na superfície, eu acho que encontrei uma forma.

Mesmo que meu coração saltasse com entusiasmo, um sentimento de pavou extinguiu minha felicidade. Isto seria pior do que eu tinha imaginado. Vincent estava se aproximando do assunto muito cuidadosamente, e os seus olhos diziam que ele estava preocupado em como eu iria reagir. *Aqui está*, eu pensei, e abracei a mim mesma.

Vincent percebeu que eu olhava fixamente — Você sabe como morrer pelos humanos satisfaz uma necessidade entre nós? Que salvar as pessoas é o nosso propósito para existir?

Eu assenti, um broto de medo florescendo em meu peito.

— Textos antigos chamam este estilo de vida de “Caminho da Luz” — Ele disse — É a ordem natural das coisas. Ela limpa o que sentimos, dando-nos um ano ou mais antes de sentirmos esta necessidade de novo. Mas existe outro jeito de amenizar a necessidade de morrer. É chamado de “Caminho da Escuridão”. É uma cura temporária, e não nos trás de volta para a idade de nossa morte. Mas alguns são conhecidos por usar este método para resistir... quando existe uma razão terrível bastante para isso.

Eu tremi, sabendo que o que quer que fosse, eu não queria que ele fizesse.

— Lembra-se da transferência de energia que Arthur teve quando salvou Georgia?

— Sim.

— Bem, com o Caminho da Escuridão o mesmo princípio se aplica, mas de forma inversa. Quando um *revenant* mata um *numa*, ele fica temporariamente infundido em sua energia.

Isto é muito, muito mal, uma voz dentro de minha cabeça me disse. Estremecendo, eu a forcei a se calar e escutar.

Vincent continuou — Historicamente falando, há uma boa razão para isso: se um *revenant* ferido for capaz de matar um *numa* durante uma batalha, a força imediata dá a ele força o suficiente para escapar para um lugar seguro. Você viu o quão forte Arthur estava quando matou o numa na viela. Ele ficou em pé depois de adquirir um sério ferimento. Como ele recebeu a energia do *numa*, assim como a força por ter salvado Georgia, ele não chegou a sofrer.

Eu assenti, tentando fazer com que minha mente acatasse isso tudo. Mesmo que a maioria das regras dos *revenants* soasse estranha de início, elas tinham propósitos racionais por trás delas.

— Então este é um benefício em curto prazo por matar um *numa*. Mas, além disso, se o *revenant* não morreu por um bom tempo, isso também alivia seu desejo de morrer. É como se alguém coçasse a sua coceira, por assim dizer. Para alguém que segue este estilo de vida, matar os *numa* de forma regular e constante não apenas "coça a coceira" como a previne. Completamente. Pelo menos é isso que Gaspard e Violette concluíram pelos textos antigos. Nós não sabemos de ninguém que tentou isso recentemente.

— Por quê? — Minha voz estava vazia — Porque é perigoso?

— Não é perigoso.

— Então por quê?

— A ideia em si não é desagradável — Vincent suspirou profundamente. Ele realmente não queria falar sobre isso — Humanos são bons por natureza. Quando pegamos sua energia, é uma força positiva de sua bondade inata que nos infunde. Os *numa* são malvados, assim como sua energia. Então quando os matamos, é uma força negativa que é transferida para nós.

— Esta... força maligna... dos *numa*... está em você? — Eu tentei esconder o nojo em minha voz. Vincent estava certo quando disse que a ideia iria me enlouquecer. Eu não estava somente enlouquecida. Eu estava profunda e intensamente perturbada.

Ele assentiu, rapidamente adicionando — Mas não é como se o caráter deles pudesse ficar em mim ou algo do tipo. Isso não vai me mudar... me fazer mal ou o que quer que seja. Apenas têm estes desagradáveis efeitos colaterais — Ele tocou a sombra arroxeada sob seus olhos —, mas eles não vão durar. Eles significam que meu corpo está construindo uma resistência.

— Então por que você está em um estado ainda mais terrível do que o do mês passado? — Eu explodi — Se você está construindo uma resistência, não deveria estar melhor em vez de pior?

— Os textos dizem que isso vai funcionar.

— Danem-se estes textos, Vincent.

Eu me levantei, e Vincent me seguiu — Eu tenho que caminhar — Eu disse, sentindo como se me mover fosse dispersar as nuvens de tempestade que tinham se formado em minha cabeça. Eu me senti sobrecarregada. E assustada. E eu honestamente não sabia mais o que pensar.

— Vamos para a praia — Vincent disse, e pegando em minha mão, ele me levou para baixo das colinas até que estivéssemos caminhando na areia, a maré lambendo a areia apenas a uma curta distância de onde estávamos. Eu não podia olhar para sua face, e mantive meu olhar fixo em nossos pés enquanto andávamos.

— Matar os *numa* é algo honorável — Ele disse finalmente — Nós só não os caçamos e os matamos pelo puro propósito de alcançar o Caminho da Escuridão. Mas somente porque somos programados para salvar humanos, que é a razão primária de nossa existência.

Eu sentia tanto frio que os meus dentes batiam, mas eu tentei manter a voz calma — Mesmo que absorver a energia desagradável dos *numa* não seja perigoso, não te preocupa saber que todos os numa de Paris estarão atrás de sua cabeça?

— Eu os pego quando estão sozinhos, e me asseguro de que ninguém veja isso acontecendo. Nós destruímos os corpos com fogo, então não sobra nenhum rastro. Pelo que os *numa* sabem, seus membros estão meramente desaparecendo, não sendo mortos.

Meu horror era tangível agora. Não eram apenas os meus dentes batendo. Meu corpo inteiro tremia — Há quanto tempo isto está acontecendo? — Eu perguntei.

Notando o quanto eu me sacudia, Vincent me puxou para parar e tentou me manter perto dele, mas eu resisti — Desde logo depois do Ano Novo — Ele respondeu — Seis semanas. Alguns numa por semana. Jean-Baptiste e Gaspard me deram sua aprovação, já que precisavam do serviço de vigilância sendo feito de qualquer forma.

— Os outros sabem sobre isso?

— Uma das condições era de que eu só poderia fazer isso quando estivesse caminhando com os outros. Então, sim. Jules e Ambrose têm me ajudado — Vincent olhou estaticamente para os meus olhos.

— Você tem escondido isto de mim porque você estava preocupado que pudesse mudar o que eu penso de você — Eu o assisti cautelosamente.

Seu silêncio e o olhar vulnerável em sua face confirmaram minha hipótese — Mudou? — Ele perguntou.

— Eu não quero mais falar sobre isso — Eu disse, evitando a perguntar — Isso está indo longe demais.

— Kate, se isso funcionar, é a nossa resposta. Eu serei capaz de evitar a morte até...

— Até que eu morra — Eu preenchi a lacuna.

Vincent balançou a cabeça como se quisesse banir este pensamento de sua mente — A morte de um *numa* não é melhor do que a minha própria morte?

— Esta não é a questão. Você está arriscando ser permanentemente morto se alguma coisa de errado. Se eles pegarem você, vão te destruir. Isso é, se a magia negra do Caminho da Escuridão não te destruir antes com seus efeitos colaterais horripilantes. Apenas olhe para você, Vincent. Tem que existir outro jeito além de você se tornar um Escravo *Numa*.

— Bem, não existe — Vincent disse em caráter definitivo.

— E quanto à minha *guérisseur*, Vincent? Você obviamente não conhece todas as possibilidades que existem no mundo. E eu não vou me sentar e deixar você arriscar sua existência imortal apenas pela chance de eu e você termos alguns bons anos juntos. Pelo menos você tem que me deixar procurar por uma alternativa. Alguma coisa segura. Como você mesmo disse, minha vida é curta. Apenas uma pontinha em relação aos séculos, ou talvez milênios, que você viverá. Você não vai arriscar tudo isso por mim.

Neste ponto, estávamos encarando um ao outro na praia, as mãos caídas ao lados dos nossos corpos e punhos cerrados. Como se estivesse ecoando nossas emoções, o vento do oceano soltou um jato de água do mar pelo ar, dando-nos um banho de gotas geladas que corriam pelo meu rosto como lágrimas. Vincent pegou minha mão e me levou para longe da água, e depois apertou meus ombros, suplicante.

— Sem você, minha existência mortal, como você chama, é só sobrevivência. Isso é o que ela foi até agora, pelo menos. Mas com você, Kate, eu não estou apenas sobrevivendo. Eu estou realmente vivendo. Eu não trocaria este segundo com você — Ele fechou os olhos e esfregou os lábios contra mim — Por mil anos sem você. E se eu não puder estender este segundo por algumas décadas... Bem, ter a minha imortalidade extinta parece uma troca justa.

— Eu odeio o pensamento de que aquela energia está dentro de você. E eu não posso nem suportar imaginar o que aconteceria se algum numa vingativo te pegasse — Eu disse, determinação correndo quente em minhas veias — Termine este experimento maluco se você ter que fazer isso, mas eu estarei procurando por outra solução. Se esta *guérisseur* não conseguir encontrar uma, eu apenas vou continuar procurando.

Vincent levantou sua cabeça, estudando meu rosto — Se é assim que você se sente, então nós dois vamos procurar. E quando você voltar para a curandeira na próxima semana, eu vou com você.

Nós ficamos parados por outro minuto, meio-bravos, meio-aliviados. Nada tinha sido resolvido, mas pelo menos não estávamos carregando mais nenhum segredo. Então por que eu me sentia mais distante dele do que nunca?

Nós corremos subindo de volta a coluna e escapamos do vendo selvagem do oceano para a calmaria da casa — Vincent? — Eu perguntei — Fique comigo esta noite.

Eu adormeci com os dedos descansando nas bochechas de Vincent, e acordei duas vezes durante a noite para vê-lo deitado de costas, olhando o teto enquanto eu dormia.

De manhã, quando eu acordei, ele tinha ido embora. Eu caminhei até a cozinha para vê-lo fazendo o café, uma panela de ovos borbulhando no fogão. Charlotte e Geneviève já estavam à mesa, bebendo café e comendo croissants.

— Nem mesmo um abraço? — Eu sussurrei enquanto dava um abraço de bom dia nele na cozinha.

— Eu posso ser sobrenatural, mas eu não sou feito de aço, Kate — Ele disse, sorrindo — E a não ser que você tenha mudado de ideia nas últimas vinte e quatro horas, eu achei que seria mais seguro ficar em outro cômodo quando você acordasse — Ele se inclinou para me dar um rápido e quente beijo — Isso compensa?

— Por agora, sim — Eu disse, olhando para ele coquete. Ele levantou uma sobrancelha, rindo, e eu peguei a xícara de café que ele me entregava, caminhando para a mesa.

O dia passou em um luxo de ritmo lento. Nós dirigimos para a Itália, saindo da estrada costeira e conduzindo através das colinas pontilhadas com ruínas de antigas aldeias. Parando na cidade medieval de Dolceaqua, que ficava em uma colina, Geneviève abasteceu-se de azeite e Charlotte, de biscoitos amaretti antes de irmos para um simples, mas decadente restaurante de cinco mesas para almoçar. Ouvindo a forma como Vincent falava italiano sem se esforçar, tive vontade de estender as minhas férias com ele. Era difícil não fazer planos. Difícil lembrar que nós não éramos apenas um casal normal como as outras pessoas sentadas ao nosso redor.

O final de semana tinha passado rápido demais: quando voltamos para a casa, já era hora de irmos embora. Nós pegamos nossa bagagem e a apertamos no Mini — Eu gostaria de poder ficar mais uma semana — Eu disse, abraçando Charlotte e Geneviève fora do aeroporto.

— Volte assim que puder. O mais rápido que você puder! — Charlotte disse.

— Não se preocupe — Vincent disse — Kate não vai precisar de muito convencimento.

E acenando em despedida, nós fizemos o nosso caminho para o outro lado da pista, onde o nosso avião esperava para nos levar para casa. De volta à realidade.

Capítulo 31

Eu mergulhei pelo próximo dia em uma nuvem, meu corpo em Paris, mas minha mente de volta na casa em Villefranche-sur-Mer. Memórias do fim de semana esvoaçavam para dentro e para fora de meus pensamentos enquanto eu tentava — e depois parei de tentar — focar nas minhas aulas, minha tarefa e qualquer outra coisa que me impedia de estar onde eu gostaria de estar: com Vincent. Preferivelmente presa em seus braços.

Quando Ambrose, meu guarda-costas a pedido de Vincent para aquele dia, me levou para casa depois da escola, eu estava tão fora de mim que ele teve que me cutucar no ombro e dizer que meu telefone estava tocando. Era o vovô e sua voz estava estranhamente tensa — Kate, você acha que pode vir direto para a galeria em vez de ir para casa?

— Claro, vovô. O que foi?

— Eu só preciso de ajuda. Eu digo quando você chegar aqui.

Ambrose estacionou do outro lado da rua da galeria e esperou no carro. Eu caminhei para encontrar vovô conversando com dois homens com uniforme de policiais. Ele me apresentou brevemente — Oficiais, esta é a minha neta, Kate — Os homens assentiram e vovô pegou meu braço puxando-me alguns metros de lá.

— A galeria foi roubada na noite passada — Ele disse.

— O quê? — Eu engasguei.

— Está tudo bem, querida. Tudo estava segurado. É só muito... Aborrecido. A loja nunca tinha sido invadida antes.

— O que eles levaram?

— Um pouco de tudo. Todas as peças que eram fáceis de carregar, nenhuma de minhas estátuas, ainda bem — Vovô de repente parecia ser dez anos mais velho. Ele esfregou a testa com as pontas dos dedos e apertou os olhos fechados — Eu estava esperando que você pudesse olhar a loja enquanto eu volto para a delegacia com o detetive. Eles terminaram a investigação no local. Agora preciso lidar com a burocracia.

— Claro, vovô — Eu concordei, e um momento depois ele caminhou para fora da porta com os dois homens, fazendo o seu aceno com o chapéu enquanto saía da minha vista. Eu liguei para Ambrose no carro para dizer a ele que teria que ficar na galeria por uma hora ou duas, e ele me disse que não se importava em esperar, que eu deveria ficar tranquila.

Eu olhei em volta para a bagunça. Os recipientes de vidro que tinham sido quebrados foram completamente despojados de seus conteúdos. Eu tentei me lembrar o que eles guardavam. Joias antigas, pequenas esculturas gregas, exemplos de vidros romanos. Parecia que tinham pegado coisas aleatórias, como se não soubessem muito sobre o que estavam levando, mas estivessem apenas

interessados em coisas pequenas o bastante para carregar. *Trombadinhas em vez de ladrões especializados*, eu pensei.

E de repente uma pequena agulha em brasa de pânico perfurou meu coração. Eu corri para o armário do estoque e vi as portas abertas. As caixas de dentro estavam dispersas, seus conteúdos espalhados pelo chão. Eu procurei entre os livros, tentando encontrar *Amor Imortal*. Peça por peça, eu empurrei os conteúdos do armário para o corredor enquanto eu procurava, até ter certeza. O livro tinha sumido.

Meus pensamentos voltaram para a semana anterior, quando Gwenhaël tinha me dito sobre o *numa* que encontro o livro séculos atrás e os problemas que isso trouxe para a sua família. Uma "ocasião muito desagradável", ela tinha dito.

Eu procurei em minha bolsa até encontrar o cartão que seu filho tinha me dado. Com a mão balançando, eu disquei o número. Ele atendeu na primeira chamada.

— Bran, é a Kate Mercier. Eu sou aquela que visitou sua mãe na semana passada.

— Ela foi embora — As palavras soaram tão distantes que eu não tinha certeza de tê-lo ouvido corretamente.

— O que você disse?

— Ela foi embora. Eles vieram esta manhã, os maus.

— Oh, meu Deus, os *numa* a pegaram? — Meus pulmões foram sugados para fora.

— Não. Quando eles vieram, nós nos escondemos. Eles não nos encontraram. Assim que eles partiram, ela foi embora.

— Para onde ela foi?

— Ela foi se esconder. Ela não me disse onde. Se eu soubesse, os maus poderiam tirar esta informação de mim. Da forma como as coisas estão, eu sou inútil para eles.

— Oh, Bran. Eu sinto muito.

— Não é sua culpa, Kate. Já era tempo. As coisas acontecem quando devem acontecer, e como o tempo do vencedor está chegando, nossos serviços serão requeridos. Eu ficarei, Kate, e minha mão vai retornar. Deixe que seus amigos saibam que estaremos aqui quando precisarem.

— Bran, eu não entendo sobre o que você está falando. Que vencedor?

— Este é o motivo pelo qual os numa nos querem. Os textos dizem que minha família produzirá o Vidente do Vencedor.

De uma vez só, eu me lembrei de uma frase do livro que tinha sido praticamente incompreensível. Algo sobre o *guérisseur* ser aquele que veria o vencedor.

— Eu ainda não...

— Os *revenants* o chamam de Campeão. E nós seremos aqueles que o identificarão.

Alguns minutos se passaram até que eu entendesse tudo, e então tudo de repente ficou chocantemente claro — Sua mãe pode identificar o Campeão — Eu estabeleci, para tentar esclarecer as coisas — E os *numa* foram até aí procurando por ela. Porque se o Campeão for encontrado, os numa saberão a identidade de quem os conquistará.

— Correto. Mas se eles o encontrarem antes que ele possa derrubá-los, eles tentarão aproveitar o seu poder para si mesmos.

— Aproveitar o seu poder? — Eu perguntei, confusa.

— Os textos dizem que o poder do Campeão pode ser transmitido à força. Se ele for capturado, aquele que o destruir, receberá a força. Como você pode imaginar, os resultados seriam desastrosos.

— E os numa querem forçar sua mão a fizer a eles quem é.

— Correto. Mas eles estão enganados. Não é minha mãe que vai encontrar o Campeão.

— O que você quer dizer?

— Ela possui as teorias de nossa família sobre quando e onde isso vai acontecer. E algumas pistas codificadas sobre quem será. Mas tanto quanto pudemos perceber, minha mãe afirma que não tem a capacidade de ver quem é o vencedor.

— Então será você?

— Eu ou um de meus descendentes.

— Você tem descendentes?

— Sim.

Eu exalei — Alguns dizem que o meu namorado é o Campeão.

A linha ficou silenciosa por um longo tempo. Finalmente Bran falou — Minha mãe ainda não me passou o dom. Quando ela fizer isso, eu vou contatá-la. Traga seu namorado para mim, então. Se eu realmente for o Vidente do Vencedor e ele for realmente o Campeão, nós saberemos.

Eu dei a ele o número do meu celular. E depois dei a ele o número do telefone dos meus avós. Eu não sabia quanto tempo demoraria até que ele me ligasse. Mas eu imaginei que pudessem ser anos.

Capítulo 32

Tinham se passado apenas três dias no calendário desde o nosso final de semana no sul, mas pareciam três semanas. Vincent tinha trabalhado sem parar com Jean-Baptiste desde o momento que tinha voltado, e eu tinha me mantido ocupada com meus trabalhos e um encontro com Violette para assistir *Casablanca*.

Mas eu tinha esperado esta tarde com um sentimento de antecipação, sabendo que Vincent me encontraria aqui na galeria de vovô, onde eu estava trabalhando. Depois do almoço, vovô tentou cancelar comigo, dizendo que era perigoso demais eu ficar na loja. Mas eu o convenci de que era improvável que os ladrões retornasse à luz do dia... Se é que eles pretendiam retornar em algum momento.

Ambrose me pegou depois da escola deixando-me apenas quando eu reassegurei a ele que Vincent estaria chegando a qualquer momento. Vovô o tinha convidado para ver o capacete de guerra grego que ele traria de seu compromisso, usando o interesse de Vincent em armas antigas como uma desculpa para convidá-lo a ir para a galeria. Mas eu sabia que nenhum deles precisava de qualquer desculpa. Eles gostavam genuinamente da companhia um do outro.

Eu caminhei ao redor da galeria, observando o serviço de limpeza que vovô tinha feito desde Segunda-feira. Ele tinha imediatamente substituído os recipientes de vidro, mas demoraria um bom tempo para que ele pudesse criar outro estoque com o novo inventário. A campainha da porta tocou, e eu fui até o balcão para liberar a porta. Mas o grande sorriso que estava em minha face se apagou quando eu vi que não era Vincent entrando pela porta. Eram dois homens que eu nunca tinha visto antes. E eu pude dizer, antes que eles dissessem uma palavra, que eles eram *numa*.

Eles estavam ao meu lado em um instante, cruzando a galeria em um piscar de olhos. Eles não me tocaram. Não precisaram. Apenas assomaram.

— O que vocês querem? — Eu perguntei. As palavras saíram como um guincho: minha garganta estava apertada como se uma cobra constritora estivesse enrolada em torno de meu pescoço. Eu instintivamente olhei em volta, procurando alguma coisa com o qual eu pudesse lutar com ele, mas não tinha nada a uma distância alcançável, e eu duvidava que poderia ir muito longe antes de eles me pararem.

— Queremos saber o que ela disse a você.

— Quem? — Eu perguntei, confusa.

— Você sabe quem. A velha senhora curandeira. O que ela disse a você sobre o Campeão?

Eu pestanejei em uma compreensão repentina — Ela não me disse nada sobre o Campeão.

— Nós sabemos que você conversou com ela. E agora o filho dela diz que ela partiu e que ele não sabe para onde.

— Mesmo que estejamos mantendo um olhar naquele local para ter certeza de que ele não está mentindo — Zombou o outro, como se isso fosse uma grande piada.

Meu medo evaporou e foi substituído por fúria — É melhor vocês não os machucarem! — Eu rosnei.

Eles dois olharam para mim, surpresos pela minha explosão. E depois, com uma risada baixa e malvada, um deles caminhou para frente e me segurou pelo pulso. Fortemente — Nós queremos saber o que ela te disse.

Então eu ouvi o barulho da fechadura, e vovô entrou na galeria, deixando a porta aberta atrás dele, a grande caixa em seus braços bloqueando sua visão. Ele caminhou pela sala, colocando-a perto da vitrine dos armamentos, ajeitou seu chapéu na cabeça e começou a tirar seu casaco.

— Vovô — Eu chamei, minha voz arfante e não natural.

Ele olhou para mim e congelou — Tire suas mãos de minha neta — Ele vociferou, e começou a se mover em nossa direção.

— Não se mova, velhote — Disse o que estava me segurando, e intensificou o aperto em meu braço.

Meu avô parou, e seus olhos se estreitaram — Foram vocês que estavam na câmera de segurança — Ele disse — Vocês já roubaram minha loja. O que mais vocês querem?

— Tudo o que sua neta tem que fazer é nos dizer o que queremos saber e nós vamos embora sem machucar nenhum dos dois.

— Não — Disse vovô severamente — Vocês vão embora agora ou eu serei forçado a chamar a polícia — Ele puxou o celular de seu bolso.

— Isto não será necessário — Uma voz profunda veio de trás de nós. Vincent entrou pela porta, sua face como o céu após uma tempestade devastadora. O parceiro de meu captor se jogou pela sala, e depois cambaleou para trás quando o punho de Vincent se encontrou com sua mandíbula. Ele caiu e ficou imóvel no chão.

O *numa* que estava me segurando me puxou para o seu lado, sua mão presa em torno de meu braço como um torno — Estamos apenas tendo uma conversa com sua namorada. Não há necessidade de se envolver.

— Deixe-a ir — Vincent disse em uma voz mais baixa, seu olhar rápido e urgente para mim picando meu coração com sua preocupação — Deixe os dois irem. Qualquer coisa que vocês tiverem que conversar, pode ser discutido comigo.

— Mas veja bem, nós não queremos você — O *numa* disse, seu lábio se curvando em zombaria — Não desta vez.

— Que assunto você tem para tratar com a garota? — Vincent rosnou.

— Você quer dizer, além do fato de que ela destruiu o nosso antigo líder? Mas isso não tem importância agora. Ela tem a informação que queremos — O *numa* levantou sua mão livre até o meu pescoço — Então eu devo te advertir que você

deve ficar onde está enquanto ela responde às minhas perguntas, ou minha mão pode apenas escorregar.

Sentir a sua pele contra a minha me fez ter vontade de vomitar. Com um gesto mais de nojo do que de medo, eu tremi e me ajeitei para bater fortemente em seu queixo, mas ele apenas riu e me segurou mais apertado, empurrando-me firmemente para trás da galeria, para longe de Vincent.

O som metálico de uma espada deixando sua bainha cortou o ar e fez com que o meu captor parasse. Os olhos de Vincent queimavam como carvões em brasa enquanto ele levantava um sabre de aparência malvada.

O *numa* parou em choque, seus dedos cavando dolorosamente em minha pele e balbuciou — Você não faria isso. Não na frente de um humano! — Ele olhou na direção de vovô, cuja expressão assustada revelou que, mesmo que ele não tivesse escutado tudo, definitivamente tinha registrado as últimas palavras.

— Eu faria, na verdade. Com prazer — Vincent replicou, e exibiu a espada curvada enquanto caminhava em direção a nós.

O numa cambaleou levemente para trás, levando-me com ele — Por que você arriscaria nos expor e expor a si mesmo... — Ele começou a perguntar, sua face contorcida em confusão.

A voz de Vincent era tão afiada quando o metal em sua mão — Começando aqui e agora, todas as regras estão esquecidas. Você acabou de declarar guerra, em nome de sua espécie.

Meu captor pesou a situação. E depois — do nada — ele relaxou o aperto em mim. Mantendo uma distância segura da espada de Vincent, ele se moveu na direção de seu parceiro caído, que estava começado a se agitar. Dando a ele um chute motivacional, ele o empurrou em direção à porta. Parando na soleira, ele olhou para mim:

— Nós nos veremos de novo. *Au revoir*, Kate Mercier — E com isso, ele seguiu seu companheiro pela rua.

Meu avô entrou em ação, batendo a porta para trancar a galeria e puxando uma grossa cortina nas janelas.

— O que eles queriam? — Vincent perguntou urgentemente. Ele embainhou sua espada e a colocou sob seu casaco.

— A *guérisseu*r — Eu sussurrei, de repente me sentindo aleijada pelo pensamento de que minhas ações — mesmo que bem intencionadas — tinham provocado isso. Jules estava certo. Eu tinha entrado em seu mundo e trazido o perigo comigo.

Vincent viu minha expressão e me alcançou, mas congelou quando as palavras afiadas de vovô ecoaram pela sala — Não toque em minha neta — Ele se aproximou de nós vagarosamente. Cuidadosamente.

E nós ficamos em pé na galeria pouco iluminada. Partículas de poeira brilhantes espiralavam para cima, iluminadas por frestas de luz solar derramadas pelas bordas das cortinas. Nós três estávamos imóveis, olhando um para o outro assim como as fileiras de estátuas antigas. A face de meu avô tinha uma expressão

que era completamente estranha a ele. Não havia bondade. Nem gentileza. Ele olhava friamente para Vincent como se ele fosse um completo estranho.

Finalmente ele falou — O que você é? — Aquelas três palavras foram fracas e concisas e exigiam uma resposta.

Os olhos de Vincent pestanejaram para mim. Eu vi como vovô estava olhando para ele e sabia que não tinha como escapar. Se a espada de Vincent já não tivesse alertado meu avô que alguma coisa estava errada, o numa teria definitivamente nos exposto com suas palavras. Eu assenti muito fracamente.

— *Revenant* — Vincent disse, olhando para vovô diretamente nos olhos.

Para o crédito de meu avô, ele nem mesmo vacilou — E aqueles homens que atacaram Kate?

— *Numa*.

A palavra pareceu congelar no ar e flutuar suspensa entre nós três antes de explodir na flecha da resposta de meu avô — Saia daqui.

— Senhor, eu... — Vincent começou, e ao mesmo tempo eu disse abruptamente — Mas, vovô...

— Saia daqui — A voz de meu avô nos cortou — Dê o fora daqui. Saia da vida da minha neta. Como você ousa expor Kate a um perigo mortal? Como você ousa trazer estes monstros por esta porta. Vá embora e mantenha distância.

— Não — Eu chorei, e correndo para vovô, segurei seus braços e esperei até que seus olhos se abaixassem de Vincent para mim — Vovô, não. Vincent estava... — Todos os meus argumentos brilharam pela minha mente e caíram por terra quando eu percebi que eles eram inúteis. *Vincent estava me protegendo* ou *Já é tarde, os numa sabem quem eu sou*. Nada que eu dissesse convenceria vovô. Porque ele estava certo: eu estava em perigo por causa de Vincent. Eu decidi por falar algo verdadeiro, a única coisa que meu avô não poderia refutar — Eu o amo!

Vovô soltou os braços e os envolveu em torno de mim, abraçando-me como se tivesse me perdido por anos e tivesse me encontrado novamente. Depois de um segundo, ele me segurou um pouco distante, e disse ternamente, mas de forma séria — Kate, você pode pensar que o ama. Mas ele não é nem mesmo humano.

— *Ele* não é o cara malvado — Eu insisti — *Eles* são.

Vovô olhou por cima da minha cabeça para Vincent, que não tinha se movido — Eu sei, querida. Eu sei sobre eles. Pelo menos eu os tenho estudado, assim como todos os outros personagens míticos que aparecem nas artes antigas. Mesmo que eu não estivesse convencido de que eles realmente existiam — Sua voz se tornou fria com a última afirmação, e eu me empurrei para longe dele para encarar Vincent.

Os olhos de Vincent, ainda presos em meu avô, pareceram vazios — Kate, seu avô está certo. Minha presença em sua vida te colocou em perigo.

Eu senti como se alguém tivesse me segurado pela garganta — Pare! — Eu gritei — Os dois... Parem agora! — Eu bati os pés e ambos me olharam como se eu tivesse batido neles. Agora que eu tinha conseguido sua atenção, eu comecei a falar.

— Vovô, Vincent salvou a minha vida. Foi ele que me tirou do caminho das pedras que caíram no café no ano passado. Se não fosse por ele, eu nem estaria aqui agora para brigar — A face de meu avô continuou dura, mas seus punhos se abriram. Sabendo que ele estava absorvendo minhas palavras, eu continuei.

— *Grandpère* — Eu implorei — você quer que eu seja como era antes? Deprimida? Cheia de luto? Vivendo no passado sem nenhuma companhia exceto a dos fantasmas de meus pais? Vincent não apenas salvou a minha vida, ele me ajudou a encontrar o caminho de volta para o mundo dos vivos.

— Isso é um grande feito para alguém que está morto — Vovô disse secamente.

Vincent estava apenas parado lá, parecendo não saber o que dizer, mas suas mãos estavam abertas como se tentasse emitir algum apoio mesmo estando a vários metros de distância de nós. *Ele nem está preocupado consigo mesmo*, eu pensei. *Tudo o que ele está pensando é em como eu posso sair dessa*. Eu me lancei em sua direção, colocando os braços em volta de seu pescoço e senti seus braços me circularem cautelosamente.

— Vincent, esta é a minha galeria, e eu tenho que pedir para que você vá embora agora — Vovô exigiu.

Vincent gentilmente me desvencilhou dele, pegando minha mão na dele, virou a face para vovô — Eu acho que você deveria, antes de chegar a uma conclusão, discutir isso sozinho com a Kate. Eu vou aceitar qualquer decisão que vocês tomarem juntos.

Pegando minha cabeça em suas mãos, ele me beijou suavemente nos lábios — Eu ligo para você mais tarde — Ele disse docemente. Depois, dando a meu avô um aceno educado, ele caminhou para a porta, abriu o trinco e desapareceu pela rua.

Minhas lágrimas estavam caindo seriamente quando senti as mãos suaves de meu avô sobre os meus ombros — *Ma princesse* — Ele disse pesarosamente — No que você foi se meter?

Capítulo 33

Vovô pediu para que eu me sentasse e passou os próximos quinze minutos fechando a galeria mais cedo. Nós dois fomos apressados para casa — esperando que os numa voltassem e viessem até nós. Eu quase disse ao meu avô que mandar Vincent embora antes que ele pudesse nos escoltar para casa em segurança podia não ter sido a ideia mais inteligente, mas naquele momento eu estava mantendo os pensamentos para mim mesma.

Então, a meio caminho de lá, eu vi Ambrose em um telefone público fingindo estar em uma conversa profunda, mesmo que eu soubesse muito bem que ele nunca deixava a casa sem o celular. Ele piscou quando eu passei, e eu suspeitei que Vincent tinha nos provida uma ampla proteção. Quando avistei Gaspard sentado em um café, lendo um livro, e ele levantou a sobrancelha quando nós passamos, eu tinha certeza disso.

Uma vez em casa, vovô e eu fomos diretamente para o seu escritório — Kate — Ele disse gravemente, enquanto eu me sentava nervosa em uma poltrona de couro — Você sabe realmente o que Vincent é?

Eu assenti — Eu sei de tudo, vovô. Ou pelo menos, sei muito. Mas como você sabe sobre eles? Você não pode me dizer que apenas pulou de estudar seres mitológicos para acreditar que eles existem. Você nem mesmo vacilou quando Vincent disse o que era.

Meu avô suspirou, caminhou até sua estante, e, depois de procurar por um minuto, puxou o velho livro das bestas. Ele o colocou na baixa e redonda mesa entre nós e o abriu, folheando até encontrar a página certa.

— Este, minha querida — Ele disse, gesticulando na direção do livro — É o único artigo sobre um revenant em minha biblioteca inteira. Eu vi menção deles em outros livros, mas assim que livros ou trabalhos de arte sobre os revenants chegam ao mercado, eles são arrematados por preços astronômicos. Os compradores são de uma rede provada de colecionadores usando obviamente nomes fictícios e pagando em dinheiro. Nós que somos vendedores de antiguidades sabemos como contatá-los quando possuímos qualquer coisa desta natureza.

— Nenhum dos vendedores fala sobre os colecionadores dos objetos relacionados aos *revenants*, nem mesmo entre nós mesmos; nossos clientes deixaram claro que se discutirmos seu interesse com qualquer um eles não farão mais negócios com a gente. Todos os traços literários dos *revenants* desapareceram para estes as coleções destes compradores. Então é claro que me ocorreu que poderia ter um motivo para o segredo, além do mercado extremamente competitivo.

Eu encontrei o olhar fixo de vovô com um olhar determinado. Ele não iria me assustar, e ele precisava saber disso.

— Existem coisas estranhas e místicas acontecendo em nosso mundo sobre as quais pouquíssimas pessoas sabem. Por causa de minha profissão precisar de um constante serviço de detetive pelos cantos mais escuros da história, eu infelizmente estou a par de algumas delas. A maior parte de meus colegas prefere enterrar suas cabeças na areia e fingir que os *revenants* são seres fictícios. Mas eu não concordo com eles, eu suspeitava de sua existência. E depois do que eu testemunhei hoje, minhas suspeitas foram confirmadas.

— Mas Kate, estas coisas devem continuar onde estão... Nas sombras. Não na minha vida, namorando minha neta. Eu não posso deixar você ver Vincent de novo. Seus pais esperariam que eu te protegesse, e proibir você de ver alguma coisa — Ele hesitou, registrando a expressão em minha face — alguém que representa certo perigo pra você, é parte da responsabilidade que eu aceitei.

— Mas vovô... — Eu comecei, de repente cega pelas lágrimas.

— Você tem dezessete anos e ainda está sob minha guarda. Quando você tiver dezoito, poderá fazer o que quiser, mesmo que eu espero que até lá você veja as coisas da maneira como elas são — Suas palavras foram ditas com firmeza, mas eu vi seus olhos se encherem de emoção enquanto ele me via chorar. Eu me inclinei em direção aos seus braços.

— Oh, querida Kate — Ele me acalmou — Eu detesto fazer você infeliz. Mas eu prefiro ver você deprimida do que morta.

De volta ao meu quarto, eu peguei meu telefone e olhei para ele por um minuto inteiro. Pela primeira vez em quase um ano eu queria teclar o número de uma das minhas amigas do Brooklyn e escutar suas vozes familiares do outro lado da linha. Mas mesmo que eu soubesse que poderia fazer isso — qualquer uma delas me perdoaria para que pudéssemos continuar de onde tínhamos parado —, como eu poderia sequer começar a contar sobre minha situação? Era inacreditável demais para descrever.

Hum, sim, Claudia? Eu estou namorando um cara morto chamado Vincent e o vovô não quer me deixar vê-lo, porque se eu fizer isso, eu posso ser morta por aqueles zumbis do mal que estão tentando pegá-lo. Meus amigos pensariam que o luto havia me deixado maluca.

Eu balancei a cabeça com frustração e disquei o número de Vincent. Sua voz soava calma, mas eu podia dizer que ele estava tremendo tanto quanto eu.

— Qual é o veredicto?

— Vovô disse que eu não posso te ver mais — Eu não pude evitar minha voz de falhar.

— O que mais poderíamos esperar? Ele é um homem racional — Sua voz de cautelosa para aquecida. Cuidadosa — Kate... Eu queria estar aí com você. Você está bem?

Eu funguei e empurrei a palma da minha mão com força contra minha testa para impedir as lágrimas de caírem — Eu estou bem. E eu entendo o que ele pensa. Mas ele está errado.

— Ele não está errado sobre o fato de que eu trago perigo para sua vida.

— O perigo já está aqui, Vincent. É tarde demais para pensar sobre isso. Aqueles numa estão atrás de mim agora. Então pensando sobre isso racionalmente, é ainda mais perigoso para mim ficar longe de você. Além do fato de que eu *não quero* ficar longe de você — Minhas lágrimas venceram e eu comecei a chorar. Pela milésima vez naquele dia.

— Ficará tudo bem, Kate — Vincent disse suavemente.

Eu peguei um lenço e respirei profundamente, tentando me recompor — Vovô tem o meu respeito. Mas eu não posso obedecê-lo neste caso — Vincent não respondeu.

Uma coisa que tinha ficado me incomodando no mundo de minha mente pelas últimas horas começou a emergir e tomou forma em um pensamento coerente. Toda a revelação *revenant* e a campanha anti-Vincent de vovô tinham mascarado algo importante. Mas agora eu comecei a entender as repercussões de alguma coisa que o numa disse, e meu coração estava de repente em minha garganta.

— Vincent, hoje na galeria... Aquele *numa* disse alguma coisa sobre o fato de que eu matei Lucien — Eu tremi, mesmo que estivesse muito quente em minha cama — Como ele poderia saber disso? Nenhum numa estava lá para testemunhar isso, e apenas a sua tribo sabe o que aconteceu.

— Eu estava pensando se você tinha percebido isso — Vincent respondeu sombriamente — Eu tenho discutido isso com os outros desde que voltei.

— Poderia ter algum *numa* volante acompanhando Lucien e que voltou para dizer aos outros o que aconteceu?

— Não. Eu estava volante também, lembra? Eu saberia se tivesse mais alguém lá.

— Então como...

— Somente os *revenants* sabiam sobre isso. Tem que ser algum de nós que compartilhou esta informação.

— O quê? — Eu me sentei, aturdida, esperando por algum tipo de explicação.

— Ambrose, Gaspard e eu temos falado sobre isso. Há apenas uma resposta. Em algum lugar de Paris, um *revenant* está conversando com os *numa*. Talvez até mesmo trabalhando em conjunto com eles. Tenho certeza disso. Todos nós temos. Não apenas por causa disso. O aviso que eu consegui em Berlim é de que tinha algum tipo de informação vazando.

— Mas por quê?

— Eu não tenho ideia.

— E como os numa sabiam que eu visitei a *guérisseur*?

— Eles podiam estar seguindo você. Assistindo você.

— Mas Jules estava comigo. Certamente ele saberia se um *numa* estivesse por perto.

Vincent murmurou, concordando.

— Quem mais sabe que eu visitei Gwenhaël?

— Bem, agora toda a casa sabe. Eu discuti isso com eles quando voltamos do sul. E depois dei a eles a atualização quando você me disse que ela tinha fugido do numa que foi até a loja. Mas eu duvido que eles mencionaram isso para qualquer outra pessoa. Pelo que eu imagino, até que seu filho entre em contato com você dizendo que ela está de volta, este caminho é um beco sem saída.

Enquanto ele falava, uma ideia veio para mim. Eu hesitei antes de dizer minha suspeita, sabendo que soaria como algo louco — Mas digamos que seja alguém em sua casa. Arthur deixou muito claro o que ele pensa sobre deixar um humano ser envolvido em um *affair* com um *revenant* quando me tirou daquela reunião. E depois, quando ele me viu na biblioteca de JB, o dia em que eu devolvi o livro, ele disse que existiam informações que humanos não deveriam saber.

— Agora espere um minuto, Kate — Vincent disse com força — Se você está dizendo o que eu acho... Arthur pode não gostar do fato de que você está tão envolvida como está em nossos negócios, mas ele nunca te colocaria em risco. Não há nenhuma forma de ele ter te entregado propositalmente para um *numa*.

— Não, você está certo — Eu concordei, sentindo-me pior pela minha teoria ter soado tão estúpida para Vincent do que pelo fato de ter acusado Arthur. E depois eu pensei em outra coisa — Espera, Violette me disse que Arthur ainda mantinha contato com os *numa* por causa do passado. Ela disse que era de uma época em que os *numa* e os *revenants* não eram inimigos.

— O quê? — Vincent disse, incrédulo.

Mas eu estava num rolo de coisas. Não tinha como editar nada neste ponto, não importava o quão estranho soasse para Vincent — Na verdade, eu vi Arthur conversando com um cara de aparência realmente duvidosa um dia, no *La Palette*. Ele poderia ser um *numa*... Agora que eu penso de novo nisso, eu tenho certeza de que ele era. Ele tinha aquela coisa estranha no ar em volta dele.

— O que você quer dizer com "coisa estranha no ar"?

— Você sabe. Eles todos tem aquele tipo de coisa em volta de seus corpos. Como se alguns centímetros em volta de seu corpo fossem tons de cinza. Como se eles sugassem todas as cores.

Vincent hesitou — Você pode dizer quem é *numa* e quem não é?

— Hum, sim. Não são todos que podem?

— Não, não os humanos — Ele pensou por um segundo — Você podia dizer com o Lucien?

— Não. Eu acho que não — Eu admiti, tentando me lembrar. Além do momento em que ele tinha uma faca pressionada contra a garganta da minha irmã, eu provavelmente só o tinha visto em uma danceteria escura.

— Então isso provavelmente tem alguma relação com quando eu te possuí. Gaspard vive me perguntando se você teve efeitos colaterais.

Impaciente com sua distração não relacionada, eu continuei minha teoria — Então, se você disse a Arthur que eu fui até o *guérisseur*, ele poderia ter passado essa informação ao *numa*.

— Kate... — A voz de Vincent era sombria.

— Não, não desta forma. Não de propósito. Mas se ele está em contato com nos *numa*, talvez tenha deixado escapar. Talvez ele apenas tenha mencionado isso para alguém. Para alguém errado.

— Kate. Pare com isso agora. Você parece completamente paranoica. Eu sei que você está assustada e está apenas tentando entender tudo isso, mas eu juro... Você está olhando na direção completamente errada.

— Mas Vincent, você concordou que apenas os *revenants* sabem que eu matei Lucien.

— Toda a comunidade *revenant* sabe disso. E existem muitos de nós. Não apenas os sete que vivem em nossa casa.

Eu o ignorei e continuei — E mesmo com todos os *revenants*, apenas os de sua casa sabiam que eu fui até o *guérisseur*. E Violette me disse que Arthur está em contato com os numa. Quem mais poderia ser? E ele tendo a intenção ou não de me colocar em perigo...

— Tendo a intenção ou não? Kate, pare aí mesmo. Nenhum dos mais próximos de nossa tribo nos trairia com os *numa* — Vincent disse — Eu sei que você ainda está brava com Arthur por ele ter te envergonhado na frente de toda a casa. E, honestamente, eu também estou. Mas ele sendo ou não um fanático contra os humanos, ele tem um bom coração, e ele *não* é estúpido. Ele não deixaria suas atividades "escaparem" para um *numa* se, e eu sinceramente duvido disso, ele estiver realmente em contato com um deles.

Eu suspirei, querendo acreditar nele. Mas eu tinha um sentimento. Tinha alguma coisa errada sobre Arthur. Eu não confiava nele. Mas eu não poderia dizer mais nada para Vincent sobre isso.

— Kate, não se preocupe sobre isso. Nós estamos tomando cuidado de tudo. Jules ficará volante amanhã, então ele irá com Jean-Baptiste e comigo começar a investigação entre os *revenants* de Paris... Para ver se conseguimos encontrar de onde as informações estão vazando. Ambrose vai levar você e Georgia para a escola.

Bom plano, eu pensei, *exceto que você está procurando no lugar errado. O "vazamento" está vivendo sob seu telhado.*

Vincent e eu dissemos boa noite e reasseguramos um para o outro que, mesmo que tivéssemos que ser cuidadosos para não provocar meu avô, nós nos veríamos secretamente. Mas quando eu desliguei, em senti qualquer coisa menos segurança. Não que o meu comportamento recente tivesse sido exemplar, mas eu odiava me esgueirar pelas costas de alguém. E sabendo que eu estaria indo diretamente contra a vontade de vovô, eu me senti traidora de sua confiança. Ele tinha aceitado a Georgia e a mim e estava fazendo o melhor que podia para nos dar uma boa vida. E eu estava flagrantemente desobedecendo a ele.

Capítulo 34

Assim que eu ouvi Georgia chegando naquela noite, eu disparei pelo corredor e fui para o seu quarto — Katie-Bean! — Ela me cumprimentou com um sorriso, mas sua expressão se rearranjou rapidamente em preocupação quando viu minha face — Oh, não. O que aconteceu?

— Vovô sabe.

— Vovô sabe o quê?

— Que Vincent é um *revenant* e que eu tenho os *numa* atrás de mim.

— O que você quer dizer quando fala que tem os *numa* atrás de você?

Eu contei a ela toda a história. O encontro com a *guérisseur*. O assalto na galeria do vovô. O desaparecimento da curandeira. E então o impasse entre vovô e Vincent.

— Você não vai parar de ver o Vincent, vai? — Georgia respondeu, alarmada.

— Não — Eu admiti — Eu não vou. Mas não vou mais poder falar sobre ele na frente da vovó e do vovô. E eu provavelmente terei que mentir sobre o que estou fazendo quando eu sair. O que me faz sentir muito mal. Mas de jeito algum eu vou parar de vê-lo.

Georgia pensou por um momento — Então o que você vai fazer? Eu quero dizer, você não pode ficar se esquivando do vovô para sempre.

Eu me sentei no final da cama — Eu estava pensando num plano. É um pouco falho, mas...

— Diga — Minha irmã disse.

— Eu pensei em pedir para que Jean-Baptiste fale com o vovô.

— O quê? Por quê? — Perguntou Georgia.

— Porque o Vincent me disse que JB faz parte desse grupo supersecreto de colecionadores das coisas relacionadas aos *revenants* que o vovô vende. Então talvez o vovô o ouvisse. Existem poucas pessoas de fora da casa que sabem sobre o que ele é, como a Jeanne, a governanta. Então Jean-Baptiste deve saber como explicar isso para os humanos quando precisa, de uma forma que os convença a fazer negócios com ele e mantenha as coisas quietas.

— Fazer negócios com alguém e convencer alguém a deixar sua neta namorar o seu falso sobrinho meio morto são duas coisas diferentes — Georgia disse, finalmente tirando as botas e cintos e deitando confortavelmente na cama.

— Eu sei — Eu resmunguei, desmotivada — É um tiro no escuro. Mas o que mais podemos fazer? Em qualquer caso, com tudo o que está acontecendo, esta nem é a minha prioridade.

— Qual é a prioridade, então? E como você planeja me usar para que você consiga resolver isso? — Georgia perguntou, seus olhos brilhando com entusiasmo. Minha irmã era boa em ouvir, mas ainda melhor em agir.

— Aqui está a questão, Georgia. Primeiro eu tenho que descobrir quem está falando com os *numa* sobre mim. Se o Vincent e sua tribo puderem cuidar deste problema, esperançosamente eu estarei fora dos planos dos *numa*. Eles não parecem se importar com o fato de eu ter matado Lucien, especialmente porque eu não fiz isso sozinha. Eles usaram o termo "antigo líder", então eles devem ter outro líder agora. Todos parecem pensar que sim. E eles foram enviados para descobrir o que eu aprendi com a *guérisseur*. Então não é nada pessoal. Eles não vão me caçar pelo resto da minha vida.

— Além disso, se Arthur é o que está falando com os *numa*... — Os olhos de Georgia chacoalharam, e ela olhou para mim como se eu tivesse de repente ficado realmente louca. Eu levantei minha mão em um gesto de "espere um pouco" — Se ele for o informante, então toda a casa de Vincent está em perigo. Mas quando eu disse a Vincent minhas razões para suspeitar de Arthur, ele nem sequer me ouviu.

— Bem, isso deve ser provavelmente porque você está louca. Além do fato de eu achar que Arthur é deliciosamente um sonho...

— E o seu gosto foi tão confiável no passado — Eu a cortei.

— *Touché* — Georgia admitiu — Mas eu sei que estou certa desta vez. Eu na verdade tomei um café com ele está tarde — Ela me deu seu sorriso astuto de gato e fingiu se abanar pela memória de toda aquela gostosura.

— O quê? — Eu exclamei — Ele chamou você para sair?

— Bem, não exatamente — Georgia admitiu — Eu apenas meio que o encontrei sentado no Café Sainte-Lucie, e ele me convidou para sentar com ele. E já que a *munchkin* malvada não estava lá para me irritar, eu disse sim.

— Esta tarde depois da escola — Eu perguntei.

— Uhun — Ela disse, olhando para mim com suspeita.

— Foi exatamente quando o impasse aconteceu na galeria do vovô. Arthur estava provavelmente esperando para que os *numa* o informassem.

A boca de Georgia se abriu — Hum, paranoico demais, não? Terra chamando Kate: você está perdendo o senso da realidade. Arthur é um não morto muito legal e é completamente normal. Eu suspeitaria muito mais de Violette.

Eu balancei minha cabeça — Eu confio em Violette. Se Arthur está por trás disso, conscientemente ou não, ela não deve saber nada sobre isso. De outra forma, ela teria me dito. Nós nos tornamos realmente próximas, Georgia. Eu sei que você não gosta dela, mas eu gosto.

Ela afagou meu braço como se estivesse confortando uma inválida — Eu acho que a palavra chave no que você disse foi "inconscientemente". Se ele realmente mantém contato com a laia dos *numa*, é possível que ele possa ter deixado alguma informação escapar. Mesmo que eu não possa imaginá-lo sendo amigo dos malvados. Eu realmente não acho que Arthur machucaria uma mosca. Ele parece o tipo de pessoa ansiosamente reservada, mas ele é um ótimo cara. Eu estou começando a suspeitar que ele é na verdade bom demais para mim. Ele pareceu genuinamente chateado por ter ofendido você.

— Veja! Ele *estava* falando sobre mim. E ele está provavelmente apenas fingindo estar arrependido para que ninguém desconfie de nada.

— Isso é demais, Kate. Você está a um passo da cucolândia.

— Eu vou provar que é ele que está fazendo isso.

— Tudo bem. É um desafio. Eu vou provar que não é ele. Especialmente porque se você estiver certa e ele for mau, isso significa que eu tenho que cancelar meu encontro com ele Sábado à noite.

— Georgia!

— Estou só brincando — Ela disse, e depois adicionou baixinho — Não realmente.

Um vaso de flores pequenas de cor roxo-violeta com manchas estavam na mesa da sala na manhã seguinte. Vovô abaixou seu jornal o bastante para assentir em direção a ele, e eu imaginei se ele seria tão *blasé* sobre isso se o cartão preso ao vaso dissesse "Vincent" em vez de "Violette".

Ouvi sobre sua experiência assustadora de ontem. Vamos tomar um café depois da sua aula? Beijos, Violette.

Eu peguei meu dicionário de flores da bolsa e encontrei a figura das que ela tinha me mandado: eram gerânios.

— Amizade verdadeira — Eu li, sorrindo quando Georgia caminhou atrás de mim.

— São lindas — Ela comentou, inclinando-se para sentir seu perfume.

— São de Violette — Eu disse, observando sua reação.

— Elas parecem ervas daninhas — Ela replicou, endireitando-se, e foi sentar ao lado de vovô à mesa do café da manhã.

— Você está bem? — Foi tudo o que vovô proferiu durante o café da manhã, mas ele disse isso com um olhar de preocupação enquanto olhava para Georgia, como se fosse dizer mais coisas se ela não estivesse lá. Se meu avô pensava que eu não diria tudo para Georgia, ele realmente não nos conhecia. Talvez nossas brigas ocasionais tivessem disfarçado o quão próximas nós somos de verdade.

Meia hora depois, nós saímos de casa para ver Ambrose esperando por nós na esquina, parado ao lado de uma 4X4 preta — Senhoritas — Ele disse com a voz de Barry White, e esticando as mãos em sua frente, estalou o pescoço grosso dos dois lados — Deste lado, por favor — Ele abriu a porta, e eu pulei para o assento de trás — E a adorável Georgia?

— Ver todos estes músculos deliciosos já de manhã é quase muito para eu aguentar — Ela ecoou, e deu a ele uma piscadela divertida enquanto se sentava no banco da frente. Eu balancei minha cabeça. Se "flertar" fosse qualificado como outra língua, minha irmã e Ambrose seriam PhDs nela.

— Então onde está todo mundo nesta manhã? — Eu perguntei para Ambrose quando ele colocava o carro em marcha e dirigia em direção ao rio.

— Vincent e Jean-Baptiste saíram para visitar os *revenants* que estão morando na casa de Geneviève. Você sabe... Para procurar em volta e ver se encontram quem

dedurou sobre a sua extravagância ao matar seu antigo líder. Como é ser a Inimiga Número Um dos *Numa*, Katie-Lou?

— Aterrorizante, na verdade — Eu confessei — Eu achei que você dirigir para mim para todos os lugares na última semana era algo completamente nútil até ontem.

— Isso significa que você está feliz em me ver pelo menos uma vez — Ambrose disse, seus dentes brilhando muito brancos em contraste com sua pele de chocolate.

— Eu sempre estou feliz em ver você, Ambrose — Eu disse, sabendo que se a mesma coisa viesse de Georgia, soaria tão sedutor quanto Mae West.

— E quando ao seu tentador amigo medieval? — Georgia disse.

— Eu suponho que você está se referindo a Arthur — Ambrose replicou com um riso abafado — Ele e Violette estão treinando com Gaspard esta manhã, antes de visitarem alguns dos outros membros da nossa espécie. Jules está volante, então eu vou deixar vocês na escola e caminhar com ele e Gaspard esta tarde antes de voltar para buscá-las. Fiquem dentro dos portões da escola, tudo bem? Nós não precisamos de uma ação de carro pelos *numa* enquanto vocês me esperam na rua.

Ambrose nos olhou enquanto entramos no território da escola, e depois que tínhamos passado da porta, ela foi embora. Georgia virou para mim — Bem? Sabemos onde Arthur estará. O que faremos com isso?

— Esta é a nossa chance — Eu disse — Nós sabemos onde ele está agora. Podemos espionar a casa e ver para onde ele irá quando sair.

— Você ouviu Ambrose. Arthur vai para algum lugar com a Porcaria Real.

— Bem, qual é o problema de os espionarmos por algumas horas? Além de matar aula, quero dizer. Esta é a nossa única chance de não sermos seguidos pelos revenants.

— Ou pelos numa, na realidade — Georgia concordou — Todos pensam que estamos na escola. Temos que ir agora. Não sabemos quanto tempo as aulas de luta de Gaspard vão durar — Ela olhou pelo corredor, e seus olhos pousaram em um cara de físico atlético que carregava uma pilha de livros — Ei, Paul! — Ela gritou — Lembra daquela vez que você me ofereceu sua scooter emprestada?

Capítulo 35

Minha irmã e eu nos espremememos no final da Rue de Grenelle, parecendo ridiculamente suspeitas enquanto nos escondíamos atrás da esquina, lançando olhares a cada poucos minutos para a rua em direção à mansão de Jean-Baptiste.

— Que horas são agora? — Eu perguntei, meus dentes batendo no frio de Fevereiro.

— Cinco minutos desde a última vez que você perguntou — Georgia resmungou — São onze horas e cinco minutos e nós estamos aqui há uma hora e trinta e cinco minutos. Quanto tempo duram suas sessões de treinamento com Gaspard?

— Uma hora — Eu disse — Mas eu tenho certeza de que Violette e Arthur podem fazer aulas mais longas que as minhas, e nós não temos ideia de quando eles começaram — Meu coração caiu cinco centímetros a medida que a nossa missão começava a parecer muito mais estúpida do que tinha parecido no corredor da nossa segura e quente escola.

— Espere! — Georgia sibilou em um suspiro dramático — O portão está abrindo. E aqui está... É o Arthur! Ele está usando um capacete de motociclista, mas eu sei que é ele. Ele está usando a mesma jaqueta de couro que usou no café ontem.

Eu me esforcei para olhar de trás dela, mas ela me empurrou para trás — Shhh — Ela insistiu, mesmo que estivéssemos a vários metros de distância e ele não pudesse nos ouvir. Ele está saindo e colocando a motocicleta para trás na calçada. Santa vaca! Parece que ele está se escondendo.

Os comentários de Georgia estavam começando a soar histéricos — O que você quer dizer com “escondendo”? Eu a empurrei para fora do caminho — Eu não vejo ninguém.

— Tudo bem. No final da rua. Logo atrás do último prédio. Ele está se escondendo ali.

— Ele nos viu?

— Não! Ele nem mesmo olhou para cá quando saiu da garagem.

— Então porque ele está...

— Espere! — Georgia me interrompeu. Eu coloquei a minha cabeça acima da dela, atrás da parede do prédio da esquina. Um táxi tinha virado por nós e se encaminhou para a frente do hôtel particulier. O portão se abriu de novo, e Violette saiu da casa, olhando para os dois lados antes de pular para dentro do carro. Nós voltamos para onde tínhamos estado, esperamos um segundo, e depois voltamos a olhar.

O táxi foi até o final da rua e virou à esquerda na avenida de mão única. Georgia e eu colocamos os capacetes em um segundo e nos sentamos na scooter emprestada, descendo a Rue de Grenelle, quando vimos a motocicleta de Arthur

sair para a estrada a uma distância segura atrás do táxi de Violette. Nós viramos à esquerda na avenida, alguns carros atrás de Arthur.

Os próximos vinte minutos foram gastos com manobras entre carros e caminhões, tentando ficar fora de vista mesmo que Arthur nunca olhasse em volta. Sua atenção estava fixa no táxi de Violette, e ele estava obviamente usando as mesmas táticas defensivas que nós estávamos para evitar que ela o visse. Nós fomos em direção ao norte por cima do rio, e passamos o Louvre e atravessamos a cidade até chegarmos numa colina íngreme chamada Montmartre e começamos a avançar em suas pequenas estradas.

— Eles estão indo em direção ao Sacré-Coeur — Eu gritei, olhando para a cúpula branca da basílica empoleirada no topo da colina. Um caminhão refrigerado de iogurte que tinha servido como camuflagem para nós pelos últimos quarteirões parou no meio da rua, e seu motorista desceu para fazer uma entrega. Nós espiamos Arthur meio quarteirão adiante, estacionando a motocicleta no início da escadaria da Rue Foyatier, o ponto de referência que a maior parte das pessoas reconhece pelos cartões postais em preto e branco de Paris. Seus múltiplos lances de degraus íngremes são revestidos com antiquados postes de metal pretos, e isso é tão parecido com a Velha Paris que você meio que espera que todo o mundo que está nela de repente comece uma improvisada rotina de can-can de Moulin Rouge.

— Rápido — Eu gritei. Georgia estacionou atrás da motocicleta de Arthur e trancou a scooter em um poste. Havia tantas pessoas ao redor que, mesmo que ele virasse, ele provavelmente não nos notaria bufando pelos degraus alguns lances abaixo dele. Assim que chegou ao topo, ele virou à direita e começou a correr em direção ao outro lado da igreja. O sol estava bem no centro do céu, e as pedras brancas da igreja estavam ofuscantes à luz do meio-dia, tornando difícil seguir a forma de Arthur enquanto desviávamos dos turistas e peregrinos que faziam fila para entrar na basílica.

Ele desapareceu por entre a multidão de pessoas em volta do da igreja. Tentando encontrá-lo no meio das pessoas, eu estendi a mão para tocar Georgia e, em vez disso, agarrei um braço extremamente peludo. Um homem alto com um boné de baseball “Heck Yeah Cowboys” olhou para baixo para mim com um sorriso divertido — Bem, olá! — Ele disse com um sotaque texano.

— Desculpe-me — Eu disse e procurei em volta por Georgia. Eu a vi dez metros a minha frente, sendo levada por uma multidão liderada por um guia turístico que agitava uma bandeira italiana. Ela tinha apenas começado a perceber que eu tinha me perdido, e virou para olhar para mim quando o grupo de turistas fez com que eu a perdesse de novo.

Saindo de perto do grupo de americanos, eu segui o caminho de Arthur, virando a mesma esquina na qual ele tinha desaparecido.

Eu fui empurrada para a escuridão quando passei do lado da basílica para um pátio de pedra abandonada ao lado do edifício. Demorou alguns segundos para que meus olhos se ajustassem da luz do dia brilhante para este pátio onde a luz do sol não chegava, e que estava vazio de turistas e silencioso como uma cripta.

O pátio era grande — do tamanho e forma de uma pista de patinação. Sua borda externa rodeada de um precipício tinha sido ladeada por grades de proteção de ferro para proteger os visitantes do monumento de uma queda perigosa. Desajeitadas estátuas de santos e anjos circulavam o pátio, projetando sombras estranhas à meia-luz e criando uma atmosfera distintamente arrepiante. Georgia não estava em lugar algum aonde eu pudesse vê-la.

Eu pestanejei, procurando por Arthur, e o vi próximo de mim, escondendo-se atrás de uma estátua. Ele estava olhando para algumas pessoas que estavam meio-escondidas das escuras sombras dos prédios. Bem em frente a mim, havia uma imensa estátua de um arcanjo vingador, agachado e com a espada estendida como se lutasse com seu inimigo invisível. Eu tomei o exemplo de Arthur e me escondi atrás dela, olhando de baixo do braço que segurava a espada para as figuras do outro lado do pátio.

Uma garota estava conversando autoritariamente com dois grandes homens de aparência ameaçadora. Com um arrepio, eu os reconheci como os *numa* que entraram na galeria de vovô.

Enquanto a garota gesticulava, sua cabeça virou um pouco. Minha mão voou para minha boca para suprimir um arquejo — Não — Eu sussurrei. O que Violette estava fazendo? Ela não parecia estar amedrontada por causa dos *numa*. Eles pareciam estar considerando cada palavra dela.

Eu olhei para Arthur. Ele estava olhando para a mesma cena que eu estava, ainda que estivesse escondido. Eu não entendi.

E depois — de repente — eu entendi.

Quando uma onda de compreensão caiu sobre mim, eu me senti imediata e violentamente mal. Eu apertei meu estômago e rezei para não vomitar ali mesmo.

Então um terceiro homem caminhou para frente das sombras atrás da igreja. Era o homem que eu tinha visto conversando com Arthur no *La Palette*. E agora que eu estava vendo o que ele estava usando — um comprido casaco de pele que parecia ter sido desenhado para um Lorde da Renascença — eu sabia onde eu o tinha visto antes. Ele era o homem entre as tumbas do cemitério de *Père Lachaise* no dia do funeral de Philippe. Eu tinha estado certa em ter medo dele. Porque agora, sem dúvida, eu poderia dizer que aquela coisa da perda do colorido estava acontecendo à sua volta, o que só podia significar uma coisa. Ele, também, era um *numa*.

Ele se abaixou de joelhos em frente à pequena *revenant* e, curvando a cabeça, levantou a mão para os lábios. E assim que Violette o tocou suavemente na cabeça, pedindo para que ele se levantasse, eu vi alguém correndo rapidamente atrás de mim para o meio do pátio. Ofuscada pela mudança brusca de luminosidade, ela chamou — Kate?

Eu queria alcançá-la e puxá-la para a segurança. Eu queria de alguma forma avisá-la para correr. Mas era tarde demais. Porque naquele momento Violette virou e viu minha irmã.

Capítulo 36

Violette investiu na direção de Georgia, parecendo propelida somente pela fúria.

Momentaneamente congelada no lugar, meu cérebro lutou contra o que os meus olhos diziam que era verdade. Não era pra Violette estar se encontrando com o *numa*: Arthur era o traidor.

As peças do quebra-cabeça começaram a se juntar em minha mente. A fascinação de Violette com *Amor Imortal* e sua frustração quando não pôde colocar as mãos nele. Logo depois, as residências dos *revenants* começaram a ser saqueadas pelos *numa* procurando por... Não por documentos, mas por um livro.

Outra peça do quebra-cabeça caiu no lugar: o dia seguinte ao que eu devolvi o livro de Gaspard em sua biblioteca, a cópia de vovô — que tinha que ser lida junto com a outra para encontrar a *guérisseur* — tinha sido roubada. Alguém tinha juntado as pistas e enviado os *numa* para Gwenhaël. E quando não puderam encontrá-la, eles tinham vindo atrás de mim com perguntas sobre o Campeão. Agora estava claro que Violette tinha estado por trás disso tudo.

Por que ela estava interessada no Campeão? Ela tinha agido como se toda a história fosse um estúpido e velho conto de fadas. Por que ela se importava?

A menos que ela acreditasse nisso. Era ela quem tinha se oferecido para vir a Paris para ajuda Jean-Baptiste. Para viver na mesma casa de Vincent. Eu pensei em suas incessantes perguntas sobre nós como um casal e a forma como podíamos nos comunicar. Sobre Vincent e seus talentos superiores. Sobre sua força minguante. E de repente tudo fez sentido. Por alguma razão, tudo o que Violette sempre quis foi o Campeão.

Foi com o coração em minha garganta que eu saí de trás da estátua e corri na direção delas. Com os cantos dos meus olhos eu vi Arthur deixar seu esconderijo e correr em minha direção. Eu aumentei a velocidade, ainda incerta sobre qual lado ele estava.

Mas antes que eu pudesse alcançar minha irmã, Violette a tinha empurrado para trás e a pressionava contra a grade de segurança — O que você está fazendo aqui? — Ela gritou, quando Georgia olhou com medo para o precipício e depois se endireitou.

— A pergunta deveria ser o que você está fazendo aqui, Pequena Miss Mata Hari? — A veemência de Georgia fez com que ela parecesse confiante, mas eu podia dizer que ela estava apavorada. Violette a atacou de novo, mas minha irmã agarrou a grade de segurança atrás dela com ambas as mãos e conseguiu dar um duro golpe no quadril de Violette.

Enquanto Violette cambaleava alguns passos para trás pelo choque, eu corri para ficar ao lado de Georgia, posicionando-me defensivamente com os punhos erguidos.

— Eu acho que isso significa que nosso encontro no café está cancelado — Eu disse. A traição corroia no fundo de meu estômago e minha voz se tornou gélida. Ela apenas deu de ombros, demonstrando com um gesto que eu não era nada pra ele. Eu queria tanto apressá-la, empurrá-la, exigir uma explicação. Mas eu a tinha visto lutar antes e eu sabia que mesmo sem uma arma, Violette era letal.

Houve um movimento atrás dela quando os dois numa saíram das sombras em nossa direção. No mesmo segundo eu vi Arthur, que tinha se pendurado para trás, saltar em direção a eles.

— Estas humanas são minhas! — A pequena *revenant* gritou sem nem mesmo olhar por sobre o ombro. Os três homens pararam em um impasse a poucos metros dela. Mantendo uma distância cuidadosa dos numa, Arthur gritou — Violette, deixe as garotas irem embora.

Ela falou, nunca tirando seus olhos de Georgia e de mim — Você gostaria disso, não é, Arthur? O que aconteceu com o meu companheiro, que concordava que os humanos nem mereciam o sangue que nós derramamos por eles?

— Esta era a sua opinião, Vi. Nunca foi a minha.

— Eu conheço você, Arthur. Eu conheço você há meio milênio. Somos praticamente a mesma pessoa. Por que não veio comigo quando eu pedi? Temos um novo caminho para seguir agora.

— Eu nunca pensei que fosse esse caminho, Vi. E eu agi como seu escravo por tempo demais. Eu disse o que você pediu para deixar Kate fora das reuniões da casa. E eu desviei os olhos quando soube que você estava em contato com nossos inimigos. Droga, eu até mesmo levei uma mensagem sua para aquele... Aquele Nicolas — Ele disse, apontando para trás com nojo para onde o cara do casaco de pele estava parado imóvel nas sombras — Você sempre os usou para ter informações, mas eu nunca pensei que você trabalharia com eles. Ou se curvaria ao novo líder americano dos *numa*, pelo amor de Deus!

— Não há nenhum americano, Arthur — Violette disse, com uma curta risada enquanto eu engasgava — Eu o criei e dizia ser seu emissário. Eu fiz o papel de uma *bardia* influente no bolso de um *numa* no caso de eles se recusarem a me obedecer. Mas eles têm seguido as minhas ordens por quase um ano. Se Lucien não tivesse falhado quando eu lhe pedi para trazer a cabeça de Vincent, você e eu não teríamos que suportar toda esta charada com Jean-Baptiste. Os *numa* aceitam as minhas ordens agora, e os *revenants* perderão os poderes em breve.

— O que você quer dizer quando afirma que eles te obedecem? — Arthur perguntou, incrédulo — Quatro numa nos atacaram na viela. Você matou um deles. E você ficou lá parada, vendo Vincent destruir mais de um.

— Vamos apenas dizer que eu tinha alguns encrenqueiros que não aceitavam minha autoridade, dos quais eu estava mais do que feliz de me despojar. Foi muito

efetivo para que eu pudesse medir a força de Vincent. Eu amo estratégia, como você bem sabe, querido Arthur.

— Mas agora que tudo foi colocado em ordem, você pode assumir o lugar junto a mim, como meu conselheiro. Dê-me sua fidelidade e eu perdoarei sua relutância.

— Nunca — A proclamação de Arthur fez com que ele soasse como o guerreiro medieval que ele tinha sido um dia. Ou como o seu homônimo, o rei dos guerreiros.

Violette deu um rugido enfurecido e — virando-se tão rapidamente que eu mal pude ver seus movimentos — deu um chute de karatê ao lado da cabeça de Georgia, despejando sua fúria em minha irmã.

Eu me joguei em Violette, desejando ter alguma coisa além do meu corpo para lutar com ela. Uma espada. Um bordão. Qualquer arma na qual eu fosse treinada, já que eu nunca tinha lutado mão a mão.

Eu fiz o meu melhor para lembrar das aulas de Gaspard enquanto eu abaixava e balançava para evitar o ataque das artes marciais de Violette. Mesmo que eu não tenha conseguido bater nela, minhas ações a distraíram de minha irmã, que estava xingando em voz alta enquanto se colocava em pé com as mãos e os joelhos — Corra, Georgia! — Eu gritei — Saia daqui!

— E deixar você lutando sozinha? — Georgia disse indignada. Pela minha visão periférica, eu a vi se empurrar em uma posição inclinada e saltar em direção a nós.

Eu escutei os *numa* lutando com Arthur e sabia que ele também estava ocupado para ajudar. Esta era nossa luta, e como Georgia e eu éramos inexperientes, eu apostava no dois contra um para nos dar vantagem.

Minhas esperanças foram rapidamente frustradas quando o punho de Violette se conectou com meu ombro. Eu escutei alguma coisa quebrar e senti uma dor lancinante enquanto cambaleava para trás. Ela usou o momento para chutar Georgia nas costelas. Minha irmã deu marcha ré até a grade de proteção, suas mãos pressionadas na lateral de seu corpo e sua face contorcida de dor.

— Eu vi o jeito como você olha para Arthur. Acha que poderia roubar meu parceiro? — Violette perguntou para Georgia em uma voz fria.

— Pelo que eu sei, ele não é seu para você perder — Georgia disse, um sorriso amargo curvando as laterais de sua boca.

— Como você poderia saber disso, sua mortal estúpida? — Violette disse, e girou para olhar na direção de Arthur.

Eu usei o meu braço bom para acertar um soco em sua cabeça. Minhas juntas foram trituradas contra sua mandíbula. Ela gritou de raiva e cambaleou um pouco para trás, mas não parecia ter sido realmente afetada. Violette era mais forte — e mais difícil — do que eu poderia ter imaginado.

Atrás dela, Arthur estava batalhando com dois *numa*, com Nicolas parado pacientemente, assistindo do outro lado do pátio. Jean-Baptiste tinha dito que ele era o segundo de Lucien. Mesmo que ele tivesse oferecido sua fidelidade a Violette, o *numa* com aparência nobre parecia feliz o bastante para não sujar suas mãos defendendo-a.

Pela primeira vez, nenhum dos lados tinha pensado em trazer armas — os numa planejando um encontro tranquilo com Violette, e Arthur acreditando nela de verdade.

Violette gritou — Alain! Siga-me e traga a menina — Antes que eu pudesse me defender, o menor dos dois numa tinham parado a luta com Arthur e estavam atrás de mim, agarrando meus braços em um aperto forte. Meu ombro machucado queimou com a dor. Eu chutei e lutei, mas meu captor era tão forte que isso não fez diferença.

Não tinha como minha irmã aguentar Violette sozinha. E ninguém poderia nos resgatar, já que ninguém sabia onde estávamos. Violette executou outro chute na cabeça de Georgia, e eu vi minha irmã cair bruscamente no chão. O desespero me apertou com tanta força quanto o meu captor. Eu não viveria para ver Vincent de novo. Eu bati mais uma vez para escapar do aperto de meu captor.

— Solte-a — Veio uma voz do outro lado do pátio. Eu girei para ver Vincent, sua face escura contorcida em fúria, vindo pelo canto da igreja. Sem parar, ele passou pela estátua gigante do arcanjo e, pegando a espada de mármore com ambas as mãos, ele a quebrou abaixo do punho. Balançando-a na cabeça do atacante de Arthur, ele o bateu com um violento golpe, e a arma de pedra se quebrou com o contato.

Com sua surpresa, meu captor me soltou. Caí como um gato, de quatro, e em seguida fiquei em pé — Kate! — Vincent chamou, e puxando uma espada de seu casaco, ele a jogou para mim, com o punho para frente. O tempo parou enquanto eu observava a lâmina prateada flutuar pelo ar e eu senti a o cabo de couro em minha mão quando meus dedos se fecharam com força em volta dele. Então, tudo voltou ao tempo normal enquanto eu a balançava para cima com todas as minhas forças, atingindo o *numa* no queixo. A lâmina cortou limpa através de seu pescoço e seu corpo sem cabeça caiu no chão.

Eu fiquei parada lá e olhei a cabeça cambaleando entre as pedras, deixando uma trilha de sangue atrás dela. Por uma fração de segundo eu me senti mal, e então eu me forcei a parar. Agora não é o momento.

Eu avancei, a espada segura na frente do meu rosto, pronta. Meu ombro doía tanto agora que eu tive que travar os dentes para manter minha posição. Diante de mim, do outro lado do pátio, eu vi Nicolas correndo de volta para as sombras de trás da igreja e Arthur saltando por uma escadaria escura atrás dele.

À minha esquerda, Vincent estava caminhando em direção à Violette, que estava agachada ao lado de uma Georgia inconsciente. Mesmo que ela fosse facilmente quinze centímetros mais baixa que minha irmã, Violette pegou o corpo mole de Georgia em seus braços tão facilmente como uma mão carrega seu filho para colocá-lo na cama e começou a caminhar em direção à grade de proteção.

— Não! — Eu gritei, derrubando minha espada. Eu comecei a correr em direção a ela, e parei abruptamente. O menos movimento e a revenant poderia jogar Georgia sobre a grande de proteção para que ela morresse. Na verdade, por

que ela ainda não a tinha jogado? O pensamento brilhou em minha mente, enquanto eu a vi hesitar.

— Violette, o que você está fazendo? — Exclamou Vincent. Ele soava genuinamente confuso. Eu percebi que ele ainda não tinha entendido o que estava acontecendo. Ele não tinha suspeitado dela. Nenhum de nós tinha. Exceto Gerogia, é claro, que estava agora sendo segurada no ar perto de um precipício. Violette parou como uma estátua, olhando para baixo para a queda vertiginosa.

Atrás de nós, o *numa* que Vincent tinha golpeado começou a se mexer. Sangrando profusamente dos lados de sua cabeça, ele levantou e caminhou perigosamente em nossa direção.

— Violette, faça seu *numa* parar! — Eu gritei.

Inexplicavelmente, ela me obedeceu, chamando — Paul, pare — O grande homem congelou no lugar. Eu dei um passo cuidadoso em direção a ela.

— Você nunca matou um humano, não é? — Eu perguntei, imaginando se era esta a razão para a hesitação.

— Não — Respondeu Violette, ainda olhando para o precipício. Ela soltou o corpo de Georgia para baixo, colocando-a na grade de proteção e deixando que a estrutura de metal suportasse o peso. Tudo o que ela tinha que fazer era soltar e Georgia cairia. Não a solte, eu rezei. O corpo de minha irmã já parecia sem vida. Eu pisquei as lágrimas que tinham se formado nos cantos de meus olhos.

— Então por que agora? — Eu perguntei.

— Você sabe a fórmula, não sabe, Vincent? Se um *revenant* mata um humano...

— Ele se torna um *numa* — Ele finalizou suavemente.

Minha mente estava lenta pelo pânico, mas eu a obriguei a funcionar. Violette odiava Georgia. E parecia claro que ela odiava os humanos. Com o que ela se importava? A resposta era óbvia: consigo mesma — Você não quer ser um deles, Violette. Não importa o quão inútil os humanos sejam para que vocês o salvem, a vingança contra um humano não vale à pena, para se transformar num monstro.

Violette engoliu em seco e, em seguida, sua voz voltou tão suave como gelo derretido — A vingança não tem nada a ver com isso. Eu nunca quis ser o que eu sou. Eu tive o meu futuro imortal decidido por mim numa idade quando eu não tinha nem vivido. Eu estou tão cansada de viver à mercê dos humanos para poder me manter viva... Meu único desejo é possuir a força sobre o meu próprio destino. E uma vez que meu *numa* e eu tivermos conquistado os *revenants*, Paris será minha e eu terei o poder que quiser. Meu próprio reino para que eu possa fazer com ele o que eu bem entender.

— Você ainda será dependente dos humanos para sobreviver como *numa*, Violette — Disse Vincent — Não importa o que você faça, você está presa num ciclo sem fim. Você está apenas trocando os resgates por traição.

— No momento, a última coisa soa mais suportável — Violette disse.

— E qual é o esquema para nos dominar? Como você planeja fazer isso? — Vincent perguntou incredulamente.

— Com o poder do Campeão — Ela disse, seus olhos se estreitando enquanto ela olhava sem vacilar para Vincent — É claro que se você aceitasse ficar ao meu lado, eu não teria que recorrer à tomada do controle. Eu poderia dividir a sua força sobre todos os *revenants* se você assumisse seu lugar como o líder deles. Mas quando você deixou claro que não viria até mim por escolha, eu decidi que conquistá-los com a ajuda dos *numa* poderia não ser uma má alternativa.

— É por isso que você me pediu para ficar com você trinta e cinto anos atrás? — Vincent disse, olhando incredulamente para a garota — Porque você achou que eu era o Campeão?

— Bem, não foi por causa dos seus olhos azuis — Ela disse perversamente.

— Você não sabe se ele é o Campeão, Violette — Eu a desafiei, meus olhos grudados em minha irmã. *Não a solte* — Aquela *guérisseur* que você tentou encontrar nem mesmo é a Vidente do Vencedor.

— Não, mas ela tinha todas as informações que eu precisava — O sorriso de Violette cortou como uma faca.

— O quê? — Eu engasguei — Mas... Ela escapou de você. O filho dela me disse.

— Ah, mas ela voltou para casa — Afirmou Violette — Era o que os meus homens estavam me informando quando sua irmã interrompeu nossa reunião.

Meus olhos se arregalaram com o choque — Gwenhaël. O que vocês fizeram a ela?

— Eu, pessoalmente, não fiz nada. Mas os meus *numa*... Bem, parece que eles tiveram que ir um pouco longe para que ela falasse, e depois aconteceu um pequeno acidente.

— Você a matou! — Eu sufoquei, o ar deixando meus pulmões como um balão golpeado por um espinho de metal.

— Como eu disse, não fui eu. Meus homens apenas passaram do limite. E, mesmo que eu não tenha planejado que as coisas acontecessem desta forma, por causa do que ela nos disse eu estou até mais feliz em ver você aqui, Vincent.

— O que ela disse a você? — Vincent perguntou, seus olhos se estreitaram em fendas.

— Que você é o Campeão.

— Ela não pode saber disso. Ela nunca colocou os olhos em mim.

Violette deu de ombros como se não fosse importante — A informação que ela nos deu pode comprovar isso — Ela deslocou o equilíbrio do corpo de Georgia na grade de proteção para aliviar o peso. *Não a solte*. Meu corpo zumbia com alarme cada vez que Violette respirava.

— Depois da visita de Kate, a *guérisseur* fez uma pesquisa. Como eu suspeitei, o timing é certo. O lugar é certo — Ela sorriu para mim — Eu sei, Kate, que eu te disse o contrário. Mas você é tão ingênua... Era tão tentador...

— E... — Vincent a incitou a continuar.

— E quando ela disse aos meus homens esta manhã que o Campeão era o *revenant* que matou o último líder *numa* — que seria você matando Lucien, meu

querido Vincent — bem, aquilo encerrou a questão para mim. Parabéns. Você é o escolhido.

Vincent levantou a mão para seu coração — Isso não faz sentido — As contusões escuras abaixo de seus olhos se destacavam em sua pela anormalmente pálida, e ele tropeçou um pouco quando deu um passo para trás. Ele estaria dormente em alguns dias e estava ainda pior por estar no final de seu experimento esgotante do mês.

— Olhe para você — Violette afirmou, enrugando o nariz — Mesmo com a sua incrível exibição com a espada de mármore lá atrás, parece que você se cansou um pouco, você deveria na realidade estar morto. Somente alguém com a força do Campeão poderia seguir o Caminho da Escuridão por mais do que algumas semanas. Absorver toda esta energia dos *numa* deveria tê-lo matado. Você tem duas forças batalhando dentro de você: bem e mal travando uma guerra dentro de seu corpo reanimado.

— Gaspard foi estúpido ao acreditar em mim quando eu disse que isso iria fazê-lo mais forte. Agora você está fraco o suficiente para que eu possa pegar seu poder para mim. Você conhece a profecia. Se eu destruir o campeão, sua força será minha.

— Você é louca — Eu sussurrei.

Vincent colocou um pouco de pressão em meu braço e me empurrou para trás lentamente, atrás dele — Se alguém conhece a profecia, é você, Violette. Mas até mesmo eu sei que se o Campeão se oferecer ao seu captor por própria vontade, todos os seus poderes serão transferidos. Eu me troco pela vida da garota, Violette.

Violette hesitou, seu aperto em Georgia diminuindo.

Ela deixou que ele desse um passo em direção a ela, permitindo que ele ficasse à distância de um braço — Está escrito que se o Campeão oferecer a si mesmo para a morte por própria vontade, seu poder não será diluído pelo assassinato — Ela disse, a ganância queimando em seus olhos — Você estaria disposto a enfrentar a morte por estar humanas?

— Sim — Disse Vincent sem hesitar.

— Não, Vincent! — Eu chorei — O que você está dizendo?

Vincent não olharia para mim — Você está certa, Violette. Eu estou forte o suficiente para você e o seu homem me peguem. E eu vou com você. Apenas coloque a garota no chão e nós teremos um acordo.

Violette olhou para ele, pesando o que ele estava oferecendo.

E antes que eu soubesse o que estava acontecendo, uma figura correu à esquerda de Violette. Arthur tomou vantagem do foco de Violette em Vincent para arrancar o corpo de minha irmã de sua mão e puxá-lo para fora em segurança.

— Sinto muito, Vi. Sem acordo agora — Vincent disse suavemente, como se consolasse uma pequena criança.

Ela gritou e se jogou em Vincent, usando suas unhas para arranhar longas e vermelhas linhas nos dois lados de sua face.

E foi porque eu estava olhando para o sangue rubro fluindo da bochecha de Vincent que eu não vi o numa vindo.

Quando o homem gigante se atirou sobre mim, Vincent se soltou de Violette e se jogou para frente, pegando o numa em um abraço forte quando os dois bateram fortemente na grade de proteção. Eu gritei quando a força do impacto dobrou o trilho para trás, e presos nos braços um do outro, eles derrubaram a barreira e se inclinaram, saindo de vista.

Meu coração caiu com eles. Parecia que meu peito inteiro tinha explodido, pulmões e todo o resto. Eu não podia respirar enquanto corria para a grade de proteção e olhei por cima, desesperada por um milagre. Desesperada por alguma coisa de filme — um ramo que Vincent pudesse agarrar. Uma borda localizada convenientemente poucos metros abaixo da borda do precipício.

Mas isto não era um filme. Isto era a vida real. E quando eu cheguei à borda, seus corpos já tinha atingido o chão, e nenhum deles estava se mexendo — Não! — Eu guinchei, quando um homem em um casaco de pele correu para a área abaixo, alguns outros os seguindo de perto. Virando, eu vi que Violette tinha ido embora.

— Arthur, fique aqui com Georgia! — Eu gritei. Eu cheguei lá embaixo em tempo de ver o *numa* saltar para a traseira de uma van e deslizar as portas atrás dele. E então a van partiu. Entrando em pânico, eu dobrei para trás em direção ao fundo do precipício, mas parei no meio do caminho. Não havia nada para ver. Os corpos tinham sido levados.

Capítulo 37

Vincent estava morto e seu corpo tinha sido levado por um numa. Saber o que aquilo significava me encheu com um horror paralisante. Normalmente, ele iria simplesmente se reanimar em três dias. Mas os numa nunca deixariam que isso acontecesse.

Se eles destruíssem o seu corpo imediatamente, ele morreria. Para sempre. Ainda assim, Violette poderia fazer alguma coisa pior. Ela poderia esperar um dia e destruí-lo enquanto ele fosse volante. A eternidade como um espírito errante, incapaz de tomar a forma física novamente — isso parecia como um destino ainda pior para mim. Eu tinha que fazer alguma coisa antes que os numa e sua nova líder tivessem uma chance de agir.

Liguei para Ambrose.

— Katie-Lou? Você ainda está em Montmartre? Vin chegou aí? — Ele perguntou antes que eu pudesse falar.

— Como você sabia... — Eu comecei.

— Jules estava volante na casa quando vocês decidiram seguir Arthur, então ele seguiu vocês. Quando viu para onde vocês estavam indo, ele contou para Vincent e depois voltou para me pegar. Vocês estão bem? Coloque Vin no telefone.

— Ambrose, Vincent se foi. Violette e um *numa* o mataram e pegaram seu corpo. Eles o pegaram, Ambrose! — Minha voz estava começando a soar histérica. Era tudo o que eu conseguia fazer para que as palavras saíssem.

— O quê? Violette? — Ele gritou — Para onde eles foram?

— Eles saíram da base da escadaria de Sacré-Coeur com uma van branca. Como uma van de entrega.

— Há quanto tempo?

— Faz dois minutos.

— Arthur ainda está aí?

— Sim. Ele está com Georgia. Ela está ferida.

Demorou três segundos para que ele bolasse um plano — Tudo bem. Arthur saberá se Georgia precisa de hospital ou não. Se ela não precisar, vocês três voltem para a casa de Jean-Baptiste. Eu vou ligar para ele agora. Ele enviará o alerta para todos os *revenants* de Paris. Apenas espere lá, Katie-Lou.

— Obrigada, Ambrose — Minha voz se partiu quando eu desliguei. Mas eu não podia chorar agora. Se eu fizesse isso, não seria capaz de parar. E eu precisava ser forte.

Olhando de volta para a escadaria, eu vi Arthur descendo com uma completamente consciente Georgia, que se apoiava pesadamente contra ele. O lenço que ela segurava em sua boca estava encharcado com seu sangue. Eu corri até as escadas em direção a eles.

— Eu olhei para baixo e não pude ver seu corpo — Arthur disse assim que eu cheguei.

— Violette o levou. Eu liguei para Ambrose, e Jean-Baptiste está mandando um esquadrão de busca — Minha voz era monótona enquanto eu tentava controlar minhas emoções. Apenas mais alguns minutos e eu poderia deixá-las vir, eu disse a mim mesma, e colocou o braço livre de Georgia em volta do meu pescoço.

— Pegou quem, Katie-Bean? — Georgia se arrastou enquanto colocou um pouco de seu peso sobre mim. Ela tinha estado caída e inconsciente antes que Vincent chegasse e não tinha visto nada do que aconteceu. Eu não queria explicar. Não ainda.

— Georgia poderia se mexer? — Eu perguntei para Arthur.

— Ela está machucava, mas eu não acho que algum osso esteja quebrado. Alguns turistas deram uma boa olhada nela. Eu acho que é melhor se nós formos embora antes que alguém chame a polícia.

Nós caminhamos até o final da escadaria e chegamos à rua, onde nós deslizamos para um táxi que tinha acabado de deixar um grupo de freiras com hábito preto. Eu olhei para a basílica. Dois policiais estavam parados no topo das escadas, olhando para nós enquanto as pessoas apontavam a nossa direção. Eu fechei meus olhos em alívio quando o táxi partiu. A última coisa que precisávamos era que nos parassem para fazer perguntas.

Vincent se foi. O pensamento corria pela minha mente e deixava meu corpo entorpecido. *Não. Não pense sobre isso. Mantenha-se bem, ou você não será de ajuda nenhuma.*

Eu apertei a mão de Georgia enquanto ela inclinava a cabeça em meu ombro — Você está bem? — Eu perguntei.

— Muito dolorida — Ela disse — O interior da minha boca está sangrando onde aquela vadia do inferno chutou e me fez perder um dente.

Eu olhei para Arthur — Ambrose disse que se ela não precisasse de um hospital, deveríamos levá-la para a casa de Jean-Baptiste.

— É para lá que nós vamos — Ele confirmou.

— Hum... Eu não acho que isso será possível! Eu estou banida de entrar — Georgia exclamou.

— Eu não estou te oferecendo opções — Arthur disse firmemente — Eu chamarei um médico para nos encontrar lá. É melhor te dar cuidados médicos privados do que te levar para um hospital. E nós podemos colocar um pouco de gelo em seu rosto em vez de esperar numa sala de emergência lotada.

Ele esticou o braço e colocou a mão no braço dela. Georgia relaxou imediatamente, descansando a cabeça contra o assento do banco — Não ache que eu não sei o que você está fazendo, Sr. Superpoderes de Tranquilização.

Os cantos da boca de Arthur se curvaram. Era a primeira vez que eu via um sorriso em seu rosto desde que Georgia o tinha chamado de geriátrico no café — Quer que eu pare? — Ele perguntou.

— Droga, não! — Ela replicou — Isso é ótimo. Eu só não queria que você pensasse que está me enganando.

Seus olhos passaram do rosto de minha irmã para o meu, e o sorriso deixou seus lábios.

— Eu achei que fosse você — Eu disse, entorpecidamente.

— Eu não a culpo — Ele replicou.

Nós olhamos um para o outro, sem falar, até que eu me encostei de novo no banco, testando o meu ombro dolorido e fechando os olhos quando o horror da última meia hora se assentava em mim.

— O que há de errado? — Georgia perguntou;

Eu exalei profundamente — Oh, Gigi — Eu disse, usando o nome que eu usava quando éramos crianças pequenas — Enquanto você estava desmaiada, Vincent veio. Ele e Arthur salvaram você, mas os *numa*... Eles o mataram. E então levaram o corpo dele embora.

Eu era capaz de me controlar por exatamente mais um segundo antes de explodir em choro.

— Oh, Katie-Bean — Ela se empurrou para longe de Arthur e passou os braços ao redor de mim — Oh, minha pobre Kate — Ela disse, sua voz falhando enquanto duas próprias lágrimas começavam a cair.

E enquanto o táxi flutuava pelas silenciosas ruas de Paris, minha irmã e eu nos sentamos nos braços uma da outra, lamentando.

O médico estava esperando por nós quando chegamos na casa de Jean-Baptiste. Arthur ajudou Georgia a chegar até a sala de estar e depois fechou a porta atrás dela. O homem perguntou muitas coisas para Georgia sobre o que tinha acontecido, quanto tempo ela tinha ficado inconsciente, depois fez com que uma luz brilhasse em seus olhos e, finalmente, declarou que ela estava saudável. Ele sugeriu que ela visse um dentista por causa do dente perdido, e depois receitou compressas frias para a mandíbula e entregou uma caixa de analgésicos.

Meu ombro dolorido acabou sendo uma clavícula partida. O médico enfaixou meu peito e meus ombros com uma faixa elástica e me disse para colocar bolsas de gelo para reduzir o inchaço — Vocês duas devem descansar — Ele nos disse.

Sim, claro, eu pensei. Assim que eu deixasse Georgia em casa, eu sairia para procurar por Vincent.

Quando eu levei o médico para a porta da frente, Arthur reapareceu com um envelope. Ele o entregou ao homem, apertou suas mãos e o levou para o portão.

Virando para mim, ele parecia estar fazendo um grande esforço enquanto sua face começava a perder a frieza aristocrática. Esta mínima transformação de repente o fez parecer como uma pessoa real pela primeira vez, em vez da estátua de um museu de cera.

— Kate — Ele disse — Eu sinto muito pelo que aconteceu. Eu deveria ter feito mais para parar isso. Mas Violette... Ela já passou por estas fases estranhas, e eu

pensei que seria capaz de trazê-la de volta. Eu não tinha ideia do que ela estava planejando.

— Se você sabia que ela estava se comunicando com os *numa*, por que não disse nada sobre isso? Você colocou a todos em perigo ficando em silêncio — Eu disse, sentindo uma fúria fervente na boca do meu estômago. Se ele tivesse feito alguma coisa antes, nada disso teria acontecido.

— Todos sabiam que Violette tinha relações distantes com os *numa*. E todos dependiam disso para coletar as informações que precisavam. Mas ninguém, incluindo eu, sabia exatamente o que ela estava fazendo.

— Quando ela começou a se comunicar com Nicolas, eu achei que ela o estava usando para se aproximar dos *numa* de Paris. Para que ela pudesse enganá-los. Flertar com eles de alguma forma antes que nós pudéssemos destruí-los. Mas quando Vincent me disse que os *numa* sabiam como Lucien tinha sido morto, eu comecei a suspeitar que ela tinha, inconscientemente, passado a informação. Eu nunca pensei que ela estava trabalhando em conjunto com eles.

Eu olhei para ele. Ele e Violette tinham ficado juntos por séculos. Como ele poderia não saber o que ela estava fazendo? Mas suas ações em Montmartre, assim com o olhar torturado em sua face enquanto olhava para mim, me convenceram de que ele estava dizendo a verdade.

Eu olhei para cima para ver Jean-Baptiste fazendo seu caminho para baixo das escadarias duplas. Sua postura geralmente tão rígida quanto a de um general estava distorcida enquanto ele caminhou lentamente pelo hall até chegar a mim. Eu sabia que Vincent era o seu favorito. O seu segundo. Que ele o tratava como se fosse seu filho. Ele parou diante de mim, e depois, em um gesto tão atípico dele que eu fiz o meu melhor para não estremecer quando meu ombro tocou o dele, solenemente me pegou em seus braços.

— Sinto muito — Foi tudo o que ele disse.

Aquelas duas palavras colocaram o medo em mim. Este era Jean-Baptiste. E ele não estava fazendo um longo discurso sobre como conseguiríamos recuperar o corpo de Vincent. Não havia encorajamento sobre quais opções poderiam ser consideradas. Nada além daquelas duas palavras, que poderiam ser resumidas como “Não há esperança”. Porque aquilo era essencialmente o que ele estava dizendo.

Capítulo 38

Eu ajudei Georgia a chegar em casa, agradecendo à minha estrela por vovô estar no trabalho e vovó não estar em qualquer lugar à vista. Eu a coloquei na cama, onde a medicação para dor que ela tinha tomado há meia hora começou a fazer efeito. Ela começou a dormir antes que eu deixasse o quarto. Enquanto eu fechava a porta, ela me chamou com uma voz sonolenta — Você o pegará de volta, Katie-Bean. Eu apenas sei disso.

Quando eu cheguei a La Maison, as tropas tinham sido despachadas. Jean-Baptiste me informou que Ambrose tinha levado um grupo de busca para as cavernas artificiais que eram localizadas abaixo de Montmartre. Não apenas Violette tinha encontrado o *numa* na Sacré-Coeur, mas muitos *revenants* de Paris tinham reportado que viram os *numa* naquela área, então parecia uma escolha lógica.

Jules, volante, tinha acompanhado um grupo liderado por Gaspard, seguindo outra dica no sul da Paris.

Os dois *revenants* restantes sentaram na biblioteca, tentando criar algum tipo de estratégia. Arthur se voluntariou avidamente para compartilhar seu conhecimento sobre Violette e seus hábitos. Ele já tinha informado à JB o mais importante fato: que o plano de Violette era capturar o Campeão e dominar os revenants de Paris. Mas já que ele tinha pegado apenas o final da conversa entre Violette e Vincent, eu comecei do início e disse a eles toda a história. E depois disso, eu recapitulei tudo o mais que eu sabia. Eu expliquei cada detalha sobre meu contato com Gwenhaël e Bran. Eu recontei todas as perguntas que Violette já tinha me feito sobre Vincent, e a informação — mesmo que intencionalmente enganosa — que ela tinha me dado sobre o Campeão e suas histórias sobre os *numa*.

Jean-Baptiste tomou notas, e quando eu terminei, ele me agradeceu de uma maneira que significava que eu estava dispensada. Eu me levantei, observando ele e Arthur por um momento, até que o *revenant* mais velho olhou de volta para mim, em expectativa — O que mais posso fazer para ajudar? — Eu perguntei a ele. Pela última hora, meu desespero tinha se transformado em uma determinação explosiva, e se eu os deixasse, eu não sabia para onde iria.

— Não há nada que possamos fazer agora — o homem mais velho disse gravemente —, exceto esperar que as nossas equipes voltem com alguma notícia.

— Mas eu quero fazer alguma coisa. Eu preciso fazer alguma coisa.

— Você já cumpriu o seu papel, querida Kate. Você alertou Ambrose assim que tudo aconteceu. Você tomou conta de sua irmã. Você me deu algumas informações muito valiosas. Agora a única coisa que você pode fazer é esperar — Seu tom era simpático, mas prático enquanto ele se voltava para suas notas.

Ele tinha sido tão enganado por Violette como o resto de nós, eu percebi, e deixei os dois *revenants* na biblioteca para pensarem em sua própria penitência por terem sido tão cegos.

Notícias chegaram algumas horas depois. Um numa tinha confessado para o grupo de Gaspard que Violette e alguns outros tinha levado o corpo de Vincent para fora da cidade, em direção ao sul. Assim que foram informados, o grupo de Ambrose voltou — com uma grande quantidade de armas que eles tinham trazido de um esconderijo deserto dos *numa*.

Eu estava esperando por eles lá fora, sentada na borda da fonte do anjo.

— O que você acha que ela irá fazer? — Eu sussurrei quando Ambrose sentou perto de mim, vestido da cabeça aos pés com Kevlar e couro negro.

— Katie-Lou, em relação a Violette, eu não sei mais o que pensar.

— Se ela queimar o corpo dele hoje...

— Ele estará morto. Se ela esperar até que ele esteja volante no próximo dia, e o destruir depois que ele deixar seu corpo, seu espírito ficará na Terra. Ou, se ela entrar em contato com a gente em tempo, e nós pudermos oferecer a ela algo que ela queira muito, ela poderia estar disposta a trocar isto pelo corpo dele. É nisso que estamos focando, irmãzinha. Nem mesmo pense nas outras opções.

Ele se inclinou em minha direção e me deu um terno beijo na bochecha — Isto é de Jules. Ele me pediu para te dizer "Coragem, Kate. Nós encontraremos seu homem".

Eu sequei uma lágrima e agradeci a ambos, enquanto Ambrose saiu para reportar as novidades para Jean-Baptiste. Eu fiquei, observando a lua subir no céu espetacularmente estrelado. Em Paris as estrelas eram usualmente invisíveis, competindo sem sucesso pelas luzes da cidade. Mas nesta noite elas estavam luminosas, oferecendo um cenário de tirar o fôlego para nós mortais aqui embaixo. Eu fui transportada de volta para os meses após a morte de meus pais, quando para todos os lugares em que eu olhava, parecia que a natureza estava zombando de meu desespero com sua beleza. Como o mundo podia continuar — como esta extravagante cintilação celestial poderia acontecer — quando Vincent estava desamparado nas mãos de seus inimigos? Nada fazia sentido.

Precisando de uma confirmação da realidade, eu peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Georgia.

Eu: Você está bem?

Georgia: Drogas para dor = bom. Disse a vovó e vovô que fui assaltada.

Eu: Oh, meu Deus!

Georgia: Eu disse que você foi para a casa de uma amiga depois da escola, então você não estava comigo.

Eu: O que eles disseram?

Georgia: Eles estão ficando malucos e querem você em casa.

Eu: Eu não posso. Ainda não o encontramos.

Eu tinha visto duas chamadas perdidas de vovó e eu sabia que teria que inventar alguma explicação por não ter ligado de volta para ela, mas eu não podia nem mesmo pensar sobre isso. Uma vida na qual eu poderia voltar para o amor e a segurança da casa dos meus avós parecia parte da história de outra garota. Encontrar Vincent era a única coisa que importava.

Eu tremi no frio, mas resisti ao ímpeto de voltar para a casa e perguntar se tinham alguma notícia. Alguém com certeza viria me dizer se tivesse. Não viria? Pela centésima vez, eu senti uma grande sensação de não pertencer àquele lugar. De não pertencer a lugar nenhuma. Eu tinha treinado com os *revenants*. Eu conhecia seus segredos e tinha seu símbolo em volta de meu pescoço. Eu era parte do mundo deles agora, e eles eram a maior parte do meu. Mas eu não era uma deles.

Mas eu também não estava confortável na pele da garota adolescente que eu tinha sido há um ano. Eu tinha percorrido um longo caminho — fora do mundo de acreditar apenas no que você pode ver e dentro de um onde o místico era mundano.

Vincent tinha sido a minha conexão com os *revenants*. Mas — se eu fosse honesta comigo mesma — sem ele, eu estaria navegando entre dois mundos com nenhuma âncora para me prender e sem remos para navegar. Eu tirei aquele pensamento de minha cabeça. *Nós o pegaremos de volta*, eu prometi a mim mesma.

Capítulo 39

O humor em La Maison era fúnebre. Gaspard tinha pressionado seu *numa* cativo por mais informações, mas parecia que Violette não confiava os detalhes de seus planos aos seus agentes. Alguns outros numa tinham sido encontrados neste meio tempo, e nenhum deles sabia para onde Vincent tinha sido levado — apenas que sua líder tinha deixado Paris com seu prêmio.

Eu encontrei Ambrose na sala de armas, afiando um machado de batalha com um rebolo abrasivo ultrapassado. Ele parecia tão impaciente por ação quando eu.

— O que significa tudo isso? Onde procuraremos depois? — Eu perguntei a ele, relutante em aceitar que nós estávamos apenas... Desistindo.

— Nós não temos outras ordens, e nenhuma pista de onde o numa pode ter lavado Vincent. JB, Gaspard, Arthur, e alguns outros estão trabalhando em um plano em longo prazo — Seus olhos encontraram os meus enquanto ele girava o rebolo, sua frustração materializada nas fagulhas que saíam das bordas da lâmina do machado — Porque em curto prazo, Katie-Lou, não há mais nada que podemos fazer, além de esperar que eles entrem em contato.

Eu me sentei com ele por um bom tempo, e depois fiz o meu caminho para cima das escadas. Dezenas de *revenants* de Paris se moviam de cômodo a cômodo como fantasmas, falando em vozes abafadas e esperando por uma ligação que poderia nunca acontecer. As horas passaram e não havia notícias. Ninguém tinha ido embora. Os *revenants* estavam em silêncio, mas alertas. Prontos.

Jeanne tinha insistido em ficar. Ela vagueava em torno dos cômodos, colocando bandejas de finger food em cada superfície disponível e limpando depois de tudo.

— Quer alguma coisa especial, meu pequeno repolho? — Ela perguntou, me abraçando pela milésima vez desde que tínhamos voltado para casa. Eu tinha chorando na primeira vez que ela me abraçou, mas minhas lágrimas pareciam ter secado, deixando o torpor em seu lugar.

— Eu não consigo comer, Jeanne.

— Eu sei — Ela disse, dando tapinhas em meu ombro — Mas eu tenho que oferecer. É a única coisa que eu sei fazer por você.

Finalmente, por volta de meia-noite, eu disse a Ambrose que estava indo embora. Eu não podia suportar as expressões graves e as conversas abafadas por mais nenhum momento — Eu vou voltar. Só vou dar um volta.

— Então eu vou com você.

Balançando minha cabeça, eu perguntei — Ambrose, depois da caçada aos *numa* que você e Gaspard fizeram hoje, você realmente acha que algum deles estará vagando pelo centro de Paris?

— Não, mas alguns dos humanos ao redor daqui podem ser tão maus quanto eles.

Eu tentei sorrir — Eu ficarei bem. Mas se vocês souberem de alguma coisa — Eu comecei.

Ele me cortou — Eu ligarei para você. Prometo.

— Obrigada, Ambrose.

Eu saí pelo portão e caminhei em direção ao rio. E quanto eu alcancei sua borda, foi como se alguma coisa possuísse meus braços e pernas e eu comecei a correr. Meu ombro machucado doía com cada passo, mas eu ignorei isso, correndo da dor de meu coração e do medo de minha mente. E mesmo quando estas emoções estavam exaustas e os fantasmas me assombrando tinham sido substituídos por um segundo vento de determinação e negação, eu continuei a correr.

Eu finalmente parei, inclinando-me e arquejando para recuperar meu fôlego. Ao meu lado, a Pont des Arts se estendia escura sobre o Sena. Sem pensar, eu me movi em direção a ela, subi as escadas e fui para a passarela de madeira. Quando cheguei ao centro da ponte, eu parei e, inclinando-me contra a grade de proteção, olhei para baixo na escura e agitada água. Uma rajada do vento de inverno soprou meu cabelo em volta de meu rosto, e eu o empurrei de volta, inalando o odor marinho que vinha do rio. E me deixei lembrar.

Aqui era onde Vincent e eu tínhamos nos beijado pela primeira vez, cinco meses atrás. Já parecia uma vida. Foi no dia em que eu disse a ele que não tinha certeza se queria vê-lo de novo. Que eu iria me comprometer apenas com o próximo encontro. E ele me trouxe até aqui e me beijou mesmo assim. Agora que eu o conhecia melhor, eu tinha certeza que ele tinha planejado isso. Ele pensou que se pudesse roubar meu coração, eu poderia abandonar minha razão, também. Eu não pude resistir à risada nostálgica que aquilo trouxe aos meus lábios.

Eu pensava se poderia vê-lo de novo, e desafiadoramente contive as lágrimas em meus olhos. Eu não podia pensar daquele jeito. Porque se eu fizesse, significaria que Violette o teria destruído e que ele estava morto. Para sempre. Eu falei para a água ondulando abaixo de mim — Eu me recuso a acreditar nisso.

— Você se recusa a acreditar em quê? — Uma voz baixa veio de trás de mim.

Eu virei para ver um homem vestido em um longo casaco de pele parado a alguns metros de mim. E mesmo que eu soubesse instantaneamente quem — e o que — ele era, eu não estava com medo. Em vez disso, um ódio incendiário subiu dentro de mim.

— Você! — Eu rosnei e me joguei para cima dele, punhos erguidos e braços agitando. Ele soltou alguma coisa que estava segurando e, movendo-se rapidamente, agarrou meus pulsos antes que eu pudesse bater nele.

— Ora, ora. Isto é jeito de receber um mensageiro? — Nicolas disse, olhando para os objetos em seus pés.

Meus olhos voaram para baixo, e eu vi o que estava caído lá, alguma coisa se quebrou dentro de mim — Não — Eu suspirei. Ele soltou meus braços, e eu me curvei para pegar os lírios brancos esparramados aos meus pés.

— Violette disse que se você não estivesse com o livro em mãos, eu deveria dizer o que elas significam.

— Lírios brancos são para os funerais. Eu não preciso de um manual de flores para me dizer isso — Eu queria estrangulá-lo, mas em vez disso eu peguei as flores com ambas as mãos e as esmaguei, arrancando as cabeças das hastes e atirando-as para a água — O que vocês fizeram com ele? — Eu exigi.

— Nossa destemida líder levou o corpo de seu amado para seu castelo em Loire, onde ela se despojará dele quando achar mais adequado. Eu fui instruído de passar esta mensagem para frente.

— E o que mais você foi instruído a fazer? — Eu senti meus joelhos se dobrarem um pouco e meus punhos cerraram enquanto meu corpo entrava na postura de defesa que Gaspard tinha me ensinado.

Nicolas sorriu — Encantador. Como se você pudesse lutar contra mim. Na realidade, eu estou sobre ordens estritas de não tocar em você. Violette acha que deixar você sofrer seria mais divertido.

Eu finalmente disse o que eu tinha pensando desde a batalha no Sacré-Coeur — O que eu fiz para ela?

Nicolas cacarejou — Eu não pensaria que é alguma coisa pessoal. Ela meramente queria o Campeão, e você a ajudou a perceber que ele era o seu Vincent. Agora que ela o tem, ela não precisa mais de você.

— Então por que quer me fazer sofrer?

— Oh, isso. Provavelmente porque você é humana. Ela não gosta muito dos mortais, você sabe. Quinhentos anos salvando vocês, seres miseráveis, para que pudesse manter sua própria existência parece ter feito como ela ficasse um pouco cruel.

Eu balancei a cabeça em descrença. Se os séculos sendo obrigada a resgatar humanos tinham deformado a percepção de Violette acerca dos valores da vida, isso não parecia ter acontecido com Arthur. O que poderia transformar uma humana jovem e esperançosa em uma imortal centenária e amarga? Eu apenas não conseguia entender.

Mais uma coisa tinha me ocorrido — Por que ela se daria ao trabalho de levar o corpo de Vincent para um lugar que fica a horas de distância se vai apenas destruí-lo?

— Bem — Ele replicou, pedantemente —, ela não me disse isso, e eu não perguntei. Mas em suas negociações com Lucien, ela assegurou a ele que sabia o segredo para algum tipo de transferência mística da força do Campeão para aquele que o destruísse. Se isso significa destruí-lo hoje para assegurar sua libertação permanente, ou acabar com ele amanhã e manter seu fantasma como um animal de estimação, eu não poderia realmente dizer. Ela é a especialista nestas coisas do Campeão. O que é, obviamente, o motivo pelo qual nós a recebemos de braços abertos.

— E agora que a minha incumbência está completa, eu deixarei você. Eu tenho certeza de que você vai querer voltar e avisar aos outros. Oh, e por favor diga a eles

que um atentado de resgate seria inútil. Se Vincent ainda não está morte, ele estará antes que eles possam chegar até ele — Ele apertou seu casaco confortavelmente ao seu redor e afastou-se na noite.

Sufocando o desejo de correr atrás dele e o atacar pelas costas (ele estava certo — eu não poderia pegá-lo), eu deslizei para baixo para sentar com minhas costas contra a grade de proteção. Aninhando minha cabeça em meus joelhos dobrados, eu fechei os olhos. Um sino de igreja bateu doze vezes. Meus pensamentos estavam batalhando na esperança de que Violette estivesse mentindo... E outros imaginando que ela não estava. Com o desespero de nunca ver Vincent de novo... E a determinação de que eu faria qualquer coisa para que isso não acontecesse. Eu sabia que deveria ligar para Ambrose para passar para frente a mensagem de Nicolas, mas o pensamento de tirar o meu telefone para fora do bolso pareceu uma tarefa monumental demais.

Eu senti o *signum* frio contra minha pele e, levantando minha cabeça, tracei a linha do colar pela minha camiseta. Minha atenção foi capturada por alguma coisa branca flutuando abaixo de mim na superfície da água. Os lírios destroçados flutuavam abaixo da ponte e estava fazendo seu caminho em direção à Torre Eiffel.

E de repente eu sabia. Ela tinha feito aquilo. Violette tinha destruído Vincent. Depois de mais de oitenta anos caminhando pela Terra, seu espírito agora a tinha deixado. Se nós vivíamos em mundos separados antes, agora nós vivíamos em universos separados. Aquilo me atingiu como uma bigorna.

O sorriso que iluminou seu rosto quando ele teve um vislumbre de mim pela primeira vez. Sua mão agarrando a minha enquanto caminhávamos pelas ruas da cidade. O olhar dele antes de nos beijarmos. Aquelas experiências agora estavam confinadas ao passado. E o futuro que eu tinha imaginado com ele agora flutuava no esquecimento, como aquelas flores mutiladas.

Eu o tinha perdido.

E quando o peso desta descoberta acabou com os últimos fios de esperança em meu coração, eu ouvi.

Duas palavras faladas claramente em minha cabeça: *Mon ange*.